

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC – SP

José Roberto Gonçalves

O GETULINO - UM JORNAL DE CARAPINHA

Jornal editado por jovens negros em Campinas (1923/ 1925)

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÃO PAULO

2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC – SP

José Roberto Gonçalves

O GETULINO - UM JORNAL DE CARAPINHA

Jornal editado por jovens negros em Campinas (1923/ 1925)

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História Social sob a orientação da Profa. Doutora Heloisa de Faria Cruz.

SÃO PAULO

2012

Banca Examinadora

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação/tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

José Roberto Gonçalves

São Paulo, 31 de agosto de 2012.

*À minha mãe **Odete de Andrade Gonçalves** em
gratidão eterna por seu esforço sobre-humano em criar
as condições, apesar das inúmeras adversidades, para
que todos os seus filhos vivessem em um ambiente de
fraternidade e conhecimento, e à senhora **Maria Luiza
Silveira Pinto de Moura** por ter acreditado em mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todas as entidades que em seu nome interveem em prol da humanidade.

À senhora Maria Luiza Silveira Pinto de Moura, que sem a sua confiança este projeto não teria se iniciado.

À minha família Sueli, Solange, Fátima, Angélica (irmãs); Rafaela, Giovana (filhas); Marcos (cunhado); Caio e Flávia (sobrinhos) e Seiji Hiraide (irmão e professor), pelo seu apoio incondicional.

À minha orientadora Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz, a minha eterna gratidão por ter aceitado mais este desafio. Agradeço pelas observações, críticas e sugestões que muito me ajudaram no processo de construção e amadurecimento deste trabalho. Sou grato pela paciência, atenção e pela possibilidade de convívio com uma profissional competente e ética.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da pontifícia universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), agradeço pela atenção e pelas contribuições valiosas para o desenvolvimento desta tese.

Às professoras Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Andrea Silva Domingues, agradeço pelas preciosas contribuições por ocasião da Qualificação.

Aos meus professores e amigos João Baptista de Almeida Junior e Carlos Alberto Zanotti que me acompanham desde a graduação e, em quem me inspiro na busca de ser um profissional dedicado e melhor.

A CAPES pelo auxílio financeiro.

À secretária Betinha por sua atenção e carinho.

GONÇALVES, José Roberto. **O Getulino**: um jornal de carapinha: Jornal editado por jovens negros em Campinas (1923/ 1925)

RESUMO

Este trabalho discute as formas de produção do jornal o Getulino, em seus aspectos gráfico, editorial e bandeiras de luta, buscando o entendimento não somente das condições de produção deste periódico, editado por um grupo de jovens negros de Campinas entre os anos de 1923 a 1925, mas também das propostas de inserção social que este grupo defendia. Para a consecução deste objetivo trabalhamos na perspectiva da História Social que amplia as possibilidades de constituição e abordagem das fontes históricas de forma a perceber os movimentos sociais que dão suporte/movimento as ações empreendidas no seio da sociedade. A constituição da imprensa e mais especificamente da imprensa negra como fonte histórica para o debate sobre as ideias defendidas pelo movimento negro nas primeiras décadas do século XX. Com o desenvolvimento da pesquisa tivemos a oportunidade de perceber as formas de articulação e validação, não só das propostas, mas também, das maneiras como este grupo de jovens negros se apresentavam para a sociedade campineira. Com destaque para a própria escolha do meio (jornal) pelo qual deram vazo as suas propostas, passando pelos espaços de difusão e circulação, encerrado com a análise das propostas e linha de atuação que o grupo produtor apresentava à comunidade negra local, destacando-se a luta e o combate ao preconceito e a segregação social, pela afirmação da cidadania brasileira e republicana para os negros e a incorporação da história e da memória da lutas passadas na construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Getulino. Imprensa negra. Campinas. História social.

GONÇALVES, José Roberto. **The Getulino**: a journal of kinky hair: newspaper edited by black youths in Campinas (1923/1925)

ABSTRACT

This work discusses the production of the newspaper Getulino in graphic aspects, editorial and banners of struggle, seeking to understand not only the conditions of production of this journal, edited by a group of black youths of Campinas between the years 1923 to 1925, but also the proposals of social insertion that this group advocated. To achieve this goal we work from the perspective of social history that expands the possibilities of formation and approach of historical sources in order to understand the social movements that support / movement actions taken within society. The constitution of the press and more specifically the black press as a historical source for the debate on the ideas defended by the black movement in the early decades of the twentieth century. With the development of research we were able to perceive forms of articulation and validation, not only of the proposals, but also the ways in which this group of young black men presented themselves to society Campinas. Highlighting the very choice of medium (newspaper) whereby went out gave their proposals, through the diffusion and circulation spaces, terminated with the analysis of the proposals and performance line that showed the producer group local black community, especially the struggle and the fight against social prejudice and segregation, the affirmation of Brazilian citizenship and republican for blacks and the incorporation of history and memory of past struggles in the construction of national identity.

Keywords: Getulino. Black press. Campinas. Social history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Jornal o Getulino, nº 1, 29 jul. 1923	52
Figura 02	Cabeçalho do jornal Getulino.....	57
Figura 03	Sistema de visualização de uma página impressa	59
Figura 04	Exemplo de cabeçalhos de jornais paulistas do período	60
Figura 05	Colégio Carlos Gomes	61
Figura 06	Hospital Beneficência Portuguesa	61
Figura 07	Ampliação do detalhe do logo do Getulino.....	62
Figura 08	Ampliação do detalhe do logo do Getulino.....	63
Figura 09	Cabeçalho do Getulino.....	64
Figura 10	Luiz Gama - Getulino, nº 1, p.01, col. 2 e 3 colunas, 29 jul. 1923	66
Figura 11	Detalhe da coluna publicada no Getulino, nº 12, pág. 3, col. 3, 13 out. 1923	71
Figura 12	Cabeçalho do jornal Alvorada	77
Figura 13	Cabeçalho do jornal O Estímulo	77
Figura 14	Jornal o O Kosmos– Órgão oficial do Grêmio Dramático e Recreativo “Kosmos”. ; O Patrocínio – Órgão literário, crítico e humorístico e Auriverde – Literário, humorístico, noticioso-semanário independente.	78
Figura 15	Cabeçalho do Jornal Elite de 1924	79
Figura 16	Expediente do Jornal Getulino da Segunda fase	82
Figura 17	Cabeçalho do Getulino, segunda fase 13 maio 1926	83
Figura 18	Capa do Jornal O Monóculo de 1915	86
Figura 19	Publicidade na capa do jornal o Getulino.....	87
Figura 20	Em destaque editorial do Getulino	88
Figura 21	Exemplo da forma de diagramação dos poemas e sonetos adotado pelo Getulino	89
Figura 22	Martinho Andrade	97

Figura 23	Martinho J. Andrade, Christino J. Andrade e Antenor S. Q. Prado que foi gerente da folha em substituição a Christino	99
Figura 24	Anúncio dos irmãos Andrade veiculados no Getulino referente ao serviço de taxi. Auto nº 7 e auto nº 4	100
Figura 25	Expediente do Getulino onde consta o número do telefone do jornal e do taxi dos Irmãos Andrade	101
Figura 26	Lino Guedes [redator chefe] e Gervasio de Moraes [redator Secretário]	102
Figura 27	Getulino, nº 48, 10 de agosto de 1924	103
Figura 28	Homenagem prestada pelo «Getulino» a seu colaborador branco José Ignácio de Lacerda Werneck. Getulino edição nº 12 e nº 57	116
Figura 29	Folhetim A boa Severina escrito por Lacerda Werneck com o pseudônimo de José de Nazareth.....	117
Figura 30	Deocleciano do Nascimento –Getulino nº 51	120
Figura 31	José Augusto Jovita Marques,– Getulino nº 42	120
Figura 32	Prof. Norberto de Souza Pinto – Getulino nº 64	121
Figura 33	Getulino, nº 32, pag. 3, col. 1, 02/03/1924	122
Figura 34	Expediente do Getulino com a indicação do local de moradia de seus correspondentes	125
Figura 35	Anúncios e notas do Getulino	126
Figura 36	Anúncios e notas do Getulino	126
Figura 37	Anúncios veiculados na terceira página do Getulino edição de 27 e 39	133
Figura 38	Os anúncios ocupavam aproximadamente 60% da terceira página do Getulino	134
Figura 39	Anúncio de página inteira da Casa di Lascio publicada na contra capa do jornal	135
Figura 40	Pagina de propaganda veiculada no Getulino edição de nº 40..	136
Figura 41	Página de propaganda veiculada no Getulino edição de nº 65.	137
Figura 42	Apelo aos leitores para quitarem as dívidas referentes às assinaturas. Getulino nº61	139
Figura 43	José Luiz de Mesquita	154
Figura 44	Prof. Norberto de Sousa Pinto	154

Figura 45	Roque Rosa	154
Figura 46	José Augusto Marques	154
Figura 47	Getulino, nº 60	156
Figura 48	Getulino, nº 49	156
Figura 49	Edição comemorativa ao dia 13 de maio de 1924	167
Figura 50	Jornal Getulino nº 01 da segunda fase em São Paulo	173
Figura 51	Editorial de 23 de setembro de 1923	178
Figura 52	Getulino, nº 64, pág. 04, col. 04, 20 dez. 1924	194
Figura 53	Getulino, nº 64, pág. 04, col. 04, 20 dez. 1924	195
Figura 54	Getulino, nº 65, pág. 01, col. 3, 20 jan. 1925	197
Figura 55	Artigo de Benedicto Florêncio - Getulino nº 09, 23 set. 1923....	200
Figura 56	Praça Carlos Gomes –Getulino nº 15	210
Figura 57	Local de realização de Samba e Batucadas até 1925 na Avenida Orosimbo Maia. Fonte: Sessa Junior. Retalhos da Velha Campinas	213
Figura 58	Entrada do “Coliseu” voltada para a Rua Irmã Serafina	221
Figura 59	Portão principal do “Coliseu” voltada para a Rua Cesar Bierrenbach	222
Figura 60	Editorial do Getulino nº 08	227
Figura 61	Editorial do Getulino nº 08	228
Figura 62	Artigo Prefere-se branca – Getulino nº 16	230
Figura 63	Classificado publicado no jornal Correio Popular de Campinas até a década de 1970.....	231

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	População presente e residente por cor ou raça – Brasil 1872 -1940	185
------------	---	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Estado de S. Paulo de 1910 com a indicação das principais ferrovias existentes no período	128
Mapa 02	Localização da Praça Carlos Gomes.....	208
Mapa 03	Linhas de bondes existentes até a década de 1940.....	215

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
Imprensa negra paulista	22
Um tipo de enfoque	42
 CAPÍTULO I – PARA LER O GETULINO: PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL	 48
Título do jornal	57
Significado do título	64
Análise do subtítulo	72
“Um jornal bem feito”	84
 CAPÍTULO II – UM JORNAL DE MOÇOS DE COR PARA CAMPINAS: GRUPO PRODUTOR E ESPAÇOS DE DIFUSÃO	 94
Grupo produtor	93
Grupo de redatores	104
Grupo de colaboradores	114
Modos de circulação e ambientes de difusão	124
 CAPÍTULO III – A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS DE COR.....	 144
Linha editorial do Getulino	147
A questão da igualdade e cidadania	160
A democracia racial em cheque	177
 CAPÍTULO IV – NEGROS E CIDADÃOS BRASILEIROS: CONTRA A SEGREGAÇÃO E O PRECONCEITO	 187
A resposta ao racismo científico	198
A disputa pela igualdade na cena pública	205
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 235

FONTES	240
---------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	240
---------------------------	------------

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há uma cidade que sempre desempenhou grande papel no jornalismo de cor: é Campinas. Durante esse período (1900-1929), Campinas que tinha mesmo antecedido a Capital, publicando o primeiro jornal do preto paulista, “*O Bandeirante*” em 1910, vê nascer vários jornais: “*A União*” (1918), “*A Protectora*” (1919) e, sobretudo “*O Getulino*” (1919 a 1924)¹

A pesquisa que ora se apresenta busca compreender as formas de edição e produção do jornal «*GETULINO*», publicado por um grupo de jovens negros em Campinas, interior de São Paulo, entre 29 de julho de 1923 e 1º de fevereiro de 1925 [primeira fase]; e a que circulou no dia 13 de maio de 1926 [segunda fase – número único], totalizando 68 edições. O hebdomadário circulava aos domingos, com tiragem de 1.500 exemplares, mantendo correspondentes nas cidades de Americana, Socorro e Itapira; além de Santos, São Paulo, Pouso Alegre e Ouro Fino, em Minas Gerais.

O «*GETULINO*» tinha como subtítulo o dístico “Orgam para a defesa dos homens pretos”, o que reafirma sua intencionalidade e identidade social, cujo lema era “*Riendo castigast mores*”. O semanário teve como produtores Martinho Andrade, Christino Andrade e Alcino de Moraes, seus diretores proprietários; Lino Guedes, redator-chefe; Gervasio de Moraes, redator-secretário; e extensa lista de colaboradores que se ampliou e se adensou ao longo da existência do periódico.

Somente a existência do hebdomadário em Campinas nos anos 20 do século passado já justificaria o seu estudo, pois, como é de conhecimento geral, nesse período, no Brasil, o racismo científico chegava ao seu auge, impondo normas de conduta e pesada carga de preconceito contra a população negra em

¹ BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. In **O negro na Imprensa e na Literatura**. Seleção de textos José Marques de Melo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972. 1972, p. 52. Nota do autor: Não encontramos nos arquivos pesquisados edições anteriores a 29 de julho de 1923 que corroborem a informação prestada por Bastide; a coleção estudada por mim, tem a sua primeira edição veiculada em 29 de julho de 1923 e a última em 13 de maio de 1926.

geral, fato este que suscitou diversas iniciativas, por parte da própria comunidade negra, de organização e defesa de seus interesses. Neste sentido, «*GETULINO*» foi um marco no processo de tomada de uma postura mais reivindicatória e incisiva na defesa da etnia, transformando sua existência em um ponto de referência, não só para a história do movimento negro, mas também para a própria imprensa voltada a esta comunidade.

Além deste motivo, outros mais pessoais contribuíram na escolha deste tema para a empreitada por mim assumida: foi o desejo de continuar a pesquisar a História de Campinas com foco nas populações negras, que nela empreenderam suas lutas por reconhecimento social e construção dos sentimentos de nacionalidade e de pertencimento.

Nesse processo de busca por fontes de pesquisa, deparei-me com a bibliotecária de formação e de coração, Maria Luiza Silveira Pinto de Moura [☆1924 ♦2004], senhora dedicada a preservar a História de Campinas que, após alguns minutos de conversa agradável, me presenteou com a coleção completa do «*GETULINO*», que guardara por mais de 40 anos. Na ocasião, dela ouvi a seguinte frase: “Acredito de você, tenho a certeza que você fará um grande trabalho com o que vou te dar”. Desde então, tenho buscado ser merecedor de tão nobre deferência.

A escolha do recorte temporal se impôs pela própria materialidade do objeto, abarcando o surgimento do jornal, seu florescimento, declínio e tentativa de retomada após um ano de dormência, na cidade de São Paulo, com novos colaboradores, mas mantendo a parceria entre Lino Guedes e Gervasio de Moraes. Esta decisão, de tomar a própria temporariedade do objeto como a da pesquisa, não é rígida e nem estática, pois nos momentos que se fizeram necessários, retrocederemos a períodos anteriores ao selecionado, de forma a permitir a construção de um quadro referencial para uma análise mais completa do período estudado.

Esta escolha nos abre a possibilidade de construir um olhar amplo sobre a imprensa dos negros em Campinas na década de 1920, tendo como elemento constitutivo a própria comunidade produtora. Ou seja, partimos do discurso

selecionado pelo «*GETULINO*» para entender o «*GETULINO*». A opção metodológica aqui adotada traz ao debate a construção do ideário deste grupo de jovens negros a partir de seus agentes, e não uma visão exterior ao grupo, contrastando-se ou até mesmo opondo-se a determinadas leituras, feitas por não negros, sobre a condição do negro no Brasil.

Ao nos debruçarmos sobre os processos de edição, produção e circulação do «*GETULINO*», temos a oportunidade de discutir seus projetos e propósitos, e também olhar para as redes de socialização e apoio que aquele grupo de jovens negros de Campinas construiu ao longo do tempo. Tempo este que extrapola a própria existência física do jornal, pois nos remete ao projeto ideológico formador deste grupo, que se traduziu no «*GETULINO*».

De Roger Bastide² a Miriam Nicolau Ferrara, não esquecendo Clovis Moura, todos são unânimes em afirmar que o «*GETULINO*» foi um marco na imprensa negra brasileira. Assim atesta Ferrara: “em 1923 surge em Campinas o jornal ‘Getulino’ sob responsabilidade de Lino Guedes. Este foi o primeiro jornal combativo”³.

O pioneirismo do «*GETULINO*» na cena pública pode ser percebido no decorrer de toda sua existência. Desde a escolha na composição do grupo editor, passando pelo de colaboradores, onde o talento negro é priorizado e valorizado, até a seleção das temáticas abordadas nos artigos de fundo e os comentários. O «*GETULINO*» se orgulha de ser editado e redigido exclusivamente por negros: “a minha maior aspiração ver, apalpar e deliciar-me na leitura de um jornal dirigido, escrito e mantido por homens pretos”⁴.

A publicação aceitava poucas contribuições de não negros: “O ‘Getulino’ tem seu primeiro número todo colaborado por homens de cor, excepto um artigo”.⁵ A configuração do perfil dos colaboradores permaneceu por toda a existência do jornal.

² BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do Estado de São Paulo**. In: Estudos Afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.

³ FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986. p. 45.

⁴ Theophilo F. Camargo, *Getulino*, n° 23, p. 01, col. 3, 30 dez. 1923.

⁵ *Jornal Diário do Povo – Campinas – SP*. Trecho reproduzido no *Getulino* em 05 ago. 1923.

Este olhar sobre as redes de colaboração e circulação de um periódico nos fornece elementos para a compreensão da dinâmica e da importância da “cidade letrada” da qual Angel Rama nos fala.

A letra apareceu como a alavanca da ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros do poder; mas também, em um grau que não havia sido conhecido pela história secular do continente [europeu], de uma relativa autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centros econômicos que a sociedade burguesa em desenvolvimento gerava.⁶

A cidade letrada que Rama descreve é uma das instâncias de manifestação de poder emergente, para além dos títulos nobiliários. Instância em que as disputas por visibilidade e reconhecimento se estabelecem na sociedade em formação, deslocada das antigas relações de poder estabelecidas no velho continente, como foi o caso das Américas. Instância em que os títulos nobiliários ainda garantem poder e prestígio, mas já não dão conta de todo o processo de organização e gerenciamento da sociedade.

No período, o jornal era um dos elementos disponíveis para a manifestação desse poder emergente. É através do periodismo que os indivíduos e grupos de poder tornavam públicos os seus posicionamentos; mostravam-se e indicavam suas prioridades de bandeiras, apresentando-se à cena pública como se viam e como viam o outro. Os projetos políticos e sociais eram, com efeito, debatidos através das páginas dos jornais. Estar presente neste palco de discussão significava mais que ser alfabetizado; atestava também a organização e articulação do grupo em torno de um ideário possível de debate, pois traduziria a vontade de um grupo maior que a iniciativa individual de uma única pessoa.

Desta forma, ao olharmos para os grupos produtores, financiadores e de leitores, abarcaremos de forma mais ampla as intervenções feitas na cena pública pelo periodismo de etnia negra em Campinas, pois trabalharemos com uma parcela importante da cidade letrada da Princesa D'Oeste. Mais ainda,

* Nota do autor: adotaremos aqui para citação dos artigos veiculados no Getulino o seguinte padrão – Autor. Título do artigo. Getulino, edição [nº], página [p.], coluna [col.], dia, mês, ano. A grafia será mantida no original em todas as citações.

⁶ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 79.

significa pensar a reivindicação de reconhecimento por parte da cidade letrada por uma parcela de seus sujeitos/cidadãos – os negros.

Antes de nos lançarmos aos debates sobre esse periodismo marcadamente segmentado, faz-se necessário rever a trajetória desta pesquisa. Ao observá-la, deparei-me com uma modificação dos objetivos iniciais em relação aos que ora apresento. O projeto inicial de vasculhar a memória impressa da cidade de Campinas e seus personagens não se desfez, mas assimilou novos olhares.

A cidade ordenada pelos sucessivos planos diretores e códigos de posturas, considerada analiticamente na dissertação de mestrado⁷ dá lugar à cidade discursiva, descrita e comentada não por um observador ausente dos fatos pela distância temporal, mas sim pelos seus protagonistas. A nova abordagem insere-a em um novo universo de pesquisa aberto: o da História Social, onde as ações humanas são fonte e objeto das investigações, estabelecendo uma temporariedade mais curta, focada no “tempo da experiência e do vivido”.⁸

A redução da escala de análise nesta perspectiva não diz respeito à incorporação de objetos que teoricamente só poderiam ser constituídos em escalas diminutas do social (como, em tradições diferentes, os micro poderes ou as relações de parentescos, por exemplo), nem à busca de estabelecer microcosmos exemplares do social. Representa, antes, “um ponto de partida para um movimento mais amplo em direção à generalização”. Propõem-se de fato, as vivências históricas individuais, passíveis de serem parcialmente reconstituídas, como um nível privilegiado de observação para rever e formular novos problemas à explicação histórica, considerando tanto as condicionantes estruturais do comportamento humano na história, como a margem de liberdade e de criatividade nele contidas.⁹

⁷ GONÇALVES, José Roberto. **Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em campinas**: o exemplo da Vila Castelo Branco. Dissertação de Mestrado defendida no departamento de Multimeios da Universidade Estadual de Campinas em 2002.

⁸ CASTRO, Hebe. **História Social**. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45.

⁹ Ibidem, p. 53.

Estabelece-se, assim, uma nova importância para este jornal da “imprensa de cor”¹⁰ paulista, já observada por Miriam Nicolau Ferrara, quando disse: “é com o ‘Getulino’ (1923-1926), jornal de Campinas, fundado por Lino Guedes e Gervasio de Moraes, que se iniciam, efetivamente na imprensa negra, as reivindicações”¹¹.

Muito antes de os termos “afirmação positiva” e “inclusão social” frequentarem o vocabulário dos brasileiros, “o bello núcleo de letrados de cor existente em Campinas”¹² travava a sua própria cruzada através da imprensa. E, por meio desta, fizeram circular, pela cidade e região, ações hoje classificadas como afirmativas. Sejam elas na forma de concurso de beleza negra, denúncia ao racismo e segregação social/espacial, conselhos de conduta e represálias ou atos considerados inoportunos à causa negra naquele momento.

Devemos ressaltar que esta iniciativa dá-se em um momento em que, como destaca Thomas Skidmore, “o pensamento racial tem seu auge” [1890 a 1920]¹³, impondo limitações e padrões rígidos de conduta e formas de ver e ser visto para a comunidade negra, lançando-a a um apagamento social como forma de interação, dominação e aceitação.

Na contramão destas imposições sociais, um grupo de negros letrados campineiros lança-se na cruzada de obter visibilidade de forma positiva, buscando recriar-se dentro das condições sociais e econômicas determinadas não por eles, mas pelos ex-donos de seus pais e avôs. O grupo objetiva inserir-se na cena urbana como elemento organizado, possuidor de uma identidade a ser negociada. Como destaca Stuart Hall, “todos nós nos originamos e falamos a partir de ‘algum lugar’: somos localizados – e neste sentido até os mais

¹⁰ Nota do autor: empregamos neste trabalho os termos “imprensa negra”, “periodismo negro” e “jornalismo de cor” como expressões equivalentes para caracterizar não um gênero jornalístico em particular, mas um modo de fazer jornalismo a partir do enfoque da temática do negro na sociedade, produzido por negros e dirigido preferencialmente aos leitores também negros.

¹¹ FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986. p. 54

¹² Benedicto Florêncio. *Getulino*, nº. 1, p. 2, col. 1, 29 set. 1923.

¹³ SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro, p. 12. in Schwarcz, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

‘modernos’ carregam traços de uma etnia”¹⁴. Nesta perspectiva, o grupo se organiza em torno de um instrumento de mídia e traz para o cotidiano a discussão da identidade da comunidade negra de Campinas e sua experiência social e cultural.

IMPRENSA NEGRA PAULISTA

As pesquisas sobre imprensa negra têm se intensificado nas últimas décadas do século XX e se fortalecido no início do século XXI, conforme atestam os trabalhos desenvolvidos por Maria Aparecida de Oliveira Lopes – *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana -1920-1940* [dissertação de mestrado PUC/SP 2001]; Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre – *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento* [dissertação de mestrado Unesp/Araraquara – 2009]; Rodrigo Miranda – *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas 1923-1926)* [dissertação de mestrado Unicamp, 2005], entre outros que citaremos a longo do texto.

Para a realização deste trabalho, iniciamos nosso caminhar pelos estudos pioneiros de Roger Bastide – *A imprensa negra do Estado de São Paulo*¹⁵; e prosseguimos com as leituras de Lilia Moritz Schwarcz, *Retrato em branco e negro – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*¹⁶; Ana Flávia Magalhães Pinto – *Imprensa negra no Brasil do século XIX*¹⁷; Laura Antunes Maciel – *Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para*

¹⁴ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 80

¹⁵ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do estado de São Paulo*. In *O negro na Imprensa e na Literatura*. Seleção de textos José Marques de Melo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

¹⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁷ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

*trabalhadores*¹⁸; e Marta Emisia Jacinto Barbosa/Jorge Luiz Ferreira Lima – *História, imprensa e redes de comunicação*¹⁹, entre outros que referenciaremos no decorrer da pesquisa.

No trabalho de Bastide, temos um interessante levantamento sobre a imprensa negra paulista, situando-a em fases que serão mantidas em trabalhos posteriores, como o de Miriam Nicolau Ferrara e outros. Nele encontramos também uma das primeiras referências à cidade de Campinas como berço para o nascimento da imprensa negra em São Paulo: “há uma cidade que sempre desempenhou grande papel no jornalismo de cor: é Campinas”²⁰. Neste estudo, Bastide também faz uma análise da comunidade negra a partir das bandeiras defendidas e propagadas por seus periódicos, concluindo que os jornais da imprensa negra são:

Um órgão de reivindicação, de solidariedade e de educação; de reivindicação, contra tudo o que seja em detrimento da elevação do brasileiro de cor; de solidariedade, porque somente a união poderá quebrar o preconceito de cor; de educação, porque o preto só subirá com mais instrução e mais moralidade, e com mais confiança no seu próprio valor²¹

Do trabalho de Lilia Moritz Schwarcz²², trazemos para este estudo a noção da importância da imprensa, em geral, como espaço de poder e representação social. A autora chega a esta conclusão após realizar extenso levantamento de como os diferentes grupos sociais se organizavam em torno da imprensa e de como a imagem do negro era constituída.

A autora propõe ainda uma reflexão sobre os mecanismos de construção do eu [branco] e do eles [negros] nas páginas dos jornais paulistas do século XIX.

Segundo Saussure e Levi-Strauss, uma categoria, sozinha, jamais possui significado; ela se delimita pela diferença, pois cada um apenas se

¹⁸ MACIEL, Laura Antunes. **Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores**. História & Perspectivas, Uberlândia (39): 89-135, jul. dez. 2008.

¹⁹ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **História, imprensa e redes de comunicação**. História & Perspectivas, Uberlândia (39): 37-57, jul.dez.2008.

²⁰ BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do estado de São Paulo**. In O negro na Imprensa e na Literatura. Seleção de textos José Marques de Melo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972. p. 52

²¹ Ibidem, p. 78

²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

evidencia enquanto integrante de um sistema. Logo o sentido e o valor de cada elemento advêm da posição ocupada em relação aos demais. Assim, mais do que entender isoladamente as representações sociais sobre os negros que apareciam no interior de cada seção específica [dos jornais], buscamos verificar como estas remetem a um todo maior, e enquanto tal formam imagens mais complexas e nuançadas, que parecem justapor-se às análises mais recorrentes sobre esse momento no Brasil.²³

Alertando-nos para a forma estereotipada e preconceituosa como a imagem do negro era construída nas páginas da imprensa comercial paulista, Schwarcz destaca, também, a importância do discurso cientificista na imprensa do período para justificar o racismo e a segregação social:

Esse tipo de discurso científico determinista que surge no final do século XX prolifera também na imprensa da época. Nesta, a afirmação da inferioridade negra aparece não só nos grandes debates como também nas pequenas seções e nos diversos anúncios que compõem parte básica e cotidiana desses jornais.²⁴

Estes apontamentos nos permitem entender o esforço empreendido pelos editores do «*GETULINO*» em desfazer o mito do racismo científico e do determinismo social.

No trabalho de Laura Antunes Maciel, encontramos o reforço da percepção de que a imprensa negra, tanto quanto a operária, não pode ser vista apartada das práticas sociais que as sustentavam e de suas redes de socialização e circulação. Como destaca a autora, “deslocada das práticas sociais que a sustentava, a imprensa operária muitas vezes se resume a mero instrumento de debate doutrinário entre grupos e tendências”²⁵, perdendo-se o sentido que esta ação social teve no seu tempo.

Marta Emisia Jacinto Barbosa e Jorge Luiz Ferreira Lima observam em seu artigo “*História, imprensa e redes de comunicação*”, no qual abordam as redes de difusão e socialização de materiais impressos na região norte do Ceará, a

²³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 160.

²⁴ Ibidem, p. 40.

²⁵ MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores. Uberlândia(MG): UFU - História & Perspectivas (39): 89-135, jul. dez. 2008.

importância que a escrita assume junto às populações tidas como incultas, analfabetas e rudes, como forma de quebra de estereótipos e preconceitos.

A descoberta de jornais, de homens que escreviam para a imprensa, tanto local quanto de outras regiões do país, e de gabinetes de leitura na região provocou a necessidade de pensar sobre os significados da presença de ideias recorrentes no período: civilização, letramento e conquista do progresso com ênfase no campo da educação.²⁶

Esta observação no tocante à “presença de ideias recorrentes no período: civilização, letramento e conquista do progresso com ênfase no campo da educação”, nos traz ao universo do «*GETULINO*», que comunga dos mesmos ideários que circulavam no período sobre o letramento como sinônimo de progresso e conquista da cidadania. As “letras”, como destacam os autores, eram percebidas, pela sociedade em geral, como um fator de “organização da cidade” assumindo assim um papel de hierarquização das relações sociais.

Outros elementos de socialização e difusão de cultura, como teatro, escolarização e circulação de livros, como destaca Raymond Williams, em seu artigo *A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica*, de 2007, devem ser levados em conta no processo de análise dos significados que a imprensa dominical assume no tocante à difusão de ideias e costumes:

Para compreender a folha dominical como forma cultural, com sua seleção específica e influente de conteúdo, é necessário compreender certos aspectos gerais da cultura popular urbana como um todo.²⁷

Williams estuda a difusão da imprensa popular dominical na Inglaterra nos anos de 1800 a 1900, destacando que, para além desta imprensa, outros elementos de difusão da cultura urbana também registraram expansão. Diz o autor: “o teatro e os salões de música chamam nossa atenção para um fato que é normalmente desconhecido, ao analisarmos a nova cultura popular urbana a partir dos registros que permaneceram”²⁸.

²⁶ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **História, imprensa e redes de comunicação**. Uberlândia-MG: UFA, História & Perspectivas (39): 89-135, jul.dez.2008. p. 45.

²⁷ WILLIAMS, Raymond. **A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica**. In. Projeto História: revista do Departamento de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (35), p 15-26, dez. 2007, p. 16.

²⁸ Ibidem, 2007, p. 19

Pela leitura do «*GETULINO*» podemos observar como estes elementos de difusão de cultura, como teatro e salões de música, são valorizados pelo grupo produtor da folha dominical:

Tivemos o prazer de receber em nossa redacção, segunda feira ultima, a visita do Sr. Paulo Estevam do Santos, digno presidente da **Grêmio Recreativo Dançante Familiar José do Patrocínio**. Sr. que é um dos mais esforçados em prol da classe, manteve comnosco agradável conversação. Agradecemos a gentileza da visita. ²⁹

Do sr. Francisco de Assis Paulo, secretário da **Sociedade Dançante e Familiar Nova Herança**, uma das associações que ornem o nosso meio social, recebemos o seguinte officio: Ilmos srs Redactores do Getulino - Ao receber o Getulino esta sociedade encheu-se de orgulho, por ter agora a classe um orgam para defesa dos homens pretos. A diretoria da Nova Herança faz votos de prosperidade ao Getulino que muito honra a nossa classe, o qual vem collocar-se em linha de combate na imprensa local. ³⁰

G.D. Luiz Gama – **Este applaudido Grupo Dramático foi convidado para efetuar um espetáculo em Limeira**. Patrocinado pela veterana “S. 28 de Setembro” dessa progressiva cidade é provável que aquella demonstração de arte e progresso da nossa gente, se effetue por todo o fim do mez próximo.³¹

Clube Harmonia – Em Mogy-Mirim, realizou-se domingo último a rua Marcillina, 20 o grande festival literário musical, para a inauguração do Grupo Dramático Ruy Barbosa, organizado entre os sócios do Clube Harmonia, estimada sociedade das famílias de cor daquela cidade. ³²

Federação P. dos H. de Cor - O sr. Professor Francisco José de Oliveira, diretor do conceituado **estabelecimento de ensino Collegio S. Benedicto** e presidente daquela progressiva agremiação que muito tem pugnado pela completa emancipação da nossa raça, ministrando-lhe educação moral cívica e intelectual; respondendo a comunicação que lhe fizemos sobre a fundação desta folha referiu-se com palavras bastante elogiosas sobre o nosso gesto, gentileza que agradecemos. ³³

²⁹ Da redacção. Movimento Associativo. Getulino, nº 07, p. 02, col. 03, 09 set. 1923.

³⁰ Da redacção. Movimento Associativo. Getulino, nº 02, p. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

³¹ Da redacção. Movimento Associativo. Getulino, nº 14, p. 02, col. 06, 28 out. 1923.

³² Da redacção. Movimento Associativo. Getulino, nº 14, p. 02, col. 06, 28 out. 1923.

³³ Da redacção. Movimento Associativo. Getulino, nº 01, p. 02, col. 04, 29 jul. 1923.

* Nota do autor: empregaremos o termo ‘Da Redacção’ para referenciarmos a autoria do texto quando este não estiver indicado no corpo do mesmo, tendo em vista que toda informação não assinada e publicada em um jornal passa a ser responsabilidade do chefe de redacção.

Por toda a existência da folha dominical, estes eventos são noticiados de forma positiva e com certo destaque, indicando não somente para constituição de uma rede de difusão e socialização do próprio jornal, como para a relação entre os demais elementos de difusão da cultura popular (teatro, escolas e salões de música) que Williams observa em seu artigo supracitado.

Vasculhamos, também, obras de memorialistas locais, em busca de elementos que permitissem uma maior compreensão dos significados da imprensa negra em Campinas. No livro de Cunha Motta, *Os rapazes da imprensa*³⁴, encontramos referências a Lino Guedes e sua atuação no periodismo paulistano. As observações que Motta faz sobre Guedes são de cunho pessoal, relatando sua impressão ao conhecer o redator-chefe do «*GETULINO*» no momento de pedir o seu primeiro emprego. Essa observação ajudou-nos no processo de entender a biografia de Lino Guedes.

Na *Monografia Histórica do Município de Campinas*³⁵, composta e financiada pela Prefeitura Municipal em 1952, mesmo existindo referências aos negros e um capítulo dedicado à imprensa na cidade, nenhuma linha é escrita sobre a imprensa negra ou seus expoentes. No *Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas de 1912*³⁶, organizado por Benedicto Octavio e Vicente Melillo, encontramos referências sobre a educação na cidade, inclusive nas escolas que admitiam “elementos de cor”. Este trabalho também nos forneceu dados para mapear as sociedades recreativas e dançantes da comunidade negra, auxiliando a compor a rede de socialização da etnia em Campinas nas décadas anteriores à publicação do «*GETULINO*».

Já nas memórias do militante negro José Correia Leite –*E disse o velho militante José Correia Leite*³⁷, de 1992, encontramos referências à trajetória não só do jornal «*GETULINO*», mas também de Lino Guedes e Gervasio de Moraes. As

³⁴ MOTTA, Cunha. Os rapazes da imprensa: um pouco da história de São Paulo. São Paulo; Editora Ateniense, 1990.

³⁵ **MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística, 1952.

³⁶ OCTAVIO, Benedicto e MELILLO, Vicente. (orgs). **Almanach histórico e estatístico de Campinas 1912**. Campinas: Impresso nas oficinas artística de Casa Mascote, 1912.

³⁷ CUTI, José Correia Leite. **...E disse o velho militante José Correia Leite**: depoimentos e artigos/ José Correia Leite; organização e textos Cuti. – São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

referências a estes dois personagens centrais da redação do semanário nos ajudaram a compreender as posturas políticas adotadas pelo periódico no decorrer de sua existência.

Além das obras que fazem menção direta ao «*GETULINO*» ou a seus produtores, consultamos também extensa bibliografia sobre a história da imprensa, a história de Campinas e a história da cultura afro-brasileira, que não citaremos diretamente neste trabalho, embora tenham cumprido muito bem o papel de articular a discussão específica ao panorama histórico do período e do objeto de estudo. Dentre estas obras de formação, destacamos o trabalho de Heloisa Cruz, *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana -1890-1915*³⁸, que apesar de não tratar diretamente do tema imprensa negra foi fundamental na elaboração deste estudo em virtude de sua análise sobre a importância do periodismo na vida dos habitantes da cidade de São Paulo.

Em outro artigo da mesma autora, escrito em parceria com a professora e pesquisadora Maria do Rosário da Cunha Peixoto, intitulado *Na oficina do Historiador: conversa sobre história e imprensa*³⁹, de 2007, encontramos uma metodologia inspiradora de análise da imprensa e sua relação direta com a sociedade que a consome e produz, que em certa medida procuramos empregar neste trabalho. As reflexões e apontamentos metodológicos feitos no âmbito do artigo nos alertaram para “a importância crucial dos meios de comunicação na atualidade”, o que “faz da reflexão sobre a comunicação social um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da vida contemporânea”.⁴⁰

É partir da leitura deste artigo que a estrutura básica de leitura/descrição/análise desta tese se estabelece. Nele encontramos a estruturação de um olhar possível sobre a imprensa, destacando elementos a serem observados no processo de construção do objeto de análise e permitindo assim a transformação do jornal, de suporte para a veiculação de notícias a fonte para a pesquisa histórica.

³⁸ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta** – periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ; Fapesp, Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

³⁹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do Historiador**. Projeto História, São Paulo, n° 35, p. 255-272, dez. 2007.

⁴⁰ Ibidem, p. 256.

Além destes dois textos fundamentais para a realização deste trabalho, encontramos, no decorrer das leituras, outras propostas de análise da imprensa negra no Brasil que foram aqui incorporadas em maior ou menor grau. Observamos que cada trabalho prioriza uma ou outra vertente da História, da Antropologia, da Sociologia, da Linguística ou da Comunicação no processo de se entender a organização da imprensa negra brasileira, principalmente a paulista.

Trata-se de uma imprensa que, sem uma liderança única e centralizadora, se constitui de forma esparsa em todo o território nacional, seja lastreada pela experiência da formação das irmandades religiosas, sucedidas pelas Sociedades Recreativas ou Dançantes dos Homens de Cor, seja posteriormente, pelas sociedades de ajuda mútua e pelas organizações político-partidárias, como a Frente Negra. Esta é a ênfase do estudo de Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, em *As Associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra paulista – Movimentos negros, cultura e política no Brasil republicano (1915-1945)*⁴¹.

Nesse trabalho, Pires enfatiza a importância das Associações de Homens de Cor no processo de constituição das redes de solidariedade e de manutenção da imprensa negra no período, fato este que verificamos na própria trajetória de constituição do «GETULINO». Este periódico, apesar de não carregar em seu título o nome da associação na qual foi gestado, a referencia e a enaltece no decorrer de sua existência. Sobre a constituição da imprensa negra, Pires comenta:

Os jornais da imprensa negra surgiram de relações entre diversos grupos sociais, reivindicando melhorias de vida para a população negra. José Correia Leite, do jornal o Clarim da Alvorada, conta que as sociedades seguiam os modelos de organização dos imigrantes. Ele esclarece que as colônias de estrangeiros organizavam-se em clubes dançantes e escreviam seus jornais. Daí surgiram os jornais da imprensa negra, acompanhando o fluxo do movimento das classes trabalhadoras, formadas por negros e imigrantes, em sua maioria.⁴²

Entretanto, Pires pontua mais à frente que a existência das associações de homens de cor e, por conseguinte, da imprensa negra, não se deve unicamente

⁴¹ PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As associações dos homens de cor e a imprensa negra paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil republicano (1915 a 1945)**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana, 2006.

⁴² Ibidem. p. 20.

tributária à presença do estrangeiro em terras brasileiras. Mesmo antes da intensificação do movimento migratório em finais do século XIX, patrocinado pelo governo brasileiro com o intuito de branquear a população nacional, os negros já se organizavam em associações e irmandades.

É claro que a simples presença dos imigrantes, que se organizaram em sociedades e editaram seus jornais, não explica o surgimento de uma grande imprensa negra em São Paulo. Mas, no contexto geral, os imigrantes, em parte, foram fundamentais na estruturação das associações de homens de cor. Do mesmo modo, também existiu uma tradição de associações de cunho cultural oriunda do movimento abolicionista, o que pode ter sido um outro fator importante na organização das sociedades de homens de cor.⁴³

Creio que esta observação seja a mais prudente, pois mesmo nas regiões onde o fluxo migratório de trabalhadores oriundos do velho continente não foi expressivo, floresceram associações de homens de cor e uma imprensa negra atuante e reivindicatória. Concordo com Pires, quando este observa que:

A imprensa negra foi um movimento diversificado, que apresentou várias facetas ideológicas e esteve profundamente relacionada com os contextos econômicos, políticos e culturais do período.⁴⁴

Tal fato demonstra um engajamento do negro, não só nas questões diretamente relacionadas ao seu grupo, mas também na condução das políticas públicas e econômicas nacionais, e retira-os de uma suposta passividade e anomia social que a história oficial buscou disseminar por um longo período.

Esta imprensa ainda demonstra o engajamento político dos negros, não somente por causas étnicas, mas também por sua participação decisiva nos assuntos relacionados ao poder e aos modelos de organização social em debate na sociedade.⁴⁵

Pires descreve e analisa ainda as contradições e pontos de contato entre as associações de homens de cor e jornais que delas advieram ou que de certa forma nelas encontraram pontos de apoio e financiamento. Ao mesmo tempo em que estas instituições apontam para uma organização da comunidade negra no

⁴³ PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As associações dos homens de cor e a imprensa negra paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil republicano (1915 a 1945)**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana, 2006. p. 21

⁴⁴ Ibidem, p. 81

⁴⁵ Ibidem, p. 81

período, destacam sua fragmentação ideológica e sua dependência do elemento estrangeiro para o estabelecimento de modelos de atuação e organização.

Outras conclusões deste estudo estão relacionadas ao padrão de cultura negra construído pelos movimentos negros paulistas. Em princípio acredito que tal padrão de cultura negra construída pelos membros das sociedades dos homens de cor esteve estritamente relacionado a algumas características do movimento. Por exemplo, a questão da grande presença de imigrantes em São Paulo teria influenciado os negros, não somente em seus modelos de organização, mas também na construção de uma identidade própria no interior desse modelo geral, que foram as associações de caráter étnico.⁴⁶

De toda forma, seu estudo contribuiu para a percepção da construção de uma ideologia de democracia racial anterior a Gilberto Freyre no âmbito das irmandades de homens de cor e, também, nas páginas de alguns periódicos da imprensa negra paulista. Este aspecto é colocado em cheque nas páginas do «*GETULINO*», pois ao mesmo tempo em que os editores do periódico levantam a bandeira da integração do negro na sociedade nacional:

A nossa raça neste recanto do mundo, faz parte da comunhão Nacional, e, como todas as outras, é também uma partícula viva de todo universal, não podendo por isso fugir a lei fatal que rege as grandes lutas modernas⁴⁷,

Eles denunciam o racismo como sendo algo presente e disseminado na sociedade brasileira, contrapondo-se de certa forma aos apontamentos de Pires. Ana Flávia Magalhães Pinto alerta em seu livro *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, de 2010, para um fato corriqueiramente deixado de lado pelos pesquisadores da imprensa negra:

A atuação organizada de grupos e indivíduos contra a discriminação racial, de forma ampla, bem como o estabelecimento de veículos de imprensa negra, em particular, têm sido fenômeno comumente localizados no século XX. (...) Assim, os feitos da resistência negra livre

⁴⁶ PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As associações dos homens de cor e a imprensa negra paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil republicano (1915 a 1945)**. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana, 2006. p. 84

⁴⁷ Benedicto Florêncio. *Getulino*, nº. 1, p. 2, col. 1, 29 jul. 1923.

da escravidão, independentemente de suas intenções, foram cada vez mais associados às décadas posteriores ao fim do sistema escravista.⁴⁸

Para a autora, esta atenção se dá pelo “reconhecimento alcançado pelos jornais negros paulistas do início da década” que, de certa forma, tem induzido os pesquisadores a não considerarem em seus estudos as iniciativas levadas a cabo no século anterior. Na tentativa de lançar luz neste tema, Ana Flávia orienta o seu trabalho para a análise de jornais negros editados antes mesmo da abolição, pontuando que:

Trata-se de um questionamento de longo alcance, pois, ao tempo em que destaca a urgência de um tratamento efetivamente histórico a essas ocorrências, também impulsiona dúvidas quanto a situações precedentes.⁴⁹

Este questionamento nos alertou no sentido de conter a tendência de supervalorização da iniciativa dos editores do «*GETULINO*», tomando-a como um marco inusitado e inicial para uma história da imprensa negra reivindicatória, ideologicamente combativa em Campinas e em São Paulo. A esse respeito, como indicado anteriormente, Miriam Nicolau Ferrara assim se posiciona:

Em 1923 surge em Campinas o jornal «Getulino» sob responsabilidade de Lino Guedes. Este foi o primeiro jornal combativo; neste como nos que o sucederam encontramos também notas de falecimento, casamentos, mas o seu conteúdo torna-se mais reivindicatório.⁵⁰

A contenção deste olhar supervalorizado não se dá de forma simples nem sem conflitos, pois quando nos lançamos à análise de periódicos tendemos a nos envolver com o universo descrito por este tipo de documento. Este envolvimento se dá de forma quase que natural e imperceptível, tendo em vista que a linguagem empregada pelos periódicos é construída de forma a levar ao envolvimento e cooptação do leitor. O discurso jornalístico é composto com a intenção do engajamento do leitor, movendo-o a uma ação efetiva e coordenada

⁴⁸ PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro. 2010. p. 15.

⁴⁹ Ibidem, p. 17

⁵⁰ FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986. p. 45.

frente à situação ali exposta, mesmo que esta situação não mais esteja presente no cotidiano deste.

Mayara Rodrigues Gomes já nos alerta sobre isso: “o jornalismo tem, entre outras, uma origem panfletária que conclama à ação política, que congrega em torno de ideias e mobiliza em direção a lutas”⁵¹. A adoção desta postura não implica de forma alguma na subvalorização do objeto de pesquisa, mas sim na inclusão do objeto pesquisado em uma perspectiva de historicidade para além do tempo abarcado.

Na pesquisa, observamos iniciativas que, mesmo desvinculadas à primeira vista do universo analisado, ou mesmo da classificação adotada, direta ou indiretamente influenciam ou influenciaram, pela negação do modelo, as ações destes atores sociais. Nesse sentido, Ana Flávia nos alerta que:

Desse ponto de vista formal, imprensa negra, imprensa brasileira, imprensa abolicionista, imprensa operária ou imprensa feminina seriam somente expressões compostas em que o adjetivo sugere possibilidades de entendimento, às quais também se conectam questões relativas a autoria, ao público e aos objetivos – jornais feitos por negros; para negros; veiculando assuntos de interesse das populações negra. Eis, então, o conceito utilizado nesse livro.⁵²

Esta ampliação do que se caracteriza imprensa negra proposta por Ana Flávia permite relacionar outros periódicos no rol dos já classificados como imprensa negra. Segundo a autora, “a depender dos interesses, da ocasião e das perspectivas”⁵³, as classificações do que se entende por um ou outro ramo da imprensa não precisam abarcar a totalidade dos elementos que a caracterizam.

Esta postura propiciou à autora a identificação de um detalhe precioso: a atuação de um razoável número de negros letrados capazes de, em diferentes momentos do século XIX, gerar e absorver as ideias emitidas naqueles jornais, bem como disseminá-las entre os pares iletrados.⁵⁴

⁵¹ GOMES, Mayra Rodrygues. **Poder no Jornalismo**: Discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003. p. 33.

⁵² PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro. 2010. p. 19.

⁵³ Ibidem, p. 19.

⁵⁴ Ibidem, p. 20.

A obra amplia a compreensão do negro na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, e deixa-nos antever que a formação do público leitor não se deu apenas no século XX. A tarefa já esteve em formação no século anterior, preparando o público leitor para os jornais do século XX. Prosseguindo em seus estudos dos jornais negros do século XX, a autora identifica as principais bandeiras como sendo a educação e a integração na sociedade estabelecida sem a distinção de cor. A este respeito, escreve:

Pelo que deixa entrever “O Mulato”, oficializar essa identificação racial levaria ao aprofundamento de problemas que os cidadãos negros já experimentavam. A historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo (2005, p. 303), no entanto, fez outra leitura dessa passagem: esses protestos sinalizariam uma opção pelo apagamento da cor, e a construção da democracia, na visão do redator do pasquim, dependeria do não reconhecimento das diferenças. Uma vez apagadas as diferenças, seria combatida a desigualdade e alcançada a “cidadania desracializada.”⁵⁵

O discurso de uma sociedade democrática, igualitária e desracializada encontra eco nos textos publicados no «*GETULINO*», quando este indaga:

E, por que havemos de dizer – brasileiro de cor? Há lá diferença desse jaez entre os que nasceram na terra de Cabral? Onde se prova a qualidade do brasileiro, senão no campo da honra quando em angustiosos momentos, chamam-se as armas os patrícios? (...) E ainda há **brasileiros** que querem separar da comunhão nacional, os negros, como que se esquecendo que o destino reservou, a 15 de novembro, a um negro – José do Patrocínio, - a glória de haver, em nome da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, proclamado, de uma das sacadas o regime da Igualdade e Fraternidade.⁵⁶

O texto nos remete para esta historicidade longa de que Ana Flávia nos alerta, na qual as lutas do presente não são formadas só no tempo presente aqui e agora, mas sim num processo histórico de maior duração. As condições para as lutas do presente são formuladas no passado, nem sempre próximo, mas que se atualiza a cada momento, adaptando as bandeiras e as formas de luta de acordo com as condições existentes no período. A luta por espaço de visibilidade e

⁵⁵ PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro. 2010. p. 44 – O pasquim “O Mulato” também intitulado ‘Homem de cor’ surgiu no Rio de Janeiro em 14/09/1833, foi impresso na Tipografia Fluminense de Paula Brito. A autora não identifica a etnia do autor do pasquim.

⁵⁶ Lacerda Werneck. **O negro na formação da pátria brasileira**. Getulino, nº 1, p. 1, col. 2 a 4, 29 jul. 1923. Grifos do autor.

poder nas sociedades não é recente, e nem cessará. As reivindicações se reinventam, assumindo novas bandeiras e formas de luta a cada tempo e em cada sociedade.

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.⁵⁷

Retornando à obra de Miriam Nicolau Ferrara⁵⁸, a autora traça uma linha do tempo para o periodismo negro, relacionando, organizando e classificando esta imprensa por períodos. O trabalho traz um importante levantamento dos jornais negros editados em São Paulo, neste período, agrupando-os por fases de desenvolvimento. Para a realização de sua pesquisa, Ferrara empreendeu um:

Estudo monográfico que visa descrever os jornais negros num espaço de 48 anos (1915/1963) durante os quais essa imprensa vai, de diferentes maneiras, lutar principalmente contra os preconceitos, conscientizar o negro de sua posição na sociedade brasileira e valorizar a educação e a instrução.⁵⁹

Apoiada no trabalho de Bastide, a autora amplia a relação de títulos levantada pelo primeiro e realiza um levantamento mais amplo dos assuntos tratados por estes jornais, chegando à conclusão de que, entre as bandeiras levantadas por esta imprensa, as questões relativas ao preconceito racial foram as mais relevantes.

O trabalho de Marina Pereira de Almeida Mello, *O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulista (1915-1923)*⁶⁰, dissertação defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1999, tem como foco apurar a produção empreendida pela imprensa negra paulistana,

⁵⁷ FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo; Loyola, 2004. p. 10.

⁵⁸ FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

⁵⁹ Ibidem, p. 40.

⁶⁰ MELLO, Marina Pereira de Almeida. **O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulista (1915-1923)**. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

analisando-a “enquanto a organização de um povo oprimido e vilipendiado em seus princípios e valores, bem como espoliado duplamente no processo de Abolição”⁶¹. Nela, a autora destaca que a liberdade “tão sonhada” por este grupo nunca foi alcançada em sua plenitude.

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre buscou através da análise de jornais da imprensa negra paulista, com maior enfoque no jornal o «*COMBATE*», identificar as formas de tratamento empregadas pela população negra em São Paulo no início do século XX. Defendendo a que a imprensa negra constitui um “privilegiado meio de informações sobre a situação linguístico-social da população afro-brasileira do período pós-abolição da escravidão no Brasil” ⁶², a autora busca compreender as formas de tratamento e socialização desta parcela da população paulistana.

Rodrigo Miranda, por sua vez, busca nas páginas do «*GETULINO*» elementos para traçar um perfil da militância negra em Campinas. Em sua dissertação de mestrado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 2005, intitulada *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas 1923-1926)*, o autor conclui que os editores do «*GETULINO*» “durante dezoito meses compartilharam um mesmo objetivo: valorizar o negro e encontrar para ele um espaço de atuação digna na sociedade brasileira”⁶³.

Neste trabalho, Miranda realiza um levantamento sobre a imprensa negra em Campinas e traça o perfil de Lino Guedes, Gervasio de Moraes e Benedicto Florêncio, mas silencia-se sobre os demais colaboradores e produtores do semanário. O autor destaca as contradições e tensões existentes dentro da comunidade negra em Campinas sobre a forma de condução das lutas, finalizando com a seguinte observação:

⁶¹ MELLO, Marina Pereira de Almeida. **O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulista (1915-1923)**. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 60.

⁶² BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. **Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11.

⁶³ MIRANDA, Rodrigo. **Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas 1923-1926)**. Dissertação de mestrado IFCH/Unicamp, defendida em 2005. 273 páginas. p. 264.

Sem dúvida, o pertencimento étnico serviu como mola mestra para esses jornalistas moldarem em seu jornal uma identidade negra a ser assimilada pelos seus leitores, sem perceber que construía, na verdade, a imagem que faziam de si mesmos. Porém como toda construção cultural, essa identidade foi erigida por eles, a partir de suas existências não apenas como negros vivendo em uma sociedade racista, mas também como jornalistas e militantes.⁶⁴

Miranda aponta assim para um deslocamento entre o projeto editorial do «*GETULINO*» e a própria comunidade para quem a publicação falava, destacando também que o movimento negro no período não é único e nem coeso como se quer fazer crer na atualidade:

O movimento negro, ao contrário do que alguns trabalhos fazem supor, não é homogêneo e facilmente enquadrado numa versão unitária. Ele convivia com a diversidade de opiniões e, principalmente, com conflitos entre militantes. A condição de ser negro era um fato preponderante para a atuação desses homens, porém não determinava suas atitudes e não impedia a oposição de ideias.⁶⁵

Amparados por estas observações, não procuramos criar uma unidade discursiva ou ideológica, seja na comunidade negra em Campinas no período ou mesmo nas páginas do «*GETULINO*», já que nem os artigos publicados no próprio jornal possuíam uma unidade ideológica fechada. As páginas do semanário acolhiam visões divergentes das formas de condução da luta do negro pelo reconhecimento social e contra o racismo, caracterizando-se muito mais como um espaço de socialização de ideias que de doutrinação racial.

Quando nos voltamos para as publicações levadas a cabo por memorialistas campineiros, observamos um quase completo apagamento da imprensa negra em suas páginas. Em contraposição, a história da imprensa branca, que tem seus registros bem preservados, é contada com certo fascínio e júbilo:

Se no primeiro quartel do século registrou numa só década, em Campinas, a atividade de quatro jornais diários, impossível se torna hoje informar precisamente sobre quantos semanários vi-o aparecer e desaparecer. Certamente que dezenas deles. (...) [A Juventude]

⁶⁴ MIRANDA, Rodrigo. **Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino** (Campinas 1923-1926). Dissertação de mestrado IFCH/Unicamp, defendida em 2005. 273 páginas. p. 263.

⁶⁵ Ibidem, 264.

Semanário que fazia honra aos seus editores, a Juventude nem por isso alcançou existência mais longa que a de uns quatro meses, talvez ano.⁶⁶

Na mesma linha segue o trabalho de Jolumá Brito, que escreveu inúmeras obras sobre a cidade. Em uma delas, intitulada *História da Cidade de Campinas*, de 1969, composta de 21 volumes, por exemplo, o autor relaciona 314 jornais e revistas publicados em Campinas no período de 1858 a 1958, sem nunca citar a existência dos jornais negros apontados por Bastide e outros.

Nos momentos em que a imprensa negra campineira é citada, ou mais especificamente o jornal «*GETULINO*», a importância deste segmento do periodismo local é subvalorizada, sendo-lhe atribuído um papel irrelevante na construção da história da imprensa campineira ou de sua atuação social. Júlio Mariano, em livro dedicado a contar a história da imprensa local, *A história da imprensa em Campinas*, de 1972, nas poucas linhas dedicadas ao jornal «*GETULINO*», classifica-o “como uma publicação do poeta e jornalista negro Lino Guedes”, que:

Quando estava em vias de consolidar-se como jornal bem feito, O Getulino meteu-se em política, aderindo a revolução de 24, e acabou fechando, com sua última edição já composta e paginada, mais não impressa, felizmente, porquanto teria dado cadeia aos redatores.⁶⁷

O texto de Mariano deixa para o leitor a impressão de que o jornal fora fechado naquele mesmo ano e que seu projeto editorial ainda estava por se consolidar; e que era uma experiência em andamento, algo ainda por se fazer respeitado. Prosseguindo em suas considerações, Mariano escreve que “eles estavam crenes de que a revolução vencera em São Paulo”⁶⁸, indicando uma diferença entre nós e eles. E, um “eles” deslocado da realidade, mais próximo do pensamento poético de seu redator-chefe do que passível de uma análise da conjuntura política.

Além do mais, as considerações de Mariano remetem-nos ao pensamento racial estabelecido durante o regime escravocrata, atribuindo ao elemento negro

⁶⁶ MARIANO, Júlio. **Campinas de ontem e anteontem**. Campinas: Editora Maranata, 1970.

⁶⁷ Id., 1972. p. 99.

⁶⁸ Ibidem p. 22.

uma incapacidade de leitura da conjuntura social. Remete-o, assim, ao pensamento infantil, longe de ser capaz de elaborar um raciocínio complexo e condizente com a realidade que o cercava.

Outras publicações abordando a história de Campinas, tais como *Monografia Histórica do Município de Campinas*⁶⁹, de 1952; *Campinas seu berço e sua juventude*⁷⁰, de Celso Maria de Mello Pupo, de 1969; e *Campinas dados históricos e estatísticos*⁷¹, de Alaôr Malta Guimarães, de 1953, para citar apenas as de maior destaque até os anos 70, nenhuma citação fazem sobre a imprensa negra da cidade, apesar de abordarem a história dos jornais e jornalistas locais. Mesmo quando citados de forma mais longa, os jornalistas negros de Campinas são assim descritos:

O chefe da revisão do “Diário de S. Paulo”, Lino Guedes, estava longe de ser um desses homens que despertam simpatia à primeira vista. Negro de lábios grossos, nariz achatado e feições características da raça, pouco expansivo, gestos nervosos, falando apenas o essencial e raramente fixando o interlocutor, não inspirava confiança. Disso já me prevenia José de Moraes Andrade, quase meu conterrâneo, com a diferença de ser ele mineiro de Caracol, atualmente Andradas, e eu paulista de Espirito Santo do Pinhal.⁷²

Na página em que Cunha Motta discorre sobre a biografia de Lino Guedes, boa parte é dedicada a comentar sua amizade com José de Moraes nas linhas atribuídas ao jornalista negro. Mesmo quando tenta amenizar a descrição feita, classificando Lino Guedes como uma pessoa que não “inspirava confiança”, assim se posiciona:

Passou-se o tempo, Lino Guedes morreu e não deixou grande renome como poeta, mas continua a viver na lembrança dos que lhe conheceram a têmpera de lutador e o sentimento estético que trazia no coração. Ele foi um poeta. Um poeta negro.⁷³

⁶⁹ **MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística, 1952.

⁷⁰ PUPO, Celso Maria de Mello. **Campinas seu berço sua juventude**. Campinas: Publicações da Academia Campinense de Letras, 1969.

⁷¹ GUIMARÃES, Alaôr Malta. **Campinas: dados históricos e estatísticos**. Campinas : Livraria Brasil, 1953.

⁷² MOTTA, Cunha. **Os rapazes da imprensa**. Um pouco da história de São Paulo. São Paulo: Editora Ateniense, 1990. p. 55.

⁷³ Ibidem, p. 56

Embora tenha inserido Lino Guedes no rol dos rapazes da imprensa, Motta não o apresenta jornalista, mas sim como chefe de revisão e poeta. Sua atuação como jornalista não é mencionada apesar da extensa atuação de Lino Guedes no periodismo paulista.

Outros trabalhos consultados enveredam pela análise de conteúdo ou pela análise de discurso, como o desenvolvido por José Geraldo Marques, *O Getulino e o Projeto Educativo-Discursivo de integração e ascensão do Negro na sociedade branca*⁷⁴, de 2008. Por este trabalho, Marques investiga o “discurso integracionista” do «GETULINO» à sociedade branca, destacando que este discurso não é um fato isolado na imprensa negra, mas sim uma constante dos periódicos do período.

Abordamos, em nosso trabalho, alguns temas muito importantes do Getulino como o branqueamento, a denúncia e resistência ao preconceito, a luta por cidadania, a possibilidade então considerada incômoda da imigração em massa de negros norte-americanos para o nosso país e o tema crucial da integração e consequente ascensão do negro na sociedade branca, entre outros.⁷⁵

Para a realização de seu estudo, Marques buscou nos apontamentos de Bastide elementos para a contextualização da imprensa negra e do próprio «GETULINO». Ele destaca que o discurso proferido através das páginas do jornal campineiro se coadunava com o discurso da imprensa negra em geral, mas que não era hegemônico na comunidade negra do período.

Não podemos nos esquecer, de maneira nenhuma, de que as propostas centrais da IN (Imprensa Negra) em geral e a do *Getulino* em particular, apesar de bastante *homogêneas* em relação aos jornais negros contemporâneos dele estão longe de ser *hegêmicas* nas comunidades negras da época.⁷⁶

Constata-se, aqui, uma dicotomia entre o discurso proferido por uma elite letrada negra e a comunidade em geral, que em alguns momentos se mostra distante das propostas feitas por esta elite:

⁷⁴ MARQUES, José Geraldo. **O Getulino e o Projeto Educativo-Discursivo de integração e ascensão do Negro na sociedade branca**. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 10, n. 1/2, p. 133 - 144, maio/nov. 2008.

⁷⁵ MARQUES, José Geraldo. **Imprensa e resistência negra: o projeto integracionista em discursos do Getulino**. Campinas, São Paulo [s.n.], 2008. Orientador João Wandeley Geraldi. Tese de doutoramento – Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem. p. 9.

⁷⁶ MARQUES, op. cit., p. 137.

No entanto, o afastamento da elite da base, acreditamos, não está no fato de imaginarem que o negro das ruas terá alguma expectativa sobre seus textos, mas na missão de educar a “raça”, ao mesmo tempo, didática e redentora. O negro alfabetizado (quicá letrado) lerá seus textos, mas não estará permeável a eles, pois suas linhas estão eivadas de *moralismo*, elemento presente em qualquer projeto que queira se impor a partir de regras pressupostas como boas e generalizáveis (o didatismo) e que pretenda *libertar, resgatar, compensar* (a redenção).⁷⁷

Em suas considerações finais, Marques aponta que o discurso proferido pelo «*GETULINO*» caracteriza-se por uma heterogeneidade discursiva, na qual o discurso purista divide espaço com outros mais distensos, próximos da linguagem das ruas por assim dizer:

Dentre os discursos puristas, encontramos no *Getulino*, o *estrito* (maioria) e o *metalinguístico*. Quanto aos gêneros do discurso do jornal negro campineiro, o purismo estrito abarcava principalmente os editoriais (na realidade, artigos de capa sem assinatura) e os artigos encomendados com temáticas formais ligadas à vida e à história do sujeito negro. O *Getulino* reservava os textos mais soltos, com linguagem mais distensa, para suas polêmicas e diatribes com rivais e desafetos, para as crônicas e pequenas notas humorísticas e sarcásticas, às vezes endereçadas aos próprios negros.⁷⁸

Marques destaca, ainda, que o discurso formal encontrado nos editoriais e artigos de fundo prevalece e se destaca. Segundo o autor:

Observamos que, de maneira mais contundente que nos periódicos em geral, quando se trata de um artigo de conteúdo histórico, constituinte de uma memória negra em construção, ou seja, de um texto que não vai desaparecer no outro dia, mas algo que vai marcar um tempo na História, que se refere a um tempo na História da humanidade, ou seja, quando se trata de um *tema perene*, os estilos variam de mais formais (como no caso do estilo *parnasiano*) a menos formais, um pouco mais distantes de exigências puristas estritas, embora mantenham a sobriedade e a seriedade das afirmações e opiniões.⁷⁹

Finalizando, Marques aponta que o projeto purista dos discursos dos editoriais e artigos de fundo se coaduna com o projeto pedagógico e integracionista dos editores do «*GETULINO*»:

⁷⁷ MARQUES, José Geraldo. **O Getulino e o Projeto Educativo-Discursivo de integração e ascensão do Negro na sociedade branca**. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 10, n. 1/2, p. 133 - 144, maio/nov. 2008. p. 136

⁷⁸ Ibidem, p. 142.

⁷⁹ Ibidem, p. 143.

Este projeto purista se casa perfeitamente com o projeto de educação dos redatores e animadores deste jornal negro. Agir (de certa maneira), mas, principalmente, falar e pensar como o branco, seria a senha para a entrada na sociedade branca e, conseqüentemente, um passo na conquista da cidadania plena do negro.⁸⁰

Temos ressalvas a esta conclusão de Marques por entendermos que o grupo produtor do «*GETULINO*» não buscava uma integração à sociedade branca no sentido da incorporação de seus costumes e valores. Afinal, como defendem os editores do semanário, os negros seriam tão brasileiros quanto quaisquer outros indivíduos nascidos sob a proteção do pendão auriverde nacional.

Desta forma, não entendemos que encontra respaldo a ideia de que os editores do «*GETULINO*» defendiam uma integração à sociedade branca, mas sim o reconhecimento do valor do negro na sociedade enquanto negro e brasileiros que eram.

O grupo produtor do «*GETULINO*» defendia o reconhecimento do valor do negro como parte integrante e indissociável da sociedade brasileira, construída sobre valores culturais oriundos das diferentes populações que, de uma forma ou de outra, aqui se encontraram e construíram sua identidade social.

UM TIPO DE ENFOQUE

Qualquer teoria não passa de um reducionismo. Está na sua natureza. Se vou teorizar sobre determinado assunto, significa que quero enquadrá-lo sob um ponto de vista.⁸¹

Antes de propormos uma metodologia para o estudo da imprensa negra em geral, este trabalho se atém muito mais na perspectiva histórica e social da constituição deste jornal na cidade de Campinas. Ao focarmos esta possibilidade de leitura deste viés de produção jornalística, dispomo-nos a olhar o «*GETULINO*»

⁸⁰ MARQUES, José Geraldo. **O Getulino e o Projeto Educativo-Discursivo de integração e ascensão do Negro na sociedade branca**. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 10, n. 1/2, p. 133 - 144, maio/nov. 2008. p. 144.

⁸¹ PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9

historicamente, ou seja, não como algo apartado e isolado de seu tempo, mas como um processo derivado da história social de Campinas naquele momento.

Partindo do próprio «*GETULINO*», buscamos centrar a problemática no jornal e no jornalismo negro que ele propõe como caminho da cidade letrada negra – não se trata de propor nem metodologias de estudo nem de ensino – e sim pensar o jornal historicamente. Pois, ao olharmos para os trabalhos que tiveram o «*GETULINO*» como objeto ou fonte de pesquisa, temos um quadro no qual a imprensa étnica de então é tratada por vezes como elemento acessório à pesquisa, remetendo-nos às observações de Cruz e Peixoto:

No uso corrente em monografias, dissertações e teses, nas quais vez por outra, a imprensa é apresentada como fonte subsidiária ou secundária, as publicações são tomadas como meras fontes de informação. Via de regra, o que prevalece é uma pesquisa sobre o assunto em pauta, na qual artigos e seções identificados são imediatamente deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa.⁸²

Deslocando os periódicos de seu contexto social e focando-nos na informação impressa em suas páginas e, por vezes, desconsiderando sua dinâmica de inserção na sociedade local, devemos “entender a Imprensa como constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias”⁸³. Afinal, como aponta o pesquisador e jornalista Felipe Pena, em seu livro *Teoria do Jornalismo*:

As histórias dos veículos de comunicação nunca são isoladas ou autoexplicativas. Não há um herói ou santo altruísta alvejado pelo idealismo de aproximar os indivíduos ou melhorar o mundo por meio de uma invenção. O desenvolvimento dos canais de informação está sempre atrelado a interesses econômicos ou políticos. Na maioria das vezes, os dois juntos. Como tudo na sociedade ocidental.⁸⁴

Esta sutileza no tratamento do objeto de estudo traz grandes alterações no processo de levantamento dos dados e, conseqüentemente, em sua análise.

⁸²CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. In **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0 (1981). –São Paulo: Educ, 1981. Nº 35 História e Imprensa. 2007.

⁸³ PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 260.

⁸⁴ Ibidem, p. 33

Pensamos o jornal como espaço da presença na cidade e, portanto uma prática social que constitui a história. Mas, também, buscamos pensar o jornalismo como atividade pública de grande importância na disputa pelo poder e por um lugar de poder para estes grupos – lugar de projeção pública, no qual as propostas ganham visibilidade e força.

Neste processo de construção, não só da pesquisa, mas também da redação final dos seus resultados, a preocupação com os usos do material passou a ser fonte de atenção. Temos claro que, para além da responsabilidade do pesquisador no processo de construção da pesquisa e sua redação final, a responsabilidade para com a utilização de sua produção também se impõe. Esta preocupação é externada por Cruz e Peixoto, quando apontam:

Consideramos importante indicar as preocupações que nos motivaram a escrever este artigo: a prática profissional de lidar com a formação de pesquisadores e professores e com os desafios do ensino e pesquisa em história, continuamente, nos levou à indagação sobre usos que os historiadores fazem da imprensa em seu trabalho no cotidiano de sua oficina e a propor contribuições para este processo.⁸⁵

Esta preocupação das pesquisadoras levou-as a discutir “os usos correntes que os historiadores fazem da imprensa como fonte de pesquisa” e a sugerir “um roteiro de procedimentos metodológicos”⁸⁶ que organiza e facilita a vida do pesquisador, principalmente dos oriundos de outras áreas do conhecimento que não a história social. Esta proposta, além de proporcionar uma organização e sistematização no momento da coleta e análise do material, também acaba por direcionar a apresentação final da pesquisa.

Acrescentaremos à proposta original o emprego sistemático de imagens, amplamente facilitado pelas novas técnicas de reprodução digital dos originais, além de apontamentos técnicos ou da filosofia do jornalismo discutidas por Jorge

⁸⁵ CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. In **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0 (1981). –São Paulo: Educ, 1981. Nº 35 História e Imprensa. 2007. p. 258.

⁸⁶ CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. In **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0 (1981). –São Paulo: Educ, 1981. Nº 35 História e Imprensa. 2007. p. 259.

Pedro Sousa em *Elementos de jornalismo impresso*, de 2005; Michael Kunczik, em *Conceitos de jornalismo*, de 1997; Nelson Traquina, em *Teorias do jornalismo*, de 2004; e Patrick Charaudeau, em *Discurso das Mídias*, de 2006, entre outros.

As adições visam ampliar e facilitar o entendimento, para o leitor, dos diferentes aspectos da produção editorial. Temos claro que tanto o pesquisador que se inicia no trabalho com periódicos quanto o leitor não versado sobre o tema encontram dificuldades para entender de onde derivam determinadas observações e apontamentos sobre o objeto analisado. Desta forma, a inclusão de explicações sobre os conceitos de diagramação, paginação, edição, redação e outros conceitos do universo do jornalismo se fazem pertinentes, pois com bem lembra Heloisa e Maria do Rosário:

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos. A própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal de imprensa sindical são elas mesmas produto da experimentação e da criação social e histórica.⁸⁷

Mesmo que se argumente que os conceitos atuais sobre a produção de um periódico não possam ser empregados na análise dos veículos de imprensa do passado, devemos lembrar que as perguntas ao passado são feitas a partir do presente. Segundo Gomes, “Na dimensão da linguagem nunca temos um elemento que signifique por si, ele só se coloca em significância por oposição e sua significância se determina somente em relação a outro”⁸⁸. Isto significa que o passado não pode ser alcançado em sua plenitude, pois os olhares e as perguntas feitas a ele são as do presente; ignorar que o passado é uma reinterpretação a partir do presente há muito se esvaneceu na história.

Desta forma, como nos alerta Heloisa Cruz, o jornalismo é uma construção histórica, uma vez que suas formas de organização, seleção e edição se desenvolveram, ao longo do tempo, em sua própria forma de se fazer. O dado nos remete ao seu longo processo de organização e maturação das formas de fazer.

⁸⁷ Ibidem, p. 261.

⁸⁸ GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hecker Editores. Edusp, 2003. p. 26.

Deriva deste pensamento a proposta de se discutir como os editores do «*GETULINO*» experimentaram formas de fazer um jornal negro de caráter amplo que, ao mesmo tempo em que se ordena no campo da comunicação, também educa o leitor: o que pretendo dizer, enfim, é que o relato jornalístico ordena e, por definição, constitui a realidade que ele mesmo apresenta como sendo a realidade feita de fatos ⁸⁹

O discurso da imprensa se fez na prática diária e continua, ensinando nesse processo o leitor a consumi-la e entendê-la. Mayra Rodrigues Gomes destaca que o jornal faz os seus leitores, e que nascemos em um mundo já organizado, já significado, onde as formas de se ver e entender já estão postas e que não conseguimos simplesmente nos livrar delas para ver a realidade que se constitui à nossa frente.

Assim sendo, primeiramente devemos levar em conta um modo específico pelo qual o sujeito entra no mundo social. Ele encontra organizações que lhe precedem, ordenações que lhe mostram ou indicam o que deve ser visto. O mundo a ser vivido lhe é apresentado numa configuração abrangente, direcionando o entendimento e assinalando prioridades. ⁹⁰

A realidade é construída diante de nossos olhos a todo o momento pela nossa mente inquisidora; ver é um ato de escolha⁹¹. Vemos o que estamos preparados para ver, ou o que acreditamos ser possível ver a partir dos modelos já percebidos e aceitos. “A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos”⁹²; mesmo o pesquisador mais atento não foge desta teia sub-reptícia que não cessa de se insinuar. Por mais que tentemos olhar para o passado e dele tirar as respostas para as nossas indagações, o presente se insere mesmo quando não desejamos deixar sua influência alterar a percepção sobre este passado.

Essa constatação acarreta duas consequências. A primeira tem a ver com o fato de que a escrita da história nunca estará encerrada. Os historiadores do final do século XIX pensavam que seu trabalho era

⁸⁹ BUCCI, Eugênio. O jornalismo ordenador. In. GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Hecker Editores. Edusp, 2003. p. 9.

⁹⁰ GOMES, op. cit., p. 33.

⁹¹ BERGUER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 9.

⁹² Ibidem, p. 10

definitivo; tratava-se de um sonho. Será necessário retomar incessantemente a história, levando em consideração novas questões e novos conhecimentos.⁹³

Ao estudarmos o passado, temos que ter em mente que não estamos reconstituindo sua existência pura e simplesmente, mas sim criando uma nova existência, deslocada do universo que o criou, inscrevendo-o em um novo tempo e espaço, dando-lhe um novo sentido. Nós o fazemos apartados do momento que o gerou, trazendo-o para uma nova materialidade, a do presente; e desejando imergi-lo em nova relação de tempo e espaço, onde sua temporariedade se estende para além do seu momento gerador.

Desta forma, estruturamos esta tese em quatro capítulos, complementares entre si. No primeiro, tratamos de analisar os projetos gráfico e editorial, buscando situar o «*GETULINO*» nos modos de fazer imprensa no Brasil naquele período, de forma a perceber como o grupo produtor daquela folha se insere no universo do fazer jornalístico e sua proposta de reconhecimento de uma capacidade intelectual e técnica ali subjacente.

No segundo capítulo, lançamos um olhar sobre o grupo produtor e seus espaços de difusão e socialização, almejando ampliar o entendimento das propostas de atuação social feitas por este grupo de jovens jornalistas negros de Campinas para a comunidade em que ele se insere e na qual atua.

O terceiro capítulo relaciona e comenta as bandeiras e formas de luta empreendidas pelo grupo produtor da folha dominical na defesa dos interesses dos então chamados homens de cor. No quarto e último capítulo, abordamos as formas de luta contra o racismo e contra a segregação dos negros em Campinas, adotadas pelo grupo produtor do «*GETULINO*».

⁹³ PROST. Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 80.

CAPÍTULO I

PARA LER O GETULINO: PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

Neste capítulo, abordaremos o projeto gráfico e editorial do «*GETULINO*», de forma a observar como as decisões editoriais se materializaram na forma gráfica, segundo as práticas e técnicas do período, criando ambiente favorável à aceitação do periódico pela comunidade a que ele se dirigia. Esta abordagem se lastreia no princípio de que a forma escolhida para se transmitir uma ideia ou pensamento influencia na maneira como o outro irá compreendê-la e validá-la. Temos em vista o pensamento de Foucault, a nos alertar que:

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘política’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos.⁹⁴

Este pensamento, formulado muito tempo depois da breve existência do semanário campineiro, nos ajuda a olhar para as decisões editoriais tomadas por seus produtores, sob a perspectiva de integração entre o projeto editorial e as escolhas gráficas tomadas pelo grupo para expor suas ideias. Desta maneira, além de descrever a forma gráfica através das quais as notícias e opiniões são dispostas na página impressa, buscamos relacioná-las com a intencionalidade da disposição destas no veículo de comunicação.

A própria escolha do meio de comunicação que irá servir de suporte para a mensagem já tem o potencial de nos permitir uma reflexão sobre os anseios do grupo produtor da mensagem. No caso específico do «*GETULINO*», o meio jornal impunha-se sobre as outras formas de divulgação e validação do pensamento, em virtude de este ser um meio já consagrado pela sociedade como espaço privilegiado de expressão de ideias e opiniões. E, para além disso, um espaço de legitimação de poder.

Neste ponto, nos valemos do trabalho de Angel Rama, *Cidade das Letras*, de 1985, defendendo que a palavra escrita assume no “Novo Mundo” um papel preponderante na organização das cidades e de elemento validador da cidadania e poder. Para o autor, “a palavra escrita viveria na América Latina como a única

⁹⁴ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 35.

válida, em oposição à palavra falada que pertencia ao reino do inseguro e do precário”⁹⁵.

Muito antes de Rama formular este pensamento, os redatores do «*GETULINO*» assim pontuavam a respeito da importância da palavra escrita e de sua fixação em um suporte que permitisse a disseminação na sociedade: “a palavra passa, voa, morre; mas, o livro, o jornal, a palavra escrita são traços que ficam gravados passando de gerações em gerações”.⁹⁶

O pensamento de Benedito Florêncio expunha o desejo de continuidade e permanência na história através da palavra escrita. Buscava o jornalista uma presença que a oralidade, traço fundante das comunidades indígenas brasileiras e de grande parte das comunidades de origem dos africanos escravizados trazidos para o Brasil, não permitia na nova conformação social, implantada nas Américas pelos colonizadores europeus. Ocasionava-se assim um apagamento das memórias das lutas, conquistas, feitos e da própria cultura destes povos submetidos a processos forçados de integração e aculturação.

Desde o seu lançamento, o periódico campineiro se apresenta como espaço de continuidade de lutas e tradições anteriores pela emancipação dos negros. O apagamento da memória do negro brasileiro é combatido pelos produtores do jornal através do registro da atuação dos negros no processo de abolição da escravatura no Brasil e do processo de conquista da terra e da manutenção em sua nova Pátria.

As conquistas em prol da nossa raça na consecução das iniciativas mais arrojadas dos projetos mais altos e nobres, não dependeram do esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinho, sahindo victoriosos a 13 de maio de 1888. Por ahi podemos ver que a raça preta não foi creada somente para serviços rudes por inhateza de outros cometimentos, a ella devendo o Brasil o pouco de civilização que nelle existe.⁹⁷

A leitora do «*GETULINO*» Mary dos Santos reforça a ideia defendida pelo grupo produtor daquela folha, de que a liberdade do negro no Brasil foi obra

⁹⁵ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Cidade das Letras, 1985. p. 29.

⁹⁶ Benedito Florêncio. Nosso gesto. *Getulino*, nº 01, p. 0 2, col. 01, 29 jul. 1923.

⁹⁷ Mary Santos. Luz e liberdade. *Getulino*, nº 05, p. 01, col. 1, 26 ago. 1923.

coletiva, tendo os abolicionistas, negros e brancos, papel preponderante nesse processo, opondo-se ao pensamento reinante de que a libertação dos escravos foi obra de caridade da princesa regente. Ela também reivindica o direito ao reconhecimento da nacionalidade do negro brasileiro e de sua historicidade e inteligência. A leitora continua sua carta conclamando os editores da folha a continuar na luta de forma a demonstrar a capacidade intelectual do negro para que se alcance a emancipação completa da etnia, à época ainda designada por raça.

Eia, avante redactores do «Getulino» novos luctadores pela emancipação completa da classe; unidos trabalhem sem esmorecimento para a felicidade de nossos irmãos, assim, por futuro não muito remoto veremos succumbir a nossos pés esse espantinho que a tudo e a todos aniquilla, deturpa e mesquinha-o preconceito da cor -, só então deixaremos de ser eterno escravo das conveniências sociaes.⁹⁸

À leitora, citada anteriormente, juntam-se outros leitores que destacam a importância do jornal para a luta que a comunidade negra brasileira empreendia naquele momento pelo reconhecimento não só de sua existência física, mas de seu valor intelectual e social.

Como assignante do seu sem rival organ para a defesa dos interesses dos homens pretos, cabe-me embora demasiadamente tarde cumprimental-o, almejando ao «Getulino» um futuro brilhante e duração perpétua, para vermos não muito tarde a Raça Negra, colocada no lugar que deve ocupar no convívio nacional.⁹⁹

O «Getulino» que é dedicado aos interesses dos homens pretos, traz em suas páginas nitidamente impressas, boas collaborações de variados estylos. (...) vida longa é o que auguramos ao novo baluarte do progresso e muito obrigados somos pela visita.¹⁰⁰

A iniciativa deste grupo de jovens negros de Campinas vem a público no dia 29 de julho de 1923, assumindo já em seu subtítulo ser um *Organ Para a Defesa dos Homens Pretos*.

⁹⁸ Mary Santos. Luz e liberdade. Getulino, n° 05, p. 01, col. 1, 26 ago. 1923.

⁹⁹ Francisco Oliveira Camargo. Avançando. Getulino, n° 5, p. 02, col. 01, 26 ago. 1923.

¹⁰⁰ Floriano Silva. Na Vanguarda, Getulino, n° 7, p. 02, col. 01, 09 jul. 1923..



Fig. 01– Jornal o Getulino, nº 1, 29 jul. 1923

O surgimento do periódico na cena pública campineira é assim visto pela colaboradora do jornal identificada por Mariquita: *“A aurora de hoje nasceu-nos mais risonha, porque o «GETULINO» que sahe pela primeira vez nos traz muitas esperanças”*¹⁰¹, sendo algumas destas “esperanças” atendidas imediatamente.

Apesar de não affeita, escrever para jornaes, movi-me a rabiscar estas linhas, após a leitura que fiz do “GETULINO”, por ser elle fundado exclusivamente para defender os interesses da nossa raça, até então desprotegida e tratada com desdém.¹⁰²

Um dos desejos expressos no jornal é o de incitar a comunidade negra a sair da imobilidade social e a se expressar, com orgulho, de sua história e inteligência. Esta conquista foi possível devido às escolhas editoriais e gráficas que o grupo empreendeu no processo de criação do jornal. E que, diferentemente de outras iniciativas, como observa o colaborador do «GETULINO»

¹⁰¹ Mariquita. Getulino. Para o Getulino, nº 01, p. 01, col. 5, 29 jul. 1923.

¹⁰² Mary Santos. Luz e liberdade. Getulino, nº 5, p. 1, col. 1, 26 ago. 1923.

Deocleciano do Nascimento, somaram-se para criar um ambiente positivo à concretização dos anseios do grupo produtor daquela folha.

A respeito dos jornaes, estou deveras encantado! O “Getulino”, dizendo francamente, merece o premio recorde, de perfeição, dentre os tantos jornaes, que eu tenho conhecido, para tratar dos interesses da classe nossa. Corri um golpe de vista em todo, e depois passei a lel-os na ordem numérica.¹⁰³

Como observa este colaborador do «*GETULINO*», as escolhas editoriais empreendidas garantiram uma boa receptividade junto aos leitores. Outro leitor destaca, como ponto positivo, um aspecto relacionado à questão gráfica:

O «Getulino» que é dedicado aos interesses dos homens pretos, traz em suas páginas nitidamente impressas, boas collaborações de variados estylos. (...) vida longa é o que auguramos ao novo baluarte do progresso e muito obrigados somos pela visita. ¹⁰⁴

Esta observação feita por Floriano Silva, em carta enviada à redação por ocasião do lançamento do jornal, e que aqui destacamos, expõe um elemento importante no processo de validação e aceitação dos veículos de comunicação em geral, ou seja, sua forma de apresentação. Afinal, a leitura de um jornal não se resume à decodificação das palavras ali impressas, passa também pela forma como as informações foram dispostas e previamente selecionadas para ali Fig.rem.

Entender o discurso composto para ser veiculado em um jornal ou qualquer outro veículo de comunicação de massa passa, obrigatoriamente, pelo entendimento de suas condições de produção, seja cultural ou material/tecnológica. No caso do «*GETULINO*», a opção pela qualidade gráfica ajudou no processo de aceitação e validação da proposta editorial de evidenciar para a sociedade a capacidade intelectual do negro frente às novas demandas sociais.

Queremos a prosperidade da raça negra, luctaremos para que a intelligencia do homem de cor seja aproveitada, para que o seu caracter iluminado pela fulgurante luz da instrução seja [parte faltante]

¹⁰³ Da redação, Getulino, nº 19, p. 1, col. 6, 02 dez. 1923.

¹⁰⁴ Floriano Silva. Na Vanguarda, Getulino, nº 7, p. 02, col. 01, 09 jul. 1923. Grifo meu.

grandeza dessa nação que tem tudo [parte faltante] para um futuro grandioso.¹⁰⁵

Devemos lembrar que, embora tendo como alvo central a comunidade negra, o «*GETULINO*» dirigia-se também à sociedade como um todo, tendo em vista que sua circulação não era restrita ou mesmo secreta, podendo ser adquirido por qualquer pessoa. Desta forma, além de veicular notícias e conclamar a comunidade negra à ação, o «*GETULINO*» também tinha que relacionar-se com a sociedade campineira e brasileira em geral, respeitando suas formas de expressão e atuação social.

Sousa¹⁰⁶ nos alerta que, para entendermos as notícias veiculadas em um jornal, devemos vê-las como “o resultado da interação entre a mente, a linguagem, os constrangimentos jornalísticos (pessoais, sociais, ideológicos, culturais e outros) e os fenômenos reais que nelas são representados”¹⁰⁷. Assim sendo, devemos sempre considerar as relações que os indivíduos produtores mantêm com a sociedade das quais ou para as quais falam. O que é descrito/interpretado é diretamente influenciado por quem o descreve e o interpreta.

As notícias são individual, social e culturalmente construídas, resultando de um complexo processo de transformação, hierarquização, inclusão e exclusão de informações, no qual interferem linguagens, técnicas, dispositivos mediáticos e critérios complexos de noticiabilidade, eles próprios resultantes de fenômenos pessoais, sociais, ideológicos e culturais.¹⁰⁸

Berger, Prost, Willians, Fenelon, e Cruz, como tantos outros pesquisadores, sejam da História ou da Comunicação, há muito já nos alertam para esta questão. Le Goff destaca que, para se compreender o que um jornal quer nos dizer, é preciso olhar ao redor.

¹⁰⁵ Da redação. Getulino. n° 01, p. 01, col. 01, 29 jul. 1923. Grifo meu.

¹⁰⁶ Jorge Pedro Sousa é jornalista, pesquisador e escritor da área do jornalismo, tem sua obra voltada à análise tanto da história do jornalismo quanto a sua técnica quanto recepção.

¹⁰⁷ SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Florianópolis-SC: Letras contemporâneas, 2005. p. 18.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 19.

Isso significa buscar as marcas deixadas pelos seus produtores na sociedade, bem como olhar para as marcas que a sociedade fez nestes agentes sociais. O jornalismo e o jornal são instâncias de poder, nas quais as relações sociais se manifestam, com maior ou menor intensidade, dependendo da sociedade e do período em que ele foi produzido ou veiculado.

Patrick Charaudeau¹⁰⁹ acrescenta que “o poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira a sua força”, indicando também para o estabelecimento de espaços de interação social que funcionam como uma situação de mercado linguístico, que tem características conjunturais que o autor divide em três momentos.

Em primeiro lugar, o jornal caracteriza-se como algo pré-construído, quando sua composição está antecipadamente determinada. Para compreender o que pode ser dito e, sobretudo, “o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos locutores- é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. A censura mais radical é a ausência”.¹¹⁰

Em segundo lugar, o jornal é uma instância de troca social e de manifestação de poder, onde quem dela se utiliza ganha prestígio e força para falar à sociedade, além é claro de combater a “censura mais radical”, ou seja, a ausência da cena pública. Em terceiro lugar, traz à vista personagens “invisibilizados” pelos sistemas de poder e de dominação, forçando o reconhecimento de sua existência, tanto física como social, e combatendo o apagamento e desnivelamento social através da materialização da presença destes personagens.

Em diversos momentos históricos, em relações sociais diferentes, a escrita e a leitura mediarão os vínculos dos habitantes das cidades. As tensões e articulações entre a cultura letrada, campo privilegiado de expressão das elites, e a oralidade constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade.¹¹¹

¹⁰⁹ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 18.

¹¹⁰ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006. p. 55.

¹¹¹ CRUZ, Heloisa Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1850-1915**. São Paulo: Educ, 2000. p. 33.

Esta percepção de importância do domínio da cultura letrada é indicada de forma explícita pelos redatores do «*GETULINO*» quando escrevem:

É nosso escopo continuar a obra do grande Mestre [Luiz Gama] trabalhando arduamente para emancipar em todos os sentidos a nossa outrora infeliz raça desdenhada pelos que, graças à liberdade haviam avançado na senda da civilização deixando a raça negra no obscurantismo, onde nem sequer lhe era permitido os benefícios do alfabeto.¹¹²

Mas não é qualquer cultura letrada que aqui é reivindicada e sim tradições de outros personagens e lutas que, em momentos logo anteriores, fizeram do uso da pena, da escrita e do jornalismo campos de lutas emancipatórias dos “homens pretos”¹¹³. Este simbolismo é buscado na Fig. de Luís Gama – um negro ex-escravo que se fez letrado numa sociedade de doutores-letrados brancos – e neste campo desenvolveu suas disputas e logrou ser reconhecido e respeitado, sendo apontado como um modelo de conduta e sucesso a ser observado. E, por que não dizer, seguido?

Importante perceber que, buscando se inserir no mundo letrado e particularmente no mundo do jornalismo, o «*GETULINO*» vem a público seguindo as normas e padrões assumidos pelos veículos de circulação comercial e corrente na época. Era uma clara opção por constituir-se cidadão de primeira classe empregando as regras sociais vigentes, da mesma forma que Luiz Gama fizera a seu tempo. Esta opção e organização não passam despercebidas dos leitores do «*GETULINO*», que se manifestaram por cartas publicadas no jornal, como também, pelos jornais de circulação mais antiga na cidade como: *Diário do Povo*, *O Ferrão* e *A Plateia*.

¹¹² Da redação. Texto legenda. *Getulino*, nº 1, p. 0, col. 02, 29 jul. 1926. Grifo meu.

¹¹³ Fazemos aqui a opção de empregar o termo ‘homens pretos’ em detrimento ao termo ‘negro’ ou ‘negros’, independente dos debates e ressignificações atuais destas palavras, em virtude deste ser o termo empregado pelo grupo produtor do jornal ora analisado.

TÍTULO DO JORNAL

Acaba de vir à luz da publicidade em Campinas, um semanário dedicado à defesa dos homens pretos, (...) De formato grande, traz o “Getulino” variada colaboração e o retrato do saudoso Luiz Gama, um dos grandes batalhadores pela causa da liberdade dos homens de cor.¹¹⁴

O cabeçalho de um jornal é a primeira mensagem negociada com o leitor. A partir dele, o leitor tem a possibilidade de formar uma ideia inicial do que será oferecido/negociado pela publicação. Nele, estão dispostos o nome do jornal, o logotipo, seu lema, o nome dos editores e dos fundadores, data, local, número e ano de publicação, preço da assinatura.



Fig. 02– cabeçalho do jornal Getulino

Antes mesmo de lermos as notícias/informações dadas a ver pelo jornal através das manchetes, fotografias e textos, somos atraídos pelo cabeçalho. Esta atração pode ser explicada pelas leis da *gestalt*, que nos apresenta as chamadas “zonas de atração do olhar”; elas nos propõem que, primeiro, visualizemos as informações dispostas no alto da página, para depois seguimos esquadrinhando a página na diagonal até a parte inferior direita¹¹⁵ [ilustração à frente].

¹¹⁴ Transcrição de notícia publicada originalmente no jornal ‘A Cidade’ de Mogi Guaçu por ocasião do lançamento do Getulino. Getulino, nº 3, p. 2, col. 1, 12 ago.1923.

¹¹⁵ Esta forma de visualização é explicada a partir da forma de escrita/leitura ocidental. Mesmo quando tratamos da escrita oriental, no caso da japonesa ela se estrutura de cima para baixo, alternando apenas o segundo movimento, da direita para a esquerda.

Esta forma de composição das mensagens impressas ocidentais criou, ao longo do tempo, zonas de visualização denominadas primárias e secundárias:

Assim, o modo de construção gráfica de uma página impressa deve seguir princípios editoriais como ordem de leitura das matérias (da esquerda para a direita, de cima para baixo, da mais importante para a de menor peso); respeito às zonas óticas de visualização; facilidade de percepção do conteúdo: rapidez na transmissão da informação, facilidade na localização de assuntos e no entendimento dos textos. Um bom projeto editorial conduz os olhos do leitor, torna a leitura agradável, envolve, seduz.¹¹⁶

Na porção superior da página é alocado, preferencialmente, o nome do jornal e seu lema:

A propriedade mais trivial do nome-de-jornal é a de ser o primeiro elemento que um jornal oferece à visão no espaço e no tempo. Trata-se de um elemento com local bem determinado, de onde não se pode extraí-lo sob pena de perder seu sentido.¹¹⁷

Sua escolha define ou indica qual a natureza de sua intervenção na cena pública, seu local de fala e para quem fala. Títulos e subtítulos funcionam como manchetes, primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais¹¹⁸.

Estas escolhas não se dão ao acaso e sem uma intencionalidade explícita. Para além do indicativo das pretensões e bandeiras que o periódico irá sustentar ao longo de sua existência, a escolha do nome também indica como seus produtores se enxergam e como querem ser vistos, direcionando e dando unidade à própria publicação e servindo de ancoragem, tanto para as pretensões do impresso como à construção de sua identidade.

¹¹⁶ SÓLIO, Marlene Branca. Discurso gráfico como ferramenta de produção de significação na comunicação organizacional. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 367-386, jun./dez. 2006. p. 376.

¹¹⁷ TRAVASSOS, Tarcísia. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010. p. 42.

¹¹⁸ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: Conversas sobre história e imprensa. In **Projeto História**, nº 35. História e Imprensa. São Paulo; Educ. jul/dez 2007. p. 263.

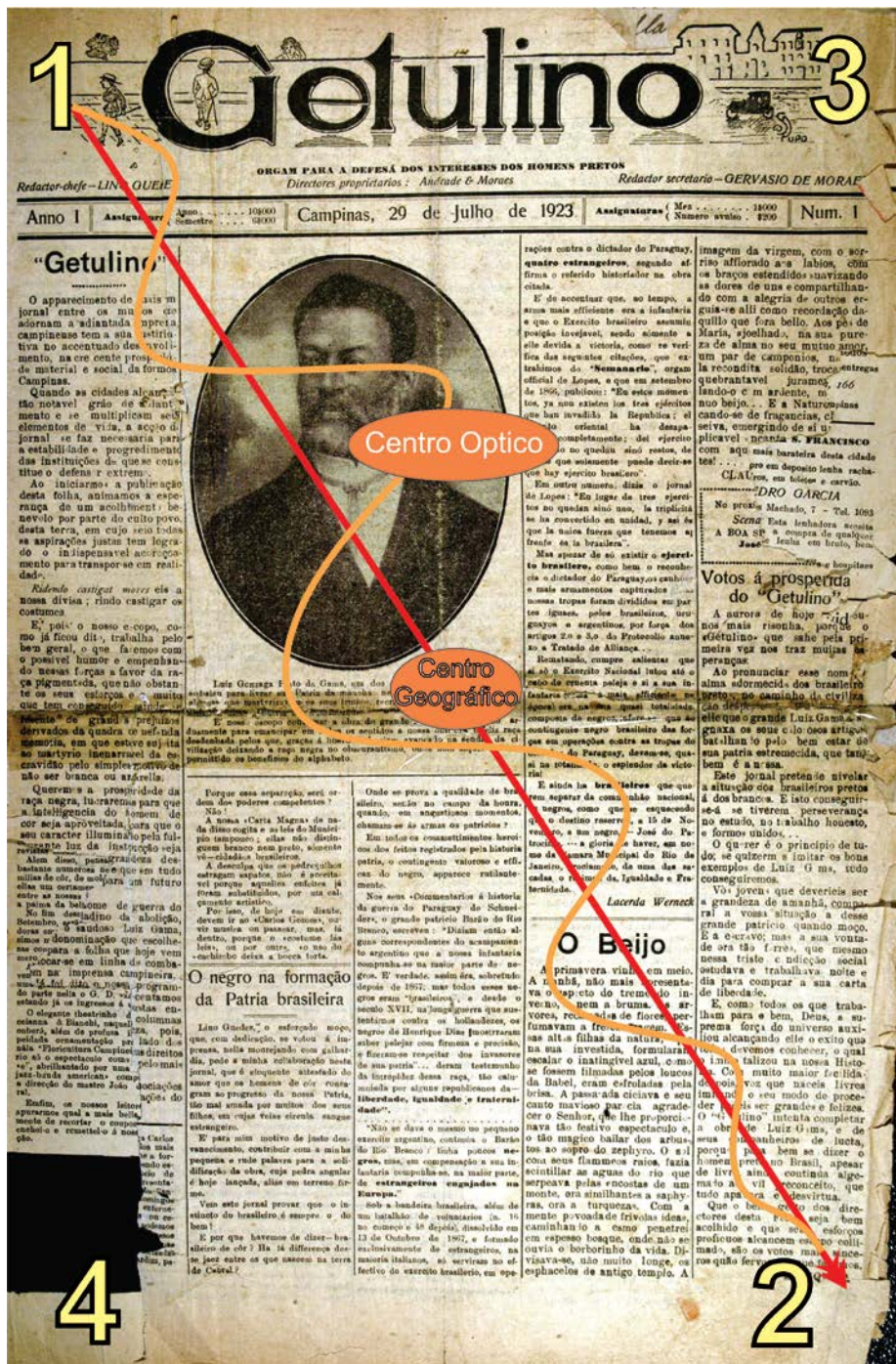


Fig. 03- sistema de visualização de uma página impressa

1-Zona primária de visualização.

2- Zona terminal, para onde se move a vista, em uma diagonal descendente de leitura.

3 e 4 - Zonas mortas ou cantos sem atração, que supõe sinais mais fortes para despertar o interesse do leitor.

Centro óptico: para onde o olhar se dirige no primeiro momento da visualização de uma imagem.

Centro Geográfico: divide a imagem em duas zonas de visualização, superior e inferior.

A seguir, apresentamos o cabeçalho de quatro jornais comerciais da época: Diário do Povo [1939], de Campinas; Folha da Noite [1921], Correio Paulistano [1922] e O Estado de S. Paulo [1924], os três últimos editados na capital do Estado, de maneira a permitir uma comparação das formas de construção da identidade visual destes periódicos com a do «GETULINO».



Fig. 04 - exemplo de cabeçalhos de jornais paulistas do período

Podemos perceber que o «GETULINO» segue a mesma forma de distribuição das informações que os demais jornais comerciais do período, diferenciando-se apenas na inclusão de grafismos no segundo plano do logo da folha. Com exceção dada ao desenho que se mescla ao nome do «GETULINO», a disposição e a formatação do cabeçalho seguem o padrão adotado pela imprensa paulistana, no que tange à forma de diagramação dos jornais *standard* do período. Ou seja, a

inscrição do ano, número, data, preço de venda e local de publicação entre fios logo abaixo do título do jornal. Em relação à gravura de fundo que ornamenta o título do jornal, não encontramos na bibliografia disponível sobre os prédios do período em Campinas, imagem que se ajuste completamente àquela. Entretanto, localizamos a fotografia de dois prédios que se assemelham à representação inscrita no cabeçalho do «GETULINO».



Fig. 05– Colégio Carlos Gomes



Fig. 06– Hospital Beneficência Portuguesa

Na primeira Fig. [05], temos a semelhança dos três andares com as janelas dispostas lado a lado, mas os telhados das torres seguem outra forma de representação, mais próxima ao telhado do prédio da Beneficência Portuguesa [Fig. 06]. Contudo, no que tange à altura do edifício, esta destoa da representação [Fig. 07, ampliada].

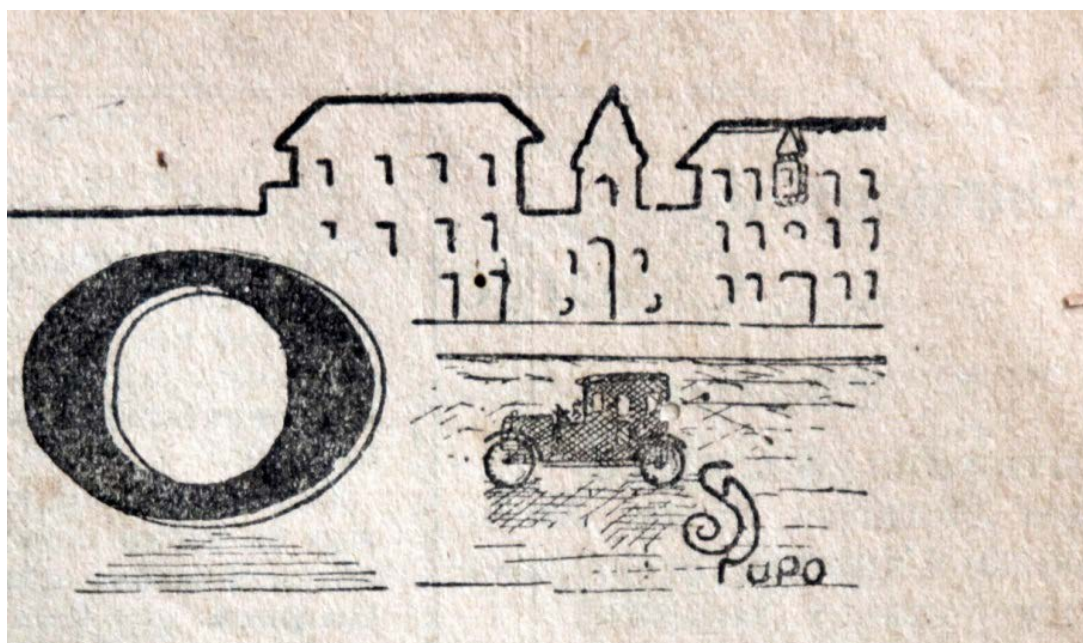


Fig. 07- ampliação do detalhe do logo do Getulino

Em sua porção central, a imagem do cabeçalho nos remete à torre de relógio ou sino de uma igreja católica, devido à porta central e alta encimada por uma torre tipo campanário com uma única janela. O prédio na lateral direita apresenta também uma porta de entrada em sua fachada, elemento inexistente no prédio à esquerda. À frente deste edifício, visualizamos com certo destaque um automóvel, que pode ser entendido tanto quanto um reforço da modernidade e urbanidade de Campinas, como também uma referência aos idealizadores desta iniciativa. Tanto Martinho como Cristino Andrade eram taxistas em Campinas.

Completando o logo, temos três personagens humanos: dois homens bem trajados que se posicionam como observadores da cena urbana e uma mulher debruçada sobre o muro.

No primeiro plano, da esquerda para a direita, temos a Fig. do primeiro homem que parece deslocar-se para fora da página. Logo à direita desta primeira Fig., o segundo homem dirige seu olhar para a mulher debruçada sobre o muro. Ambos estão trajados com terno, chapéu tipo panamá e bengala, símbolos de refinamento e poder aquisitivo na época. A Fig. masculina que se afasta para a esquerda sugere ser branca; já o outro, que dirige o olhar para a Fig. feminina no muro, aparenta ser negro.

A mulher está alocada no terceiro plano da imagem, logo atrás de um muro que percorre a página inteira. Os cabelos desta Fig. feminina são encaracolados nas pontas; sua mão esquerda toca os cabelos, dando a impressão que está flertando com a Fig. masculina que lhe dirige atenção.



Fig. 08 – ampliação do detalhe do logo do Getulino

A Fig. feminina que interage com a Fig. masculina envolta na letra “G” do nome do jornal torna-se ambígua, pois possui elementos que remetem ao fenótipo negro, mas ao mesmo tempo não teve seu rosto enegrecido. O não escurecimento da pele do rosto da Fig. feminina pode ter sido adotado por uma questão de impressão, pois a reprodução gráfica de imagens na época não permitia obter pequenos detalhes, tendendo a formar um borrão.



Fig. 09 - cabeçalho do Getulino

A mesma lógica pode ser empregada para a leitura do elemento masculino que está a se afastar do nome «GETULINO». Entretanto, deixando-se de lado estes questionamentos que carecem de maior análise, pois não encontramos nas páginas do «GETULINO» referências ao processo de criação do *logo* do jornal, temos muito provavelmente a representação de um local de fala. Ou seja, estes indivíduos se posicionam como observadores da cidade, que no caso é Campinas, na qual o próprio nome do «GETULINO» é refletido como se fosse um espelho. De forma geral, o cabeçalho do «GETULINO» nos remete para a sua atuação no âmbito da cena urbana, de onde tira sua força e para onde dirige suas penas.

SIGNIFICADO DO TÍTULO

Nome de guerra do paladino da abolição, o saudoso Luiz Gama, denominação que escolhemos para a folha que hoje vem colocar-se em linha de combate na imprensa campineira. [parte faltante] Já foi dito nosso programa.¹¹⁹

A escolha do nome de um veículo de comunicação indica não só sua intencionalidade social, mas sua forma de representação. Quem fala, com quem falo, como irei falar podem ser percebidos na análise deste item de entrada da leitura do periódico. Ao adotarem o nome «GETULINO» para o empreendimento, os irmãos Andrade, Lino Guedes e Gervasio de Moraes definiram não só sua abrangência, mas também quem eles eram, ou melhor, quem eles gostariam de

¹¹⁹ Da redação. 'Getulino'. Getulino, nº 1, col. 01, 29 jul. 1923.

ser, quais suas credenciais, para quem gostariam de falar e como falariam. Recorremos, novamente, ao texto legenda publicado junto a fotografia de Luiz Gama, por ocasião do lançamento do semanário, para destacar como o grupo produtor projetava sua forma de atuação:

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, um dos maiores jornalistas que muito sobateu para livrar sua Pátria da mancha negra da escravidão, tirando as algemas que martirizavam os seus irmãos, reerguendo lhes o moral e [parte ilegível] **é nosso escopo continuar a obra do grande Mestre trabalhando arduamente para emancipar em todos os sentidos a nossa outrora infeliz raça** desdenhada pelos que, graças à liberdade haviam avançado na senda da civilização deixando a raça negra no obscurantismo, onde nem *siquer* lhe era permitido os benefícios do alfabeto.¹²⁰

Ao identificar Luiz Gama como “Mestre”, e mestre nas lutas do jornalismo, os editores da folha dominical colocam-se como seus discípulos e seguidores na senda da emancipação dos negros. A liberdade formal já fora conquistada; e a luta que se descortina naquele momento é a da emancipação intelectual, ou seja, da liberação da tutela da sociedade branca, de poder administrar sua própria vida sem ter que dar satisfação de seus atos para os que se consideravam seus tutores.

Ninguém mais do que o próprio negro deve cuidar de seus interesses em face do mundo, envidando todas as forças para mais ampla solidariedade na terra e abrindo ao mundo um evangelho todo *christão*, que só o «sentimento» é capaz de dar. (...) A liberdade intelectual está em seu alvor, urge intensifica-la por todos os meios, nas sociedades, nos grêmios, nas escolas, na imprensa, *vehículo* primordial de ideias de coletividade.¹²¹

Quatro colunas à frente, a identificação com Luiz Gama volta a ser referenciada:

Ao pronunciar esse nome, alma adormecida dos brasileiros pretos no caminho da civilização desperta orgulho. Com *elle* que o grande Luiz Gama assignava os seus calorosos artigos, batalhando pelo bem estar de sua pátria estremecida, que também é nossa.¹²²

¹²⁰ Da redação. Getulino, nº 1, p. 01, col. 02, 29 jul. 1926. Grifo meu.

¹²¹ Christovam A. Junior. Liberdade intelectual. Getulino, nº. 13, p. 3, col. 5, 23 out. 1923.

¹²² Mariquita. Getulino, nº1, p. 1, col. 2ª 4, 29/07/1923.



Fig. 10 - Luiz Gama - Getulino, nº 1, p.01, col. 2 e 3 colunas, 29 jul. 1923

Estes trechos evidenciam a relação direta do nome «GETULINO» com o pseudônimo adotado por Luiz Gama para assinar os seus primeiros trabalhos no campo das letras. É muito nítida a reivindicação deste caminho sinalizado por ele ao se colocar como um jornalista negro. Mais à frente, na mesma coluna, temos o delineamento de um dos horizontes almejados pelos editores do jornal.

O “Getulino” intenta completar a obra de Luiz Gama, e de seus companheiros de *lucta*, porque, para bem se dizer o homem preto no Brasil, apesar de livre, ainda continua algemado ao vil preconceito, que tudo apavora e desvirtua.¹²³

Desta forma, temos que a escolha do nome do álter-ego de Luiz Gama para intitular o novo jornal, com certeza não foi apenas pelos poemas, mas sim por sua trajetória pessoal e na vida pública. Em várias edições do jornal, a biografia de Luiz Gama é retrabalhada em detalhes. Sua trajetória e o fato de ser filho da africana livre Luiza Mahin, uma das principais Fig.s da Revolta dos Malês, com um fidalgo branco de origem portuguesa, de uma rica família baiana, ganha destaque na biografia escrita por Lino Guedes :

Naquelle anno de 1830, tão cheio de doces recordações para nós, marcado de romantismo, viu a luz do dia, na *villa* de Sant’Anna, município de São Salvador, um dos mais formosos e brilhantes talentos da terra Vera Cruz. Ao raiar da aurora do venturoso dia 21 de junho na rua do Bangla, pelas 7 horas uma débil *creança*, filha natural de mãe africana e *pae portuguez*, abria os ternos olhos ao deslumbrante sol dos trópicos.¹²⁴

Na leitura reforçada pelo editor, Luiz Gama nasce livre, torna-se escravo pelas mãos do pai branco, mas reconquista a liberdade por mérito próprio após o domínio das letras. Em sua trajetória de autoemancipação e reconhecimento social, Luiz Gama é tido como um dos precursores da imprensa humorística paulistana ao fundar, em 1864, o jornal "Diabo Coxo".

Era seu *pae*, fidalgo de origem portuguesa, filho de uma das melhores famílias *bahianas*. Perdulário e libertino esbanjou a fortuna recebida de

¹²³ Mariquita. Getulino, nº 01, p. 01, col. 4, 29 jul. 1923.

¹²⁴ Lino Guedes, Getulino, nº. 50, p. 02, col. 02, 24 ago. 1924.

uma tia em 1863. Mais tarde ficando reduzido à miséria teve a fraqueza de vender como escravo o próprio filho.¹²⁵

Luiz Gama que aprendia a lavar, engomar, costurar e os *offícios* de sapateiro e copeiro, com mão tremula e vacilante pegou na pena, levado por uma curiosidade incansável e inexaurível vontade de saber. Após longos anos alcançou as escondidas sua liberdade, fugindo da casa do Alferes Cardoso. E para mais garantir a liberdade conquistada à força de sacrifícios verificou praça seis anos serviu a Pátria.¹²⁶

Autodidata, Luís Gama tornou-se advogado e iniciou suas atividades contra a escravidão, conseguindo libertar mais de 500 escravos. É dele a frase: "Perante o Direito, é justificável o crime do escravo perpetrado na pessoa do Senhor". Conhecido como o "amigo de todos", tinha em casa uma caixa com moedas que dava aos negros em dificuldades que vinham procurá-lo. Influenciou grandes Fig.s como Raul Pompéia, Alberto Torres e Américo de Campos, mas morreu em 24 de agosto de 1882, sem ver concretizada a Abolição.¹²⁷

Importante indicar que o jornal atualiza e articula, aos seus propósitos, dimensões de memória sobre Luiz Gama afirmadas no imaginário social paulista e brasileiro desde os finais do século XIX. Um fato lembrado por vários estudos sobre autor é a repercussão pública de sua morte, noticiada nos principais jornais da época. É do escritor e amigo Raul Pompéia a conhecida descrição do féretro de Luiz Gama, que transcrevemos a seguir:

A cidade estava triste. Inúmeras lojas tinham as portas fechadas, em manifestação de pesar; as bandeiras das sociedades musicais e beneficentes da capital pendiam a meio mastro. (...) **Nunca houve coisa igual em São Paulo, dizia-se pelas esquinas.** E o nome de Luiz Gama, coberto de bênçãos, corria de boca em boca. No posto de honra das alças do esquife sucedia-se toda a população de São Paulo. **Todas as classes representavam-se ali.** Reparou-se particularmente, num contraste estranho. Em caminho da Consolação viu-se **Martinho Prado Júnior, o homem que quer a introdução de escravos na província, a fazer pendant com um pobre negro esfarrapado e descalço.** (...) Eu perguntei a mim mesmo se Martinho Prado era um escravocrata sincero.

RAUL POMPÉIA

São Paulo, 3 de setembro de 1882.¹²⁸

¹²⁵ Lino Guedes, Getulino, nº. 51, p. 02, col. 5, 07 set. 1924.

¹²⁶ Ibidem. loc. cit.

¹²⁷ UOL/Pedagogia e comunicação. **Luiz Gama:** poeta, advogado, jornalista, abolicionista baiano. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u682.jhtm>>, Acesso em jun.2010.

¹²⁸ MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil** (Luiz Gama). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

As observações de Raul Pompéia nos dão a amplitude da penetração e reconhecimento social que Luiz Gama adquirira na sociedade paulista no período. Pois, como destaca, “nunca houve cousa igual em São Paulo” e “todas as classes estavam ali representadas”, indicando que a aceitação de Gama não se deu apenas entre seus irmãos de cor, mas também entre homens da sociedade branca escravocrata que o discriminavam por sua origem.

Em levantamento feito nas páginas do jornal *A Província de S. Paulo*, entre 25 de agosto e 1º de outubro de 1882, verificou-se dez matérias e homenagens por ocasião do falecimento de Gama, indicando, em certa medida, a importância que este cidadão adquiriu na sociedade paulistana do século XIX. E, em especial, para os editores do «*GETULINO*», jornal que assume como sua a continuidade das lutas pela emancipação dos negros iniciada por Luiz Gama.

A inscrição de seu nome no periódico campineiro é uma clara demonstração de que seus idealizadores tinham consciência da discriminação racial e social dos negros brasileiros, e que o fim da escravidão não garantiu a este contingente a igualdade de condições sociais. A esse respeito, eles se posicionavam da seguinte forma:

Riendo castigast mores eis a nossa divisa; rindo castigar os costumes. É, pois o nosso escopo como já ficou dito, trabalha pelo bem geral, o que faremos com o possível humor e empenhado nessas forças a favor da raça pigmentada, **que não obstante os seus esforços e o muito que tem conseguido ainda se ressentido de grandes prejuízos derivados da quadra de nefanda memória, em que esteve sujeita ao *martyrio* inenarrável da escravidão pelo simples motivo de não ser branca ou amarela.**¹²⁹

Com esta postura, eles adiantavam:

Queremos a prosperidade da raça negra, lucraremos para que a inteligência do homem de cor seja aproveitada para que o seu caráter iluminado pela fulgurante luz da instrução seja [parte faltante] e que tem tudo [parte faltante] Futuro.¹³⁰

Outro aspecto a ser considerado sobre o nome «*GETULINO*» consiste na sua identificação direta com o elemento negro. Além de remeter ao alter ego de Luiz

¹²⁹ Da redação. *Getulino*. *Getulino*, nº 1, p. 01, col. 01, 29 jul. 1923. Grifo meu.

¹³⁰ *Ibidem*. op. cit.

Gonzaga Pinto da Gama¹³¹, ou Luiz Gama, negro, poeta, advogado, jornalista e ativista pela abolição da escravatura, para satirizar a sociedade brasileira de sua época, «*GETULINO*» também se refere ao povo de Getúlia, que:

Era o antigo nome dados pelos romanos a uma região da África do Norte que corresponde hoje a áreas litorâneas da Tunísia e da Argélia situadas entre a cordilheira do Atlas e mar Mediterrâneo. Ocupa parte do que foi mais tarde chamado de Berbéria e limitava a oeste com a antiga Mauritânia e a leste com a então Numídia. Outros autores situam a Getúlia ao sul do Atlas, junto ao Deserto do Saara. A região foi habitada pelos Berberes desde tempos imemoriais. Por vezes lhe foi aplicado o nome *Vandalia* por causa dos Vândalos, tribo germânica que migrou para a região no século VI.¹³²

Desta forma, ao se identificarem como “getulinos”, também se identificavam como negros. Esta identificação parece-nos corrente na sociedade negra ou branca, ao menos campineira, como indica o artigo publicado no jornal na edição de número 12, veiculada em 13 de outubro de 1923, que reproduzimos na íntegra mais à frente. Neste artigo, assinado por um colaborador do jornal que se identifica apenas pela letra “H”, temos a descrição de uma conversa travada entre “diversos almofadinhas”, na qual a significação da palavra “getulino” é associada diretamente à cor da pele da pessoa negra. A estratégia indica que o nome escolhido para batizar o semanário possuía ligação direta com a identidade que o grupo queria estabelecer.

Pelo relato do colaborador do «*GETULINO*», podemos inferir que, mesmo que o grupo de “almofadinhas” ignorasse a origem do nome ou da existência das terras de Getúlia no continente africano, estes empregavam o termo getulino em referência à população negra de forma geral: “Que engraçado casal de getulinos”. Em contrapartida, o autor emprega a expressão “almofadinhas” em substituição a jovens brancos de classe média alta.

¹³¹ Um dos trabalhos mais conhecidos de Luiz Gama é ‘Primeiras Trovas Burlescas’ é publicado pela primeira vez em 1859 sob o pseudônimo de ‘O Getulino’. Já as Novas Trovas Burlescas 1861, é publicada utilizando-se o nome de batismo do autor.

¹³² WIKIPEDIA. Getúlia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Getúlia>. Acesso em: abr. 2011.

* * Ha certos factos que nos trazem a memoria acontecimentos que já pertencem ao rol das coisas passadas, sem que entretanto, desmintam o bolorento brocardo que diz: Agnas passadas não **mõem** moinho. Outro dia, por exemplo, achavam-se diversos **almofadinhas** palestrando numa esquina, quando passou um jovem casal de pretos. Os taes moços bonitos fizeram a **espirituosa** observação: "Que engraçado casal de getulinos!"

Nesse momento alguém que se achava por perto perguntou

com certo interesse, e com seriedade: O que quer dizer Getulino?

Os nossos **almofadinhas** embatucaram, respondendo que não sabiam a origem de semelhante nome.

A proposito d'isso lembrei-me de certa vez que um sacerdote arabe attendendo um chamado num centro telephonico, foi zombado por um empregado da empresa, que se poz entre dentes a remoer o estribilho: "Bode come carne... etc."

O sacerdote, mui calmamente, replicou com estas pa'avras: "O senhor tem razão de coçoar, eu, entretanto, estou bem com a consciencia, porque estando ha pouco tempo no Brasil consigo, mesmo errando, fallar o necessario em portuguez, enquanto o senhor nada entende de minha lingua. E, o senhor tem obrigação de saber muitas, senão todas as linguas por estar num centro onde compa-recem pessoas de todas as nacionalidades; ao menos o francez que é idioma universal o senhor devia saber.

E, o zombeteiro ficou enfiado com a judiciosa observação do padre syrio.

Lembrei-me, pois, do caso a proposito dos **almofadinhas**; não sabiam o que vem a ser **Getulino**, portanto ignoravam; e quem ignora é ignorante... Confere, e o que vale é que **gracinhas** de ignorante não attingem sinão seus proprios autores, que a viva força querem fazer espirito, e o fazem, mas... esgafado.

H.

Fig. 11- detalhe da coluna publicada no *Getulino*, n° 12, pág. 3, col. 3, 13 out. 1923.

Assim, ao se apresentar como getulinos, os financiadores do jornal se identificavam como negros diretamente, demarcando mais uma vez seu local de fala. Ou seja, se expressavam a partir do ponto de vista do negro, pois assim se identificavam e queriam ser vistos e entendidos.

ANÁLISE DO SUBTÍTULO

Os subtítulos nos jornais exercem uma função delimitadora de sua abrangência ou do ponto focal de suas intenções; indicam, para além dos direcionamentos já inscritos no Título/Nome, um ponto de atuação focado em um assunto/tema ou ponto de fala. A pesquisadora no campo das ciências da linguagem Eni Orlandi nos alerta que: “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.¹³³

Da mesma forma, os subtítulos dialogam com os títulos, delineando uma relação com seu público em potencial, restringindo e apontando para um lugar de projeção de sua intencionalidade. Criam-se, assim, condições para o estabelecimento de memórias que se relacionam com outras memórias já existentes. Abrem-se possibilidades de construções históricas mais amplas e, ao mesmo tempo, circunscritas a um determinado grupo social. Entretanto, em alguns casos, os periódicos adotam nomes que pouco delimitam ou indicam seu ponto de fala ou atuação.

Como exemplo, temos “O Alfinete” [1918 a 1921]¹³⁴, que pouco indica sua origem, para quem fala ou quais são suas bandeiras. Mas, ao vermos o seu subtítulo -*Órgão literário, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor*- temos a noção de sua forma de atuação e abrangência.

Assim, ao se posicionar como *Órgão literário, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor*, os editores de *O Alfinete* apresentam seu escopo, posicionando-se como um veículo literário, ao mesmo tempo crítico e recreativo, que, aliado às prerrogativas do nome, remete-se a uma “pequena haste de metal com uma ponta afiada e na outra uma cabeça”¹³⁵. Subentende-se, a partir daí, que suas críticas serão no sentido de cutucar a sociedade. Finalizando, o

¹³³ ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 4ª ed., 2002. p. 15.

¹³⁴ O Alfinete. localização: Coleção José Correia Leite.

¹³⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. revisada e ampliada. 11ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

subtítulo, tanto do «*GETULINO*» quanto de “O Alfinete” circunscrevem para quem falam: dedicado aos “homens de cor”, desta forma completando o sentido do próprio nome.

A expressão “homens de cor” e sua variante “homens pretos” são largamente empregadas pelos jornais negros do período, inclusive o «*GETULINO*», que tem o seu subtítulo assim grafado: *Orgam para a defesa dos interesses dos homens pretos*. Esta forma de se expressar quanto à sua cor/etnia/descendência parece-nos, sob o olhar da atualidade, pouco engajada com a causa negra como a vemos hoje. Entretanto, devemos perceber que a memória impressa na expressão “negro”, à época, estava fortemente associada ao cativo, às humilhações e principalmente ao fato de não ser visto como brasileiro.

Ana Flávia Magalhães Pinto comenta que:

Como observa Mary Karasch, sobre o Rio de Janeiro do início do século XIX, a primeira divisão feita entre os escravizados era em relação ao lugar do nascimento, África ou Brasil. Quanto aos africanos, cabia classificá-los por local de origem, “uma vez que, da perspectiva dos senhores, todos os escravos africanos eram ‘negros’”. Por sua vez, os brasileiros eram subdivididos por cor.¹³⁶

A percepção da linha de cor na sociedade brasileira é patente nas páginas do «*GETULINO*». Em artigo assinado, já no primeiro número, Mariquita assim se posiciona:

Este jornal pretende nivelar a situação dos brasileiros pretos à dos brancos. (...) O «Getulino» intenta completar a obra de Luiz Gama, e de seus companheiros de *lucta*, porque, para bem se dizer o homem preto no Brasil, apesar de livre, ainda continua algemado ao vil preconceito, que tudo apavora e desvirtua.¹³⁷

No artigo intitulado *Ascensão dos mulatos*, publicado no alto da primeira coluna da página três da edição de número 12, podemos perceber a memória construída em torno do termo negro pelo poder dominante do período.

Governando o Rio de Janeiro o fidalgo português Ayres Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos Noronha, publicou em data de 7 de junho

¹³⁶PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010. p. 30.

¹³⁷ Mariquita. *Getulino*, nº 1, p. 01, col. o5, 29 jul. 1923.

de 1724, um «bando» em o qual declarava: “Todo negro ou <mulato> que se achar jogando, «qualquer jogo» será açoitado.”¹³⁸

Mais à frente, no mesmo artigo, apesar de estar destacando a questão do mulato, é possível perceber que segundo Evaristo de Moraes, autor do artigo, o negro e o mulato estavam no mesmo patamar para a coroa portuguesa. Mesmo o negro livre era submetido às mesmas regras que os escravos, nivelando a condição do negro no Brasil a uma só: a de serviçal e inferior. E esta diferenciação, para os colonizadores, deveria ser explicitada também na forma de se vestir.

E quando, a 29 de maio de 1749, decretou o frascário D. João V a sua famosíssima “Pragmática sobre o Luxo” não se esqueceu de ‘distinguir’ os mulatos com este capítulo: Por ser informado dos grandes inconvenientes, que resultam nas conquistas da liberdade de trajarem os negros e os ‘mulatos’, filhos de negros, ou mulato, ou de may negra, da mesma sorte que as pessoas brancas, prohibo os sobreditos, ou sejam de hum ou de outro sexo, “ainda que se acham forros, ou nasceram livres, o uso não só de toda sorte de seda, mas também de tecidos de lã fina, de olandas.”¹³⁹

O excerto acima reforça a separação entre brancos livres e negros, mesmo que estes últimos também gozem da liberdade formal conquistada através da alforria ou pelo nascimento. Ser livre não era o único quesito para “bem trajar-se” na sociedade brasileira da época; era necessário disciplinar os “excessos” de forma a garantir o “direito” e a primazia dos brancos sobre os demais habitantes da colônia ultramarina de Portugal.

O termo raça negra também é empregado no «*GETULINO*», não por seus editores de forma rotineira, mas por seus colaboradores Evaristo de Moraes e Lacerda Werneck, este último identificado como sendo o único colaborador branco do jornal.

De forma mais constante, os redatores da folha dominical empregam com frequência o termo “classe dos homens de cor” e “pretos” como forma de referenciarem-se à comunidade negra ou aos negros de forma geral,

¹³⁸Evaristo de Moraes. Ascensão dos mulatos. *Getulino*, nº 12, p. 03, col. 01, 13 out. 1923.

¹³⁹*Ibidem*, op. cit.

denunciando inclusive a postura dos jornais da época, que empregavam o termo nacional em substituição ao “preto”. A este respeito, eles escreveram:

Não seria mais bonito, para não dar ideia de que predomina ainda alguma coisa do triste período porque passou o nosso País, que foi a escravidão, que se substituísse a palavra nacional por preto? (...) Nacional – *Sinonymo* de preto ou mulato na cachola de certos noticiaristas.¹⁴⁰

Interessante salientar como o referido artigo indica o uso do termo “nacional” denotando o preconceito e a desvalorização do negro e do próprio povo brasileiro como um todo. Em outro momento, sob o mesmo título *Dicionário do Getulino*, os redatores do periódico reafirmam a posição sobre os termos negro e preto: “Negro – Homem que não é branco por ter nascido preto”.¹⁴¹

Ao denunciar e reivindicar a adoção do termo “preto” em substituição ao termo “nacional”, tanto nas páginas dos jornais como nos documentos oficiais, os editores do «GETULINO» almejam o reconhecimento de que o negro no Brasil existe. Ao que se pode perceber, para o grupo que estava à frente do periódico, o termo “preto” se relaciona mais com o ideal de nacionalidade, de ser brasileiro e não estrangeiro em sua própria terra. Ou seja, eles têm consciência de que, somente ao alcançar a visibilidade é que terão instrumentos para se posicionar enquanto segmento social.

O não reconhecimento, pela sociedade, da existência de “brasileiros pretos” pode levar à imobilidade social, tendo em vista que para se conquistar um objetivo é necessário antes estabelecê-lo de forma clara e objetiva, para que então se criem lugares de fala, pontos de reconhecimento de si e do outro.

Sem o estabelecimento ou o reconhecimento das diferenças, não é possível combatê-las. A estratégia do não reconhecimento oficial da diferença pelo Estado e pela sociedade, de forma explícita, impõe ao outro uma imobilidade reivindicatória e discursiva.

¹⁴⁰Larousse. *Getulino*, nº 01, p. 03, col. 05, 29 jul. 1923.

¹⁴¹Id., nº 07, p. 02, col. 2, 09 set. 1923.

Essa tomada de posição dificulta e até mesmo anula a aquisição de consciência sobre a própria condição de discriminado, como podemos notar no texto de B.H. Ferreira, que reproduzimos novamente:

Há uma aspiração que é inata no ser humano: a liberdade. Para ser livre o homem expõe seu peito a bala; as nações se digladiam, as mães não hesitam em sacrificar seus filhos, porque todos preferem a morte á submissão. (...) Por bem *compreender*quão preciosa é a liberdade foi que os homens, á medida que á civilização se robustecia foram derrotando as *monarchias* e estabelecendo governos democráticos do povo para o povo, *systemas* em que o homem é governado sem prejuízo de sua independência, que de resto é condição essencial para a perfeita integridade do seu *character*. E o grande prejuízo do homem preto não foi somente o indizível *martyrio* que sofreu, tem ainda a persegui-lo o preconceito tolo e vaidoso de alguns e a humildade *sernil* hereditária, que a muitos pretos procura convencer de uma inferioridade racial que em absoluto não existe. Em todo caso, antes tarde que nunca. *Luctar, luctar* sempre pela completa reabilitação da raça, deve ser o lema, não só do homem negro como dos que verdadeiramente aspiram par ao *bello* Brasil um *regimen* verdadeiramente democrático.¹⁴²

Lutar contra o racismo e contra a “humildade sernil” implica no reconhecimento de si, em sua totalidade, de seu lugar de fala na sociedade. E este ponto de fala do «*GETULINO*» fica patente na conjunção do seu título e subtítulo.

Permitimo-nos aqui uma digressão para enfatizar a importância da relação entre o título e o subtítulo , no processo de análise do posicionamento e linha editorial adotados por diferentes periódicos. Para tanto, trazemos à análise alguns casos em que o nome do jornal e seu subtítulo não fazem referência direta ao público ao qual se dirigem. Devemos salientar que os exemplos debatidos à frente são de jornais negros.

Os jornais “O Estímulo” - *Semanário independente literário e noticioso* e *Alvorada* - *Periódico literário, noticioso e crítico*, de modo geral, não indicam de forma clara para qual público se dirigem.

¹⁴² B.H. Ferreira. Tio Chiquinho. *Getulino*, nº 22, p. 01, col. 02, 23 dez. 1923. Grifos meus.

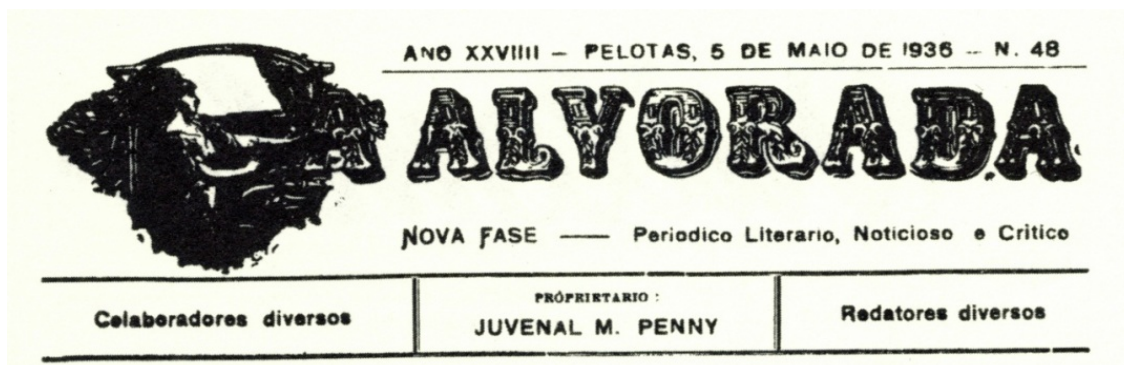


Fig. 12 – cabeçalho do jornal *Alvorada*

Em que pese o título “A Alvorada” ser relacionado à ideia de liberdade, ou seja, ao surgimento de um novo dia, não é direta a associação desta inscrição à comunidade negra. A alvorada surge para todos, independentemente da raça, e é também termo bastante utilizado nos meios militares para se designar o início de um novo expediente.



Fig. 13 – cabeçalho do jornal *O Estímulo*

A mesma reflexão feita sobre o jornal *Alvorada* pode ser feita ao título de *O Estímulo*, pois o termo é bastante genérico, podendo ser aplicado no sentido de estímulo à leitura, tendo em vista que seu subtítulo anuncia que o veículo é *literário e noticioso* sem, contudo, indicar sobre qual literatura versará ou sobre quem ou o que serão suas notícias. Outros periódicos adotam o nome da agremiação que lhes dá suporte, como nos exemplos a seguir:

ASSIGNATURAS Anno ... 5\$000 Semestre 3\$000 N. avulso . \$200	O KOSMOS	REDAÇÃO A CAR- GO DA DIRECTO- RIA DO GREMIO :
--	-------------------	--

ORGAM OFFICIAL DO GREMIO DRAMATICO E RECREATIVO "KOSMOS"

ANNO III	S. PAULO, 22 DE JUNHO DE 1924	NUM. 25
-----------------	--------------------------------------	----------------

O PATROCINIO

ORGAM LITERARIO, CRITICO E HUMORISTICO

Propriedade: SOCIEDADE ANONYMA Redactor principal: ALBERTO DE ALMEIDA Redacção: RUA DO ROZARIO N. 134
Assignatura : Anno 5\$000 Numero avulso : \$200

Numero 31	Piracicaba, 7 de Setembro de 1928	Anno 2
------------------	--	---------------

Semanário independente Publicação aos Domingos	AURIVERDE	Livro Humorístico Noticioso
DIRECTOR PROPRIETARIO João Augusto de Campos		REDACTOR RESPONSÁVEL Dr. celestino Nascimento
ANNO I	São Paulo 13 de Maio de 1928	N. 6

Fig. 14– Jornal *O Kosmos*– Órgão oficial do Grêmio Dramático e Recreativo “Kosmos”.¹⁴³ ; *O Patrocínio* – Órgão literário, crítico e humorístico ¹⁴⁴ e *Auriverde* – Literário, humorístico, noticioso-semanário independente. ¹⁴⁵

No caso do jornal *Kosmos*, além de adotar o nome da agremiação na qual se originou, a publicação reforça esta dependência ou correlação no seu subtítulo, impedindo qualquer outra conotação para seu título. O mesmo

¹⁴³ Jornal *Kosmos* – 1922 a 1925, local de publicação São Paulo-SP.

¹⁴⁴ Jornal *O Patrocínio* – 1928 a 1930, local de publicação Piracicaba – SP.

¹⁴⁵ Jornal *Auriverde* – 1928, local de publicação São Paulo-SP.

princípio é adotado pelo jornal *Elite*¹⁴⁶, que se coloca como *Órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário "Elite da Liberdade"*.



Fig. 15- cabeçalho do Jornal Elite de 1924.

Nos casos em que não há referência direta à agremiação a que o jornal está vinculado, e não temos a publicação em mãos para vasculhar o seu expediente ou mesmo a linha editorial, podemos nos valer de outras publicações para determinar a sua vinculação.

C.R. Litterario Auri-verde - Festejando o terceiro aniversário de sua fundação, que transcorreu *hótem*, em 29 de Dezembro ultimo, aquelle centro, promoveu em São Paulo, um grande festival dramático dançante, para o qual fomos distinguidos com atencioso convite. (...) entre as muitas homenagens feitas o «Auri-Verde» prestou uma á nossa redacção, o qual muito nos penhorou.¹⁴⁷

Tivemos o prazer de receber em nossa redacção, segunda feira ultima, a visita do Sr. Paulo Estevam do Santos, digno presidente da **G.R.D.F. José do Patrocínio**. Srs. Que é um dos mais esforçados em prol da classe, manteve *comnosco* agradável conversação. Agradecemos a gentileza da visita.¹⁴⁸

Os editores do «*GETULINO*» também fazem menção ao jornal “Elite” em suas páginas, como demonstra o trecho a seguir:

Temos em mãos o 1º e o 2º números do «Elite», bem feito jornal que sob a competente chefia do sr. Frederico Baptista de Souza e secretariado pelo sr. Abílio Rodrigues, se edita na capital do Estado. Do «Elite» que é orgam official do Grêmio Dramático, R. Literário «Elite da Liberdade»

¹⁴⁶ Jornal Elite, 1924 Local de publicação: São Paulo-SP.

¹⁴⁷ Da redacção. Movimento associativo. Getulino, nº 23, p. 03, col. 01, 06 jan. 1924.

¹⁴⁸ Da redacção. Vida social. Getulino, nº 07, p. 2, col. 03, 09 set. 1923.

extrahimos com a devida vênia o artigo Echos do projeto F. Reis do nosso apreciado colaborador Theophilo de Camargo¹⁴⁹.

A dupla identificação constante no título e subtítulo permite ao leitor uma maior clareza na linha de ação adotada pelo periódico, que o distingue e o habilita a “falar” para determinado público. Podemos perceber a importância desta estrutura para os editores do «*GETULINO*» quando eles apresentam seus leitores institucionais:

É da **Gazeta de Campinas**, bem feito orgam official do Partido Republicano, dirigido pelo sr. Galdino de Moraes Alves, a noticia que se segue (...) ¹⁵⁰

A Princesa do Norte - Ornamenta a nossa mesa de trabalhos o 33 numero d'Aprincesa do Norte, orgam critico, noticioso e literário, que sob a direcção dos srs. Antônio Pereira da Silva e Sebastião Correa, é Publicado mensalmente em S. Paulo. ¹⁵¹

A Tribuna, orgam do Partido Republicano de Mogy-Mirim referindo se a nós assim se pronunciou: O Getulino (...) ¹⁵²

Neste sentido, ao se identificar como *Orgam para defesa dos interesses dos homens pretos*, o «*GETULINO*» aplica esta lógica e indica seu lugar de enunciador: um veículo de combate a serviço de todos os homens pretos do país. Distancia-se, assim, dos demais veículos que, ao se identificarem com uma determinada agremiação, afastam-se de todas as outras. Apesar do «*GETULINO*» ter suas origens ligadas ao Grêmio Dramático “Luiz Gama”, o jornal não se refere diretamente a este, nem no título, subtítulo ou nas páginas internas. As referências encontradas são dispersas e indicativas à atuação dos seus editores ou aos eventos promovidos por este grupo.

O Grupo Dramático Luiz Gama, esse applaudido conjunto, que optimos espetáculos tem proporcionado ao nosso publico e elevado muito o nome artístico de Campinas, nas principaes cidades do nosso Estado; festeja hoje 6º aniversario de sua fundação. ¹⁵³

¹⁴⁹ Da redação. Vida social. Getulino, nº 27, p. 02, col. 06, 27 jan. 1924.

¹⁵⁰ Da redação. Vida social. Getulino, nº 3, p. 01, col. 05, 12 ago. 1923.

¹⁵¹ Da redação. Vida social. Getulino, nº 27, p. 02, col. 05, 27 jan. 1924.

¹⁵² Da redação. Vida social. Getulino, nº 7, p. 02, col. 01, 09 set. 1923.

¹⁵³ Da redação. Vida social. Getulino, nº 56, p. 03, col. 02, 27 jan. 1924.

Como temos por vezes noticiado, realizar-se-á no dia 20 do próximo mês no Cassino, o festival em homenagem ao «GETULINO», no qual tomará parte saliente o G. Dramático 'Luiz Gama'.¹⁵⁴

No tocante aos seus editores, temos as seguintes referências:

Movimento associativo – G. Dramático Luiz Gama-
Transcorreu hontem o 6º anniversario da fundação daquela sympathica aggremação dramática. (...) Presidente, Martinho J. de Andrade; vice presidente Alcino de Moraes; secretários Antenor Soares de Queiroz Prado e Gervasio de Moraes; tesoureiro, Carlos Pinto de Carvalho; procurador, Ozorio de Castro; contrarregra, Francisco de Moraes e fiscais, Francisco Mariano e Christiano J. Andrade.¹⁵⁵

Lino Guedes (...) É fundador e sócio benemérito do G. Dramático Luiz Gama, sócio honorário do S. D. «Belo Horizonte», e membro da Associação Brasileira de Imprensa.¹⁵⁶

Cinco edições antes, por ocasião do aniversário de Martinho Andrade, temos a publicação de uma breve biografia, na qual se expõe sua atuação frente ao Grêmio Dramático “Luiz Gama” e ao «GETULINO»:

O G. Dramático “Luiz Gama” essa aggremação que muito tem elevado Campinas nas cidades do Estado nosso, onde com sucessos o tem exhibido, desde sua fundação, deve-lhe o apogeu a que atingiu, (...) Vendo que muito moroso é aquele meio de educação, com amigos dedicados fundou o «GETULINO». ¹⁵⁷

Por estas referências, podemos situar os dois atores como fundadores tanto do Grêmio Dramático “Luiz Gama” como idealizadores do jornal «GETULINO». Entretanto, ao que tudo indica, a separação entre o Grupo Dramático e o «GETULINO» ocorreu muito mais pelo posicionamento ideológico do jornal.

A folha dominical se colocava como combativa desde o primeiro momento, afastando-se das questões literárias e dramáticas, que estariam mais ligadas ao grupo de origem, permitindo assim a coexistência das duas frentes de educação de forma autônoma. A não vinculação direta do periódico ao Grupo Dramático “Luiz Gama” permitiu que o jornal fosse levado na bagagem do

¹⁵⁴ Da redação. Movimento associativo. Getulino, nº 63, p. 03, col. 05, 30 nov. 1924.

¹⁵⁵ Da redação. Movimento associativo. Getulino, nº 12, p. 02, col. 4, 13 out. 1923.

¹⁵⁶ Da redação. Movimento associativo. Getulino, nº 45, p. 02, col. 05, 22 jun. 1924.

¹⁵⁷ Da redação. Texto legenda. Getulino, nº 40, p. 01, col. 02, 01 maio 1924.

segundo sem causar-lhe constrangimento devido às opiniões que sustentava, além de facilitar a negociação das apresentações por toda a região. A manutenção de identidades separadas, para cada atividade, permitiu que uma existisse sem a outra, ou seja, caso o Grupo Dramático “Luiz Gama” viesse a extinguir-se, o jornal estaria preservado.

Um diferencial do «*GETULINO*» para com outros jornais da época era o fato de ter oficinas próprias em sua primeira fase.

Temos sobre a mesa o nº 1 do Getulino, novo semanário que acaba de aparecer nesta cidade e dedicado á defesa dos homens de cor. É composto em officinas próprias, onde em breve será também impresso, trás na sua 1ª página um bom retrato do grande Luiz Gama, (Getulino), notável jornalista, advogado, e polemista de pulso, que tanto honrou a raça negra no Brasil.¹⁵⁸

Já no expediente da segunda fase do jornal, sem a participação dos irmãos Andrade, o «*GETULINO*» não indica a existência de uma empresa jornalística e nem de oficina própria a dar suporte à publicação.

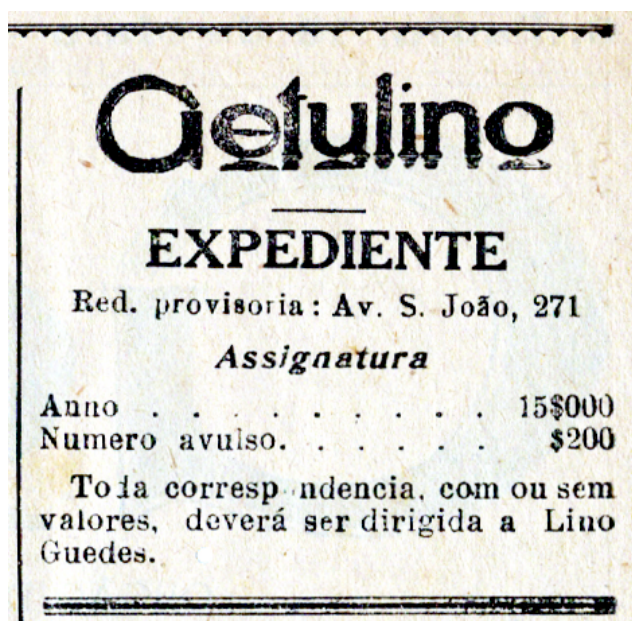


Fig. 16 – Expediente do Jornal Getulino da Segunda fase. Veja que não é indicada a periodicidade e o endereço, é provisório na iniciativa de Lino Guedes sem a participação dos Irmãos Andrade.

¹⁵⁸ Da Redação. O nosso aparecimento. Getulino, nº 02, p. 01, col. 1, 05 ago. 1923. Grifo meu.

Outro ponto a favor desta separação está na não interferência da diretoria do Grupo Dramático nas decisões do jornal, permanecendo assim as decisões apenas nas mãos dos irmãos Andrade e de seus colaboradores diretos. Por esta estratégia, os irmãos Andrade mantiveram a empresa jornalística «*GETULINO*» em suas mãos, controle esse assumido de forma integral a partir da edição de número 14, de 28 de outubro de 1923.

Sob o título *Tribuna Livre*, assim se anunciou a dissolução da parceria:

Os irmãos Andrade, proprietários da Empresa “Getulino” pela presente declaram que pagaram ao sr. Alcino de Moraes, a quantia de 500\$000, correspondente ao capital que este sr. dispendeu na empresa, tendo o mesmo sr. Alcino de Moraes desistido de receber 447\$000 de lucro a que tinha direito pelos rendimentos verificados até esta data. A empresa continua assim na mais franca prosperidade e harmonia, tendo sido tudo liquidado amigavelmente.

Campinas, 25 de outubro de 1923.

Irmãos Andrade¹⁵⁹

A parceria dos irmãos Andrade com Alcino de Moraes durou exatos três meses. Após esta data, não encontramos outras referências ao sr. Alcino de Moraes nas páginas do «*GETULINO*». Entretanto, a parceria entre Lino Guedes e Gervasio de Moraes persistiu mesmo após a saída dos irmãos Andrade, em 1º de fevereiro de 1925, quando se encerrou a primeira fase do jornal.



Fig. 17 – cabeçalho do *Getulino*, segunda fase 13 maio 1926.

Na segunda fase, temos a inclusão de Agnello Rodrigues como redator-chefe e a alteração do subtítulo para *Órgão da Defesa dos Homens Pretos do*

¹⁵⁹ Da Redação. *Tribuna livre. Getulino*, nº 14, p. 03, col. 02, 28 out. 1923.

Brasil. A rigor, esta abrangência nunca foi conseguida em sua plenitude, pois este foi o único número desta nova fase, na cidade de São Paulo.

A modificação do subtítulo somente cumpriu o papel de anunciar a nova abrangência do jornal, uma vez que a mudança do nome não se deu [reprodução à frente]. A imagem de fundo desapareceu, indicando que esta estava relacionada à cidade de Campinas, tendo em vista que o jornal passava a ser editado na cidade de São Paulo, mas sem endereço fixo. Outro ponto a se observar na análise dos títulos e subtítulos consiste na verificação de sua correspondência com o material publicado no interior dos jornais. Em alguns casos, pode não existir de forma direta a referência ao local de pretensa fala; em outros momentos, o local ou grupo aludido no título e subtítulo são apagados da cena descrita.

“UM JORNAL BEM FEITO”

Bravos!

É, realmente, um perfeito periódico. Sendo, de há muito annos, a minha maior aspiração ver, apalpar e deliciar-me na leitura de um jornal dirigido, escrito e mantido por homens pretos, não poderão medir V.v. s.s. o meu entusiasmo ao ter em minhas mãos o «Getulino» fadado como está a levar avante a nobre ideia de defender os interesses dos homens de cor.¹⁶⁰

Circulou sábado último, o primeiro número do bem feito semanário «GETULINO», órgão fundado para a defesa dos interesses da classe dos homens de cor”.¹⁶¹

Nos números subsequentes ao seu lançamento, os editores publicaram as cartas de agradecimento e de elogios ao jornal, nas quais observamos a expressão “bem feito” ser utilizada pelo semanário *O Ferrão*¹⁶², no mesmo sentido que o empregado pelo jornal *A Plateia*:

¹⁶⁰ Theophilo F. Camargo. Carta Aberta. Getulino, nº 23, p. 01, col. 03, 30 dez. 1923.

¹⁶¹ Da redação. Avançando. Getulino, nº 02, p. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

¹⁶² O Ferrão circulou em Campinas de 30/12/1917 a 1932

Recebemos a visita do bem feito semanário “O Getulino” orgam para a defesa dos interesses dos homens pretos. O presente número está magnífico, sendo seus redatores os distintos moços Lino Guedes e Gervasio de Moraes.¹⁶³

Mas, o que seria “bem feito” para os padrões da época? Para entender a expressão, buscamos nos periódicos que abarcam o período de estudo, estendido por ainda uma década, os elementos de composição, diagramação e editorial adotados pelos jornais diários, com os quais podemos observar que o «*GETULINO*» segue o mesmo padrão editorial no tocante à disposição dos elementos gráficos estabelecida no período.

Ao observarmos a disposição das colunas, do nome e do cabeçalho¹⁶⁴ dos jornais do período, verificamos que o «*GETULINO*» segue as mesmas referências adotadas pelos demais periódicos, afastando-se de jornais literários como o “Monóculo”, de 1915, o que se observará na reprodução mais à frente.

O «*GETULINO*» era diagramado em 5 colunas, separadas por fios, tendo o formato fechado [tamanho de uma página incluindo as bordas brancas] de 31,5x47cm, com área de mancha de 28x41,5cm, correspondendo ao formato germânico atual, que possui as medidas 31,5x47cm [fechado]¹⁶⁵. Esta adequação aos padrões da época também pode ser explicada pela formação do principal redator do «*GETULINO*», Lino Guedes. Antes de fundar o semanário, Guedes trabalhou no “Diário do Povo” como revisor e repórter, sendo posteriormente chefe de revisão do “Diário de S. Paulo”.

A distribuição gráfica das secções no jornal seguia um planejamento gráfico mínimo, impondo uma separação visual entre a parte editorial e a comercial. Os anúncios eram alocados preferencialmente na página 3, ocupando inicialmente 75% do espaço e, posteriormente, com a diminuição dos anunciantes,

¹⁶³ Da redação. Prosseguindo. Getulino, nº 03, pag. 02, col. 01, 12 ago. 1923.

¹⁶⁴ Cabeçalho – Informações gerais e obrigatórias sobre a publicação. Inclui número da página, título e data da publicação.

¹⁶⁵ Este formato é menor que o formato standard 32x56cm que resulta em 64x112 cm quando aberto. Também permite o melhor aproveitamento do formato padrão ISO “BB” que é de 66x96 cm, tendo pouco descarte de papel no processo. Comparativamente, o jornal Diário do Povo de Campinas, circulava com o formato de 43x60cm¹⁶⁵, o Estado de S. Paulo com 32x46cm em 28 de setembro de 1939 e o Correio Paulistano com 49x66,5cm em 11 de setembro de 1922.

deslocando-se para a metade inferior da última página, que antes era ocupada por anúncio de página inteira da Casa di Lácio.



Fig. 18 – capa do Jornal O Monóculo de 1915

Até a edição de número 37, de 6 de abril de 1924, não há a inserção de propaganda na primeira página. Após esta edição, a parte inferior da página, ocupando as seis colunas, passa a exibir o anúncio do Bar e Confeitaria Selecta, sendo substituído na edição de número 42 pela publicidade do fortificante Kolatol e do remédio para tosse e constipação Codeinol.

The image shows a page from the newspaper 'O Getulino'. The top half contains a political article with columns of text. The bottom half features two advertisements: 'KOLATOL' on the left and 'CODEINOL' on the right. To the right of the 'CODEINOL' advertisement, there is a handwritten note in ink.

Article Text (Left Column):

commentários da grande imprensa, recebeu a consagração das revistas do Rio e terminou figurando no "film" nacional do Centenário!

Após estes triunfos inesperados e interessantes polémicas, críticas e estudos, todos reveladores de muito senso e nítidos conhecimentos, a nossa acção nas colunas deste jornal estendeu-se fenomenalmente.

De quasi todos os pontos do Brasil, recebíamos

Article Text (Middle Column):

Atem disso, quiz o Destino lá nos escaninhos do seu capricho; que surgisse daqui mesmo deste baluarte do escravogismo ferrenho e martyrisante, a primeira fagulha da nossa resurreição racial!

E de facto surgimos. Agora, porém, precisamos obedecer cegamente as leis profundas desse mesmo Destino: vamos deixar Campinas e o «Getulino» mudarse para São Paulo

Não so elle, mas, todo esse gremio de audazes

Article Text (Right Column):

de Campinas irão para ali, tomar parte na grande campanha emancipadora da nossa heroica raça.

Portanto, essa mudança é apenas um passo mais para historia da nossa existencia de povo livre, em pleno uso e gozo dos nossos direitos politico-sociaes.

O negro brasileiro não pode ficar satisfeito tão somente com a sua liberdade physica elle almeja e com toda justiça, a egualdade de condições perante as leis e perante a sociedade.

E, essa conquista so po-

Article Text (Far Right Column):

linguas mortas: nada dizem... talvez porque não os entendemos. — Puderam... são linguas mortas... e nos ainda somos vivos!

Um dia, não sei quando contaram-me a lenda do beijo, e como não ha contestação possivel, adoptei-a como veridica.

O beijo, symbolo do amor, nasceu no paraizo dos nossos primeiros paes. Foi antecessor do peccado.

No jardim sempre florido de Adão existiam muitas flores, e entre as flores, muitas rosas... lindas

Advertisements:

KOLATOL
O mais poderoso de todos os FORTIFICANTES. Empregado nos casos de Insomnia. Debilidade nervosa e Anemia — Poderoso gerador de forças
Aprovado pelo D. N. S. P. em 1-5-924, sob o N.º 2531

CODEINOL
Cura qualquer TOSSE e CONSTIPAÇÃO 24 horas. — Usado com vantagens nas Bronchites chronicas e agudas. Rouquidão e asma. — Especifico da Coqueluche
Aprovado pelo D. N. S. P. em 1-5-924, sob o N.º 2530

Handwritten Note (Right):

Que sua chaga que arde e que aquece a alma
Se separar, afinal,
Como o Bem que heis e indifferente, pass
Estando uivado, o Mal...

.....

Amor da Rua, oh, meu amor querido!
Que este qito que me dá alma sobra
Este tudo que saí, eu sei, eu sei...

— Revolta! Revolta!...

1924

Luiz de Oliveira

Bottom Text:

A venda nas boas pharmacias Depositarios no Rio de Janeiro ARAUJO FREITAS & C

Fig. 19— publicidade na capa do jornal o Getulino

A partir da edição de número 60, passa a Fig.r também na capa, entre um artigo e outro, o anúncio de uma coluna por um centímetro e meio de altura de Arthur Guilherme - leiloeiro oficial.

O editorial recebia tratamento gráfico diferenciado. O corpo da fonte era reduzido em um ponto e as margens infracoluna recuadas nas laterais, facilitando a identificação do mesmo, pois este não possuía qualquer outra indicação de autoria ou mesmo lugar fixo na publicação [reprodução à frente].

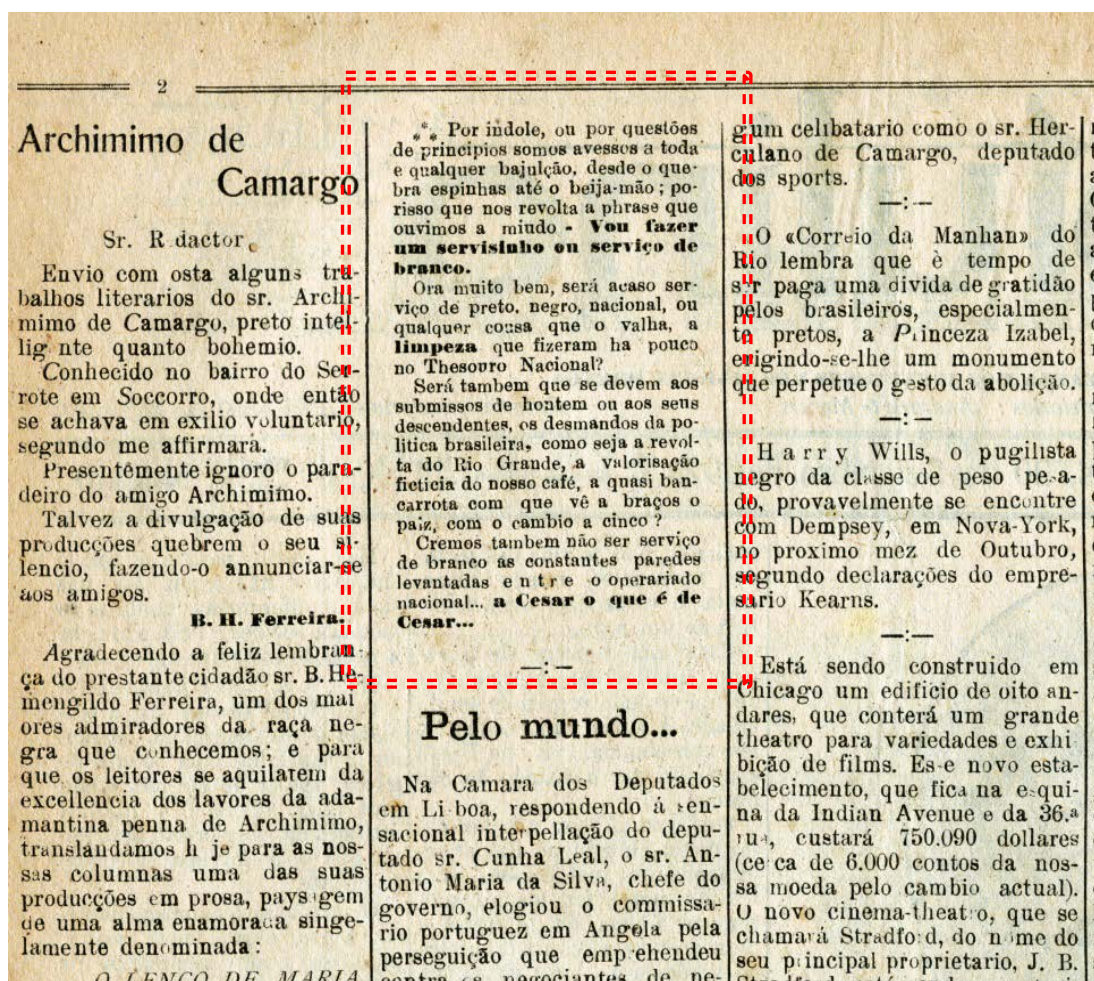


Fig. 20- em destaque editorial do Getulino

O único espaço fixo, com tamanho padronizado a partir da edição de número 2, tendo perdurado até a edição de número 54, embora com algumas interrupções, foi o folhetim *Scenas do captiveiro - A boa Severina*, de José de Nazareth. Era este o pseudônimo com que Lacerda Werneck se apresentava aos seus leitores.

As demais secções *Vida social*, *Vida esportiva*, *Tribuna livre* e *Movimento associativo* seguiam o mesmo princípio do editorial: não possuíam coluna ou página fixa. A única diferença para o editorial é que estas secções não figuram na capa de edição alguma. O *Expediente* era publicado preferencialmente na terceira página; com raras exceções, figurou na segunda ou na quarta páginas. Esta última configuração foi adotada nas edições finais do «GETULINO», quando da retirada do principal patrocinador da folha, a Casa di Lásccio.

Os textos enviados pelos colaboradores eram obrigatoriamente assinados. Entretanto, as notícias a respeito das iniciativas daquele periódico não o eram. Os poemas e sonetos recebiam tratamento diferenciado, com sua publicação em duas ou três colunas e emprego de fonte diferenciada. Normalmente, eram grafados em itálico ou, quando não, com a inclusão de vinhetas e outros elementos decorativos.

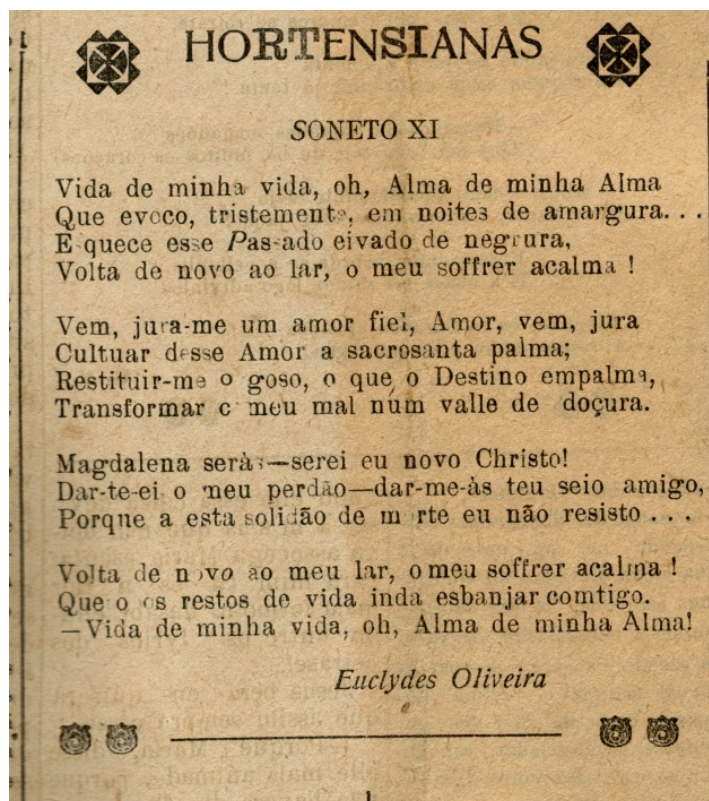


Fig. 21 – exemplo da forma de diagramação dos poemas e sonetos adotado pelo Getulino.

Esta forma de diagramação facilitou a aceitação do jornal por parte da comunidade em geral, pois seguia a padronização das publicações de referência da época, como o “Diário do Povo”, de Campinas, ou mesmo o “Estado de S. Paulo”, com sede na capital do Estado. Esta assertiva pode ser observada nas cartas de felicitação recebidas pelo semanário campineiro:

O diário do sr. Octaviano Costa – «O TRABALHO», que há 17 *annos* orna a imprensa de Espirito Santo do Pinhal se exprimiu da forma que se segue: “Getulino” – *Redactoriado* pelos srs. Linho Guedes e Gervasio de Moraes, **acaba de apparecer em Campinas um bem feito** jornal consagrado a defesa da classe dos homens de cor. O numero 2, que

temos sobre a mesa, estampa o retrato do grande e inolvidável brasileiro Ruy Barbosa, **e insere excelente artigos e bem cuidado noticiário.** Ao “Getulino” agradecemos a visita, augurando-lhe farta messe de *triumphos* na senda do jornalismo.¹⁶⁶

A TRIBUNA, *orgam* do Partido Republicano de Mogy-Mirim referindo se a nós assim se pronunciou: O Getulino – Ornamenta a nossa modesta mesa de trabalho, o bem feito *collega* o <Getulino>, *orgam* fundado para a defesa dos interesses dos homens de cor, e, que se publica na prospera e culta cidade de Campinas sob a *redacção* dos srs. Lino Guedes, *redactor* chefe e Gervasio de Moraes, *redactor* secretário. **O novo collega, além de ser optimamente confeccionado e superiormente redigido, traz primorosas colaborações, copioso noticiário e bem organizada secção de anúncios.**¹⁶⁷

Estas escolhas editoriais e gráficas permitiram a inserção do «*GETULINO*» no discurso corrente do jornalismo da época, o que limitou as possibilidades de censura pela ausência de leitores, pois a qualidade gráfica e editorial se comparavam aos demais jornais editados no período. Ao se inserir no discurso do “bem feito”¹⁶⁸, ou seja, do “verdadeiro”, os editores e financiadores do «*GETULINO*» forçam os seus possíveis detratores a assumirem outros argumentos para rejeitá-lo. O argumento da incapacidade linguística, relativo à manifestação o pensamento; ou a falta do domínio da técnica em produzir um jornal de qualidade, não poderiam ser empregados, tendo em vista a adequação do jornal às normas vigentes. Desta forma, obrigam-se os possíveis detratores da iniciativa a assumir posturas abertas de oposição ao discurso ou de rejeição ao grupo que o produz.

Esta instância de poder –neste caso o jornal e o jornalismo–assume especial destaque quando a forma adotada já está legitimada pela sociedade na qual será empregada como mecanismo de expressão e conquista do espaço de visibilidade.

¹⁶⁶ Da redação. Avançando. Getulino, nº. 05, p. 01, col. 04, 26 ago.1923. Grifos meus.

¹⁶⁷ Da redação. Na vanguarda. Getulino, nº 7, p. 02, col. 01, 09 set. 1923. Grifos meus.

¹⁶⁸ Bem feito = feito com seriedade; como órgão político e não um pasquim de natureza humorística ou mesmo literária que apesar de ser também uma abordagem séria visa apenas entretenimento, em quanto o Getulino pretendia-se ser instrumento político, capaz de mudanças sociais na questão do negro.

A tática adotada pelos editores do «*GETULINO*», aqui compreendida como sendo “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”¹⁶⁹, implica no reconhecimento que esses editores “jogavam” no campo do outro, pois não tinham meios para se manter “à distancia: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo”.¹⁷⁰

O “jogar no campo do outro” implica não somente dominar as técnicas e linguagens criadas pelo concorrente, mas sim, em muitos casos, superá-las. Mas, para além das táticas adotadas, os editores do «*GETULINO*» almejavam constituir uma “estratégia” de atuação frente à comunidade negra, “postulando um lugar possível de ser circunscrito como um próprio”¹⁷¹, capaz de servir de base para a conquista de novos espaços sociais.

A opção dos editores, de empregar uma linguagem já consolidada na produção do periódico pode ser entendida, também, pela noção de “transculturação” de Stuart Hall¹⁷²:

Através da transculturação “grupos subordinados ou marginalizados selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante”. É um processo da “zona de contato”, um termo que invoca “a co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam”.

A co-presença no caso brasileiro [Hall estuda a presença caribenha na diáspora inglesa] se dá de forma muito intensa. Como relata José Roberto do Amaral Lapa:

A absorção da cultura e dos costumes do branco livre, a observação direta e as informações sobre seu universo, deviam dar-se com maior alcance entre os escravos urbanos, com gradações entre os serviços domésticos e fora de casa e a qualificação que se exigia para tanto¹⁷³.

¹⁶⁹ CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 100

¹⁷⁰ Ibidem, op. cit.

¹⁷¹ Ibidem, p. 46.

¹⁷² HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 30.

¹⁷³ LAPA, José Roberto do Amaral. **Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 194.

É neste universo de poder que o jornal «*GETULINO*» se inscreve. A população negra brasileira foi aculturada à força no período do cativo e, posteriormente, compelida pelas estruturas sociais vigentes a se enquadrar em um modelo de atuação social não definido por ela, mas sim pelos seus antigos captadores. Segundo uma pesquisadora da Universidade do Estado de São Paulo – USP, que tem direcionado seus esforços para o entendimento dos “sistemas de poder e legitimação social” expressos no discurso jornalístico e nos modos de fazer jornalismo, Mayra Rodrigues Gomes,

Primeiramente devemos levar em conta um modo específico pelo qual o sujeito entra no mundo social. Ele encontra organizações que lhe precedem ordenações que lhe mostram ou indicam o que deve ser visto. O mundo a ser vivido lhe é apresentado numa configuração abrangente, direcionando o entendimento e assinalando prioridades.¹⁷⁴

Neste processo de inserção no discurso do “verdadeiro”, os editores do «*GETULINO*» optam em sua construção pelo formato [tamanho da página], tipo de fonte, estilo de diagramação e edição como formas de se inserir neste universo discursivo. Com a estratégia, limitavam as possibilidades de rejeição na fonte ou as impossibilidades de circular, não por força de lei, mas pela força física de agentes externos que se opunham a ele. Ou seja, o «*GETULINO*» foi composto dentro das normas do “bom jornalismo” da época, respeitando as regras de diagramação, redação, edição, paginação, aceitas no período.

Longe de propor uma revolução na forma de proferir o discurso jornalístico, o «*GETULINO*» buscou inscrever-se no discurso circulante, legitimado pelo uso, retirando sua força não só da virulência de suas penas, mas também da impossibilidade de o outro desqualificar seu discurso, sem correr o risco de, ao fazê-lo, desqualificar-se a si próprio.

Os redatores do «*GETULINO*» “jogaram no campo do outro”, empregando a linguagem e as regras estabelecidas não por eles, mas pelos que detinham o poder e, por conseguinte, o lugar privilegiado de fala. Estas opções se mostram desde a escolha do nome que batizou o jornal até a forma com que os assuntos foram tratados.

¹⁷⁴ GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 33.

A seguir, passaremos a analisar separadamente cada elemento gráfico do jornal, de forma a permitir um melhor entendimento das escolhas gráficas e editoriais tomadas pelo grupo da folha em seu processo de construção de uma identidade, não somente para o jornal, mas também para o próprio grupo que o editava.

CAPÍTULO II

UM JORNAL DE MOÇOS DE COR PARA CAMPINAS: GRUPOS PRODUTORES E ESPAÇOS DE DIFUSÃO

Neste capítulo, buscaremos traçar o perfil dos produtores, redatores e colaboradores do jornal e, na medida do possível, também de seus espaços e ambientes de difusão. Este trabalho é realizado na perspectiva dos apontamentos feitos por Cruz e Peixoto no artigo “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”¹⁷⁵, que nos despertaram o olhar para a necessidade de se observar a estrutura produtora do jornal como elemento constitutivo deste, e não como uma questão meramente formal.

Aqui não se trata de uma análise meramente formal que identifica nomes de proprietários e de anunciantes, pois entendemos que o processo de constituição de tais grupos enquanto grupos editoriais não é exterior, nem anterior ao movimento de produção do próprio periódico.¹⁷⁶

A identificação do conjunto de produtores, editores e colaboradores pode fornecer pistas ou mesmo esclarecer determinadas posturas e opções editoriais expressas através das páginas do periódico. Devemos lembrar, para além da percepção do senso comum, que os jornais e as mídias não possuem vida própria; são suportes para as opiniões, propostas e projetos de seus grupos produtores frente aos públicos aos quais se dirigem. Não possuem vida própria e nem defendem posições que não sejam articuladas antes de sua fixação no suporte que lhe dá publicidade.

É comum ouvirmos a expressão “a mídia disse isso”, mas a mídia nada diz, apenas transporta para um número (in) finito de pessoas a materialização de propostas, posições e estratégias de intervenção de seu projeto editorial. A mecânica engloba não somente os proprietários legais, mas toda uma rede de colaboração e redação, config.ando-se como um projeto coletivo.

É redactor-chefe do citado semanário, Lino Guedes, moço de côr dos mais esforçados, e nosso prezado companheiro, a quem deve a classe assinalados serviços. Como secretário da redação está Gervasio de Moraes, que bons versos já têm escrito e que é uma esperança promissora de sua raça. São diretores proprietários os srs. Martinho Andrade e Alcino Moraes, dois elementos que optimos serviços tem

¹⁷⁵ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: Conversas sobre história e imprensa. In **Projeto História**, nr 35. História e Imprensa. São Paulo; Educ. jul/dez 2007.

¹⁷⁶ Idem. p. 265.

prestado á gente de sua raça. O Getulino tem seu primeiro número todo colaborado por homens de côr, excepto um artigo trazendo bons trabalhos, merecendo mesmo destaque o soneto de augusto Marques. Ao novel collega desejamos vida longa e prospera.¹⁷⁷

As vozes presentes no «*GETULINO*», por vezes conflituosas nos pontos que defendem, encontram sua coesão no projeto maior de mobilização e conscientização da comunidade negra campineira sobre seu lugar político e seus direitos sociais. Elegem este ou aquele assunto, esta ou aquela bandeira de luta que reflete a maneira como defendiam a interação social do negro na sociedade local.

A indicação do local de gestação do jornal e seus objetivos iniciais são assim expressas pelos editores, na edição de número 40, de 1º. de maio de 1924, por ocasião do aniversário de um dos seus fundadores, Martinho Andrade.

O G. Dramático “Luiz Gama” essa aggremação que muito tem elevado Campinas nas cidades do Estado nosso, onde com sucessos o tem exhibido, desde sua fundação, deve-lhe o apogeu a que atingiu, (...) Vendo que muito moroso é aquele meio de educação, com amigos dedicados fundou o «Getulino».¹⁷⁸

Por esta indicação é possível perceber que o jornal «*GETULINO*» surge de um projeto coletivo de um grupo já estabelecido antes da existência do próprio jornal, sendo a folha mais um elemento para a conquista do objetivo maior do grupo, que é a educação do negro sobre seus direitos e papel na sociedade. A nota foi publicada logo abaixo da fotografia do aniversariante [Fig. mais à frente].

Na homenagem feita a Martinho, os redatores enaltecem a sua disposição para com o projeto de “educação da raça negra”.

Martinho Andrade muito vem fazendo pela nossa raça. Assim é que em todos os empreendimentos, em que delles possam advir beneficios para os seviciados de hontem, a sua bolsa está sempre aberta para amparal-os.¹⁷⁹

¹⁷⁷ Da redação. O nosso aparecimento. Getulino, nº 02, p. 01, col. 01, 05 de ago, 1923.

¹⁷⁸ Da redação. Texto legenda. Getulino, nº 40, p. 01, col. 02, 01 maio 1924. Grifo meu

¹⁷⁹ Ibidem, op. cit.

Não há indicação no jornal de quais outras iniciativas Martinho Andrade participou além do Grupo Dramático Luiz Gama e do «GETULINO». Também não foram encontradas referências a Martinho Andrade ou a seu irmão, Christino J. Andrade, na bibliografia sobre a cidade de Campinas ou nas que tratam da história do jornalismo e seus personagens.



Fig. 22 – Martinho Andrade

Martinho Andrade será citado novamente com destaque no jornal quando de sua indicação para o cargo de “Agente de Segurança do Gabinete de Investigações do Estado”.

Acaba de ser nomeado Agente de Segurança do Gabinete de investigações do Estado, o sr. Martinho Andrade proprietário desta folha. (...) Esta justa nomeação. Com que o distinguiu o dr. Carlos Campos, foi recebido com geral satisfação dos amigos, a qual maior lhe torna a personalidade e mais salienta os merecimentos.¹⁸⁰

Após o anúncio da nomeação, o «*GETULINO*» circula por mais uma edição, encerrando suas atividades em Campinas em 1º de fevereiro de 1925. Na mesma data se dá a saída de seu irmão e sócio Christino J. Andrade. Sobre ele, o «*GETULINO*» não publica qualquer informação adicional. O que se tem é apenas um retrato publicado na primeira edição da segunda fase, quando Lino Guedes faz uma homenagem a Christino, Martinho e Antenor Prado sob o título “Nova Era”. No entanto, é a indicação do fim de uma parceria em torno de um projeto político/editorial [Fig. à frente].

Não prossigamos ainda. Abramos um parenthesis para uma homenagem (Pequena. Pálida. Sincera. Muito sincera sobretudo) a quem de direito: Martinho e Christino José de Andrade e Antenor Soares de Queiroz Prado enfim, a todos os velhos companheiros que em Campinas, onde foi fundado, concorreram para a grandeza do “Getulino”. Respeitada essa dívida, desnecessário seria afirmarmos que não nos afastamos, uma linha sequer, do nosso programma inicial; que seremos irreduzíveis, implacáveis, para os detratores da relegada (?) Raça Negra, ao passo que, á medida de suas forças, procura, exaltá-la, dignifica-la, enobrece-la.¹⁸¹

O parêntesis feito por Lino Guedes na primeira edição, e única da nova fase do «*GETULINO*», aos seus “velhos companheiros de Campinas”, reforça a importância que o grupo produtor oriundo das fileiras do G. Dramático “Luiz Gama” teve no processo de construção do projeto editorial do semanário. Devemos ressaltar, como já dito anteriormente, que sem o apoio direto dos “velhos companheiros de Campinas” a iniciativa de Lino Guedes e Gervasio de Moraes, de transferir o «*GETULINO*» para a capital, durou apenas uma edição.

¹⁸⁰Getulino, n.º 66, p. 1, col. 3 e 4, 27/01/1925.

¹⁸¹ Lino Guedes. Getulino, n.º 01 (2º Fase), p. 02, col. 01, 13/05/1926.

NOVA ÉRA

Um parenthesis que se impõe. — Exaltar, dignificar e ennobrecer a Raça Negra do Brasil, é elevá-lo no conceito dos países civilizados. — A escola de Hobbes, sua errônea interpretação na Europa. — As grandes dores amainam vicissitudes.

Depois de um interregno de alguns meses, voltamos à lida, tornamos a labutar no terreno árido da imprensa em prol dos nossos irmãos que outrora sofreram as mais atrozes provocações em nome da lei!

Não prosigamos ainda. Abramos um parenthesis para um homenagem (Pequena. Pallida. Sincera. Muito sincera sobretudo) a quem de direito: Martinho e Christino José de Andrade e Antenor Soares de Queiroz Prado, enfim, a todos os velhos companheiros que em Campinas, onde foi fundado, concorreram para a grandeza do "Getulino". Respeitando essa dívida, desnecessário se affirmamos que não nos afastamos, uma linha sequer, do nosso programma inicial; que seremos irreduzíveis, impláveis, para os destractores da relegada (?) Raça Negra, ao passo que emprestaremos mão forte a todos os que, á medida de suas forças, procurem exalta-la, dignifica-la, ennobrece-la.



MARTINHO J. ANDRADE

Todos quanto, com espirito preveido, attentam para o nosso desinteressado esforço hão de por certo, estranhar que num paiz tão liberal como o nosso onde a Liberdade foi tardia, mas conquistada sem derramamento de sangue e lutas partidarias, venhamos defender brasileiros porque são pretos!...



CHRISTINO J. ANDRADE

de, a cuja sombra se nutrem e vivem mesmo os desambiciosos nativos."

As lutas intestinas, as dissensões que se localizam no seio das agremiações, de programmas ôcos, salvo raras excepções, não adormentam o nosso entusiasmo, mas nos acalentam a esperança de um dia ver raiar a auroa da União — unico ponto que falta á emancipação completa dos escr-



ANTENOR S. Q. PRADO

vizados de hontem: a emancipação moral.

Grandes foram as nossas decepções até hoje, e certos estamos de que não

Fig. 23- Martinho J. Andrade, Christino J. Andrade e Antenor S. Q. Prado que foi gerente da folha em substituição a Christino.

Sobre a profissão dos irmãos Andrade, temos apenas a referência de anúncios classificados, que os colocam como motoristas de taxi.



Fig. 24 - anúncios dos irmãos Andrade veiculados no Getulino referente ao serviço de taxi. Auto n° 7 e auto n° 4

O anúncio de Christino Andrade Fig. em todas as edições a partir do segundo número da folha dominical. Já a propaganda de Martinho Andrade passa a ser veiculada somente a partir da edição número 37, de 6 de abril de 1924.

Pelas informações disponíveis, não é possível determinar se Martinho iniciou a carreira de motorista de taxi a partir desta data ou se apenas não veiculava o seu anúncio no jornal. Contudo, devemos observar que o telefone para atendimento noturno dos pedidos de corrida para o 'auto n° 4' de Martinho Andrade é o número 315, o mesmo da redação do «GETULINO».

EXPEDIENTE

O *Getulino* que se publica todos os domingos, tem os seus escriptorios e officinas á rua Regente Feijó, 298, telepphone n. 315, para onde devem ser enviadas todas e quaesquer collaborações ficando ao criterio da redacção publical-a.

A Redacção não se responsabilisa pelas idéas e opiniões emittidas pelos srs. collaboradores.

Os originaes não serão devolvidos.

Auto, n. 4

PONTO : LARGO DA
ESTAÇÃO

Att. nde chamados pelo
telephone. n. 119 e á noite pelo 315.

Chouffeur

MARTINHO ANDRADE

Fig. 25 - expediente do *Getulino* onde consta o número do telefone do jornal e do taxi dos Irmãos Andrade.

O dado indica, minimamente, que Martinho Andrade dava expediente noturno na redação do jornal, aumentando assim sua presença e possível interferência nas notícias e posicionamentos ali expressos. Mesmo que Lino Guedes seja considerado por seus pares como sendo a “alma do semanário”, esta alma tinha companheiros assíduos. Para a formação do «*GETULINO*», Martinho Andrade contou com a colaboração dos “amigos dedicados” Lino Guedes, Gervasio de Moraes e Alcino de Moraes.



Fig. 26 - Lino Guedes [redator chefe] e Gervasio de Moraes [redator Secretário].

A parceria entre Lino Guedes e Gervasio de Moraes persiste mesmo após a saída dos irmãos Andrade, em 1º de fevereiro de 1925, quando se encerra a primeira fase do jornal em Campinas. Sobre o gerente da folha a partir da edição de número 33, Antenor Soares Queiroz Prado, não foi possível obter mais informações além da publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 24 de outubro de 1924, dando conta de que ele se alistou como eleitor no Distrito de Santa Cecília – S. Paulo na primeira seção¹⁸².

Prado teve pelo menos dois filhos, Drill e Claudinor:

Na cidade – Estiveram na cidade regressando para S. Paulo onde residem os jovens Drill e Claudinor de Queiroz Prado, filhos do sr. Antenor Soares de Queiroz Prado gerente e radactor interino desta folha.¹⁸³

¹⁸² Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3864028/dosp-diario-oficial-26-10-1924-pg-6415/pdfView>. Acesso em mar. 2012.

¹⁸³ Da Redação. Vida Social. Getulino, nº 49, p. 03, col. 02, 17 ago.1924.

Prado assume interinamente a redação do «GETULINO» em virtude do afastamento temporário de Lino Guedes que, neste período, envia as suas colaborações a partir da cidade de Socorro. O anúncio do afastamento de Lino Guedes é feito por meio de nota de seis linhas publicada na página 2 da edição de número 48, onde consta apenas a indicação da substituição, mas não os seus motivos. “Achando-se ausente de Campinas o sr. Lino Guedes, redactor chefe desta folha, assumiu a direção do «GETULINO» o sr. Antenor Soares de Queiroz Prado”¹⁸⁴.

É interessante notar que, na mesma edição em que se comunica o afastamento de Lino Guedes do «GETULINO», também faz-se publicar, no centro óptico da capa, anúncio avisando os leitores que as comemorações em homenagem ao aniversário da folha estavam suspensas por tempo indeterminado devido à situação política por que passava o Estado de São Paulo. No entanto, não há maiores informações ou artigos que façam referência ao momento político pelo qual atravessava o Estado.

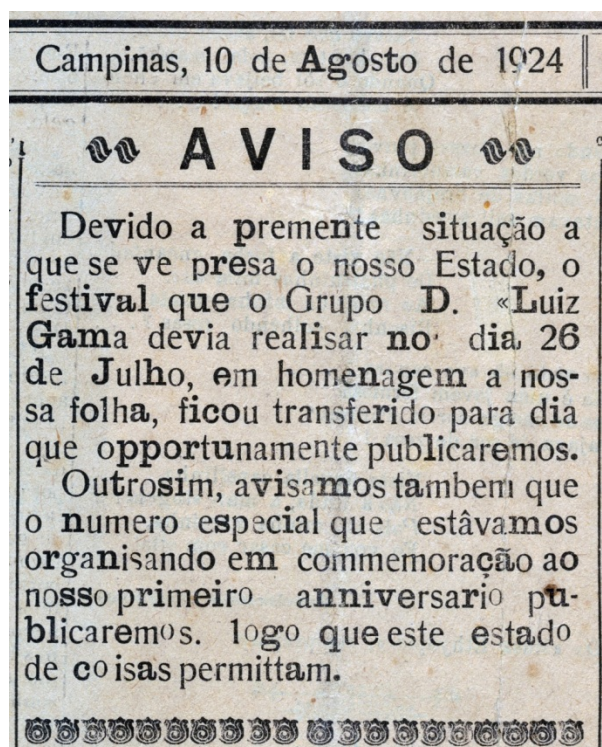


Fig. 27 - Getulino, nº 48, 10 de agosto de 1924

¹⁸⁴ Da Redação. Lino Guedes. Getulino, nº 48, p. 02, col. 06. 10/08/1924.

O aviso figurou em mais de uma edição; e os artigos assinados por Lino Guedes passam a ter, no pé, a indicação da cidade de Socorro. O festival em homenagem ao «*GETULINO*» teve a data remarcada para 20 de dezembro de 1924. A edição comemorativa ao aniversário da folha veio a público em 20 de janeiro de 1925, tendo como manchete principal e única, na primeira página, a palestra proferida pelo professor José Luis de Mesquita: “O nosso aniversário: As festas comemorativas – Brilhante concurso do Exmo sr. Prof. José Louis de Mesquita”.

GRUPO DE REDATORES

Acaba de vir á luz da publicidade em Campinas, um semanário dedicado à defesa dos homens pretos, cuja redacção está a cargo dos srs. Lino Guedes e Gervasio de Moraes.¹⁸⁵

A função de redator, dentro da estrutura de um jornal no período, era uma das mais importantes, pois cabiam a ele a redação e revisão dos principais textos a serem publicados no periódico, além da produção dos editoriais. O já falecido pesquisador e professor de jornalismo Mário Erbolato assim classifica as funções do redator: “Aquele que além das incumbências de redação comum, tem o encargo de redigir editoriais, crônicas ou comentários”¹⁸⁶. O redator chefe também acumulava a função de redigir os editoriais e aprovar os escritos produzidos pelos demais jornalistas e colaboradores.

Esta primazia na edição dos textos garantia, ao editor-chefe, a possibilidade de imprimir sua visão pessoal de mundo às informações veiculadas. Devemos lembrar também que, na história da implantação dos jornais no Brasil, “os redatores de jornais acumulavam várias funções, e a atividade jornalística tornava-se apenas uma das atividades exercidas, além de

¹⁸⁵ Da redação. Jornal a “Cidade de Mogy-Guassú”. *Getulino*, nº 03, p. 02, col. 01, 12 ago.1923.

¹⁸⁶ ERBOLATO, Mário. **Dicionário de propaganda e jornalismo**; legislação, termos técnicos e definições de cargos e funções, abrangendo as atividades das agências de propaganda e do jornalismo impresso, radiofônico e de televisão. Campinas: Papirus, 1985. p. 265.

um importante instrumento de ação política”¹⁸⁷. Desta forma, conhecer quem eram os redatores do «*GETULINO*», torna-se peça importante para a compreensão do próprio veículo.

O redator designado pela publicação é Lino Guedes, jornalista, poeta, escritor e revisor de textos. Ele é reverenciado por seus companheiros de redação como sendo a “alma, a vida desta folha”, indicando assim sua importância para o processo de produção do jornal. Sua trajetória pessoal e profissional pode, em certa medida, ser tomada como emblemática do pensamento do grupo produtor e apoiador do «*GETULINO*».

Passa-se, a 24 deste, o aniversário natalício de Lino Guedes, o chefe da redacção do «Getulino» e que representa a alma, a vida desta folha. Lino Guedes é uma vocação jornalística, e – seja desde já asseverado, - há de, de passo em passo, chegar a logar de elevada distinção na imprensa, a qual se vota com a convicção dos eleitos da penna.¹⁸⁸

Na biografia publicada na edição de número 45, de 22 de junho de 1924, por ocasião o aniversário de Lino Guedes, temos a seguinte descrição:

Pouco importa dizer que é, com justo orgulho seu, descendente de africanos, sem o contingente de outra raça, bastando dizer que é genuíno brasileiro, tão genuíno como todo os que o são através de longas gerações. A mão inclemente do destino, atirou-o na deserta estrada da *orphandade*, apenas com pouco tempo de vida, pois, seu *pae* faleceu quando *elle* contava *dousmezes* de vida. (idem)

O orgulho de ser negro “sem o contingente de outra raça, bastando dizer que é genuíno brasileiro” reforça a intenção do grupo de ser reconhecido como negros e brasileiros. Demonstram assim o orgulho por suas origens nacionais, distanciando-se, porém, da ascendência africana. Para este grupo, como fica marcado por toda a existência do jornal, ser negro e brasileiro era sinônimo de orgulho, e indicava a reivindicação à igualdade formal proposta pela Constituição da República. Um dos desejos expresso pelo grupo é o de ser reconhecido como de brasileiro.

¹⁸⁷ PETRARCA, Fernanda Rios. **Por uma sociologia histórica do jornalismo no Brasil**. Doutora em Sociologia pela UFRGS, pesquisadora do grupo Sociedade e Conhecimento da UFRGS. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008>> Acesso em: out. 2011.

¹⁸⁸ Juvêncio Só. Getulino, nº 45, p. 02, col. 03, 22 jan. 1924.

A este respeito, Benedicto Florêncio escreve:

A nossa raça neste recanto do mundo, faz parte da comunhão Nacional, e, como todas as outras, é também uma partícula viva de todo universal, não podendo por isso fugir a lei fatal que rege as grandes lutas modernas.¹⁸⁹

Outro ponto destacado por Juvêncio na biografia de Guedes, é sua trajetória escolar.

Lino Guedes cursou até o 3º ano da Escola Normal, não tendo querido prosseguir nos estudos, por sentir faltar-lhe a vocação para o magistério, conquistando em 1920 o certificado de Propedêutico pelo Ginásio da Capital. Funcionário de grande empresa ferroviária, atento ao seu espírito de independência, abandonou o lugar e se votou, então, exclusivamente as lides jornalísticas.¹⁹⁰

A escolarização é tida, não só pelo grupo produtor do «*GETULINO*», mas por ampla camada da comunidade negra brasileira, como a pedra de toque da emancipação do negro no período. Ser escolarizado/letrado significava a possibilidade de ascensão profissional e social, degrau este galgado por Guedes ao ser contratado por uma “grande empresa ferroviária”, emprego de grande destaque na época, principalmente se fosse nos escritórios. Significava não só ser alfabetizado, mas principalmente indicava estar distante dos serviços braçais. O passo seguinte de Lino Guedes é tornar-se jornalista, a exemplo de seu “mestre e mentor” Luiz Gama.

Iniciou-se bem cedo na imprensa: Em 1908 trabalhou na «Cidade de Socorro», sob a direção do sr. Annibal Câmara e mais tarde de Waldomiro Dantas, fundou em Socorro «O Espião» em colaboração com Palmiro e Socrates Bellintani., «OBilontra» com Sebastião Ictile de Oliveira e o «Juvenil», orgam dos coroinhas da Matriz de Socorro.¹⁹¹

Notemos que, pela data informada do primeiro emprego na imprensa, Lino Guedes teria 11 anos de idade, já que nasceu no dia 24 de junho de 1897, na

¹⁸⁹ Benedicto Florêncio. Nosso gesto. Getulino, nº. 01, p. 02, col. 1, 29 jul. 1923

¹⁹⁰ Juvêncio Só. Lino Guedes. Getulino, nº 45, p. 02, col. 03, 22 jun. 1924.

¹⁹¹ Ibidem, op. cit.

cidade de Socorro, interior de São Paulo, sendo filho dos ex-escravos Benedita Eugênia e José Pinto Guedes.

É interessante perceber o destaque que Juvêncio dá aos professores de jornalismo que Lino Guedes teve no início da carreira. Entretanto, não fica claro no texto de Juvêncio se foi Waldomiro Dantas ou Guedes quem, na companhia dos demais, fundou os jornais citados. Reforçando a ideia de vocação para a lide jornalística, seu biógrafo continua:

Em seu torrão natal, em 1910, cursando o 3º anno do Grupo escolar, colaborava no «*Jornal das Creanças*», de Piracicaba. Em Campinas em 1912 collaborou nos seguintes jornaes das differentes classes da Escola Normal Primeira. «*A Gazetinha*», «*A Eclética*», «*A Camélia*», «*O Discípulo*», «*A Tribuna*» e finalmente na «*Polyatéia*», organizada pelo professor Vilela Junior, diretor daquelle estabelecimento de ensino.¹⁹²

Já na fase adulta “Laly”, pseudônimo adotado por Lino Guedes, colabora com o jornal o “Ferrão” e funda o periódico mensal “A União – Orgam da União dos Homens de Cor”. O fato denota seu engajamento com o movimento associativo negro e a opção pela imprensa como fator de difusão de suas bandeiras.

Collaborou também no «Ferrão» e em 1915 fundou o mensário «A União» – *Orgam da União Cívica dos Homens de Cor*. (...) Foi orador do «Centro R. 13 de Maio» e do Grêmio D. «*Estrella Celeste*», onde juntamente com Alfredo Alves e Antenor Egydio fundou uma secção dramática.¹⁹³

É fundador e sócio benemérito do G. Dramático Luiz Gama, sócio honorário do S. D. «*Bello Horizonte*» e membro da Associação Brasileira de Imprensa.¹⁹⁴

Tendo por base as formas de remuneração, ou de não remuneração dos colaboradores dos jornais, principalmente dos ligados às entidades associativas, Lino Guedes realizava outras atividades concomitantemente para se manter.

¹⁹² Juvêncio Só. Lino Guedes. Getulino, nº 45, p. 02, col. 03, 22 jan. 1924.

¹⁹³ Ibidem, op. cit.

¹⁹⁴ Ibidem, op. cit.

Desde 1912 occupou o cargo de revisor auxiliar do «Diário do Povo» desempenhando-se também das funções de correspondente auxiliar da «Capital», «Correio Paulistano» e «*Platea*», jornaes de S. Paulo. [...] Em 1918 entrou como revisor chefe do «Correio de Campinas», decano dos jornaes locais. [...] Em 1919 juntamente com Alberto Leite fundou nos escritórios da Companhia Mogyana o bi semanário de satyra, escrito a mão «O Rabo», que mais tarde se transformou na «A Mogyana». [...] Em 1920 voltou para o «Diário do Povo» como revisor e redactor das secções «Theatros e Cinemas e Câmara Municipal», sendo encarregado da reportagem diurna. Exonerando-se do «Diário do Povo», no dia 20 recebeu Lino Guedes, convite para entrar para a redacção do «Correio Popular» jornal moderno, com o vereador sr. Álvaro Ribeiro pretende dotar a sua terra.¹⁹⁵

Por esta descrição da trajetória profissional e de formação de Lino Guedes, feita por Juvêncio e publicada no «*GETULINO*» por ocasião de seu aniversário, teremos o reforço dos ideais de educação e profissionalização do grupo. Outro ponto a se destacar desta biografia, é no processo longo de formação do jornalista no período¹⁹⁶. Na época, formar-se jornalista dependia não só da vontade do indivíduo, mas também da boa vontade dos professores da redacção. Professores estes destacados por Juvêncio de forma a atribuir valor à formação do redator-chefe do «*GETULINO*». Notemos também que Lino Guedes somente exerce a atividade de jornalista no Diário do Povo na seção “Theatros e Cinemas e Câmara Municipal”; nos demais periódicos comerciais, atuou predominantemente como revisor.

Após o término da primeira fase do «*GETULINO*» em Campinas, Lino Guedes se tranfere para a cidade de São Paulo, onde tenta refundar o semanário ao lado de Gervasio de Moraes e Agnello Domingues. Entretanto a iniciativa não passa do primeiro número, como já visto. Posteriormente, como relata Petronio Domingues, Lino Guedes:

Começou a trabalhar no Jornal do Comércio, tendo atuado, até o fim de sua vida, em vários órgãos da imprensa escrita: *O Combate*, *A Razão*,

¹⁹⁵ Juvêncio Só. Lino Guedes. *Getulino*, nº 45, p. 02, col. 03, 22 jan. 1924.

¹⁹⁶ A formação do jornalista se dava na época pela inserção do futuro profissional na lide como aprendiz, o fazer-se jornalista era um aprendizado muito mais pessoal do que institucionalizado. Não existiam cursos de formação de jornalistas, estes só iniciaram no Brasil em 1947 por iniciativa de Casper Libero.

Correio Paulistano e, por último, *Diário de São Paulo*, no qual por vários anos chefiou o seu departamento de revisão.¹⁹⁷

Lino Guedes continua na militância no movimento negro e também no jornalismo segmentado, fundando, ao lado de Argentino Celso Wandelely, o jornal “O Progresso”:

Cujo objetivo declarado era angariar recursos para a construção de uma herma a Luís Gama. Nele, Guedes procurou convencer seu público leitor que suas propostas em prol da ascensão do negro eram as melhores. Baseavam-se num discurso moralizador, nacionalista, de valorização da raça, da educação formal e da cultura ocidental.¹⁹⁸

Paralelamente à atuação como jornalista, Lino Guedes também se dedicava à poesia, tendo produzido os seguintes trabalhos: “Luiz Gama e sua individualidade literária” [1924]; “Black” [1926]; “Ressurreição negra” [1928]; “O Canto do Cisne Preto” [1926]; “Urucungo” [1936]; “Negro Preto Cor da Noite” [1936]; “O Pequeno Bandeirante, Mestre Domingos” [1937]; “Sorrisos de Cativo” [1938]; “Vigília de Pai João, Ditinha” [1938]; “Nova Inquilina do Céu, Suncristo” [1951].

Este material foi reunido e editado em forma de livro três anos após o seu falecimento. Sobre a personalidade de Guedes, o militante negro, jornalista e fundador do jornal “Clarim da Alvorada”, José Correia Leite¹⁹⁹, assim se expressa: “o Lino Guedes, que era um negro isolado, desses que queria fazer as coisas sozinho”. Seguindo na mesma direção, Cunha Motta, jornalista, no livro *Os rapazes da imprensa: um pouco da história de São Paulo*, descreve Lino Guedes como sendo:

O Chefe da revisão do Diário de S. Paulo, Lino Guedes, estava longe de ser um desses homens que despertam simpatia à primeira vista. Negro

¹⁹⁷ DOMINGUES, Petrônio. O dândi negro. Revista Desvendando a História, nº 19. Disponível em <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=999>. Acesso em jul. 2011.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ José Correia Leite nasceu no dia 23 de agosto de 1900, em São Paulo. Tornou-se um dos principais personagens do movimento negro brasileiro. Aos 24 anos, em conjunto com Jayme de Aguiar, fundou o jornal O Clarim, rebatizado, posteriormente, de O Clarim d’Alvorada. Participou da Frente Negra Brasileira. Em 1945, José Correia Leite colaborou com a fundação da Associação dos Negros Brasileiros (ANB), passando a editar o jornal Alvorada. Em 1956, foi criada a Associação Cultural do Negro, na qual Correia Leite assumiu a função de presidente do Conselho Deliberativo, até 1965. Em 1960, participou ainda da elaboração da revista Niger. Também atuou como diretor do jornal Alvorada, diretor e fundador do jornal O Clarim d’Alvorada, colaborador do jornal O Clarim, colaborador do jornal A Raça, colaborador do jornal O Mutirão e colaborador do jornal Senzala.

de lábios grossos, nariz achatado e feições características da raça, pouco expansivo, gestos nervosos, falando apenas o essencial e raramente fixando o interlocutor, não inspirava confiança.²⁰⁰

Apesar da descrição inicial pouco elogiosa às feições e maneiras de Lino Guedes, Motta não se esquivou a pedir-lhe emprego.

Moraes Andrade [...] fora o meu padrinho junto a Lino Guedes para a obtenção do precário “bico”. E ele me disse: - Você não vai simpatizar com o Lino, mas não se impressione. É um bom sujeito. E, era mesmo. Vendo-o ninguém poderia suspeitar de que naquela Fig. aparentemente ríspida e vulgar se escondia um poeta delicado, que cantava a tristeza do homem de cor e lamentava a sorte das criancinhas negras.²⁰¹

Lino Guedes é considerado, por pesquisadores da área da literatura e pelo movimento negro, como um dos primeiros poetas negros do século XX que:

se aceitou negro e publicou as “consequências”. Poeta que, logo após a morte de Lima Barreto, em 1922, dava a lume o seu “Canto do Cisne Negro” (1926), tornando-se, com isso - como exigem alguns - o iniciador da “negritude” no Brasil.²⁰²

Lino Guedes faleceu em 4 de março de 1951, na cidade de São Paulo, deixando extensa produção, tanto na área da literatura como no jornalismo. O companheiro de redação de Guedes era Gervasio de Moraes, que permaneceu a seu lado durante toda a primeira fase do «*GETULINO*» e também na tentativa de retorno da publicação, em maio de 1926, na cidade de São Paulo.

Diferentemente de Lino Guedes, Gervasio de Moraes não tem sua biografia publicada no «*GETULINO*». Dela, encontramos apenas menções sobre sua atuação como editor e poeta: “Como secretário da redação está Gervasio de Moraes, que bons versos já tem escripto e que é uma esperança promissora de sua raça”²⁰³. Sobre sua trajetória de militante, encontramos nas palavras de José Correia Leite a seguinte referência:

Vamos falar agora do Centro Cívico Palmares, uma associação praticamente precursora da Frente Negra. (...) estava à testa desse

²⁰⁰ MOTTA, Cunha. **Os rapazes da imprensa**: um pouco da história de São Paulo. São Paulo: Editora Ateniense, 1990. p. 55.

²⁰¹ Ibidem, p. 56

²⁰² JAGUEDÊ. **Lino Guedes**: precursor da negritude na poesia brasileira. Disponível em: <http://jeguede.blogspot.com/2009_12_05_archive.html> Acesso em jul. de 2011.

²⁰³ Da redação. O nosso aparecimento. *Getulino*, nº 02, p. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

movimento o Isaltino Veiga dos Santos (que veio a ser mais tarde o Secretário Geral da Frente Negra) e mais alguns rapazes daquela época: Gervasio de Moraes, Manoel Antônio dos Santos, Roque dos Santos e outros.²⁰⁴

Mais à frente, Correia Leite completa:

O Centro Cívico Palmares desapareceu [durou de 1926 a 1929]. O negro continuou naquelas reuniões (os idealistas) e nos bailes (a maioria). Os idealistas, entre outros, eram: Isaltino Veiga dos Santos, Manoel Antônio dos Santos. Gervasio de Moraes, José de Assis Barbosa, Henrique Cunha, Luiz de Souza, Sebastião Gentil de Castro, Atila de Moraes e Luiz Braga.²⁰⁵

Após o fim do Centro Cívico Palmares, Gervasio de Moraes se une a outros militantes do movimento negro da época e fundam a Frente Negra Brasileira.

Abandonados pelo sistema político tradicional e acumulando a experiência de décadas em suas associações, os negros paulistas criaram, oficialmente, no dia 16 de setembro de 1931, a Frente Negra Brasileira (FNB), no salão das Classes Laboriosas. Do núcleo originário, faziam parte Isaltino Veiga dos Santos, Francisco Costa Santos, David Soares, Horácio Arruda, Alberto Orlando e Gervasio de Moraes. No dia 12 de outubro, em assembleia realizada no mesmo local de fundação, “perante mil e tantos negros”, foi lido e aprovado o Estatuto.²⁰⁶

Gervasio também colaborou com os jornais: “Auriverde”; “O Clarim” e “O Patrocínio”. No «*GETULINO*» atuou como redator secretário, assinando nove textos no total. No primeiro texto assinado no periódico campineiro, Gervasio apresenta seu pensamento:

Campinas, sacrossanto berço do imortal Carlos Gomes, eu e todos os seus filhos orgulhamos em ser brasileiros. Ser brasileiro, dizer nunca vencido, porque nas páginas da história rebrilham fulgurantes feitos, que demonstram claramente o heroísmo de um povo resoluto e forte.²⁰⁷

O nacionalismo e o orgulho de ser negro e brasileiro estão presentes e se farão marca em todos os textos assinados por ele. Outra marca importante

²⁰⁴ CUTI, José Correia LEITE. **...E disse o velho militante José Correia Leite**: depoimentos e artigos/ José Correia Leite; org. e textos Cuti. – São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 73.

²⁰⁵ Ibidem, p. 76

²⁰⁶ DOMINGUES, Petrônio. Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis. Frente negra brasileira (1931-37) e teatro experimental do negro (1944-68). **Projeto História**, São Paulo, nº 33, p. 131-18, dez. 2006. p. 131. Grifo meu.

²⁰⁷ Gervasio de Moraes. A mocidade. *Getulino*, nº 02, p. 01, col. 03, 05 ago. 1923.

deixada neste texto refere-se ao projeto de emancipação do negro através da educação:

Os descendentes d'aquella mesma raça, d'aquelles míseros escravos gosam hoje dos direitos que lhes outorga sua estremecida Pátria. Um dos direitos consiste em educarmos para congratularmos nas conquistas da Civilização.²⁰⁸

Nos três textos posteriores, a sua veia de militante pela emancipação dos negros, destacada no artigo anterior e reforçada por José Correia Leite e Petrônio Domingues, é substituída por um tema mais prosaico, o amor. Nestes textos, Gervasio fala de um amor que não se completa, sem deixar claro qual o motivo.

Após estes três artigos, em que a temática é o amor não correspondido, Gervasio dá vasão à sua veia militante e escreve:

Quem acompanhou o curto espaço de tempo do apparecimento deste semannario, por certo não se esqueceu das campanhas por nós movidas, quer na legitima defesa da mocidade preta ou contra a má organização de nossos costumes. (...) *Mao* grado a nossa divisa *Riendo castigat mores* – tivemos que transportar para bem distante a nossa orientação afim de tomarmos uma defensiva contra golpes vibrados pelas costas, os quais fracassaram ante as inergicas repulsas e a altiva attitude dessa mocidade que é uma lastima.²⁰⁹

Duas edições adiante, Gervasio continua sua resposta aos detratores do «*GETULINO*».

Pois bem, de Campinas, partiu o primeiro toque de reunir para se implantar uma nova forma de governo e libertar o braço escravo. Surgiram também dessas plagas de uteis iniciativas, os preâmbulos para a união da raça hontem excluída do convívio social.²¹⁰

Nos textos subsequentes: “Antes Assim IV” [nº 53, 21 set. 1924]; “Carta Aberta” [nº 59, 02 out. 1924] e “O negro no século XX” [nº 64, 20 dez. 1924], a agudeza da pena de Gervasio se mostra mais claramente.

Ao lermos os textos, citados acima, em sua integralidade, podemos notar grande semelhança, tanto na forma de escrever como na escolha das palavras,

²⁰⁸ Gervasio de Moraes. A mocidade. *Getulino*, nº 02, p. 01, col. 03, 05 ago. 1923

²⁰⁹ Id., Antes assim. *Getulino*, nº 50, p. 01, col. 01, 24 ago. 1924.

²¹⁰ Id., Antes assim III. *Getulino*, nº 52, p. 1, col. 6, 14 set. 1924.

com os editoriais do «*GETULINO*». A constatação nos permite inferir que Gervasio de Moraes escreveu, ou colaborou de forma contundente, na produção dos editoriais e dos textos mais agudos em defesa da “mocidade de cor” de Campinas.

Esta observação se faz necessária tendo em vista que Gervasio de Moraes, apesar de ser um dos fundadores do “Centro Cívico Palmares” e posteriormente da “Frente Negra Brasileira”, não tem o seu trabalho reconhecido pela história da imprensa campineira e nem nos levantamentos sobre a imprensa negra que tem o jornal «*GETULINO*» como fonte ou objeto de estudo. Nestes trabalhos, Gervasio Fig. como colaborador no processo e não como protagonista na formulação da linha editorial ou mesmo na definição das bandeiras a serem desfraldadas..

Por este breve levantamento dos produtores e editores²¹¹ do «*GETULINO*», podemos perceber que o jornal se constituiu não apenas em torno da personalidade de Lino Guedes, como é comumente reverenciado. Há que se considerar também o ativismo dos irmãos Andrade que, ao que tudo indica, utilizaram-se de seus contatos no comércio local para angariar patrocínio via publicidade para o jornal.

Há que se incluir ainda o ativismo e idealismo político de Gervasio de Moraes e as habilidades e competências de Lino Guedes para com a produção de periódicos, alinhado com o padrão editorial com que foi projetada a publicação dos “homens de cor” campineiros. Desta forma, como bem nos lembram Cruz e Peixoto: proprietários, diretores e colaboradores indicam a constituição dos grupos produtores, enquanto força social que orienta e propõe o projeto político do periódico.²¹²

²¹¹ Cruz e Peixoto [2007], destacam a necessidade de se observar, não só quem são os editores de um periódico, mas também a rede estabelecida entre os colaboradores e anunciantes.

²¹² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do Historiador**. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 255-272, dez. 2007. p. 265.

GRUPO DE COLABORADORES

O Getulino tem o seu primeiro número todo colaborado por homens de cor, excepto um artigo, trazendo bons trabalhos merecendo mesmo destaque o soneto de Augusto Marques.²¹³

Outro grupo importante no processo de (re)construção da linha editorial e dos objetivos de um periódico pode ser encontrado em sua rede de colaboradores. Afinal, sabe-se que a seleção dos colaboradores que Fig.m nas páginas dos periódicos é um ato voluntário, consciente e estudado pelos editores e produtores, de forma a garantir a unidade editorial do veículo.

Quem colabora e o tipo de colaboração enviada permitem-nos inferir não só sobre a linha editorial do periódico, mas também o tipo de adesão a que está exposto. Na composição dos colaboradores do «*GETULINO*», o grupo produtor deixa clara sua escolha por integrantes da comunidade negra campineira.

Estamos aqui para trabalhar em prol da classe, porém, com o auxilio e sympathias de todas as agremiações desta cidade; nossas columnas pertencem a essas, e a todos os grupos de homens de cor existentes no município, no Estado, no Brasil.²¹⁴

Com efeito, o jornal agregou um grupo extenso de colaboradores que, até onde se pode identificar, tem a cor/etnia como elemento aglutinador em um primeiro momento; e o domínio das letras como segundo ponto de contato e coesão. No tocante à militância dentro do movimento negro, não há uma uniformidade ideológica demarcada e irrefutável, que possa ser notada pela divergência de opiniões e posicionamentos expressos nos textos enviados a título de colaboração.

O que se pode identificar com certa segurança é que o grupo de colaboradores mais assíduo é formado por jornalistas, professores, poetas e trabalhadores em escritórios ou funcionários públicos; somente um colaborador se declara analfabeto. Mais à frente detalharemos o perfil dos colaboradores.

²¹³Da redação. O nosso aparecimento. Getulino, nº 2, p. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

²¹⁴Da redação. Respondendo II. Getulino, nº 3, p. 01, col. 05, 12 ago. 1923.

Outro fator determinante na linha editorial do «*GETULINO*» foi sua decisão de ser produzido somente por integrantes da comunidade negra. O único colaborador não negro do jornal é José Ignácio de Lacerda Werneck, que assim se apresenta ao público em sua primeira colaboração:

Lino Guedes, o esforçado moço que, com dedicação, se voltou à imprensa, nella mourejando com gallardia, pede a minha collaboração neste jornal, que é eloquente attestado do amor que os homens de cor consagram ao progresso da nossa Pátria, tão mal amada por muitos dos seus filhos em cujas veias circula sangue estrangeiro. Lacerda Werneck²¹⁵

A apresentação é feita na introdução do artigo intitulado “O negro na formação da Pátria brasileira”, no qual Werneck discorre sobre a importância do sangue negro para a formação do Brasil, destacando que esta etnia sempre esteve à frente nos grandes feitos heroicos da história nacional. “Em todos os commettimentos heroicos dos feitos registrados pela história pátria, o contingente valoroso e eficaz do negro, apparece rutilantemente” ²¹⁶.

Werneck este estabelece sua relação com o jornal através da amizade que tem com Lino Guedes, e posiciona-se contrariamente à segregação do negro da sociedade brasileira: “E ainda há **brasileiros** que querem separar da comunhão nacional, os negros”.²¹⁷ O único colaborador branco do jornal é apresentado pelo «*GETULINO*» como sendo “um dos mais perfeitos jornalistas de nosso Estado”. A declaração é inserida abaixo da fotografia de Werneck, na edição de número 12, de 13 de out. 1923. Infelizmente, contudo, o texto não nos fornece outras pistas sobre sua formação e atuação política.²¹⁸

As informações que possuímos efetivamente sobre as origens e atuação política de Lacerda Werneck foram coletadas a partir das homenagens e citações feitas pelos redatores do «*GETULINO*». Por elas, temos que Werneck é “membro de

²¹⁵Lacerda Werneck. O negro na formação da pátria brasileira. *Getulino*, nº. 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923.

²¹⁶ Ibidem, op. cit.

²¹⁷ Ibidem, op. cit. Grifos do autor.

²¹⁸ Também não nos foi possível relacionar de forma inequívoca sua relação com a família do Barão de Paty do Alferes, — Francisco Peixoto de Lacerda Werneck. Encontramos, porém, no livro de registro de alunos do Santuário do Caraça em Minas Gerais o registro do aluno nº 1601, José Ignácio de Lacerda Werneck, filho de Luiz Peixoto de L. da Werneck e Leopoldina, ficando aqui a dúvida sobre filiação deste colaborador do «*Getulino*».

uma distinta família carioca”, “fez se sosinho no jornalismo” e é “defensor abnegado de uma raça infeliz, escritor de estylo, vigoroso jornalista”.²¹⁹

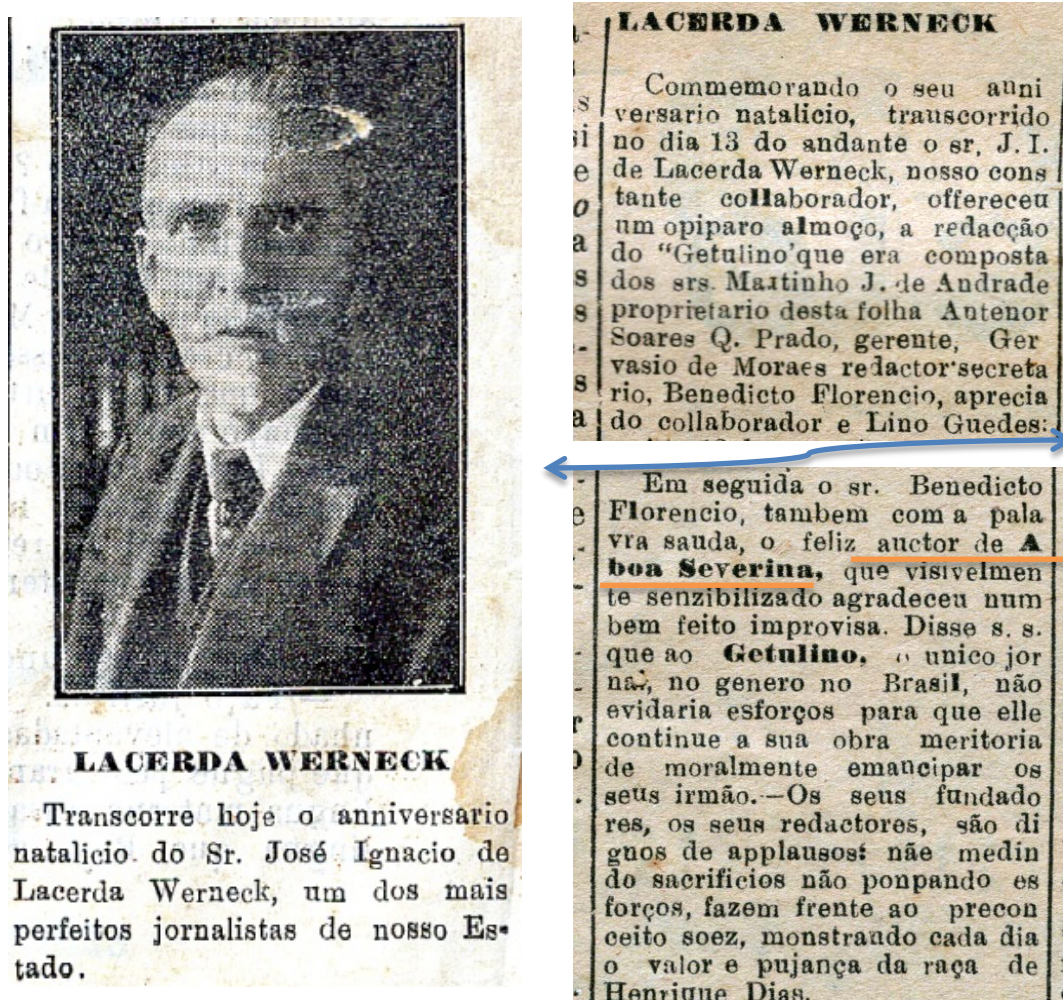


Fig. 28 – Homenagem prestada pelo «Getulino» a seu colaborador branco José Ignacio de Lacerda Werneck. *Getulino* edição nº 12 e nº 57.

Pela quantidade de referências à Werneck, constata-se que a proximidade dele com o grupo produtor do semanário é grande. Pela nota publicada na edição de número 56, podemos perceber, além do grau de amizade e respeito mútuo que existem entre os produtores do «GETULINO» e seu único colaborador branco, que Lacerda Werneck é o autor do Folhetim “Scenas do captiveiro – A boa Severina”, publicado no semanário, de forma contínua, desde a edição de

²¹⁹ Da redacção, Lacerda Werneck. *Getulino*, nº 56, p. 01, col. 03, 12 out. 1924.

número 2 até a edição de número 54: sempre ao pé da segunda página²²⁰. Esta foi a única coluna fixa do jornal.

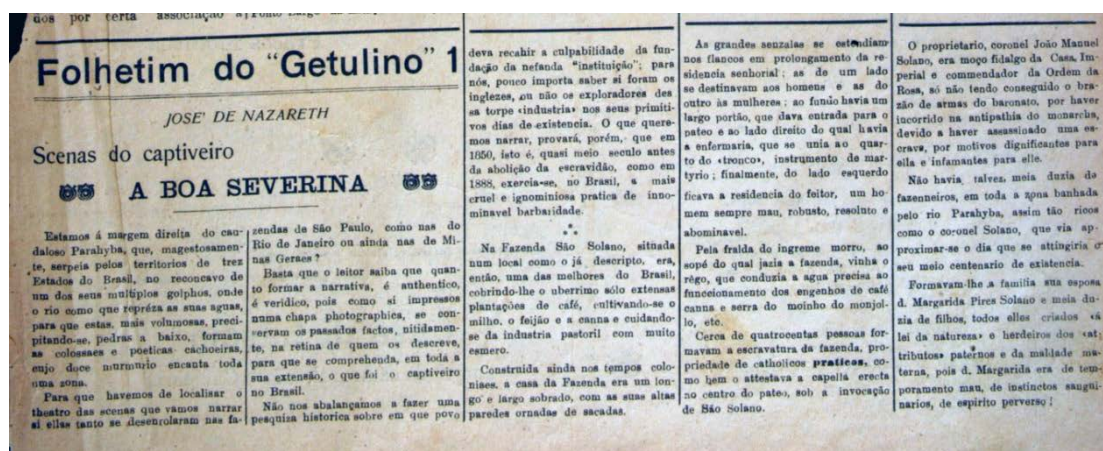


Fig. 29 – folhetim *A boa Severina* escrito por Lacerda Werneck com o pseudônimo de José de Nazareth.

No folhetim escrito por Werneck, a personagem principal e condutora da história é a escrava “Severina”. Ela suporta com abnegação e coragem os sofrimentos impostos por seus “senhores”, demonstrando honra e valores morais superiores, mesmo quando diante de situações às quais qualquer outro mortal sucumbiria.

Ao menos, á boa Severina coube repousar perpetuamente na sua sepultura nesse silencio e nessa quietude reservados aos que foram bons na peregrinação errante.²²¹

Para assinar o folhetim, Lacerda Werneck empregou o pseudônimo de *José de Nazareth*, com o qual também assinou artigos e notas publicadas em diferentes edições do periódico. Outro colaborador convidado pelos editores do «*GETULINO*» foi Pedro A. F. Cruz:

Trazendo a minha gotta d’água para o oceano das vossas culturas, senhores redactores, o faço para agradecer a esta illustre redação, o

²²⁰ O Folhetim *Scenas do Captiveiro* foi publicado a partir da edição de nº 2 e findou na edição de nº 54, tendo ao todo 48 capítulos. Sua posição era fixa no jornal na página 02 ocupando a parte inferior desta página, de coluna a coluna. Optamos por não analisar nesta Tese a construção discursiva do folhetim por não se tratar de nossa área do conhecimento, demandando assim novas pesquisas e investigações.

²²¹ José de Nazareth. Folhetim do *Getulino*: *Scenas do captiveiro – a boa Severina*. *Getulino*, nº 54, p. 02, col. 1 a 6, 28 set. 1924.

honroso convite que me outorgaram para que escrevesse algo para o brilhante jornal.²²²

Sobre ele não obtivemos mais informações, pois não existem texto biográfico ou sua fotografia no jornal²²³. Este colaborador convidado do «*GETULINO*» publicou apenas um texto [ao longo da existência do jornal], em 19 de agosto de 1923, com o título de “Para o Getulino”, em que relaciona o “grau de adiantamento” de uma cidade com o número de periódicos que ela sustenta.

Por várias modalidades é dado se conhecer e estudar o grau de cultura e adiantamento de um povo. Pelo desenvolvimento de seu comercio, pela sua indústria, pelas suas vias de communicações, e, por tantas outras formas. Porém, com acerto se pode dizer da grandeza de um povo, pelo número de periódicos que possui uma nação, estado ou cidade.²²⁴

Neste mesmo e único artigo, Pedro A. F. Cruz faz uma crítica ao posicionamento do jornal no tocante à polêmica com seu concorrente direto, “A Protetora”:

Penso eu, todavia que, para brilhantismo da causa que defendem, é mister, não avançar em demasia para o caminho íngreme e incapellado das discussões e das polemicas, muitas vezes necessárias, mas que quase sempre redopiam nos recifes e nos abrolhos juncados de sinuosidades, e por conseguinte, vem acutillar os seus nobres fins.²²⁵

A crítica de Pedro A. F. Cruz é feita em direção aos artigos “Respondendo I, II e III”, nos quais os redatores do «*GETULINO*» se posicionam de forma contundente em relação aos apontamentos que o jornal “A Protetora” faz sobre o grupo que está à frente da folha dominical.

Respondendo... I

«A Protectora» orgam da Associação P. do Brasileiros Pretos, no seu último número, assumiu attitude de matamoiros, e atirou-se de unhas e dentes, contra todos os pretos que não comungam das suas idéias.²²⁶

Respondendo II

Não somos nenhum forasteiro desconhecido, desses que *mysteriosamente* surgem em certos meios sociais, envergando a esclavinha de peregrino constricto ou as roupagens de eremita

²²²Pedro A. F. Cruz. Para o Getulino. Getulino. nº. 4, p. 1, col. 5, 19 ago. 1923.

²²³ Devido a abreviação de seu nome, as pesquisas sobre este colaborador da folha foram infrutíferas até o momento.

²²⁴ Pedro A. F. Cruz. op. cit.

²²⁵ Ibidem. op. cit.

²²⁶Da Redação. Respondendo I. Getulino, nº 02, p. 03, col. 03, 05 ago. 1923.

arrependido. (...) Abrimos este *parenthesis* para contestar a intriga forjada á socapa, de que o «Getulino» foi fundado tão somente, para provocar a sizania no meio da classe em Campinas. ²²⁷

Respondendo III

Censuramos, no entanto, quem manda escrever para assignar; assim como criticamos quem escreve asneiras e foge a responsabilidade das mesmas, permitindo que a ignorância de muitos sirva de alvo para troças e galhofas. ²²⁸

É interessante notar que o artigo de Pedro A. F. Cruz, aconselhando os editores do «*GETULINO*» a suspenderem a polêmica com a *Protectora*, é publicado junto ao texto “Respondendo III”; o primeiro, na capa e o segundo, na página 2. A cizania com a *Protectora* não se encerra na série de três artigos, continuando por toda a existência do jornal.

Outro colaborador convidado é Deocleciano Nascimento, jornalista, poeta, guarda-livros e propagandista do «*GETULINO*» em São Paulo. Tem sua primeira colaboração publicada na edição de número 18: um poema de quatro versos que discorre sobre as belezas do Brasil e termina por relacionar a “evolução” do país ao “povo negro”.

A fotografia de Deocleciano foi publicada na edição de número 51, por ocasião de seu aniversário. Na legenda, Fig.m diversos elogios à personalidade de Deocleciano e de sua atuação frente à comunidade negra [imagem reproduzia à frente].

Outro colaborador que tem sua fotografia publicada no jornal é José Augusto Jovita Marques, jornalista e tipográfico que, de acordo com os editores da folha, “desde os primeiros dias do «*GETULINO*», tem lhe emprestado o concurso de sua penna privilligiada”. É interessante notar, porém, que apenas duas colaborações são assinadas por Marques, uma na edição de número 22, “Tio Chiquinho”; e outra na edição de número 31, “Uma infeliz”, que se trata de um poema.

²²⁷ Da Redação. Respondendo II. Getulino, nº 3, p. 1, col. 4, 12/08/1923.

²²⁸ Da Redação. Respondendo III. Getulino, nº 4, p. 2, col. 1, 19/08/1923.



Fig. 30 - Deocleciano do Nascimento -
Getulino n° 51



Fig. 31 - José Augusto Jovita Marques,-
Getulino n° 42

Pelas demais referências feitas nas páginas do periódico por seus redatores, Marques mostra-se próximo ao grupo produtor, tanto na questão do relacionamento pessoal como no tocante ao projeto político-ideológico defendido pelo grupo de alcançar a elevação do negro através dos estudos e do comportamento que “enobrece a espécie”.



Fig. 32 – Prof. Norberto de Souza Pinto – Getulino n° 64

O prof. Norberto de Souza Pinto é outro colaborador do «*GETULINO*» que tem sua fotografia publicada no jornal. A imagem circulou junto ao texto produzido por Souza Pinto, que ocupa três colunas da página dois da edição de número 64, tratando do tema educação. O outro texto assinado pelo professor mantém a mesma temática: a educação, na qual discorre sobre os benefícios da ginástica na formação do aluno, publicado na edição de número 9, em duas colunas.

O «*GETULINO*» contabiliza mais de 165 colaboradores que tiveram seus textos publicados com a identificação do autor, sejam poemas, cartas ou artigos

de fundo. Muitos empregavam pseudônimos para assinar os escritos, tais como Laly [35 textos], Forasteiro [13], Nego Véio [11], Germo [7], José de Nazareth [7], Gê [6], Lupernas [4], Vulpiano [4], Lingues [3], Camponeza [2], Sacy [2], X [2], Xxto [2], D' [1], Das esmeraldas [1], Deoclê [1], Desilludida [1], Lili Prosa [1], Linoca [1], Rotineiro [1], Solitario [1] e Z [1].

“Laly” e “Lingues” são pseudônimos de Lino Guedes; [reprodução à frente] e “Deoclê”, a contração de Deocléciano do Nascimento. Acreditamos que “Germo” e “Gê” sejam pseudônimos de Gervasio de Moraes, aumentando assim a quantidade de textos publicados no «*GETULINO*», de 14 para 27, para Gervasio de Moraes; de 8 para 46, no caso de Lino Guedes; e de 10 para 11, em relação a Deocleciano do Nascimento.

Os colaboradores mais ativos do «*GETULINO*», descontando-se as junções feitas acima, foram: Laly [35], Druzillo [16], Evaristo de Moraes [14], Gervasio de Moraes [14], Forateiro [13], Benedicto Florencio [12], Gustavo, o Máu [11], J. Augusto Marques [11], Juvento Só [11], Nego Véio [11], Deocleciano Nascimento [10], Augusto Marques [9], Lino Guedes [8], Germo [7], Euclydes de Oliveira [6], Gê [6], Mario, o Santo [6], Christovam A. Junior [5], F. Marcondes [5], J. Luiz de Mesquita [5], Lacerda Werneck [5] e Mariquita [5].

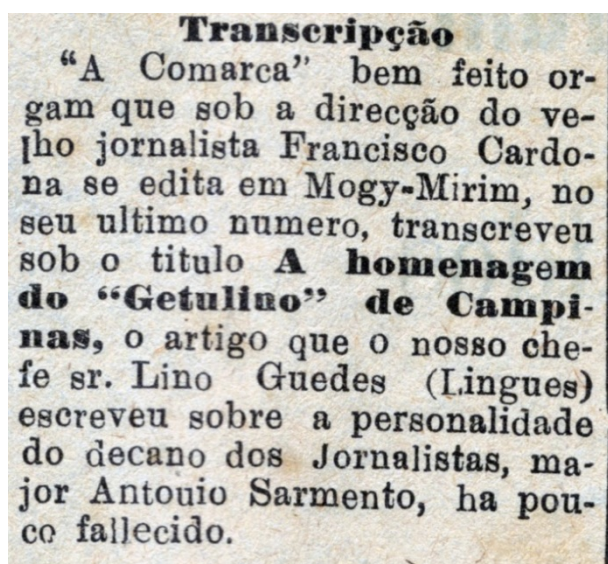


Fig. 33 - *Getulino*, nº 32, pag. 3, col. 1, 02/03/1924

Entre os colaboradores do sexo feminino, Mariquita é a mais ativa de todas, com cinco contribuições. É seguida pela Prof.^a Maria Rosa M. Ribeiro, com três publicações; e por “Camponeza” e Violeta, ambas com dois textos publicados. Já as colaboradoras Desilludida, Lais Moraes, Mary Santos, Lili Prosa, Linoca, Nair Santos, Shopia Campos e Zuleika Oliveira tiveram apenas um texto publicado, totalizando 21 contribuições femininas em um universo de 446 textos assinados.

Mariquita, inclusive, assina texto publicado na capa da primeira edição do «*GETULINO*», intitulado “Votos a prosperidade do Getulino”, o que demonstra certo grau de integração e distinção entre o grupo produtor do hebdomadário. Depois, apresenta sua visão sobre o dia 13 de maio, na edição de número 12, onde se expressa de forma coesa ao pensamento veiculado pelos demais artigos selecionados pelo grupo produtor que tratam da abolição da escravatura.

Também para nós o dia 13 de maio é festivo; é nesse dia que com mais viva lembrança recordamos os tristes contos de nossos avós; então nos sentimos venturosos e bendizemos aqueles que com amor ardorosamente trabalharam para nos dar essa ventura. Bemvinda seja pois a gloriosa data em que a felicidade nos quis brilhar. Salve a Redemptora, salve Luiz Gama e todos os abolicionistas; e a seu exemplo lutando com valor pelo engrandecimento de nossa raça alcançamos um dia a palma da vitória.²²⁹

Ao memo tempo em que Mariquita saúda a princesa Isabel como a “Redentora”, a autora destaca a Fig. de Luiz Gama e exalta a participação dos abolicionistas no processo, terminando por chamar à luta a comunidade negra: “a seu [de Luiz Gama e abolicionistas] exemplo lutando com valor pelo engrandecimento de nossa raça alcançamos um dia a palma da vitória”²³⁰.

Em sua última contribuição publicada no «*GETULINO*», Mariquita versa sobre a importância da escolarização, empregando para isso a linguagem de conto. Nele, descreve as desventuras de um menino chamado “Pedrinho”, que foge da escola para brincar nos campos, e que, certo dia, ao voltar tarde para casa após matar aula, encontra a mãe em lágrimas junto ao leito de morte de seu pai.

²²⁹ Mariquita, Grande dia. Getulino, n° 12, p. 03, col. 01, 13 out. 1923.

²³⁰ Ibidem, op. cit.

A autora descreve que, após este incidente, Pedrinho vota à escola e se torna um bom aluno, recebendo a coroa de mérito escolar por alcançar o primeiro lugar entre os colegas de turma.

Chegou finalmente o dia dos exames e Pedrinho alcançou o primeiro lugar. (...) Depois de receber muitos abraços Pedrinho saiu a procura de sua mãe e ao encontrá-la disse: desejo levar esta coroa ao túmulo de meu pai. (...) A boa senhora elevou o coração a Deus para agradecer-lhe a regeneração do querido filho, e guiada por ele dirigiu-se para o cemitério onde colocou no pé da humilde cruz da sepultura do marido a coroa de méritos de Pedrinho.²³¹

Notemos, porém, neste conto escrito por “Mariquita”, que a transformação de Pedrinho não se dá pela conscientização a partir de exemplos de vida e postura de negros ilustres ou anônimos, mas sim pela intercessão divina: “sem coragem para reagir [a mãe de Pedrinho], previa a perda também do filho se Deus não operasse um milagre”²³².

O conto também não faz menção à etnia de origem dos personagens, informando apenas que eram de família humilde; desta forma, o escrito apenas reforça o valor da educação para o grupo, e não o processo de construção da cidadania através do esforço coletivo dos negros.

MODOS DE CIRCULAÇÃO E AMBIENTES DE DIFUSÃO

O «*GETULINO*» também mantinha uma rede de colaboradores nas cidades da região, além de São Paulo e Santos.

É correspondente em Santos, o s.r. Orlando Baptista, residente à Rua Baptista pereira, 60; em Limeira, o s.r. Geraldo Rodrigues, Rua Santa Cruz nº 81; em Itapira, o s.r. Lazaro Silva, Hotel do Comercio; Socorro o s.r. Noé Julião, Rua José Bonifácio e em Jundiá o s.r. Etelvino Barbosa, residente a Avenida Cavalcanti, nº 76.²³³

²³¹ Mariquita, Expição heroica. Getulino, nº 56, p. 02, col. 06, 12 out. 1924.

²³² Ibidem.

²³³ Expediente do Getulino, nº 23, p. 03, col. 04, 30 dez. 1923.

Esta rede de correspondentes, além de alimentar o jornal com pequenas notas sobre cidades de residência destes, também servia como ponto de distribuição, cobrança e captação de anúncios.

E' nosso correspondente em Santos, o sr Orlando de Paula, residente à rua Baptista Pereira, 60; em Limeira, o sr. Geraldo Rodrigues, rua Santa Cruz n. 81; em Itapira, o sr. Manoel Ferraz Junior, á rua Campos Salles, 14 e Adão G. Pereira, do Centro Telephonico; em Socorro o sr. Noé Julião, rua J. Bonifacio; em Jundiahy o sr. Etelvino Barbosa, residente a Avenida Cavalcanti n. 76; em Villa Americana, o prof. João Solidario Pedroso e em Pouso Alegre, o sr. Joaquim Mariano, residente á rua Monseñhor José Paulino, 14 e em Piracicaba o sr. João da Silva Gomes, á rua da Boa Morte, 12.

E' actualmente nosso cobrador o sr. Carlos Hintze, a quem pedimos as melhores attensões dos nossos bondosos assignantes e annuncientes.

Fig. 34 – expediente do Getulino com a indicação do local de moradia de seus correspondentes

A maioria das notícias veiculadas sobre estes municípios são relativas a festas de datas comemorativas de santos da Igreja Católica, bailes e eventos da comunidade negra, notas de falecimento, nascimento e aniversário. As “notas sociais” possuem uma maior regularidade, com destaque para as cidades de São Paulo e Santos, bem como as notas que dão publicidade às visitas dos diretores e redatores do «GETULINO» às cidades da região, indicando uma aproximação com os núcleos negros destas localidades.

Do interior

DE PIRACICABA :

FESTA RELIGIOSA

A festa do Divino Espírito Santo, realiza-se na Igreja Matriz desta Paróquia, obedecendo ao seguinte programma :

Dia 6 de Junho.

A's 18,30 horas, haverá Tríduo solenne em louvor no Divino Espírito Santo, com canticos, acompanhados por uma grande orchestra regida pelo maestro Lozano, e conferencia religiosa por um eximio orador sacro.

Noticias do interior

LIMEIRA

ANNIVERSARIO— Por entre as manifestações de amizade de seus incoutoveis amigos festejou a sua data genethliaca, no dia 14 do corrente, o sr. Antonio B. de Barros, a quem um pouco tarde cumprimentamos.

FALLECIMENTO— Falleceu no dia 5 do corrente a senhorinha Maria pe Souza dilecta irmã do sr. Izaltino de Souza O passamento de Maria que gosava de geral estima nesta cidade fio, muito lameniado.

Fig. 35 – anúncios e notas do Getulino

A cidade de Santos foi uma das primeiras a ter um correspondente fixo do «GETULINO». São Paulo, por sua vez, contava com dois correspondentes: Deocleciano do Nascimento, na Barra Funda; e Manoel Ferraz Júnior, na Penha. Com relação aos anúncios das cidades de circulação do jornal, excetuando-se Campinas, eles se restringem à oferta de serviço de taxi e pousadas na cidade de Santos. A rede de correspondência e distribuição, que é indicada no próprio jornal, segue os trilhos das ferrovias que cortam o Estado de São Paulo, em direção ao Estado de Minas Gerais.

AOS SNRS. VERANISTAS

Aconselho-vos que indo a Santos procurem o Auto n. 333. Com 7 lugares. — Estacionamento: Praça Mauá - Telephone, 279 ou 333 - Proprietario :

Orlando de Paula

SANTOS

Fig. 36 – anúncios e notas do Getulino

O jornal registra também a correspondência de leitores residentes na cidade do Rio de Janeiro, que são jornalistas e militantes da causa negra no período.

Do contador sr. Mario Prado , diretor-secretário da «A Federação» grande jornal ilustrado que se edita no Rio , recebemos a carta abaixo: Como campineiro, é com a alma transpassada de elevado jubilo que escrevo estas ligeiras linhas. Foi com indiscriptível prazer que recebi o n. 1 do “Getulino”, e apreciando o seu mui bem elaborado artigo de fundo, muito sensibilizado fiquei, pela magnanimidade dos seus nobres e elevados sentimentos patrióticos em prol dos nossos irmãos de raça. O Getulino, possuindo um corpo redactorial de jovens intemeratos na arena jornalística, esta fadado a executar integralmente o seu grandioso programma, para a consagração na sociedade e reerguimento moral e intelectual da nossa raça em Campinas, e quiçá no Brasil inteiro.²³⁴

Expande-se assim a circulação do hebdomadário produzido em Campinas para os principais Estados da região Sudeste. Pelo mapa a seguir, podemos visualizar as cidades atingidas pela rede de correspondentes do jornal e sua relação direta com a ferrovia.

Temos também que, pelo estabelecimento do perfil dos colaboradores²³⁵ do «GETULINO», é possível identificar o tipo de representação da rede de relacionamentos mantida pelo jornal, seja pessoal ou ideológica. Pelos dados existentes, podemos inferir que a rede de correspondentes e colaboradores era composta majoritariamente por professores, jornalistas, poetas e escritores, que compunham o círculo de amigos dos produtores do periódico.

²³⁴ Da Redação. Avançando. Getulino, nº 05, p. 02, col. 1, 26 ago. 1923.

²³⁵ Para efeito deste estudo, tomaremos o termo ‘colaborador’ no sentido de pessoa que envia textos de forma voluntária e gratuita ou a convite dos editores para figurar no jornal. Desta forma, como não há indicação explícita e, nem era costume na época, de se remunerar os escritores que enviavam os textos para publicação nos jornais de associações e reivindicatórios, tomamos que todas as colaborações forma feitas de forma livre, sem o pagamento, por parte do «Getulino», de qualquer valor pecuniário. Desta forma, direcionando o entendimento do termo de colaborador para identificar as pessoas que de certa forma se identificam com a linha editorial do jornal, ou que tem nos potenciais leitores do jornal seu público de interesse.



Mapa 01 - Estado de S. Paulo de 1910 com a indicação das principais ferrovias existentes no período.

Fonte: <http://www.ndl.go.jp/brasil/pt/data/L/010/010-0011.html>

Entretanto, cremos que, por uma questão legal, o jornal deixa claro a seus colaboradores que os textos enviados não serão devolvidos a seus autores e que o semanário não se responsabiliza pelas ideias e opiniões neles expressas. “A redação não se responsabiliza pelas idéias e opiniões emittidas pelos srs. Collaboradores. Os originais não serão devolvidos”²³⁶

Esta ressalva, mais uma vez, consta dos expedientes do «GETULINO» desde a segunda edição, reforçando assim a percepção de que as colaborações ao periódico foram todas expontâneas e feitas em função da aproximação ideológica entre a linha editorial do «GETULINO» e seu público.

De forma geral, a rede de colaboração do hebdomadário é composta por professores, jornalistas, poetas e funcionários de escritórios, tanto das ferrovias quanto servidores públicos, estes últimos em menor número.

²³⁶ Da redação. Expediente. Getulino, nº 02, pág. 03, col. 05, 05 de ago. 1923.

São do s.r. Paulo Oliveira residente em Guaiquica²³⁷, onde ocupa elevado cargo na estrada Funilense, os trechos abaixo: Recebi o primeiro numero do Getulino, que dado o seu escolhido corpo redacional, promete ter ampla aceitação entre os nossos conterrâneos, que poderão pelas suas columnas conhecer o bom e o bello, e repelir o que depõe contra a nossa dignidade de cidadãos livres. ²³⁸

Aulas particulares – o sr. Prof. Norberto de Souza Pinto, nosso apreciado collaborador, teve a gentileza de nos comunicar, que transferiu o seu curso de aulas particulares do prédio 63 da rua Lusitana, para o de número 211 da mesma rua. ²³⁹

João Nery – Joãozinho Nery, o aplicado alumno da Escola de Desenho «Francisco Glicério» collaborador do «Getulino» e inteligente amator fo G. Dramático «Luiz Gama» faz annos hoje, motivo porque incluímos entre as muitas felicitações que o nataliciante, receberá as nossas. ²⁴⁰

Outro ponto a ser observado na análise de um periódico é sua circulação, que vai para além do sistema de distribuição e colaboração. Segundo dados fornecidos pelo próprio jornal²⁴¹, temos que parte de seus leitores eram compostos por integrantes e frequentadores das “Associações e Grêmios de homens de cor”, observação corroborada pela própria formação do «*GETULINO*», que é gestado no interior do Grupo Gramático “Luiz Gama”. Notas diversas acusando o recebimento do jornal, palestras de seus editores ou articulações de atividades do Grêmio ao «*GETULINO*» atestam o desenvolvimento desta rede de associações.

Federação P. dos H. de Cor

O sr. Professor Francisco José de Oliveira, diretor do conceituado estabelecimento de ensino Collegio S. Benedicto e presidente daquela progressiva agremiação que muito tem pugnado pela completa emancipação da nossa raça, ministrando-lhe educação moral cívica e intelectual; respondendo a comunicação que lhe fizemos sobre a fundação desta folha referiu-se com palavras bastante elogiosas sobre o nosso gesto, gentileza que agradecemos. ²⁴²

²³⁷ Guaiquica fica a 97 km de Campinas sentido Araras.

²³⁸ Da redação. Prosseguindo. Getulino, nº 03, p. 01, col. 05, 12 ago. 1923.

²³⁹ Da Redação, Aulas particulares. Getulino, nº 53, p. 03, col. 01, 21 set. 1924.

²⁴⁰ Da Redação. Vida Social. Getulino, nº 51, p. 03, col. 02, 07 set. 1924.

²⁴¹ Nota do autor. Não nos foi possível levantar para além das informações impressas no próprio jornal a abrangência de sua circulação. Pois, no período não existia institutos de verificação da circulação dos periódicos nos moldes do ‘Instituto de Verificação de Circulação’ [IVC] que ateste a tiragem e distribuição dos jornais em circulação no Brasil.

²⁴² Da Redação. Movimento Associativo. Getulino, nº 01, pag. 02, col. 04, 29 set. 1923.

G. José do Patrocínio

Após a orchestra social executar diversas peças de seu vasto repertório, às 11 horas precisas, o sr. Paulo Estevam dos Santos, presidente daquele grêmio, abriu a sessão, fazendo um bem feito discurso, referindo-se com palavras economiásticas, que muito nos desvanece, sobre o nosso aparecimento e actuação no meio social campinense.²⁴³

G. R. dos Bandeirantes

Attendendo a gentil convite do G.R. «Bandeirantes», estiveram ahi, os srs. Martinho Andrade, Lino Guedes e o poeta Deocleciano do Nascimento. Agradecendo ás gentilezas com que foram commuladas, pela directoria, falou o nosso redactor-chefe, sendo bastante aplaudido recebendo ao terminar um artístico ramallete de flores.²⁴⁴

Conferencia

Desde ontem que se encontram em Piracicaba os srs. Benedicto Florêncio, Martinho José de Andrade, Herculano de Camargo, Gervasio de Moraes e Lino Guedes, que ali foram em visita ás sociedades de homens pretos. No Theatro Iris, em homenagem a nossa folha haverá um grande festival, ocupando a segunda parte do programa o conhecido jornalista Benedicto Florêncio que fará uma conferencia e a terceira o sr. Lino Guedes, que no intuito de divulgar os nomes dos poetas pretos, dirá versos de Cruz e Souza, Euclides de Oliveira, Guilherme Luiz, J. Augusto Marques, Theodoro Christino de Paula, João Vicente de Souza, Deocleciano do Nascimento e Gervasio de Moraes.²⁴⁵

Do sr. Francisco de Assis Paulo, secretário da *S.D.F. Nova Herança*, uma das associações que ornar o nosso meio social, recebemos o seguinte officio: Ilmos srs Redactores do Getulino -- Ao receber o Getulino esta sociedade encheu-se de orgulho, por ter agora a classe um orgam para defesa dos homens pretos. A directoria da Nova Herança faz votos de prosperidade ao Getulino que muito honra a nossa classe, o qual vem collocar-se em linha de combate na imprensa local.²⁴⁶

As referências sobre as visitas e homenagens que o grupo produtor do «*GETULINO*» faziam ou recebiam eram veiculadas preferencialmente na coluna “Movimento associativo”, indicando, só pela existência da própria coluna, que o grupo produtor da folha dispensava grande atenção a esta forma de organização da comunidade negra no período. O periódico noticia também as visitas, que recebe em sua redação, dos representantes de outras agremiações:

²⁴³ Da Redação. Movimento Associativo. Getulino, nº 01, pag. 02, col. 04, 29 set. 1923.

²⁴⁴ Da Redação. G. R. dos Bandeirantes. Getulino, nº 23, p. 02, col. 06, 30 dez. 1923.

²⁴⁵ Da Redação. Conferencia. Getulino, nº 24, p. 3, col. 1, 06 jan. 1924.

²⁴⁶ Da Redação. O nosso apparecimento. Getulino, nº 02, pag. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

Tivemos o prazer de receber em nossa redacção, segunda feira ultima, a visita do Sr. Paulo Estevam do Santos, digno presidente da **G.R.D.F. José do Patrocínio**. Srs. Que é um dos mais esforçados em prol da classe, manteve comnosco agradável conversação. Agradecemos a gentileza da visita. ²⁴⁷

Marcelino Evaristo Costa - Procedente de Piracicaba, onde reside, e em missão toda especial dos **homens de cor daquela adeantada** cidade, visitou-nos o sr. Marcelino Evaristo Costa. O distincto visitante hospedou-se na residência do nosso companheiro Benedicto Florêncio e conferenciou demoradamente com os nossos redactores. Grato pela distinção da visita. ²⁴⁸

Visitas honrosas

Distinguiram-nos com sua visita, em nome da Conferencia Districtal, que esteve reunida nesta cidade, a semana ultima os srs. Ver. Dr. **Onofre di Giacomo. Presbytero** presidente do districto de Campinas, residente em Pirassununga; **revd. Alfredo M. Duarte**, pastor da **Egreja Methodistista** desta cidade, e o leigo **Atilano Calvo**, representante da igreja de Tambahú, residente em Ibó. Os referidos e representantes manifestaram-nos seus agradecimentos pelas noticias que demos com referencia aos trabalhos Conferenciaes, fazendo-nos também, com tal gentileza muito gratos pela visita que hora registramos. ²⁴⁹

Argentino Celso

Esteve domingo ultimo nesta cidade o sr. Argentino Celso, presidente do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos, da Capital. S.s. era esperado na gare da Paulista, pelo sr. Gervasio de Moraes, redactor secretario desta folha. ²⁵⁰

Em Campinas

Acompanhado do snr. Gaudêncio Augusto Camargo, esteve nesta cidade o snr. Cesário Camargo, antigo lavrador, e homem preto popularíssimo em Capivary, onde é proprietário. O venerando ancião que há 30 annos não visitava Campinas, ficou surpreendido com os progressos feitos durante esse longo tempo. ²⁵¹

As notas sobre as visitas, sejam de colaboradores do «*GETULINO*» ou de integrantes do movimento negro, são uma constante no jornal, indicando a extensão da rede de circulação estabelecida pelo grupo. Entretanto, devemos

²⁴⁷ Da Redacção. Visa Social. Getulino, nº 07, p. 02, col. 03, 09 set. 1923.

²⁴⁸ Da Redacção. Vida social. Getulino, nº 17, p. 02, col. 02, 18 nov. 1923.

²⁴⁹ Da Redacção. Vida Social. Getulino, nº 35, p. 03, col. 03, 23 mar. 1923.

²⁵⁰ Da Redacção. Vida Social. Getulino, nº 36, p. 03, col. 01, 30 mar. 1924.

²⁵¹ Da Redacção. Vida Social. Getulino, nº 23, p. 03, col. 02, 30 dez. 1923.

destacar a partir da observação da publicidade veiculada no jornal, que sua circulação deveria ultrapassar a própria comunidade negra no período.

Desde a primeira edição até a edição de número 60, a página três é quase que inteiramente ocupada por anúncios de produtos e serviços que provavelmente não se manteriam se tivessem como únicos clientes os integrantes da comunidade negra campineira. Essa percepção é justificada pela carta enviada por um leitor do jornal, identificado como branco pelos redatores da folha e por artigos nos quais os redatores cobram atitudes das autoridades e dos “campineiros bem posicionados”, os quais “sabem que leem” o jornal.

O sr. Alfredo Pettris, distinto cavalheiro, admirador e amigo sincero dos pretos, alheio a todos os preconceitos, enviou-nos atencioso officio, cujos tópicos damos abaixo: Sendo este o primeiro semanário que se organizou em Campinas para fins tão altruísticos e humanitários, veio, estou certo, preencher uma lacuna de há muito existe no seio da classe, que necessita da imprensa para fazer valer os seus direitos muitas vezes espezinhados por aquelles que não conhecem os princípios da igualdade. Fazendo votos de prosperidade e uma vida longa ao novo jornal, subscrevo-me com estima.²⁵²

Desta forma, julgamos que o «*GETULINO*», pelo menos em grande parte de sua existência, até o número 50 aproximadamente, circulava para além da comunidade negra campineira, atingindo leitores brancos, seja por simpatia ao movimento ou apenas por curiosidade.

No tocante aos anúncios veiculados temos o de cigarros, serviços médicos, livrarias, advogados, sabonetes, remédios para problemas estomacais, sapatarias, máquinas de beneficiamento de cereais, agências financeiras, bares, lojas de roupas finas, armazéns gerais [guarda de café e cereais], entre outros. [que ocupam aproximadamente 60% da página três]

²⁵² Da Redação. Editorial. *Getulino*, n° 25, p. 02, col. 05, 13 jan. 1924.

DR. ALCIDES GARCIA
 Medico e parteiro operador da Maternidade de Campinas
Medicina em geral
 Partos, molestias das senhoras, molestias venereas e syphilis. Electricidade medica, banhos de luz, duchas e aparelho de ar quente, para tratamento das inflammacoes do utero e tumores nos ovarios. Consultorio Rua Luzitania N. 148, esq. da Conceição.
 Das 8 ás 10 e das 13 ás 16 horas.
 Teleph. 257. Residencia Rua General Osorio, 94. Telephone, 801.

A FINANCEIRA
CASA DE CALÇADOS
 Completo sortimento de Calçados de reputadas marcas para homens, senhoras e creanças.
EGYDIO ARANHA & COMP.
 Rua Barão de Jaguara N. 83
Telephone, 932 :: :: Campinas

Pharmacia Central
 RUA 13 DE MAIO N. 18
 :: CAMPINAS ::
 Consulta do Dr. Altino de Almeida
 As pessoas pobres consulta gratis.

PHARMACIA MODERNA
 A mais proxima da Estação da Paulista
Telephone, 950
TALENTO & CARCHEDI
 Attende-se a qualquer hora da noite
 Rua 13 de Maio N. 103
Campinas - Est. de S. Paulo

Cigarros Club 
 MISTURA DE DISTINÇÃO
 Marca que todo o fumante de bom gosto deve preferir

Fig. 37- anúncios veiculados na terceira página do Getulino edição de 27 e 39.



PARA O BANHO
EMBELEZAR A PELLE
BANHO DAS CRIANÇAS
BARBA, QUEIMADURAS
E QUAQUER FERIDAS
USEM SEMPRE
O
"ARISTOLINO"
(Sabão líquido)

Morreu Pedro Paulo
O poeta maximo dos ranchos
Triste, dolorosa a noticia que
faz vibrar de emoção no dia 23
do mes ultimo o mundo carna-
valesco carioca: morreu Pedro
Paulo.

Não poderíamos, nas rapidas
linhas deste registro, fixar, em
toda a sua amplitude, a figura
do poeta carnavalesco que a
quella dia, ao cair da tarde,
correu para sempre os olhos.
Era uma dessas figuras de re-
pentistas que se tornam cada
vez mais raras. As suas mar-
chas, os seus sambas fizeram
época e, annos seguidos, man-
tiveram alto o renome e o pres-
tigio do enredo composto.
Todos os ranchos cariocas
guardam ainda em seus archi-
vos demonstrações positivas da
intelligencia e da habilidade de
Pedro Paulo. Todos, agora que
ele tombou para sempre, de-
vem, com justiça, recordar os
triumphos a que os conduziu a
musa privilegiada do artista do
verso carnavalesco.

Moderado, mal podendo escon-
der a tristeza em que a mole-
sta e trista mergulhado, o can-
tar por effluencia dos ranchos
teria fulgurado em outras espe-
ras, se não tivesse o feito re-
trahido mal que acompanha to-
dos os de sua raça.

O seu nome, porém não se
apagará jamais. Elle está figu-
ra de traços do carnaval cari-
oca — o carnaval dos ranchos
— que nelle teve um dos seus
mais decididos pioneiros.

Não é sem profunda magua
que registamos a noticia da
morte de Pedro Paulo. Ella si-
gnifica uma perda sensivel para
os ranchos da Capital Federal,
que perdem o seu popular poeta.

Na data de 1.º de Maio
estão synthetizados todos
os soffrimentos do povo
trabalhador, todas as luctas
do proletariado e todas as
esperanças de melhores

AUTO N. 4 — Attende
chamados pelo telephone
119. Chauffeur, Martinho
Andrade.

Constipado!!



"GRINDELIA"
DE OLIVEIRA JUNIOR
ERONCHITE
ASTHMA
COQUELUCHE
ROUQUIDAO

Podir "Grindelia" de
Oliveira Junior.

Pharmacia Galeno

Arlindo de Assis Bueno

avisa seus amigos e freguezes, que de so-
ciada com o competente pharmaceutico sr.
Affonso de Almeida Prado, acaba de mon-
tar a Rua Barreto Leme, 200 (esquina da
Sacramento), a PHARMACIA GALENO,
onde conta com a preferencia de todos aque-
les que lhes honram com sua preferencia.
Consultas gratis aos reconhecidamente pobres.

dias para a plebe soffredora
em luctas constantes
contra a burgueia. A data
é apropriada para grandes
commemorações e todas as
classes trabalhadoras de-
vem, neste dia, unidas,
«experimentar a emoção da
mais ampla solidariedade»
esquecendo as divergen-
cias ideologicas, não vi-
sando senão o inimigo com-
mum.

Ao menos, no dia da Festa
do Trabalho, deve ser
estabelecida a «frente uni-
ca proletaria», com a uni-
ão de todos os trabalhado-
res como está projectado no
Rio de Janeiro.

Auto n. 4

Telephone 119

Attende-se das 7 horas das 18
horas. Tem carrocinhas para
transporte de bagagens - Pessoal
habilitado.

Preços convecionaes - Serviço
rapido.

Automoveis

Amiguinha que sou do
Getulino, envio-lhe esta
notinha, esperando que, a
mesma seja publicada:

Em uma corrida de auto-
moveis, que fiz domingo
ultimo notei:

Francisco, (Doutorzinho)
numa Buick sem rodas.

Claudio, subindo e de-
cendendo a Barão.

Ge, Packard, só para as
Bellas.

Quilica, Overland, só para
passar com... a

Dictinho, Dodge, passa-
do pela rua da Conceição
Deputado, Hudson, espia
só...

Armandinho dos Santos,
Chevrolet sem motor.

Tô, Maruon, fazendo ex-
cursão a Mogy-Mirim.

Fumaça, Hupmobil, que-
mando almofoadilha.

João Silva, Fiat para ir
a S. Paulo?

Dudô, Lancia com 7 lu-
garas.

José (Bijou) Gay, sem
licença, cuidado com os
fiscas.

Esperando ser attendida,
desde já lhe será grata a
leitora

Campineirinha.

Aviso

Avisamos os nossos bon-
dosos assignantes, que so-
mos obrigados, não só,
suspender a remessa de
nossa folha, a todos aque-
les que estão com mais de
três meses de atraso; e
assim sendo, constrangi-
damente, publicamos tam-
bem, os seus nomes.

A GERENCIA

EXPEDIENTE

O Getulino que se publi-
ca todos os domingos, tem
os seus escriptorios e offi-
nas a RUA LUZITANA
135 e telephone n. 315
para onde devem ser en-
viadas todas e quaisquer
collaborações ficando ao
critério da redacção publi-
cal-a.

A Redacção não se res-
ponsabilisa pelas idéas e
opiniões emitidas pelos
srs. colaboradores.

Os originaes não serão
devolvidos.

O sr. Alfredo Petris,
durante o dia attenderá na
administração desta folha,
sendo somente validos os
recibos por elle passados.

O «Getulino» é encon-
trado na «Charutaria Ha-
vaneza», durante a sema-
na.

Pedimos aos nossos as-
signantes em atraso a sal-
dar seus debitos com o
snr. Carlos Hintze ou
nesta redacção das 18
22 horas; senão somos
obrigados a suspender a
remessa desta folha.

E' nosso correspondente em
Santos, o sr. Orlando de Pau-
la, residente a rua Bap-
tista Pereira, 60; em Li-
meira, o sr. Geraldo Ro-
drigues, rua Santa Cruz
n. 81; em Itapira, o sr.
Manoel Ferraz Junior, a
rua Campos Salles, 14 e
Adão G. Pereira, do Centro
Telephonico; em Socorro o
sr. Noé Julio, rua J. Boni-
facio; em Jundiaby o sr.
Etelvino Barbosa, residen-
te a Avenida Cavalcanti
n. 76; em Villa America-
na, o prof. João Solidario

Pedroso e em Pousa Ale-
gre, o sr. Joaquim Maria-
no, residente a rua Monse-
nhor José Paulino, 14 e em
Piracicaba o sr. João da
Silva Gomes, a rua da Bos-
Morte, 12.

E' actualmente nosso co-
brador o sr. Carlos Hintze,
a quem pedimos as melho-
res attentões dos nossos
bondosos assignantes e an-
nunciantes.

AUTO N. 7 Pontô: Largo da
Estação. Attende chamados pelo
Telephone n. 119 - Chauffeur
Christino Andrade

Auto n. 82

Telephone, 119

— Pontô Estação —

MARCILIO FERREIRA
Campinas

Auto, n. 4

PONTO: LARGO DA
ESTACÃO

Attende chamados pelo
telephone, n. 119 e a noi-
te pelo 315.

Chauffeur
MARTINHO ANDRADE

Vende-se

lenha em toros a 15\$000
o metro.

Tratar pelo telephone
Jaguary Fazenda Meia Lua
Entrega-se a domicilio no
prazo de 24 horas.

ESTUDANTES

Quando precisardes de bons
livros sobre sciencia, literatura,
etc., deveis procurar a

Casa Mousinho

que os vende a preços van-
tajoos, assim como artigos de
papellaria, objectos escolares,
figurinos, riscos de bordados,
crochet, etc. — Incumbese tam-
bem de serviços typographicos
e de encadernação, que executa
com rapidez e presteza.

Vendem-se e compram-se
livros usados

RUA DR. QUITINO, 103

J. RODRIGUES PI-
NHEIRO
Campinas

Dr. João Marcilio

Advogado

Accetta o patrocínio de
causas civis, commerciaes,
criminaes e orphanologicas
em Campinas e nas co-
marcas circumvisinhas.
Incumbese de accusa-
ções e defesas no Tribunal
do Jury.

Faz inventarios com rapidez e
gratias, a Preços Modicos.

Trata de todas as questões
referentes a LEI DO INQUIL-
NATO, como sejam: notifica-
ções, despejos, depositos e in-
demnizações em favor dos in-
quilinos no caso de notifica-
ções e despejos maliciosamente
requeridos.

Escritorio: Rua Campos Salles, 21
Residencia: — Rua Ferreira
Penteado, 55.

Bem comer para Bem viver!

MAS, COMER BEM E ECONOMICAMENTE.

Só no BAR S. JOSE' — Aberto dia e noite.
Rua Barão de Jaguara, 79 — Almoço das 10 às 12
Jantar das 17 às 19 horas.

Preço de cada refeição 2\$000
Menus esmerados e variados diariamente
Cartões com direito a 30 refeições 55\$000

Excelente serviço a preços muito modicos. A
la carte. Cozinha à brasileira, portugueza, franceza
e italiana. Variado sortimento de vinhos e outras be-
bidas nacionaes e estrangeiras.

— José Jesus Lino —

— RUA BARÃO DE JAGUARA N. 79 —
TELEPHONE 1085

FABRICA DE MOVEIS CARPIN-
TARIA E ENTALHAÇÃO n. 1 UNIVERSAL

— IRMAOS SATRIANI & ZANONI —

Especialidade em sala Luis XV — Baroco Luis XV simples e
dourados, decorações de paredes, forto, etc.

Imitação de moveis europens para salas incompletas — Gothico,
Renascente, Empire, Moderno. Decorações em bronze e todos
os serviços pertencentes ao ramo.

Desconto aos revendedores e Tapeçarias.

Rua Anhanguera, 7 — Telephone Cidade 5437

Barra Funda — S. PAULO

Cigarros Club

MISTURA DE DISTINÇÃO

Marca que todo o fumante de bom gosto de-
ve preferir

: Pharmacia
Popular

MUDOU-SE

para a Rua Barão de Jaguara n. 80
(Largo da Matriz Velha)

Sob a direcção exclusiva do seu proprietario

Phco Armando Sampaio Gomes

TELEPHONE N. 18

Completo sortimento de drogas, productos chimicos
e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros,
— dos mais reputados fabricantes. —

Attende-se a qualquer hora com maxima presteza
e esmerado.

Vende-se

um terreno no popu-
lo bairro do Bomfim.

Tratar na Rua Barão de
Jaguara n. 123.

Omar Simões Magro - Adv-
gado. Rua do Sacramen-
to Num. 87.

Ao Taco de Ouro

BAR E BILHARES

Completo sortimento de bebidas
Nacionaes e Estrangeiras.

Secção de Charutaria
e Confeitaria

Café, Leite e Chocolate

Chope da Antarectica

HUMBERTO

DE CARVALHO

Rua Casas Bilenbach n. 33

TELEPHONE, 7-2

Preferiam sempre!

:: Guarani MALTE ::

Base: Guarani, Malte e

Abacate

Pedido: a Moreira & Cia

Telephone, 662

Rua José Paulino, 330

DR. ALCIDES GARCIA

Medico e parteiro operador

Partos, molestias das senho-
ras e vicia urinaes.

— Electri-
cidade medica. — Consultas a
das 8 às 10 e das 13 às 16 ho-
ras. — Consultorio e "residen-
cia: Rua Lusitana, 149. — Te-
lephone, 357.

AOS SNRS. VERANISTAS

Aconselho-vos que indo a
Santos procurem o Auto n.
335. Com 7 lugares. — Es-
tacionamento: Praça Mauá.
Telephone, 279 ou 333

Proprietario:

Orlando de Paula

SANTOS

Fig. 38 os anúncios ocupavam aproximadamente 60% da terceira página do Getulino.

Na quarta página ou contra capa, desde a primeira edição até a de número 61 o anúncio da “CASA DI LASCIO”, que ocupava toda a extensão da página.

GRUTLINO

CASA DI LASCIO

Largo da Cathedral 57 -- CAMPINAS



CAMPINAS

Chama a atenção

que oferece seu escolhido STOCK a preços reduzidos

Ternos de casemira, sob medida, moderna padronagem, por 85\$000

Cheviot azul, preto e cores modernas, sob medida por 95\$000.

Casemira americana, confecção caprichosa, sob medida, por 130\$000.

Casemiras cambraia, ultima novidade, sob medida, por 150\$000

Casemiras Glasgow, padronagem irreprehenivel, sob medida 170\$000

Casemiras Inglesas, ternos sob medida, desde 200\$000

A confecção dos ternos sob medida que acima expomos os preços, é feita com todo o capricho, satisfazendo a exigencia dos freguezes que gostam de vestir bem.

Aproveitem esta oferta

Corte elegante, confecção caprichosa

Tailleur pour dames

Confeccionamos sob medida a

Preços modicos

Nº de vossa interesse visitar a nossa casa

A unica que vos oferece estas vantagens

Casa di Lascio

Largo da cathedral, 57 :: Campinas

Fig. 39 - anúncio de página inteira da Casa di Lascio publicada na contra capa do jornal.

Em algumas edições, o jornal circulou com duas a quatro páginas a mais de propaganda, ocasiões em que são estampados anúncios de metade e um quarto de página, ostentando os mais diversos produtos e serviços.

GETULINO

Fumem sempre cigarros

**Viajantes,
Club,**

**CASTELLÕES
O REI DOS
CIGARROS**

**CINE
OLGA**

Delicia em misturas

Cia. Castellões -- S. Paulo

Anderson, Vieira & Co.

Importadores

Seccos e Molhados

Ferragens, Louças
e Vidros — Kerozene
"Brindilla,, — Gazolina
"Motano,, - PORATACADO
Automoveis "OVERLAND 4"

Rua Ferreira Penteado, 246 e 248
e Rua Saldanha Marinho, 199 (Esquina)
Telephone, 9-3-8
Caixa Postal, 150 **Campinas**

A Fabrica

DE

Tintas de escrever

E

Gomma arabica

"LIBERDADE"

premiada pela Exposição Internacional do Rio de Janeiro, com
MEDALHA DE OURO, avisa ao publico que tem annexa uma
fabricação de vidros, podendo fornecer aos srs. folheiros vidros
para lamparinas pelos mesmos preços de S. Paulo.

Peçam tabellas de preços á

Rua Visconde do Rio Branco n. 41

Teleph. 9-7-0

Fig. 40- Pagina de propaganda veiculada no Getulino edição de nº 40.

É possível observar uma diminuição gradativa de anunciantes a partir da edição de número 50, reduzindo inicialmente a propaganda de serviços, médicos, advogados, livrarias e alfaiates, mas permanecendo ainda a de produtos de higiene, remédios e cigarros. Após a saída da “Casa di Lácio” como anunciante, o jornal refaz sua diagramação, incluindo nas páginas dois e três reprodução de Fig.s sob o título “Imagens do Parnaíba”; na página quatro, onde antes Fig.va a propaganda da Cada di Lácio, são deslocadas colunas e anúncios que antes Fig.vam na página três.

Indicador F.º Lallo
Mansal Diódoro 71

GETULINO

VENDE-SE um auto Ford, com ponto na Estação e com pouco tempo de uso. Informações com o chafour do auto 7.

CAMPINAS

EXPEDIENTE

O *Getulino* que se publica todos os domingos tem os seus escriptorios e officina a RUA LUZIANA, 115 e telephone n. 316 para onde devem ser enviadas as cartas e qualquer cal horação ficando ao critério da redação publicalas.

O *Getulino* e encontrado á venda na "Charotaria Ilavaneza", durante a semana.

É nosso correspondente em Santos o sr. Orlando de Paula, residente á rua Augusta Pereira, 90; em Curitiba, o sr. Genildo Roberto, rua Santa Cruz 11; em Itapira, o sr. L. G. Pereira, do Centro Republicano, em São Carlos, o sr. Nôz Jullio, rua J. B. Facio; em Jundiahy o sr. Silvio Barbosa residente em 15 de Novembro 20; em Americana, o prof. João Saltafo Pedroso em Pouso Alegre, o sr. Joaquim Mariano, residente á rua Monsenhor José Paulino, 14 em Lavras (Minas) o prof. José Luis de Mesquita, em S. Paulo o sr. Manoel Perez Junior, á rua João Corio, 61 (Pirajá) e em Piracicaba o sr. Rafael Alves da Rocha á rua do Rosario, 75.

Constipado!!

"GRINDELIA"

DE OLIVEIRA JUNIOR
BRONCHITE
ASTHMA
COQUELUCHE
ROUQUIDÃO

Pedir "Grindelia" de Oliveira Junior.

Empresa Inglesa

A maior Casa de Móveis em Campinas Tapeçaria, Amoleto, cortin, Linoleum e congelim - Camas, Patentes, Camas de ferro e colchões Móveis completos e peças avulsas

Móveis para escriptorio
Preços vantajosos e ao alcance de todos

Vendas á vista e a prazo

JACQUES GRINBERG
Rua Barão de Jaguará, 78
Telep. 80- Caixa, 316-

CAMPINAS

Telephon, 279 ou 338
Proprietario:
Orlando de Paula
SANTOS

Sem dores reumaticas
Depurando e Tonificando
o SANGUE COM O
TAYUYÁ
- DE -
S. JOÃO DA BARRA
TERES SEMPRE
SAUDE E BEM ESTAR

PARA O BANHO
EMBELEZAR A PELLE
BANHO DAS CRIANÇAS
BARBA, QUEIMADURAS
E QUAESQUER FERIDAS
USEM SEMPRE
"ARISTOLINO"
(Bande liquid)

Crie-se uma linha telefônica. Tratar á rua Regente Feijó, 254

Vende-se o material de uma officina typographica cartas por obsequio nesta redação

Auto n. 7

Ponto: Largo da Estação. Atende chamados pelo telephone n. 119 Chafour Christino Andrade

Auto n. 4

PONTO: LARGO DA Estação
Atende chamado pelo telephone n. 119 e a 1-1 to pelo 316,
Martinho Andrade

ALFREDO PETTRIS
—Salto de barbeiro—
Rua Lusitana N. 135

Cigarros Club

MISTURA DE DISTINÇÃO

Marca que todo o fumante de bom gosto deve preferir

"Liberdade" me-lhor marca

Não comprem tintas para escrever (azul-preto), para copiar, para carimbar encarnada e gomma arabica liquida, sem pedirem

amostras e preços á Fabrica Liberdade,
Rua Visconde de Rio Branco n. 41— Telephone 97-0
Fornecedora da Companhia Mogiana e de todos os collegios de Campinas.

Auton. 131

PONTO: LARGO DA Estação
Atende chamados pelo telephone n. 119
Chauffeur
João Ferreira

AOS SNRS. VERANISTAS

Aconselho-vos que indo a Santos procurem o Auto n. 333. Com 7 lugares.—
Estacionamento: Praça Mauá

Fig. 41 - página de propaganda veiculada no Getulino edição de nº 65.

A diminuição do número de anunciantes coincide com o final do próprio jornal, tendo o «*GETULINO*» sobrevivido a mais cinco edições em Campinas. Pela diagramação da página quatro da edição de 45, que reproduzimos atrás, é possível verificar que a parte superior encontra-se subaproveitada, aparentando que o grupo tentou até o último momento obter um anunciante para o espaço, mas que não obteve sucesso.

Na página anterior, há a publicação de anúncio do próprio «*GETULINO*» intitulado “Um Apello”, direcionado aos correspondentes e assinantes do jornal, solicitando-lhes que saldassem suas dívidas para com o semanário [Fig. à frente]. A tiragem que era anunciada, de 1.500 exemplares, desaparece do expediente, ficando apenas o nome dos correspondentes e demais informações sobre a folha.

Neste anúncio, é feito um apelo emocionado para que os assinantes saldassem suas dívidas de forma a permitir a continuidade do jornal, o que reforça a percepção de que a maior fonte de renda do jornal era proveniente das assinaturas, e não a venda avulsa dos exemplares. Com a queda das assinaturas, também há a retirada geral dos anunciantes.

É incalculável o pouco causo, com que os homens pretos de Campinas, receberam o «*Getulino*». Envergonham-se em ler o órgão que defende os seus interesses, negando as véses a sua raça infeliz que trabalhava ao zunir constante do chicote e ao tilintar dos ferros que symbolisavam a escravidão. ²⁵³

Guedes compara-se a um lavrador, a cultivar a terra, na esperança de melhor extrair dela bons frutos:

Agora, como que pondo uma nota triste no conjunto que se vos afige alegre, num arranco de dor pesada e omára vos digo que todas aquellas ideias boas, sãs, nobres abortaram. Em vão, curva-se o lavrador sobre a terra que rega com o suor de seu rosto sob um sol ardente, em vão fenece o operário estiolado entre as paredes de uma officina insalubre. ²⁵⁴

²⁵³ Lino Guedes. O *Getulino*, sua influencia em o nosso meio social. *Getulino*, nº 64, p. 01, col. 01, 20 dez. 1924.

²⁵⁴ *Ibidem*.

UM APPELLO

AOS NOSSOS CORRESPONDENTES E DISTIN- CTOS ASSIGNANTES, CUJAS ASSIGNATURAS ACHAM-SE VENCIDAS.

O *Getulino* certo de que o presente appello será tomado na devida consideração por todos os amigos cujas assignaturas acham-se vencidas, vem pelas presentes columnas pedir-lhes mais uma prova de amizade e sympathia mais um esforço pela nossa causa, mais um gesto de dedicação pelo ideal que defendemos, mandando solver esse pequeno debito para com esta administração.

Como estes bons amigos não desconhecem para que a campanha de elevação moral e espirital, que forma o nosso programma seja integralmente realisada é mister o concurso, o estímullo, o auxilio de todos os nossos distinctos leitores.

Nossos bons assignantes formam a phalange que ha mais de um anno se vem batendo pelas altas aspirações que defendemos. Cada um delles é um paladino, um luctador, que dentro da esphera de suas attribuições vem concorrendo para o triumpho final da nossa causa commum. Não podemos prescindir de um so desses admiraveis e abnegados amigos no prelio que combatemos pois que dos esforços de cada um em particular é que se forma o complexo das forças com que affrontamos os obstaculos multiplos e varios que se nos antolham.

O nosso jornal tem sido até hoje e continua a ser cada vez mais, o labaro em torno ao qual se reúnem todos os pretos brasileiros.

Pelo bem, pela patria, pela familia, temos luctado e luctamos sempre, convencidos de que a victoria desses ideaes, depende apenas, de constancia, de tenacidade e de fé, de fé ardente nas possibilidades mentaes, sociaes e psychologica de nossa raça.

O nosso "desideratum" de levar a todos os lares a luz dos conhecimentos da sciencia, os preceitos da moral e da religião, o sorriso amavel da arte, e as conquistas do pensamento deve ser aprovado, por todos os paes, irmãos e esposos brasileiros.

O nosso jornal não pode nem deve ser, apenas, o fructo de alguns esforços individuaes. Elle representa a dedicação, o trabalho a idealidade não so de nossos assignantes,—legionarios activos—mas de todos os homens pretos patricios unidos a nos pelo espirito pela sympathia, pelo coração.

Cada bom amigo que esmoreça na lucta representa um precioso elemento de victoria que perdemos. Emfim, a maior aspiração do nosso jornal é simultaneamente aos conhecimentos e á leitura agradável que proporciona, contribuir o maximo possível para o bem estar de seus assignantes.

Ja bastante conseguimos neste sentido e esperamos, ir dia a dia melhorando todas as nossas secções.

E' preciso, porem, que o entusiasmo dos novos paladinos não seja inutilizado pela deserção dos antigos.

O nosso programma de informações e de educação vae se ampliando cada vez mais.

Para que possamos, porem, realisar ampla e integralmente é necessario que todos os nossos assignantes nos auxiliem, quer obtendo-nos novas assignaturas, quer reformando as que possuem, quer, ainda, solvendo seu pequeno debito para com esta administração, o mais breve possível ou por outra até o dia 1.º do proximo mês.

Por mais este esforço em prol da magna causa que forma o nosso programma desde já o *Getulino* se declara penhorado, não so em seu nome como no dos milhares de patricios por cuja elevação social e por cujo bem estar vem luctando ha quasi dous annos e luctará sempre.

Temos, assim, a plena certeza de que os nossos distinctos assignantes vencidos accederão pressurosos a este appello, mandando solver seu debito nesta administração ou então com os nossos dellegados correspondentes, que depois da leitura deste redobrarão em esforços para que não peçam os nossos ideaes adquirindo assim, mais um legitimo titulo á nossa perenne gratidão.

Fig. 42 – Apelo aos leitores para quitarem as dívidas referente às assinaturas. *Getulino* nº61

E, quase predizendo o fim do «*GETULINO*», que de fato ocorreria em poucas semanas, assim se expressa sobre a não adesão da comunidade negra aos ideais do semanário:

É cruel e quase brutal a indiferença do meio pelas ideias sãs, pelas cousas aproveitáveis á collectividade e a Pátria. Se amanhã o Getulino findasse talvez alguns manifestassem a sua tristeza, os outros sorriam, com esses sorrisos subtis e soberanos de quem tem pensamentos mais elevados, de quem se não ocupa do que é fútil, do que é tolo, do que é risível.²⁵⁵

A crise de circulação do semanário coincide com a entrada de novos colaboradores e, por conseguinte, de uma nova forma de se expressar sobre as necessidades, desafios e objetivos a serem alcançados pela comunidade negra.

Outro fator a ser analisado foi o aumento do valor da assinatura do jornal, que inicialmente era de 10\$000 Reis, a anual; 6\$000 a semestral; 1\$000 a mensal e \$200 para o exemplar avulso, que poderia se adquirido na “Charutaria Havaneza”, durante a semana.

A partir do número 51, os preços são reajustados para 1\$500 mensal, 7\$000 semestral, 12\$000 anual e o exemplar avulso para \$300. Para o interior, os preços passam a ser de 15\$000 ao ano; 8\$000 no semestre; e 2\$000 mês.

O «*GETULINO*», como os demais jornais do período, fazia-se circular entre as redações ou “colegas/coleguinhas”, como era comum o tratamento entre os veículos na época. Esta rede de circulação também servia para validar a existência do próprio jornal. Nas primeiras edições do «*GETULINO*», os editores se esmeraram em transcrever as notas e cartas de felicitações ao lançamento da folha.

A PLATEIA, o vespertino paulistano de Araujo Guerra, na sua correspondência local assim se exprimiu: “Em defesa da Classe”
Circulou sabbado último, o primeiro número do bem feito semanário «Getulino» orgam fundado para a defesa do interesses da classe dos homens de cor. Dirigido pelos srs. Lino Guedes e Gervasio de Moraes. «O Getulino» está fadado a fazer rápida carreira. O primeiro número teve extraordinária aceitação.

²⁵⁵ Lino Guedes. O Getulino, sua influencia em o nosso meio social. Getulino, nº 64, p. 01, col. 01, 20 dez. 1924.

O Diário do Povo, paladino dos fracos e dos oprimidos a cuja frente se vê o batalhador incansável para o progresso de sua terra, Álvaro Ribeiro, brilhantemente secundado pelo sr. Tasso Magalhães, assim se pronunciou a nosso respeito: «Getulino» Temos sobre a mesa o n 1 do Getulino, novo semanário que acaba de aparecer nesta cidade e dedicado á defesa dos homens de cor. (...) Ao novel collega desejamos vida longa e prospera.

É da Gazeta de Campinas, bem feito orgam official do Partido Republicano, dirigido pelo sr. Galdino de Moraes Alves, a noticia que se segue: «Getulino» Circulou ontem o primeiro numero do Getulino, periódico dirigido pelos srs. Lino Guedes e Gervasio de Moraes. Agradecemos o exemplar enviado à nossa redação.²⁵⁶

A Mocidade, que se edita na formosa Rio Claro assim se exprimiu. Os nossos colegas. Recebemos o primeiro número do “Getulino” defensor dos interesses dos homens de cor e que surgiu a publicidade na bella e adeantada Campinas.²⁵⁷

Ainda nos são endereçados atenciosos officios e não pequenas são as referências que os collegas nos tem feito, encorajando-nos a não esmorecer na árdua lide jornalista.

A Tribuna, orgam do Partido Republicano de Mogy-Mirim referindo se a nós assim se pronunciou: O Getulino – Ornamenta a nossa modesta mesa de trabalho, o bem feito collega o <Getulino>, orgam fundado para a defesa dos interesses dos homens de cor, e, que se publica na prospera e culta cidade de Campinas sob a redacção dos srs. Lino Guedes, redactor chefe e Gervasio de Moraes, redactor secretário. O novo collega, além de ser optimamente confeccionado e superiormente redigido, traz primorosas colaborações, copioso noticiário e bem organizada secção de anúncios. Agradecemos a visita do “Getulino”, apresentamos parabéns aos seus redactores e ao novel collega auguramos uma vida longa e muitas prosperidades nos arraiaes da imprensa campineira.²⁵⁸

A transcrição das notas de homenagem e citações ao “aparecimento” do jornal na cena pública de Campinas segue com destaque por mais cinco edições. Posteriormente, é o «GETULINO» quem dará publicidade à chegada de novos jornais à cidade ou ao Estado.

O Clarim - Ornamenta a nossa mesa de trabalho o primeiro numero do «O Clarim», orgam literário, scientifico e politico, que sob a competente direcção dos srs. Jim de Araguay & Leite, sae á luz da publicidade em S.

²⁵⁶ Da Redação. O nosso apparecimento. Getulino, nº 02, p. 01, col. 01, 05 ago. 1923.

²⁵⁷ Da Redação. O nosso apparecimento. Getulino, nº 03, p. 01, col. 05, 12 ago. 1923.

²⁵⁸ Da Redação. Na vanguarda. Getulino, nº 07, p. 01, col. 01, 09 set. 1923.

Paulo. Desejamos felicidades a novel colegainha, permutaremos com prazer. ²⁵⁹

Elite - Temos em mãos o 1º e o 2º números do *ELITE*, bem feito jornal que sob a competente chefia do sr. Frederico Baptista de Souza e secretariado pelo sr. Abilio Rodrigues, se edita na capital do Estado. ²⁶⁰

A Ronda - Tendo como lemma “Independência ou morte” e por divisa “tudo pela verdade”, recebemos o primeiro numero d’A Ronda”, orgam critico, humorístico e literário, que sob a direcção competente do sr. Anísio Simões se publica em Itapira. Desejamos a novel colleguinha muitos louros. ²⁶¹

A Justiça - Temos sobre nossa mesa de trabalhos, os primeiros exemplares d’a < A Justiça>, novo collega que vem de encetar sua publicação na cidade de São Carlos, < A Justiça>, que se compromete defender os interesses daquelle município, e é redigido por uma plêiade de moços esperançosos, almejamos vida longa e feliz no árduo campo da imprensa independente. ²⁶²

O Elo – ornamenta a nossa mesa de trabalho o primeiro numero d’ “O Elo” orgam da mocidade mogy-miriana. Desejamos muitos louros na senda espinhosa da imprensa. ²⁶³

Esta rede de colaboração, representação e circulação garantiu ao «*GETULINO*» e a seus produtores a inserção na cena pública local e estadual, bem como certo grau de reconhecimento de seu direito de falar pela comunidade negra local. Legitimidade esta questionada por sua concorrente e opositora, “A Protetora”, também editada por um grupo de negros campineiros que disputam da primazia e do direito de falar pela comunidade dos “homens de cor” da cidade.

«A Protetora» , orgam da Associação P. dos Brasileiros Pretos, no seu último número, assumiu attitude de matamoiros, e atirou-se de unhas e dentes, contra todos os pretos que não comungam das suas ideias. ²⁶⁴

²⁵⁹ Da Redação. O Clarim. Getulino, nº 25, p. 03, col. 03, 13 jan. 1924.

²⁶⁰ Da Redação. Elite. Getulino, nº 27, p. 02, col. 06, 27 jan. 1924.

²⁶¹ Da Redação. A Ronda. Getulino, nº 28, p. 03, col. 03, 03 fev. 1924.

²⁶² Da redação. A Justiça. Getulino, nº 15, p. 03, col. 01, 04 nov. 1923.

²⁶³ Da Redação. O Elo. Getulino, nº 20, p. 02, col. 03, 09 dez. 1923.

²⁶⁴ Da Redação. Respondendo I. Getulino, nº 02, p. 03, col. 03, 05 ago. 1923.

Na edição seguinte, sob o título de “Respondendo II” , os redatores do «*GETULINO*» continuam a rebater as críticas feitas pela concorrente ao lançamento de mais um jornal dedicado à comunidade negra de Campinas.

Não somos nenhum forasteiro desconhecido, desses que misteriosamente surgem em certos meios sociais, envergando a esclavina de peregrino contricto ou as roupagens de eremita arrependido (...) O «Getulino» não é egoísta, enfrentará até os «poderosos» de domínio ephemero, porque não é jornal convencional e não vive de commodismo.²⁶⁵

A disputa pela atenção dos leitores permaneceu por toda a existência do jornal. Não foi possível, contudo, localizar nenhuma edição da “A Protetora” ou encontrar referências seguras sobre a sua circulação, rede de colaboradores ou correspondentes da folha produzida pela Associação Protetora dos Brasileiros Pretos. Desta forma, não nos é possível inferir sobre a abrangência de “A Protetora” ou mesmo saber se as informações destacadas pelos redatores do «*GETULINO*» correspondem à exata medida das possíveis divergências de posicionamento entre os dois grupos.

O que temos efetivamente é que a rede de colaboração, representação e circulação do «*GETULINO*» alcançou certa projeção e eficiência, permitindo ao periódico campineiro sua existência ao longo de 18 meses, de 29 de julho de 1923 a 1 de fevereiro de 1925. Esta rede de circulação mostrou-se também qualificada e coesa com a proposta editorial do jornal relativa a emancipação do negro pela educação, tendo em vista que a sua rede de colaboração foi montada preferencialmente em torno de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao domínio das letras.

²⁶⁵ Da Redação. Respondendo II. Getulino, n° 03, p. 01, col. 04, 12/08/1923.

CAPÍTULO III

A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS DE COR

Ridendo castigat mores eis a nossa divisa; rindo castigar os costumes. É, pois o nosso escopo, como já ficou dito, trabalhar pelo bem geral, o que faremos com o possível humor e empenhando nossas forças a favor da raça pigmentada, que não obstante os seus esforços e o muito que tem conseguido ainda recente de grande prejuízo derivados da quadra de nefanda memória, em que esteve sujeita ao martyrio inenarrável da escravidão pelo simples motivo de não ser branca ou amarella. ²⁶⁶

A linha editorial de um periódico define o campo de atuação onde atuará, traçando as diretrizes de seu posicionamento frente à sociedade. É nela que se define como se irá falar com o público, quais serão as notícias/informações que irão abordar, em essência, é a lógica pela qual o grupo produtor enxerga o mundo. É a partir da linha editorial que se tomam as demais decisões editoriais, permitindo assim a materialização das ideias e posicionamentos do grupo produtor em uma forma gráfica possível de ser entendida pelo leitor e/ou audiência.

O «*GETULINO*» fixa o seu campo de atuação junto à comunidade negra, “empenhando nossas forças a favor da raça pigmentada”²⁶⁷, reforçando esta posição na escolha do título, «*GETULINO*», e definindo seu escopo no subtítulo “órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos”. Estas decisões editoriais postulam alcançar um nivelamento social entre os cidadãos brasileiros, independentemente da cor/etnia. Esta postura é declarada em seu primeiro número: “este jornal pretende nivelar a situação dos brasileiros pretos à dos brancos” ²⁶⁸. Definem-se assim os objetivos a serem alcançados pela folha.

Os objetivos do jornal são apresentados direta e exemplarmente em três textos distintos: *Getulino*, *Votos à prosperidade do Getulino* e *Nosso Gesto*, publicados na edição de estreia em 29 de julho de 1923. Nestes textos são delineadas as principais bandeiras que serão defendidas pelo hebdomadário, bem como sua forma de atuação.

²⁶⁶ Da Redação. *Getulino*. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 01, 29 jul. 1923.

²⁶⁷ Da Redação. *Getulino*. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 01, 29 jul. 1923.

²⁶⁸ Mariquita. *Votos à prosperidade do Getulino*. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 05, 29 jul. 1923.

As bandeiras de luta são: a prosperidade intelectual e material da raça negra; o reconhecimento do valor do negro na sociedade; a conquista da cidadania plena do negro como determinava as leis vigentes; o direito de ser reconhecido como parte da história brasileira; e a união da comunidade negra de Campinas em torno do projeto editorial do jornal. Apresenta-se, também, as formas pelas quais empreenderão suas lutas: “e isto conseguir-se-á se tiverem perseverança no estudo, no trabalho honesto, e formos unidos.”²⁶⁹

Estes pontos serão perseguidos e defendidos com afincos por toda a trajetória da folha. Mesmo após seus editores abandonarem o lema *Ridendo castigat mores*, permanecem firmes na sua luta em defesa da educação, trabalho, cidadania e união da comunidade negra.

Mao grado a nossa divisa – *Ridendo castigat mores* – tivemos que transportar para bem distante a nossa orientação afim de tomarmos uma defensiva contra golpes vibrados pelas costas, os quaes fracassaram ante as inercias repulsas e a altiva attitude dessa **mocidade que é uma lástima**. Não esmorecemos com o nosso patriótico batalhar pela justiça e pela honra, amparando com desassombro os fracos e oprimidos, desferindo com denodo e galhardia golpes noutros na proporção que recebíamos.²⁷⁰

O artigo escrito por Gervasio de Moraes, publicado na primeira coluna da capa da edição de número 50, aqui citado novamente, tem por escopo reforçar as premissas que orientam a existência do semanário: a luta por justiça, honra, extirpação do preconceito e união dos negros em Campinas.

No entanto, parte do artigo é destinada a atacar o grupo produtor de seu concorrente, “A Protetora”, que classificou a “mocidade” que edita o «*GETULINO*» como uma “lástima”, revelando que a desunião ou a falta de entendimento entre os dois grupos não cessou ou esmoreceu ao longo do tempo.

Neste artigo, Gervasio de Moraes defende também que o redator-chefe da folha é o legítimo representante da comunidade negra da cidade: “o nosso prezado chefe Lino Guedes o moço jornalista orientador da intelectualidade

²⁶⁹ Mariquita. Votos à prosperidade do Getulino. Getulino, nº 01, p. 01, col. 05, 29 jul. 1923.

²⁷⁰ Gervasio de Moraes. Antes assim. Getulino, nº 50, p. 01, col. 01, 24 ago. 1924. Grifos do autor.

preta campinense”²⁷¹, revelando mais uma intenção daquela folha de se tornar a única e legítima voz da comunidade local. Este desejo é reforçado no artigo “A nossa missão”, quando o colaborador da folha escreve:

A missão que nós os modernos pensadores, que nos empenhamos nesta santa cruzada de implantar a liberdade e igualdade no solo da nossa pátria [...] apontando-lhes o caminho da luz e da verdade, para que possa formar ao nosso lado.²⁷²

Notemos então que a linha editorial traçada pelos editores do semanário tem dois objetivos distintos. O primeiro é defender e lutar pelo reconhecimento da inteligência e do valor do homem negro: “queremos a prosperidade da raça negra, lutaremos para que a intelligencia do homem de cor seja aproveitada”²⁷³, e atuar contra o racismo e pela união dos negros, “pontoando estas linhas fazemos um appello aos nossos numa só palavra – União – que traduz fielmente os nossos sentimentos”²⁷⁴. O caminho traçado para tanto é o da luta dentro das normas legais e o incentivo à educação/instrução do negro.

O segundo objetivo, não declarado plenamente, é o de transformar o “bello núcleo de letrados de cor”, ou seja, o grupo produtor do «*GETULINO*» ungido à condição de legítimo representante da comunidade negra em Campinas: “este jornal é a prova máxima de uma vontade férrea, e porá em evidencia o bello núcleo de letrados de cor existente em Campinas”²⁷⁵.

Para alcançar o primeiro objetivo, os produtores da folha dominical anunciam que irão seguir os passos do “Mestre” Luiz Gama, que empresta nome ao jornal e lhes inspira os pensamentos e formas de atuação social. “É nosso escopo continuar a obra do grande Mestre [Luiz Gama], trabalhando arduamente para emancipar em todos os sentidos a nossa outrora infeliz raça”.²⁷⁶

A Fig. de Luiz Gama é emblemática aos anseios do grupo produtor do semanário, influenciando não somente nos objetivos do jornal, mas também na

²⁷¹ Gervasio de Moraes. Antes assim. *Getulino*, nº 50, p. 01, col. 01, 24 ago. 1924.

²⁷² Augusto Marques. A nossa missão. *Getulino*, nº 67, p. 01, col. 05, 01 fev. 1925.

²⁷³ Da redação. *Getulino*. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 01, 29 jul. 1923.

²⁷⁴ Gervasio de Moraes. Antes assim VI. *Getulino*, nº 53, p. 01, col. 05, 21 set. 1924.

²⁷⁵ Benedicto Florêncio. Nosso Gesto. *Getulino*, nº 01, p. 02, col. 01, 05, 29 jul. 1923.

²⁷⁶ Da Redação. Legenda da foto de Luiz Gama. nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923.

escolha das formas de atuação social do grupo. O mestre inspirador dos produtores do «*GETULINO*» se fez livre por esforço próprio, tendo na via do letramento seu caminho para o reconhecimento social; lutou por sua raça, não esmorecendo diante dos desafios; teve na esfera legal seu maior campo de atuação e inserção na sociedade e, no manejo da pena, seu meio de reconhecimento social.

Gama²⁷⁷ lutou pela libertação, emancipação e reconhecimento do negro como cidadão brasileiro. A partir dos valores sociais impostos pelos seus antigos captores, Gama emprega em sua luta em prol da emancipação as “armas” colocadas à sua disposição pela própria estrutura que o oprimia.

Era esta estratégia que o grupo produtor do «*GETULINO*» procurava seguir ao propor e defender a conquista da “verdadeira emancipação”: a liberdade intelectual, através da educação e visibilidade social positiva dentro da estrutura estabelecida:

Seguindo o caminho da educação chegaremos á segunda etapa da grande ascensão que está destinada ao negro, e assim seremos capazes de prosseguir com galhardia e denodo na senda da humanidade como homens tão homens como os de outras raças.²⁷⁸

Este posicionamento de um dos colaboradores do «*GETULINO*», Christovam A. Junior, é reforçado por outra colaboradora de primeira hora do jornal, *Mariquita*, ao conclamar os jovens negros de Campinas a seguirem a trajetória de Luiz Gama rumo ao reconhecimento social:

Vós jovens que deveríeis ser a grandeza de amanhã, comparal a vossa situação a desse grande patrício [Luiz Gama] quando moço. É escravo; mas a sua vontade era tão férrea que mesmo nessa triste condição social estudava e trabalhava noite e dia para comprar a sua carta de liberdade. (...) com muito maior facilidade, pois, voz que nasceis livres, imitando o seu modo de proceder podereis ser grandes e felizes.²⁷⁹

²⁷⁷ Luiz Gonzaga Pinto da Gama nasceu livre, foi vendido pelo pai como escravo para pagamento de dívidas de jogo; aprendeu a ler e escrever ainda no cativeiro; fugiu de seu senhor e assentou praça no exercito, tornou-se advogado; escritor e abolicionista. Durante sua vida profissional como advogado defendeu inúmeros negros nos tribunais nos processo de conquista da alforria, também auxiliava pecuniariamente a todos que o procura. É reconhecido na história nacional como por sua atuação profissional, pessoal e social, obtendo inúmeros títulos honoríficos.

²⁷⁸ Christovam A. Junior. Liberdade Intellectual. *Getulino*, nº 13, p. 03, col. 03, 21 out. 1923.

²⁷⁹ Mariquita. Votos à prosperidade do *Getulino*. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 05, 29 jul. 1923.

Na busca pela concretização deste objetivo, o da educação dos negros, os editores do hebdomadário traçam como estratégia editorial o incentivo à educação formal do negro. Bem por isso, dão destaque à educação/escolarização em seus artigos e na divulgação de iniciativas pessoais de integrantes da comunidade negra no sentido de educar-se e buscar uma formação profissional que lhe garantisse acesso a postos de trabalho de maior destaque social.

Assim, mesmo através de pequenas notas, o periódico dá destaque à mocidade negra que logrou progredir no caminho do letramento:

É de hontem Mário Prado, o operário das officinas da Mogyana diplomar-se pela Escola de Commercio «Bento Quirino», o ser actualmente redactor secretário da «*FEDERAÇÃO*» grande jornal que se edita no Rio; Francisco Xavier Teixeira e Oscar Aragon, depois da libitina cruel ter ceifado a ambos a risonha existência de suas esposas, suavizavam as cruezas da labuta quotidiana de insano labor na Escola de Desenho «Francisco Glicério», donde após brilhantíssimo curso receberam diplomas de desenhistas, estreando já aquelle na imprensa com a emotiva poesia «Saudade do passado», que publicamos na ultima edição desta folha. Ainda temos Joãozinho Nery, collaborador nosso que depois de se empenhar o dia todo, com seu pae, mestre de obra de valor, pelo “pão nosso”, busca á noite nas escolas da Loja Maçonaria, o pão do espírito que lhe galardoará por futuro não muito remoto com melhores e mais suaves dias. ²⁸⁰

Lino Guedes cita estes “moços pretos” como exemplo de pessoas esforçadas e de caráter elevado, contrapondo-os aos que, após o dia de trabalho, colocam-se a andar pela cidade “a esmo sem nada fazer, sem rumo traçado [...] sobraçando violões em busca de Chora-Mané”²⁸¹. O texto evidencia que, em sua opinião, o estudo é o caminho para “melhores e mais suaves dias”²⁸², pois todos trabalhavam em serviços braçais em oficinas ou construção civil, o que se reverteria, com a educação, para ocupações em atividades ligadas ao manuseio da pena em escritórios ou redações de jornal.

A distinção entre o trabalho braçal executado na construção civil ou nas oficinas e o trabalho realizado em escritórios pode ser percebida na interpretação que o grupo propõe para os termos plebe e gentinha: “Plebe ou

²⁸⁰ Lino Guedes. Nunca é tarde para se aprender. Getulino, n° 35, p. 02, col. 01, 23 mar. 1924.

²⁸¹ Ibidem.

²⁸² Ibidem.

gentinha – Todos os que precisam viver do trabalho pesado”²⁸³. O dado pode ser obtido na coluna identificada como *Diccionario do Getulino*, assinada com o pseudônimo de “Larousse” em referência direta ao *Grande Dicionário Universal Larousse*, editado por Pierre Athanase Larousse desde 1863.

A valorização da instrução também ocorre nas notas que destacam as atividades dos integrantes da comunidade negra no tocante à instrução ou ao universo das letras.

Estudante - Foi promovido para o 4º anno da Faculdade de direito de São Paulo, o estudante de cor, sr. Euclides Bruno Fortunato da Cruz, irmão do falecido advogado Lafayette Cruz. O «Getulino» apresenta saudações muito affetuosas ao distincto acadêmico.²⁸⁴

A 20 do corrente festejou o seu genethiliaco, o jovem Aquilino Motta Junior aplicado alumno do Gymnasio do Estado.²⁸⁵

Fás annos no dia 13 do corrente o jovem Claudiné Florencio, quinto-annista do Gynasio do Estado.²⁸⁶

“O Barcellense”, orgam regional, que se edita em Barcellos (Portugal) trazendo no seu número 667, um soneto do applaudido vate Deocleciano do Nascimento, assim se pronuncia sob o nosso apreciado colaborado: «Deste nosso dedicado leitor, distincto poeta de S. Paulo, Brasil, recebemos duas apreciáveis poesias»²⁸⁷

Passou-se no dia 30 do mês recém-findo a data natalícia da senhorinha profa. Maria Augusta dos Santos.²⁸⁸

A distincta educadora foi cumprimentada na “gare” da Paulista, por um dos nossos redactores, em nome do “Getulino”.²⁸⁹

Na Universidade de Nova York um estudante negro, chamado Cullen, acaba de obter o segundo premio de poesia.²⁹⁰

²⁸³ Larousse. Dicionário do Getulino. Getulino, nº 7, p. 02, col. 02, 09 set. 1923.

²⁸⁴ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 37, p. 3, col. 1, 06 abr. 1924.

²⁸⁵ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 07, p. 02, col. 04, 09 set. 1923.

²⁸⁶ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 33, p. 03, col. 02, 11 mar. 1924.

²⁸⁷ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 28, p. 03, col. 02, 04 fev. 1924.

²⁸⁸ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 42, p. 03, col. 02, 01 jun. 1924.

²⁸⁹ Da Redação. Professora em viagem. Getulino, nº 20, p. 02, col. 01, 09 dez. 1923.

²⁹⁰ Da Redação. Os negros e a literatura. Getulino, nº 33, p. 03, col. 01, 11 mar. 1924.

As notas são publicadas na coluna *Vida social*, entremeadas por referências a nascimentos, casamentos e visitas de integrantes da comunidade negra a Campinas ou ao próprio jornal.

Devemos notar que as referências aos avanços na senda da educação e domínio das letras é maior que o destaque dado ao próprio evento noticiado ou mesmo ao protagonista do fato. Notemos o caso do “estudante negro chamado Cullen” ou mesmo da “distinta educadora”.

No primeiro exemplo citado, o estudante é um completo desconhecido e permanecerá assim, pois não nos é informado se Cullen é seu nome ou sobrenome, ou mesmo se este estudante negro é conhecido de alguém do grupo ou da cidade. Os destaques são para o prêmio que ele recebeu e o fato de o jovem ser negro.

No segundo exemplo, o nome da docente é citado apenas uma vez na nota de doze linhas, e sua atuação como “professora/educadora”, duas. A outra informação de destaque na nota sobre seu deslocamento da cidade de Espírito Santo do Pinhal para Descalvado, com parada em Campinas, é o fato de a professora ser filha do “distinto homem de cor sr. Cap. Odorico Moyses da Silva”²⁹¹.

Vistos de forma isolada, estes elementos distintivos e referenciais à posição social destas pessoas podem ser entendidos apenas como mais uma regra do fazer jornalístico, aquela indicando que todos os indivíduos devam ser identificados no tocante à sua profissão ou posição social. No caso do «*GETULINO*», esta prática do fazer jornalístico é extrapolada para o que pode ser entendido como uma posição ideológica do grupo, tendo em vista que não encontramos, em número significativo, o anúncio da visita de trabalhadores braçais à redação.

De forma geral, os “amigos” e “visitantes” do jornal são todos trabalhadores em escritórios, professores, jornalistas, militares ou estudantes.

O sr. Horacio da Cunha e sua exma esposa sra. D Maria do Carmo Marcondes da Cunha, residente na capital, participaram-nos que

²⁹¹ Da Redação. Professora em viagem. *Getulino*, nº 20, p. 02, col. 01, 09 dez. 1923.

contractaram o casamento de sua filha Benedita da Cunha, com o sr. Synesio de Souza, auxiliar da Companhia Telephonica. ²⁹²

Passa hoje a data genethiliaca do nosso colega de imprensa, bacharel Antônio Cesário Junior. ²⁹³

Esteve na cidade, dando-nos o prazer de sua visita o sr. Gabriel Alves Rocha, inspector de quarteirão e provedor da irmandade de S. Benedicto, de Piracicaba. ²⁹⁴

Já se encontra restabelecido da moléstia que o acometia o sr. Benedictio Santiago, contadorando da Escola de Commercio Bento Quirino e nosso apreciado collaborador. ²⁹⁵

Fez annos no dia 9 do corrente a exma. Sra. Didi de Saousa, esposa do sr. Benedicto Maria, funcionario da Recebedoria de R. Estadual. ²⁹⁶

O lar feliz do nosso acatado collaborador José A. Marques sub-chefe das officinas gráficas do “Livro Azul” encontra-se em festas no dia 28, por transcorrer nesta data o anniversário de sua exma esposa d. Anna da Silva Marques. ²⁹⁷

Embora tardiamente, o «Getulino» prazerosamente cumprimenta a exma. Sra. Néné Moravia, digníssima esposa do sr.dr. José Moravia Junior, engenheiro da E. F. Oeste de Minas, residente na cidade de Lavras, por motivo do seu anniversário natalício ocorrido no dia 27 do p. passado mez de outubro. ²⁹⁸

Esteve em Campinas, dando-nos a honra de sua visita, o sr. José Maria de Souza, diretor proprietário da “A Cidade”, bem feito jornal que se edita na adeantada Socorro. ²⁹⁹

A menção à profissão/ocupação dos amigos/visitantes do jornal não é uma regra para todos os citados, pois tal alusão faz-se tão somente para as ocupações relacionadas ao universo do letramento.

A valorização dos integrantes da comunidade negra, que tem na escrita seu universo de atuação social, também se dá pela publicação de suas

²⁹² Da Redação. Vida social. Getulino, nº 33, p. 03, col. 01, 11 mar. 1924.

²⁹³ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 34, p. 03, col. 02, 11 mar. 1924.

²⁹⁴ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 39, p. 03, col. 02, 19 abr. 1924.

²⁹⁵ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 43, p. 03, col. 01, 08 jun. 1924.

²⁹⁶ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 56, p. 03, col. 02, 12 out. 1924.

²⁹⁷ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 58, p. 03, col. 03, 26 out. 1924.

²⁹⁸ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 60, p. 03, col. 01, 09 nov. 1924.

²⁹⁹ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 61, p. 04, col. 02, 23 nov. 1924.

fotografias. Dentre as 91 fotografias publicadas no jornal, em suas 68 edições [67 da primeira fase e uma da segunda fase], 6 são de professores e uma do advogado Antônio Cesário.

O grupo de professores perde, em número de inserções, para o de mulheres³⁰⁰, com doze publicações, e para o de personalidades nacionais [Ruy Barbosa, José do Patrocínio, Francisco Glicério etc.], com doze inserções também.

Se alocarmos a este grupo o de professores, as fotografias do poeta Deocleciano do Nascimento [2], dos jornalistas Benedicto Florêncio [1], Lacerda Werneck [3] e as autorreferências aos editores da folha; Lino Guedes [2], Gervasio de Moraes [1], Martinho Andrade [3], Cristino Andrade [1] e Antenor do Nascimento [1], pois também exercem atividades ligadas ao universo da escrita, chegaremos ao número de 20 publicações de imagens de pessoas ligadas à comunidade negra, direta ou indiretamente, que têm sua inserção social articulada ao domínio dos códigos letrados.

Mesmo que retiremos deste grupo as três fotografias de Lacerda Werneck, único não negro da equipe, os números relativos ainda se mantêm significativos, apontando para uma escolha editorial articulada.

As imagens que receberam maior destaque foram as do professor Norberto de Souza Pinto; do diretor da Escola do Comércio, Paulo Santos; e do advogado Antônio Cesário. O professor José Luiz de Mesquita também teve sua imagem publicada no semanário, mas com menor destaque, ocupando apenas uma coluna, enquanto que as fotografias de seus colegas de profissão ocuparam de duas a três colunas.

³⁰⁰ As fotografias que compõem o grupo que denominamos ‘mulheres’ é composta pelas fotografias das finalistas do “Concurso de Beleza do Getulino” promovido pela folha. Há também nesse grupo a imagem de aniversariantes que não participaram do concurso mas são parentes próximos dos editores da folha.



Fig. 44 - José Luiz de Mesquita



Fig. 45 - Prof. Norberto de Sousa Pinto



Fig. 46 - Roque Rosa



Fig. 47 - José Augusto Marques

Na única referência que encontramos a um trabalhador que não tinha sua atuação ligada ao manuseio da pena, os editores empregam um sinônimo para descrever sua atuação profissional:

O sr. Maurilio Prado antigo cinesiphoro da prefeitura cargo que sempre desempenhou com muita pericia acaba de ser nomeado inspetor de vehiculos, motivo porque cumprimentamos lhe efusivamente. ³⁰¹

O termo “cinesiforo” [na grafia atual] é empregado em substituição à palavra motorista, cargo ocupado pelo leitor do jornal na Prefeitura de Campinas, que de forma geral não necessita um traquejo maior no universo da escrita, reforçando-se assim a percepção da disposição dos redatores do «*GETULINO*» em destacar e valorizar os indivíduos da comunidade que possuíam maior nível educacional.

A postura adotada pelos editores do hebdomadário é a de destacar e reforçar as atividades desempenhadas pelos leitores/colaboradores e amigos que tenham destaque e reconhecimento social no universo das letras ou desempenhem ocupações de nível médio em repartições públicas ou escritórios particulares. Para os indivíduos que não estão incluídos nestas categorias, a ocupação é silenciada, havendo apenas a menção ao fato, e não a referência à atividade profissional do mesmo.

Por esta peculiaridade, na forma de citar os eventos ocorridos na comunidade abrangida pelo «*GETULINO*», não nos é possível determinar com precisão o nível de escolaridade ou a ocupação média dos leitores. Tem-se, contudo, a certeza de que a intenção do grupo produtor do jornal é valorizar a educação como o caminho para a emancipação do negro na sociedade.

E, sem a luz da instrução, seremos os eternos escravos de nós mesmos; seremos captivos da nossa mente, qual um viajador sem destino, na escuridão atravessaremos trôpegos o grande mas da vida sem nada de luminoso deixarmos no nosso rastro encontrando tão somente dificuldades causadoras dos naufrágios das santas ideias sociais. ³⁰²

³⁰¹ Da Redação. Vida social. Getulino, nº 59, p. 03, col. 03, 02 nov. 1924. Grifo meu.

³⁰² J. Luiz Mesquita. O Grito do Ypiranga e a liberdade brasileira. Getulino, nº 52, p. 01, col. 03, 14 set. 1924.

Vida social

ANNIVERSARIOS

Fes annos hontem á interessante Maria Apparecida, filhinha de d. Maria Barbara de Oliveira.

—E' amanha que se transcorre o natalicio do sr. Elydio R. dos Santos.

—Faz annos hoje o galante menino Gentil, filho do sr. Geraldo Rodrigues, nosso correspondente em Limeira.

D NÊNÉ MORAVIA

Embora tardiamente, o «Getulino» praseirosamente cumprimenta a exma. sra. d. Néné Moravia, digna esposa do sr. dr. José Moravia Junior, engenheiro da E. F. Oeste de Minas, residente na cidade de Lavras, por motivo do seu anniversario natalicio occorrido no dia 27 do p. passado mez de Outubro:

D. Néné, é uma das damas de fino trato que na sociedade lavrense vê-se rodeada dos mais carinhosos affectos de admiração e sympathya.

Anniversarios

Fás annos no dia 22 do corrente a interessante menina Maria Chreistina, filha do sr. Christino J. de Andrade, co-proprietario do «Getulino».

— O sr. Alfredo Alves e sua senhora d. Paula O. Alves, festejam no dia 23, a data natalicio de seu prismogenito Alim.

— O lar feliz do sr. Marilio Ferreira, esteve em festa no dia 13 do andante, por motivo do natalicio de sua esposa d. Helena M. Ferreira.

Eulace Campos Castro

Effectna-se no dia 25 de Setembro, ás 13 horas, á rua General Camara, 1, sr. Joaquim de Campos com a prendada senhorinha Cynira de Castro.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

NA CIDADE

Estiveram na cidade regressando para S. Paulo onde residem os jovens Drill Caudinor de Queiroz Prado, filhos do sr. Antenor Soares de Queiroz Prado, gerente e redactor interino desta folha.

Fig. 48 - Getulino, n° 60

Fig. 49 - Getulino, n° 49

O texto enviado pelo colaborador do jornal Manoel Ferraz, publicado na edição de número 52, relaciona de forma contundente a instrução/educação como componente libertador dos negros e dos brasileiros em geral. Destacava que em 1822 “o ideal do povo era tornar a Pátria livre do domínio português” e que, naquele momento presente, o grande ideal seria a libertação do povo do analfabetismo.

Não pode haver liberdade n’um paiz onde a maioria dos seus habitantes vive em profunda obscuridade; não pode ser livre um povo que não conhece as grandezas de sua terra: nunca será livre que viver imerso em densas trevas sem jamais lhe rutilar na mente um raio de luz!³⁰³

A “luz” a que Ferraz se refere é a “luz da instrução”, que a seu ver e, do grupo produtor do «*GETULINO*», traria a verdadeira emancipação do negro e livraria a “pátria do preconceito”. A educação também é posta neste artigo como elemento de “adeantamento” do povo brasileiro, único caminho para que o “Brasil seja de facto um dos soberanos paizes da América”³⁰⁴.

Ferraz conclama, não só os leitores da folha, mas todos os brasileiros, a “bradar altissonante e com todas as forças dos nossos pulmões”:

Luz! Luz! Muita luz!
Queremos escolas; queremos a instrução: queremos as 25 letras do alfabeto nas mãos do povo, porque na opinião concreta de um poeta, nelas há mais luz do que em todas as constellações que brilham no firmamento.³⁰⁵

Completando sua defesa em prol da educação, o colaborador do «*GETULINO*» enfatiza que o Brasil somente será independente quando todo seu povo for instruído; que o país “tem apenas uma ideia embrionária” do que seja liberdade; e que a liberdade somente se fará presente quando se erigir “por todo este abençoado torrão, um templo de luz – uma escola”³⁰⁶, estabelecendo assim a ligação direta entre educação e liberdade. O autor também faz a ligação entre a ideia de instrução/educação com a de cidadania:

³⁰³ J. Luiz Mesquita. O Grito do Ypiranga e a liberdade brasileira. *Getulino*, nº 52, p. 01, col. 03, 14 set. 1924.

³⁰⁴ *Ibidem*.

³⁰⁵ *Ibidem*.

³⁰⁶ *Ibidem*.

Mas, também que cada um filho desta Terra do Cruzeiro, não se esqueça jamais que a independência brasileira será completa quando todos nós formos instruídos e educados e tivermos compreensão nítida dos deveres de um bom cidadão e patriota.³⁰⁷

O texto, de forma geral, relaciona o binômio educação/escolarização com a ideia de liberdade e cidadania, que os editores do «*GETULINO*» procuram estabelecer ao longo da implementação de sua linha editorial.

Na defesa do tripé educação/liberdade/cidadania, o grupo editor do semanário lança mão de textos próprios ou das colaborações enviadas à redação. Buscam, na literatura, textos que relacionam a instrução ao processo de autodesenvolvimento do negro. Um exemplo dessa estratégia aparece no conto de Claudio Guerra, extraído do livro *Máscaras*, publicado na edição de número trinta sob o título de “Romualdo”:

O negro é o que se vê. O sustentáculo do Brasil no passado e talvez, a esperança do Brasil futuro. Nada tem de seu. Durante quase dois séculos trabalhou de graça, vegetando por ahi as cegas. Um dia alguém cismou de educar um, Prompto! Foi o mesmo que lançar gasolina á fogueira. Pintou a manta o diabo do preto. Batalhou, falou, escreveu e quando senão alvora o pavilhão da liberdade em plena praça publica! E é o que se vê. Um pouquinho de leitura que se lhe empurra na cabeça o cafuzo desanda e não há quem possa com elle.³⁰⁸

A passagem do livro é bastante ilustrativa do pensamento do grupo. Inicia destacando que o negro foi o sustentáculo do Brasil e que possui potencial para também ser o seu futuro; e continua por destacar que a educação é a mola propulsora para as grandes transformações pessoais e sociais: “um pouquinho de leitura que se lhe empurra na cabeça o cafuzo desanda e não há quem possa com elle”.

O autor enfatiza, ainda, que é através das letras que os negros poderão assumir em suas mãos o próprio destino e o do país: “pintou a manta o diabo do preto. Batalhou, falou, escreveu e quando senão alvora o pavilhão da liberdade em plena praça publica!”. O texto de Guerra traz à vista o ativismo negro na história nacional, contrapondo-se à ideia disseminada na sociedade de

³⁰⁷ J. Luiz Mesquita. O Grito do Ypiranga e a liberdade brasileira. *Getulino*, nº 52, p. 01, col. 03, 14 set. 1924.

³⁰⁸ Claudio Guerra. Romualdo. *Getulino*, nº 30, p. 01, col. 4, 17 fev. 1924.

passividade do negro frente às questões sociais de fundo. Destaca ainda que o movimento de interação social e a tomada de consciência de seu protagonismo se dariam a partir de instrução e domínio da leitura e escrita, ou seja, da educação.

A educação é tida pelos editores do «*GETULINO*» como a condição *sine qua non* para as transformações que haveria de ocorrer na sociedade. Também relacionavam o analfabetismo à escravidão, à não cidadania e à opressão sofrida pelos seus avós no tempo do cativeiro, “onde nem sequer lhe era permitido os benefícios do alfabeto”³⁰⁹. Desta forma, observa-se que a educação era posta como sinônimo de liberdade e caminho para a obtenção da cidadania plena.

Espalhemos livros as criancinhas, e teremos, não muito longe, moços capazes para todos os embates da vida! Espalhemos livros aos moços e nesses moços veremos os cidadãos de amanhã, cômicos dos seus deveres de esposo, de pae, de patriota!³¹⁰

Na busca por validar sua bandeira, o grupo editor do «*GETULINO*» relaciona o analfabetismo ao cativeiro, à vida desregrada sem rumo traçado e ao obscurantismo. Já a educação é relacionada a melhores e mais suaves dias e à conquista da igualdade social:

A educação cívica, a educação social, compreendendo a verdadeira norma dos bons costumes ellas nos levarão para o bom caminho e, por conseguinte para o verdadeiro rumo que nos levará a felicidade, aquella de sermos comparados aos nossos semelhantes, por que, assim sendo e em nada desmerecemos dos demais, e, portanto não devemos ser excluídos pelo absurdo preconceito.³¹¹

A reafirmação da bandeira de luta do «*GETULINO*» se dá em artigo publicado na última edição daquela folha em Campinas, em 1º de fevereiro de 1925. Neste artigo, o colaborador Augusto Marques, em tom de despedida, retoma os princípios norteadores do grupo produtor, que são o combate ao preconceito e à segregação através da instrução, pois considerava que “a

³⁰⁹ Da Redação. Legenda da foto de Luiz Gama. nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923.

³¹⁰ Euclides Oliveira. A theoria do preconceito: no Brasil, como nos Estados Unidos, haverá o ódio de raça? *Getulino*, nº 55, p. 01, col. 03, 05 out. 1924. Grifo meu.

³¹¹ Augusto Marques. A nossa missão. *Getulino*, nº 67, p. 08, col. 05, 01 fev. 1925.

educação é à base da civilização, portanto é esta a nossa tarefa”. E finaliza: “assim procedendo, teremos cumprido o nosso ideal”³¹².

Desta forma, a educação era vista pelo grupo produtor do «*GETULINO*» como um caminho possível para a conquista da verdadeira cidadania e da igualdade social, pois a igualdade formal já lhes tinha sido assegurada pelas leis vigentes, que não previam a segregação social tendo-se como base a etnia ou cor do cidadão. Contudo o preconceito e a segregação existiam nas relações sociais cotidianas, suplantando a letra fria da lei que não a acolhia, mas também não a repelia.

A QUESTÃO DA IGUALDADE E CIDADANIA

Pois a igualdade perante as leis é um dogma dos povos livres. Não podem deixar de ter as mesmas garantias os cidadãos de um mesmo país e regidos por uma constituição liberal.³¹³

A igualdade e a cidadania são dois princípios perseguidos pelo grupo produtor do «*GETULINO*» na defesa dos interesses dos “homens pretos” de Campinas. E, como visto no tópico anterior, o caminho eleito para esta conquista é o caminho da educação, tendo em vista que, para eles, o “acolhimento no seio desse povo ao qual também pertencemos por sermos brasileiros”³¹⁴ se dará quando, tanto o homem negro como o branco, forem educados de forma a permitir que as diferenças sociais sejam eliminadas.

A educação cívica e a educação social, compreendendo a verdadeira norma dos bons costumes, ellas no levarão para o bom caminho e, por conseguinte para o verdadeiro rumo que nos levará a felicidade, aquella

³¹² Augusto Marques. A nossa missão. Getulino, nº 67, p. 08, col. 05, 01 fev. 1925.

³¹³ Lupernas. Liberdade tolhida. Getulino, nº 35, p. 2, col. 4, 23 mar. 1924.

³¹⁴ Augusto Marques. A nossa missão. Getulino, nº 67, p. 08, col. 05, 01 fev. 1925.

de sermos comparados aos nossos semelhantes, por que. Assim sendo em nada desmerecemos dos demais, e, portanto não devemos se excluídos pelo absurdo preconceito!³¹⁵

Para os editores do semanário, a diferença fundamental existente entre o homem negro e o branco é a falta da educação escolar, negada ao negro durante o período do cativo e relegada a um segundo plano na jovem república brasileira. Seria, assim, uma forma de dominação e manutenção da submissão, acarretando o desnivelamento então existente.

A conquista da cidadania estava atrelada à ideia de pertencimento, do ser brasileiro na sua integralidade, submetido às mesmas leis e regras que os demais, “pois a igualdade perante as leis é um dogma dos povos livres”³¹⁶. O pensamento do colaborador da folha dominical *Lupernas*, já referenciado, reforça o conceito de que ser livre é poder desfrutar dos serviços que a cidade oferece. Cabe lembrar que o conceito de cidadania está ligado à ideia de “qualidade ou estado de cidadão”³¹⁷, concepção esta que remonta à Antiguidade Clássica, quando o conceito de cidadania ligava diretamente o indivíduo livre à cidade.

Entre os gregos e os romanos a cidadania criava o elo entre o homem livre e a cidade, reconhecendo-lhe direitos e impondo-lhe obrigações, orientando-lhe a conduta cívica e despertando-lhe a consciência das virtudes.³¹⁸

Desta forma, a cidadania não existia para todos os habitantes da urbe grega na antiguidade. Ser cidadão implicava no reconhecimento, por parte do Estado, de seus direitos como homens livres; e este reconhecimento somente poderia ser feito pela via jurídica, estabelecendo-se então leis que distinguissem os habitantes das cidades entre possuidores de direitos ou não.

Depois da manumissão da escravatura, pensávamos nós pretos poder, como as avesitas garrulas, percorrer a immensidade dos ares, gosar da frescura agradável da campina florescida, ouvir com suave delícia a

³¹⁵ Augusto Marques. A nossa missão. *Getulino*, nº 67, p. 08, col. 05, 01 fev. 1925.

³¹⁶ *Lupernas*. Liberdade tolhida. *Getulino*, nº 35, p. 2, col. 4, 23 mar. 1924.

³¹⁷ CUNHA, Antônio Geraldo, et. al. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

³¹⁸ TORRES, Ricardo Lobo. Cidadania. (in) BARRETTO, V. de P. **Dicionário de filosofia do direito**. (coord.) Rio de Janeiro: Editora Renovar e Editora Unisinos. 2009.

psalmodia meiga dos plumigeros enfim gosar da mesma igualdade e direito que a lei nos lega. ³¹⁹

A observação de Lupernas, em seu artigo “Liberdade tolhida”, publicado na edição de número 30, traz a constatação deste sujeito histórico de que a liberdade garantida na Lei Aurea não foi plena, pois o negro não teve o direito pleno de “gosar da mesma igualdade e direito que a lei”³²⁰ lhes legava da mesma forma que aos brancos. Os negros continuaram a não ser reconhecidos como iguais e portadores de direitos e deveres como todos os outros cidadãos brasileiros, situação esta que o grupo produtor do «*GETULINO*» se lançava a corrigir, valendo-se do caminho da legalidade.

O grupo avalia que, no plano formal, o direito à igualdade existia, mas que era preciso firmá-la na prática, destacando que “não podem deixar de ter as mesmas garantias, os cidadãos de um mesmo paiz e regidos por uma constituição liberal”³²¹, o que viria reforçar o desejo de conquistar a não distinção entre os indivíduos nascidos sob o pavilhão auriverde. A partir da ideia de que “todos são iguais perante a lei” é que os produtores do semanário campineiro defendem e questionam a sociedade sobre a discriminação contra o negro.

Porque razão não poderão os pretos de Campinas, rapazes apessoados e de comportamento invejável ou de outras quaisquer localidades quando ali se achem a passeio, estacionarem no Jardim público? Porque os senhores do «poder» lhes tolhem o passo, e dispersam-nos quando em reunião amigável naquellas immediações? ³²²

Ao questionar a restrição à permanência de negros nos espaços públicos, não só de Campinas, mas de todas as localidades, os redatores do «*GETULINO*» não só questionam os “senhores do ‘poder’”, mas toda a sociedade, denunciando a manutenção da velha ordem social e o não reconhecimento da cidadania do negro garantida por lei.

³¹⁹ Lupernas. Liberdade tolhida. Getulino, nº 35, p. 2, col. 4, 23/03/1924.

³²⁰ Ibidem.

³²¹ Ibidem.

³²² Ibidem.

A distinção entre ter ou não ter direitos e, por conseguinte, ser ou não ser reconhecido como igual perante a comunidade e ao Estado mantinha a velha estrutura de discriminação social estabelecida pelo regime escravocrata. A escravidão impunha duas categorias de sujeitos na colônia ultramarina portuguesa: a de cidadão ou a de escravo. Ao primeiro eram reservados todos os direitos civis; e ao segundo, o rigor do Direito Penal. Esta divisão do direito, em civil e penal, restando às camadas subalternas o segundo, é assim referenciada no jornal em artigo publicado em seu segundo número e assinado por B.H.F.:

As barbaridades praticadas no execrante período do captivo eram de natureza a provocar reações milhões de vezes maiores que muitas hoje determinadas pelo Código Penal. Muitos criminosos alcançaram absolvição por terem praticado o crime sob pressão de dor moral ou physica; entretanto, o pobre homem negro que, mal alimentado trabalhava noite e dia acompanhado do sanguinário feitor, indivíduo grosseiro que se gloriava em exhibir o bacalhao que dilacerava as carnes do semelhante, mui raramente reagia levado pelo desespero³²³.

Neste artigo, o colaborador destaca o sofrimento dos negros durante o cativeiro imposto pelas leis que davam tratamento diferenciado para os escravos, impondo-lhes penas severas enquanto absolvía ou nada fazia para quem perpetrava crimes contra membros daquela etnia.

Por este viés, temos a cidadania plena no Brasil como uma utopia, onde as leis apoiadas no Direito Positivo garantem igualdade ao cidadão, mas ao mesmo tempo não induzem à normatização prática de garantias da sua aplicação. Essa não garantia dos direitos estabelecidos pelas leis vigentes é assim denunciada pelos editores do «*GETULINO*»:

Porque essa separação será ordem dos poderes competentes? A nossa Carta Magna de nada disso cogita e as Leis do Município tampouco; *ellas* não distinguem branco nem preto, somente vê cidadãos brasileiros.³²⁴

A evocação da Constituição e das leis municipais para demarcar a inexistência de dispositivos na legislação brasileira de segregação espacial e social, com base na cor/etnia, é feita no âmbito do editorial, onde os produtores

³²³ B.H.F. Coração da raça pigmentada. Getulino, nº 2, p. 03, col. 01, 05 ago. 1923.

³²⁴ Da redação. Editorial. Getulino, nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923.

do «*GETULINO*» se posicionam contra o racismo e qualquer outra forma de discriminação e separação social.

Ao observarmos os posicionamentos assumidos pelo grupo produtor e pelos colaboradores do jornal em seus escritos, podemos perceber a avaliação deste grupo de “homens de cor” de que a segregação no Brasil, após a abolição da escravidão, se dava mais fortemente na esfera social que na jurídica formal.

A cidadania formal era garantida na Lei Maior do país, entretanto a discriminação se dava no dia-a-dia das ruas. A segregação social e espacial não contemplada nas leis se fazia sentir na pele por meio de ações pontuais do cotidiano da cidade que, mesmo contra as leis, não eram reprimidas pelo poder constituído. Esta percepção pode ser identificada no artigo de Benedicto Florêncio, quando comenta o surgimento do jornal, na segunda página do primeiro número, em artigo intitulado “Nosso Gesto”:

Martyrizada hontem pela tyrania das leis, perseguida hoje pela impiedade social, não obstante caminha altiva, cheia de fé e esperança, em busca do sagrado ideal da sua emancipação³²⁵.

A lei existia, mas o seu cumprimento não era fiscalizado ou não se estabelecia punições para o seu não cumprimento, pois o código legal anunciava somente a igualdade entre os cidadãos brasileiros, calando-se no sentido de estimular esta igualdade ou mesmo impedir ou punir quem perpetrasse atos discriminatórios. Mesmo assim, como referenciado anteriormente, a saída encontrada pelos editores do «*GETULINO*» era o apelo às leis vigentes:

Pois a igualdade perante as leis é um dogma dos povos livres. Não podem deixar de ter as mesmas garantias os cidadãos de um mesmo país e regidos por uma constituição liberal.³²⁶

Este fato denota, assim, não só o conhecimento da legislação vigente, mas também uma percepção das formas de dominação impostas pelas elites brancas. Apegar-se a leis não criadas não por eles, mas sim pelas elites, para reger as

³²⁵ Benedicto Florêncio. Nosso Gesto. Getulino, nº 01, p. 02, col. 01, 29 jul. 1923.

³²⁶ Lupernas. Liberdade tolhida. Getulino, nº 35, p. 02, col. 04, 23 mar. 1924.

relações sociais no período, é uma estratégia³²⁷ que nos parece interessante, pois limita as possibilidades de reação dos grupos detentores do poder, tendo em vista que estes, mais do que outros, teoricamente, deveriam respeitar as leis criadas por eles mesmos. O não respeito a estas leis significaria a declaração de nulidade do modelo imposto, abrindo possibilidade ao questionamento do modelo instituído.

A estratégia dos editores do «*GETULINO*» é forçar o outro a respeitar as próprias leis, de forma a conquistar espaço para novas lutas e possíveis conquistas, estabelecendo dois propósitos: primeiro, demarcar que a discriminação racial e social se dá no campo dos costumes, e não das leis: “Martyrizada hontem pela tyrania das leis, perseguida hoje pela impiedade social”³²⁸, restringindo e focando sua ação no campo social, pois no jurídico as leis existentes já davam conta das necessidades do período. Com isso, abria-se caminho para a luta pela visibilidade, igualdade e conquista da cidadania plena.

Na carta do leitor, citada abaixo, publicada na segunda edição do jornal, é interessante apontar a afirmação de caminhos, destacando-se dentre eles a imprensa, que na prática podem levar à afirmação da igualdade anunciada na lei:

Sendo este o primeiro semanário que se organizou em Campinas para fins tão altruísticos e humanitário, veio, estou certo, preencher uma lacuna há muito existente no seio da classe, que necessita da imprensa para fazer valer os seus direitos muitas vezes espezinhados por *aquelles* que não conhecem os princípios da igualdade.³²⁹

O segundo propósito é advertir para o fato de que as leis somente serão respeitadas se o cidadão, ou seja, o indivíduo, tomar conhecimento de seus direitos e os reivindicarem, não de forma isolada, mas em grupo, como classe social.

³²⁷ Empregamos o termo estratégia no sentido postulado por Michel de Certeau, onde o grupo produtor do Getulino postulava um lugar ‘próprio’ que servisse de ‘base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças’ (p. 99), criando um lugar próprio que pode ser defendido e ampliado ao longo do tempo.

³²⁸ Benedicto Florêncio. Nosso Gesto. Getulino, nº 01, p. 02, col. 01, 29 jul. 1923.

³²⁹ Alfredo Pettris. Excerto de carta enviada por um leitor do Jornal a redação por ocasião do lançamento do jornal. Os editores do Getulino assim apresentam este leitor: ‘O sr. Alfredo Pettris, distinto cavalheiro, admirador e amigo sincero dos pretos, alheio a todos os preconceitos, enviou-nos atencioso officio, cujos tópicos damos abaixo’. Getulino, nº 02, p. 01 col. 01, 05 ago. 1923.

A esse respeito, o colaborador do «*GETULINO*» Chistovam A. Junior adverte: “Ninguém mais que o próprio negro deve cuidar de seus interesses em face ao mundo” ³³⁰. Nesse mesmo sentido, outro colaborador do hebdomadário, nove edições antes, assim se posicionava: “o progresso é uma grande escada em busca do ideal, e, cada geração que luta e trabalha deve se dar por satisfeita, quando deixa bem acabado, um só degráo dessa grande escadaria”.³³¹

Nesse processo de luta, pela conquista da cidadania real e não somente formal, para o convencimento de seus leitores e no desenho de sua linha editorial, os produtores do «*GETULINO*» lançam mão de uma construção ou reconstrução da história da emancipação da raça negra, tendo como base a afirmação de uma memória em um movimento histórico longo e coletivo.

Esta percepção se faz notar quando, apesar de considerarem o ato perpetrado pela Princesa Isabel como um momento importante para a raça negra no Brasil, afirmando que “Izabel, a Redemptora é bem a encarnação do amor ao próximo, é o anjo protetor da raça negra, a quem ella num gesto de bondade concedeu a liberdade”³³², os editores e colaboradores do «*GETULINO*» têm a abolição da escravidão como um processo histórico e jurídico longo que culminou com a Lei Áurea.

Também para nós o dia 13 de Maio é festivo; e nesse dia que com mais viva lembrança recordamos os tristes contos de nossos avós; então nos sentimos venturosos e bendizemos aquelles que com amor ardorosamente trabalharam para nos dar essa ventura (...)Salve a princesa Redemptora, salve Luiz Gama e todos os abolicionistas; e a seu exemplo lutando com valor pelo engrandecimento de nossa raça alcançaremos um dia a palma da victória. ³³³

A referência e o reforço ao ativismo negro, mesmo quando o texto trata da atuação da Princesa Isabel no processo de extinção do cativeiro, e são constantes nas páginas do semanário. As referências diretas à regente de então acontecem em três momentos no jornal.

³³⁰ Christovam A. Junior. Liberdade Intellectual. Getulino, nº 13, p. 03, col. 06, 21 out. 1923.

³³¹ C.U.C. Avante, ó bravos. Getulino, nº 04, p. 01, col. 04, 19 ago.1923.

³³² Texto publicado em forma de legenda abaixo da fotografia da princesa Izabel. Na mesma página é publicado a fotografia do Visconde do Rio Branco e texto em homenagem da Luiz Gama. Getulino, nº 10, p. 01, col. 04 e 05, 30 set. 1923.

³³³ Mariquita. Grande dia. Getulino, nº 12, p. 04, col. 01, 13 out. 1923.

Entretanto, estas citações assumem muito mais o caráter de referência histórica à assinatura da Lei Áurea que ao culto à Fig. da princesa e a atribuição a ela da iniciativa de libertação dos escravos.

Podemos perceber esta postura no processo de redação e diagramação das menções à última monarca brasileira, tendo em vista os textos publicados junto à fotografia da regente serem curtos, restringindo-se à reprodução do discurso oficial sobre sua personalidade. Contiguamente a estes textos, os editores do «GETULINO» fazem constar a menção aos abolicionistas, seja pela inclusão de suas fotografias ou a citação da ação do ativismo do grupo, destacando que a assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel, foi em decorrência da ação deste grupo, e não da vontade única da regente.

Exemplo desta abordagem tem-se na edição de número 43, de 13 de maio de 1924. Nesta edição, totalmente dedicada à abolição da escravidão, a referência à regente se limita ao texto aplicado logo abaixo de seu retrato, não tendo nenhuma ligação com o texto principal da página que trata do processo de extinção da escravidão com destaque para o trabalho dos abolicionistas.



Fig. 49 - Edição comemorativa ao dia 13 de maio de 1924.

No texto publicado na edição especial comemorativa ao 13 de maio, que ocupa a página inteira, Leopoldo Amaral destaca a importância de se conhecer o passado e o processo da conquista da liberdade. Ele conclama a “mocidade” a voltar os olhos ao passado, uma vez que este dá “marcha à civilização”; e o passado escolhido para ser apresentado aos jovens é o construído pelos abolicionistas.

Á mocidade de hoje aFig.-se essa instituição «legal» uma coisa fantástica, ou uma lenda de épocas longiquas . E é exactamente por isso que convém relembrar o caso, presenteando-se ao mesmo tempo uma justa homenagem á memória daquelles que se empenharam heroicamente nessa campanha patriótica de extirpação do mal, que tanto atraso causou á marcha da civilização do nosso *paiz*.³³⁴

Nas páginas dois e três desta edição, é abordada a luta dos abolicionistas históricos no processo de libertação dos escravos, com destaque para Visconde do Rio Branco, Francisco Glycério, Ruy Barbosa e Luiz Gama. Ao se acompanhar a discussão percebe-se que, na avaliação do jornal, os grandes protagonistas do processo de emancipação são os abolicionistas, e que o campo jurídico é o terreno privilegiado da concretização da conquista.

Podemos notar que, apesar de empregarem o termo “redentora” para reverenciarem a Princesa Isabel, o grupo não a tem como protagonista do processo de extinção do cativeiro. É o que podemos notar pela seguinte afirmação: “sim, a eles, tão somente a elles, os abolicionistas, deve a desventurada raça a sua redenção”³³⁵. A Princesa Isabel é lembrada como a pessoa que assinou a lei que pôs fim à escravidão, mas não como a sua idealizadora.

Esta construção, dada às menções à Fig. da monarca, reforça a proposta do jornal de lembrar que o processo de extinção do cativeiro ocorreu em função da luta de muitos, e não da vontade dos governantes.

As conquistas em prol da nossa raça, na consecução das iniciativas mais arrojadas dos projectos mais altos e nobres, não dependeram do esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinco, sahindo victoriosos a 13 de Maio de 1888. Por ahi podemos ver que a raça preta

³³⁴ Leopoldo Amaral. Data memorável; reminiscências. Getulino, nº 41, p. 01, col. 1 a 6, 13 maio 1924.

³³⁵ B. H. Ferreira. Liberdade. Getulino, p. 01, col. 02, 23 dez. 1923.

não foi creada somente para serviços rudes por inhateza de outros commentimentos, ella devendo o Brasil «o pouco de civilização que nelle existe»³³⁶

O processo que levou à abolição da escravidão no Brasil, com destaque para a atuação dos abolicionistas, principalmente os negros, é abordado por todo o jornal com destaque para os artigos “Campanha abolicionista”, de Lacerda Werneck, publicado na edição de número 10; “Proibição do trafico”, não assinado, na edição número 12; e “Inicio da extinção do captiveiro”, também não assinado, na edição número 27.

Nesses artigos, a abolição da escravidão é tratada como um processo longo de conquista da liberdade, no qual o protagonismo negro é destacado e posto como exemplo de perseverança e união. As Fig.s políticas são apresentadas como elementos de aglutinação ou de deságue do movimento maior, que foi o movimento abolicionista. Euzébio de Queiroz é apresentado por Lacerda Werneck, autor do texto em questão, como grande “estadista” por ter redigido a lei que extinguiu formalmente o tráfico negreiro no Brasil. Entretanto, o jornalista destaca que:

A Fig. desse movimento redemptor, encarnou-se no vulto do grande político, o conselheiro Euzébio de Queiroz, que como ministro da Justiça, organizou a lei nº 584 de 4 de setembro de 1885³³⁷.

Ao dizer que o movimento abolicionista “encarnou” em Euzébio de Queiroz, Werneck retira deste a iniciativa, pois apenas incorporaria algo já existente e em curso, o que o torna um dos representantes do movimento, mas não seu idealizador. Já no artigo “Proibição do tráfico”, a Fig. de Euzébio de Queiroz ou do movimento abolicionista não é referenciada, mas sim os integrantes da elite brasileira que “negociaram” as primeiras leis visando a extinção do cativo no Brasil, mas que não geraram benefícios para os negros.

Os marqueses de Inhambupe e de Santo Amaro foram os plenipotenciários brasileiros negociadores desta convenção, recebida com muito desgosto e hostilidade pelos interessados na continuação do tráfico e até pela Câmara dos Deputados. A partir de 13 de março de

³³⁶ Mary Santos. Luz e Liberdade. Getulino, nº 5, p. 1, col. 1, 26 ago. 1923. Grifo meu.

³³⁷ Lacerda Werneck. Campanha Abolicionista: Euzébio de Queiroz – O que lhe deve a Pátria como estadista emérito. Getulino, nº 10, p. 01, col. 01, 30 set. 1923.

1830, deveria ter acabado o tráfico; mas continuou, apesar desta convenção e da lei de 7 de novembro de 1831.³³⁸

Notemos que o movimento abolicionista e os abolicionistas não são relacionados a uma iniciativa que não produziu efeito prático e imediato para a comunidade negra no momento. A ênfase está na ineficácia da primeira lei negociada com a Inglaterra por membros da aristocracia, sem ligação ou influência dos abolicionistas. Destaca-se que “só depois da lei de 4 de setembro de 1850 poudeser suprimido o contrabando de escravos”³³⁹, retornando assim a Fig. de Eusébio de Queiroz e dos abolicionistas.

Os abolicionistas são citados em diferentes graus e por toda a existência do semanário. O principal deles é Luiz Gama, que é lembrado desta forma em diversas passagens do jornal, aqui já citado:

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, um dos maiores jornalistas que muito sobateu para livrar sua Pátria da mancha negra da escravidão, tirando as algemas que martyrizavam os seus irmãos, reerguendo lhes o moral e tornando-os uteis a pátria e a humanidade.³⁴⁰

O texto foi publicado logo abaixo da fotografia de Luiz Gama, exercendo a função de texto legenda, destacando a atividade jornalística de Gama e também a ideia de que os negros somente serão “uteis a pátria e a humanidade” se forem livres e tiverem o moral elevado.

Nova referência a Luiz Gama é feita no número 41, por ocasião da comemoração do dia 13 de maio, destacando sua luta pela libertação dos escravos. O texto, assinado por Leopoldo Amaral, é publicado junto à imagem da Princesa Isabel, no qual Gama é assim descrito:

A acção dos combatentes em favor da liberdade partiu do «quartel» em S. Paulo, dirigida ardorosamente, a princípio, por Luiz Gama, que faleceu em 1882, e depois pelo Dr. Antônio Bento, Hippolyto da Silva e outros.³⁴¹

³³⁸ Da Redação. Proibição do tráfico. Getulino, nº 18, p. 01, col. 4, 25 nov. 1923.

³³⁹ Ibidem.

³⁴⁰ Da redação. Texto legenda. Getulino, nº 01, p. 01, col. 02 e 03, 29 jul. 1923.

³⁴¹ Leopoldo Amaral. Data memorável: reminiscências. Getulino, nº 41, p. 01, col. 01, 13 maio 1924.

No segundo número é a vez de Ruy Barbosa ser lembrado como amigo dos negros. A diagramação segue o mesmo padrão da dedicada a Luiz Gama no número anterior, onde o texto é disposto logo abaixo da fotografia de Barbosa, que ocupa também duas colunas no alto da página. A respeito do engajamento de Barbosa, os editores assim se expressam:

O benemérito brasileiro, o maior vulto de sua época, não obstante pairar, qual águia altaneira, acima das misérias da terra, ouviu, entretanto, os gemidos dos que choravam pela liberdade, e, compadecido de sua dor formou fileiras ao lado dos abolicionistas, sem temer que tal *attitude* lhe adviessem prejuízos políticos. Foi destemido abolicionista, foi defensor dos *opprimidos*. É justa, pois, justíssima a *pallida* homenagem que lhe tributamos hoje.³⁴²

A diferenciação entre as homenagens a Luiz Gama e a Ruy Barbosa se dá no detalhe da escrita. O primeiro é tratado como abolicionista nato, preocupado com a Pátria e os seus iguais “que muito sobateu para livrar sua Pátria da mancha negra da escravidão, [...] e os seus irmãos”. O segundo é tido como um grande brasileiro que, “compadecido de sua dor formou fileiras ao lado dos abolicionistas”, ou seja, não estava comprometido com o processo desde o início.

Esta diferenciação sutil entre os papéis que cada indivíduo teve no processo de libertação dos escravos no Brasil persiste por todos os textos não assinados e publicados no jornal.

Em virtude de o «*GETULINO*» seguir um padrão de dar crédito a todos os colaboradores, temos que os textos não assinados são os produzidos pelos editores do jornal, indicando assim uma percepção diferenciada e estruturada do processo de emancipação dos negros no Brasil por parte destes.

A menção ao processo de extinção do cativeiro percorre também toda a existência do jornal, sendo citado em diversos momentos. Chega, inclusive, a ser tema de capa do primeiro número da segunda fase. Neste artigo assinado por Guéldêsnio Pinto, intitulado “...trêse de Maio – alguns dos seus obreiros”, o colaborador inicia destacando que:

Foi, sem dúvida, a reforma consummada a 13 de Maio de 1888 a mais importante dentre as que modificaram a nossa legislação e alteraram a

³⁴² Da redação. Texto legenda. Getulino, nº 2, p. 01, col. 02, 05 ago. 1923.

ordem jurídica preestabelecida pelos fundadores da nacionalidade. Estes encontraram, como um facto deplorável, o regime do *captivo* e o legalizaram, assegurando o direito de propriedade do homem sobre o homem!³⁴³

No parágrafo seguinte, o autor destaca que foi o branco europeu quem institucionalizou, através da legislação, o *regimen do captivo*:

Estes encontraram, como um facto deplorável, o *regimen do captivo* e o legalizaram, assegurando o direito de propriedade do homem sobre o homem!³⁴⁴

E que teriam sido os europeus que o transformaram a escravidão étnica em negócio através de uma legislação específica. Mais à frente, Guéldêsnio traz à baila o ativismo negro no processo de extinção deste modelo jurídico:

Irrompeu, porém, fortíssima a campanha propriamente abolicionista em 1879 a 1889, distinguindo-se desde logo, os intemeratos patriotas Vicente de Sousa, José do Patrocínio, Ubaldo do Amaral, Lopes Trovão, Joaquim Nabuco, Antônio Bento, André Rebouças, para só falar dos mais celebrados.³⁴⁵

É interessante notar que Guéldêsnio não cita Luiz Gama entre os abolicionistas de primeira hora em seu artigo, apesar de dividir a relação de abolicionistas em três partes. Na primeira, citada acima, estão os abolicionistas de primeira hora; na segunda, os que atuaram no parlamento; e na terceira, os que fizeram da tribuna seu campo de batalha.

No parlamento, além do citado Joaquim Nabuco, se destacou na primeira hora, Jeronymo Sodré Pereira, que foi quem deu o brado inicial. Vieram depois, com igual denodo, combatendo pela libertação incondicionada, outros parlamentares, *quaes*: Ruy Barbosa, José Marianno, Affonso Celso filho, Antônio Pinto de Mendonça, Leopoldo Bulhões. Na tribuna da conferências populares, também frequentava por Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, batiam-se, além de Patrocínio e João Clapp, Júlio de Lemos, Luiz Murat e outros.³⁴⁶

Entretanto, a redação do «*GETULINO*», que nesta fase é composta por Lino Guedes [diretor]; Agnello Rodrigues [redator-chefe] e Gervasio de Moraes

³⁴³ Guéldêsnio Pinto. ...trêse de Maio alguns dos seus obreiros. *Getulino*, nº 01, ano 3, 2ª fase, p. 01, col. 01, S. Paulo, 13 maio 1926.

³⁴⁴ *Ibidem*.

³⁴⁵ *Ibidem*.

³⁴⁶ *Ibidem*.

[redator] não se esqueceu de Luiz Gama. Fizemos publicar a fotografia de Gama logo abaixo do texto de Guéldêsnio.



Fig. 50 – Jornal Getulino nº 01 da segunda fase em São Paulo.

Esta atitude revela respeito pelo texto alheio, pois os redatores do «GETULINO» não interferiram no texto do colaborador fazendo incluir o nome de Gama nele. Entretanto, não deixam de se posicionar: publicam a fotografia de Gama logo ao final do texto do colaborador, como uma forma de lembrar a atuação deste abolicionista.

De maneira geral, há uma busca pela valorização do processo organizado e coletivo na luta pela emancipação do negro, trazendo para este grupo, o dos abolicionistas, um protagonismo que, de forma geral, não é tão destacado pela história oficial. Esta postura se coaduna com os objetivos do jornal de promover

um ativismo social negro, destacando que somente pela união e inteligência se conseguirá a verdadeira libertação:

As conquistas em prol da nossa raça na consecução das iniciativas mais arrojadas dos projetos mais altos e nobres, não dependeram do esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinho, sahindo victoriosos a 13 de Maio de 1888.³⁴⁷

O texto acima faz parte de uma longa carta publicada em duas colunas no jornal, escrita pela leitora Mary Santos, moradora na cidade de Socorro. Nesta missiva, a autora, além de tecer elogios à iniciativa do grupo produtor do jornal, destaca que somente pela união dos negros é que se conseguirá o “levantamento da raça”; e que a liberdade e reconhecimento social são feitas a partir da união de todos, pois “a unificação do esforço concorre para a grandeza e levantamento de uma raça, a união faz a força”³⁴⁸.

A leitora conclama os leitores a seguirem o exemplo de outros abolicionistas no processo de “levantamento da raça”:

Homens como Luiz Gama (Getulino), Ferreira de Menezes, Henrique Dias, José do Patrocínio, d. Silvério, Benedicto Candido e Cruz e Souza, homens de alta intellectualidade e vigor sobrehumano lembram-me essa lenda antiga, porque suas vozes, que parecem ter desaparecido nas sombras do eterno nas dobras do manto da sepultura, não emmudeceram, chegaram até os nossos dias, e ellas com o vosso acto se prolongarão, através dos séculos; se farão ouvir sempre e sempre, bradando as ideias que em vida conceberam e propagaram, ensinando as gerações por vindouras, dando lições de civismo, fazendo penetrar nas consciências as ideias de liberdade e, de progresso, as ideias boas, as ideias sãs, as ideias que são verdadeiras sementes que produzem depois, arvores frondosas e fructíferas.³⁴⁹

A missivista traz, então, à baila a luta pela segunda emancipação que será travada, tanto no campo jurídico como no campo social:

E o grande prejuízo do homem preto não foi somente o indizível *martyrio* que sofreu, tem ainda a persegui-lo o preconceito tolo e vaidoso de alguns e a humildade *sernil*/hereditária, que a muitos pretos procura convencer de uma inferioridade racial que em absoluto não existe. Em todo caso, antes tarde que nunca. *Luctar, luctar* sempre pela completa reabilitação da raça, deve ser o lema, não só do homem negro

³⁴⁷ Mary Santos. Luz e liberdade. Getulino, nº 05, p. 01, col. 01, 26 ago. 1923.

³⁴⁸ Ibidem.

³⁴⁹ Idem. A lenda antiga a que se refere à autora é a da cidade de Ys na França, que mesmo após ser inundada por um maremoto, os sinos da igreja continuaram a soar como forma de alerta para a população.

como dos que verdadeiramente aspiram par ao *bello* Brasil um *regimen* verdadeiramente democrático.³⁵⁰

Desta forma, em vários momentos, a memória da luta dos abolicionistas é ativada para incentivar a ação coletiva de grupos negros no presente, propondo uma união na busca pelo protagonismo negro na “nova emancipação” da raça no Brasil. Para incentivar a união do negro na luta contra o racismo, os editores do «*GETULINO*» buscam destacar a importância do negro na formação da sociedade brasileira. Esta postura didática e, ao mesmo tempo, mobilizadora, é adotada em diversos textos.

Artigos como “O negro na formação da Pátria brasileira”; “O papel do escravo na civilização brasileira”; “A raça negra e a gratidão nacional”; “O Pan – latinismo e os negros”; “Os negros e a literatura”; “A raça negra no Brasil” ; “Os pretos em São Paulo” e “A República dos Palmares” são recorrentes na maioria das edições e ajudam a avaliar a importância desta temática na construção da linha editorial do jornal.

O fio condutor que une estes artigos, de autores tão diversos, é a referência à ação do negro na formação da nação brasileira, seja enquanto escravo ou agente de sua própria emancipação. O que percebe destes textos, e dos demais referenciados neste tópico, é a busca pelo reconhecimento de que o negro é brasileiro, da mesma forma que todas as outras pessoas nascidas neste país.

O grupo produtor do «*GETULINO*» defende o reconhecimento integral da nacionalidade e cidadania do negro, não importando o modelo social estabelecido no Brasil pelos colonizadores brancos “afim de conquistar o direito que o homem preto tem abaixo do auriverde pendão do nosso caro Brasil, como cidadão brasileiro”³⁵¹. Destaca também que, apesar de descenderem de escravos africanos, eles eram acima de tudo cidadãos brasileiros como outro qualquer que

³⁵⁰ B.H. Ferreira. Liberdade. Getulino, n° 22, p. 01, col. 02, 23 dez. 1923.

³⁵¹ Noé Julião. Getulino, n° 05, p. 01, col. 5, 26 ago. 1923.

não tenha a pele preta: “E, por que havemos de dizer – brasileiro de cor? Há lá diferença desse jaez entre os que nasceram na terra de Cabral?” ³⁵²

Diferentemente da experiência da República dos Palmares, conhecida também por Quilombo dos Palmares, organizada por Zumbi, os editores do «*GETULINO*» não pregam a fundação de uma nova república apartada da existente. Eles desejam o reconhecimento de sua história na formação do país como ela ocorreu, e não como se desejava ou era projetada pela elite dominante. Reforçam, sempre, que eles “eram” tão brasileiros quanto todos os outros, e não que eles “desejavam” ser brasileiros:

Não fomos nós baptizados, não temos também uma alma immortal a salvar como o homem branco? As leis do paiz que o rege não nos regem também? Assim sendo, para que esse carrancismo e orgulho? Será século das luzes ou das injustiças?³⁵³

Desde os primeiros números, a reivindicação da cidadania está presente como forma de denúncia à discriminação do negro na sociedade brasileira e, em especial, na de Campinas, de forma a forçar a discussão sobre o papel reservado ao negro na sociedade. O grupo produtor do «*GETULINO*» também se posiciona contra o sentimento de inferioridade e conformismo social, desde o primeiro número da folha, independente de este sentimento ser nutrido por brancos ou negros:

No terreno da defesa nos encontrarão sempre os vis detratores da classe, esse que por ahi vegetam prejudicando-a, e concorrendo para lançar a desunião no nosso meio. Para essa comandita mofineiros, seremos irreductiveis nos ataques e inflexíveis nas apreciações.³⁵⁴

A essa luta interna à “classe”, soma-se a luta contra o preconceito e a violência contra o negro, que perdurava apesar da abolição da escravidão em 1888. Discriminação e violência estas, conhecidas nacionalmente, desde os tempos do cativeiro, condição que foi traduzida na canção, transcrita abaixo, registrada por José A. J. Marques na edição de número 22 do «*GETULINO*», por ocasião de seu artigo intitulado “Tio Chiquinho”.

³⁵² Lacerda Werneck. O negro na formação da pátria brasileira. *Getulino*, nº 1, p. 1, col. 2, 29/07/1923.

³⁵³ Noé Julião. *Getulino*, nº 05, p. 01, col. 5, 26 ago. 1923.

³⁵⁴ Benedicto Florêncio. Nosso gesto. *Getulino*, nº 01, p. 02, col. 01, 29 jul. 1923

Neste texto, Marques descreve a trajetória de um antigo escravo que foi vendido em Campinas, junto com seus irmãos que sucumbiram ante a violência do regime:.

O infeliz rapaz sabia que iam para Campinas, e sempre ouvira dizer que Campinas era um lugar de martyrio, pois sempre ouvia os companheiros cantarem assim:

- *Quem tiver de ir pra Campinas,*

- *Leve contas pra rezar:*

- *É Campinas, purgatório*

- *Onde as almas vão penar...*

(...) A profecia dos escravos se realizou, pois bem cedo encontraram a morte pelos maus tratos que lhes infligiram.³⁵⁵

Marques destaca que sua intenção ao registrar esta passagem da história não contada oficialmente da cidade é “para mostrar o quanto foram maltratados os nossos antepassados da raça negra”³⁵⁶, reavivando uma memória de violência e segregação contra o negro, que culminaram em atos de insubordinação e revoltas organizados por parte da etnia no período. O registro conclamava, de certa forma, que os negros naquele momento também se organizarem contra a opressão que sofriam, não mais físicas, mas moral.

A DEMOCRACIA RACIAL EM CHEQUE

Si pelo dedo se conhece o gigante, por uma palavra “inocente” empregada poder-se-á definir a intenção de seu autor.³⁵⁷

Um dos pilares em que a sociedade brasileira, de forma geral, buscou se apoiar para a manutenção do *status quo* foi a ideia ou mito da democracia racial, que postulava a não existência de preconceito de cor nas terras de Santa Cruz. Entretanto, o preconceito existia e ainda existe, traduzindo-se ou escondendo-se

³⁵⁵ José A. J. Marques, Getulino, nº 22, p. 1, col. 1, 23/12/1923. Grifo meu.

³⁵⁶ José A. J. Marques. Tio Chiquinho. Getulino, nº 22, p. 01, col. 02, 23/12/1923.

³⁵⁷ Da redação. Editorial. Getulino, nº 09, p. 01, col. 05, 23 set. 1923.

atrás de sua não menção na cena pública e no apagamento do outro em sua especificidade, que o diferencia e o constitui.

Este apagamento do negro no trato social é denunciado pelos editores do «GETULINO» em editorial na edição de número 9, que reproduzimos a seguir:

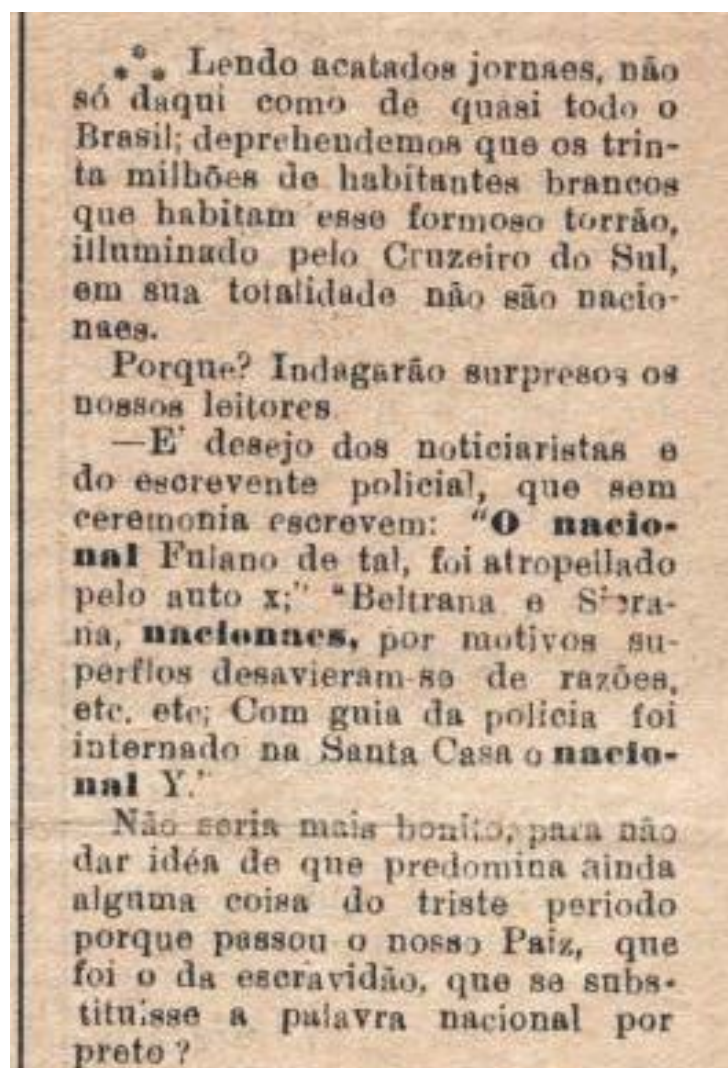


Fig. 51 - Editorial de 23 de setembro de 1923

Como bem pontua o redator do «GETULINO», “por uma palavra innocente empregada poder-se-á definir a intenção de seu autor”. Assim sendo, o apagamento da identificação da cor da pele do brasileiro no trato social servia para a não criação de uma consciência de classe, pois, por força do princípio adotado na legislação - *Jus soli*, todos os nascidos em território brasileiro são tidos como nacionais, independentemente da filiação, cor, classe social ou religião.

É diferente do modelo *Jus sanguinis*, no qual o direito à nacionalidade é transmitido aos filhos independentemente do local de nascimento, negando aos demais, mesmo que estes tenham nascido no território, a nacionalidade, pois que estes não possuem o sangue de um nacional.

O confronto entre estes dois princípios de identificação de nacionalidade – o adotado no Brasil, *Jus soli* ; e o modelo trazido pelos imigrantes europeus, *Jus sanguinis*– permitiu o surgimento de categorias ou classes de brasileiros de acordo com sua origem. Tornou-se prática recorrente empregar a nacionalidade de origem como uma marca de identidade, não só cultural, mas de diferenciação social.

Como denunciavam os editores do «*GETULINO*», nacional era empregado para identificar ou classificar o brasileiro que não podia comprovar sua ascendência europeia branca, ou seja, os pretos e pardos. Deste modo, o termo “nacional” era empregado até de maneira pejorativa para identificar os brasileiros descendentes de africanos.

O fato de que o país tivesse escapado à rígida aplicação da “regra de ascendência” – pela qual os antepassados e não a aparência física (a não ser quando a pessoa pode “passar” por branca) determina a classificação racial – não deve ser exagerado. As origens podiam ainda ser tidas por relevantes uma vez que os mestiços – em ascensão social – davam-se a grande trabalho para esconder os seus antecedentes fenóticos.³⁵⁸

O brasileiro branco se identificava preferencialmente evocando a sua ascendência europeia como fator de constituição de sua personalidade e posição social. Assim, a pessoa que podia “passar por branca” identificava-se como ítalo-brasileira, luso-brasileiro etc.; e o brasileiro que não podia evocar livremente esta condição era tido como “nacional”.

Esta sutileza do emprego dos termos acarreta um apagamento do próprio negro da sociedade brasileira. Afinal, como reivindicar algo se não existe um próprio a ser reivindicado, ou mesmo se o que se busca conquistar é desprezado por uma ampla maioria?

³⁵⁸ SKIDMORE, T. E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 56.

O não estabelecimento de um próprio, de uma diferenciação tal que permitisse a criação de uma consciência de grupo e, por conseguinte, a consolidação de uma identidade coletiva, forte o suficiente para o estabelecimento de uma pauta de reivindicações, é um dos elementos compositivos do mito da democracia racial brasileira. Esse mito dilui e desagrega as possibilidades de identificação dos grupos marginalizados ou pouco valorizados, como já denunciavam os produtores do «*GETULINO*»:

De facto, quem chega aqui ás pressas e vê a mistura por cima sem conhecer das substancias componentes, ilude-se facilmente com a cor da chita.³⁵⁹

A “ilusão” a que Benedicto Florêncio alude, em artigo intitulado “Cartas de um negro III”, é referência à inexistência de segregação social e racismo no Brasil, alertando para que, mesmo diante de uma aparente convivência pacífica e harmoniosa na esfera pública entre brancos e negros, o respeito pelo outro não era completo:

Quem testemunha essa harmonia, quase essa confusão de raças e cores, essa completa confraternização de brancos e pretos nas ruas, nos theatros, nos hotéis, nos bailes, e nos vehiculos; quem entra numa repartição pública, num banco, numa grande casa comercial e observa a existência de pretos ocupando cargos de destaque; quem encontra nos grandes collegios e estabelecimento de ensino official professores lecionando brancos, tem a natural impressão de estar num paiz de direitos e conquistas excepcionaes, onde não existe preconceito de cor nem distinção de raças (...) coisas que no fundo não são verdadeiras.³⁶⁰

A carta escrita por Benedicto Florêncio tinha por alvo a visita do missionário norte americano Dr. Robert Abbot, que pretendia incentivar a migração de negros norte-americanos para o Brasil. Esta possibilidade foi combatida de forma veemente por Florêncio nas páginas do «*GETULINO*». Seguindo na comparação entre a situação da interdição do negro norte-americano e o brasileiro, Florêncio destaca:

A situação do negro no Brasil comparada com a do da Norte América será o supremo ideal, isso porém para aqueles que como o dr. Abott, vem de um paiz onde o pretos é considerado um leproso moral, é

³⁵⁹ Benedicto Florêncio. Cartas de um negro III. Getulino, nº 13, p. 03, col. 01, 21 out. 1923.

³⁶⁰ Ibidem.

tratado como cão mais que desprezível, faltando-lhe toda defesa desde as páginas da lei até as camadas sociais. Aqui, felizmente, o ódio contra o negro não assume proporções tão barbares, pois não somos queimados vivos em fogueiras públicas, nem lynchados pelas multidões sedentas de vinganças. Mas, daí a vir afirmar-se que não existe preconceito de cor no Brasil, é como que se negar a derrota da Alemanha.³⁶¹

Esta observação de Florêncio, sobre a situação do negro no Brasil, contrasta com o desejo da elite brasileira de disseminar que não há preconceito de cor em nossa sociedade; que em terras de Santa Cruz, há uma perfeita harmonia das raças. Devemos lembrar que os argumentos refutados por Florêncio foram amplamente utilizados pelos defensores da “democracia racial”, que propagavam a não existência de preconceito de cor e, em decorrência disso, a não necessidade do poder constituído legislar ou propor políticas públicas de caráter afirmativo ainda que de nivelamento das condições de competição no mercado de trabalho.

Este pensamento, o da democracia racial, serviu de barreira à integração e progresso social do negro, pois dificultou a criação de uma consciência étnica que permitisse a construção de uma identidade de grupo. Esta situação é então combatida pelo «GETULINO» quando propõe a “emancipação da raça”:

São inúmeras as cartas, officios e telegramas que temos recebidos, e incontáveis as referências que tem feito os colegas sobre o nosso aparecimento, e propósito em prol dos captivos de ontem, as *quas* muito nos desvanecem e prazerosamente trasladamos para aqui, **como um incentivo áquelles que aspiram não só a emancipação completa da raça, como o progresso do Brasil**, para que não nos abandonem na inhospita arena de combate.³⁶²

Em um pequeno artigo, de 26 linhas em uma coluna, Marcondes convida seus “irmãos em cor” a retornarem à sociedade, aqui empregada como abreviação das “Sociedades de Homens de Cor”, e às escolas, locais de socialização de grupo por excelência, onde o homem negro poderia desenvolver seu potencial para “cumprir o seu dever de bom brasileiro”.

³⁶¹ Benedicto Florêncio. Cartas de um negro III, Getulino, n° 13, p. 03, col. 01, 21 out. 1923.

³⁶² Da Redação. Avançando. Getulino, n° 05, p. 01, col. 04, 26 ago. 1923. Grifo meu.

Todos esperam com ansiedade a luz brilhante e forte de amanhã que o astro rei vem nos trazer, assim também os poucos unidos de hoje, esperam com os braços abertos *aquelles* que não pensam no futuro, e que pelas suas friezas de desleixo próprio abandonam as sociedades e escolas atirando-se de corpo e alma pelo caminho que vae dar ao vício e a *cerdidão*.³⁶³

Nesta mesma linha, em artigo publicado no número 50 do jornal, Gervasio de Moraes, ao fazer um balanço das conquistas da folha em seu primeiro ano de vida, finaliza o seu artigo intitulado “Antes assim”, no qual evoca a união dos “pretos de Campinas”: “O nosso contentamento e grande e maior será ainda quando todos os pretos de Campinas, aquillatarem de per si do seu dever perante os homens e Deus”.³⁶⁴

Dois números à frente, o redator secretário do «*GETULINO*» volta a abordar o tema de união da raça, na continuação do artigo do número 50:

Pois bem, de Campinas, partiu o primeiro toque de reunir para se implantar uma nova forma de governo e libertar o braço escravo. Surjam também dessas plagas de uteis iniciativas, os preâmbulos para a união da raça hontem excluída do convívio social.³⁶⁵

Para Gervasio de Moraes, a união da etnia seria a única saída para contestar os detratores da raça negra, que apregoavam a sua inferioridade frente às demais.

É só assim, quando cantarmos mais essa victória [a união dos negros] contradiremos, a um escritor gaulês, cujo nome não atinamos de prompto, que teve a ingenuidade de exclamar : - “porque supor uma unidade quando não existe na raça humana”.³⁶⁶

Os articuladores do jornal também alertam seus leitores que a desunião da raça poderá permitir a instalação de grupos racistas aos moldes da Klu-Klux-Klan: “ora a continuar essa inercia qualquer dia teremos, também aqui, os terríveis monstros mascarados da famosa sociedade secreta Klu-Klux-Klan!”³⁶⁷

³⁶³ F. Marcondes. Unidos sempre. Getulino, n° 03, p. 01, col. 4, 12 ago. 1923.

³⁶⁴ Gervasio de Moraes. Antes assim. Getulino, n° 50, p. 01, col. 06, 24 ago. 1924.

³⁶⁵ Idem, Antes assim III. Getulino, n° 52, p. 01, col. 6, 14 set. 1924.

³⁶⁶ Ibidem.

³⁶⁷ Benedito Florêncio. Os pretos em São Paulo. Getulino, n° 53, p. 01, col. 03, 21 set. 1924.

O artigo, do qual a citação acima foi retirada, trata da dificuldade do negro em São Paulo, não só da capital, mas também do interior, em conseguir emprego devido à cor da pele:

Vae ás fábricas, mas não lhe dão serviço, muitas vezes nem lhe deixam falar com os gerentes. Procura anúncios nos *jornaes*, acorre pressuroso aonde precisam de empregados e embora chegue primeiro do que outro qualquer candidato, por ser de cor é posto á margem e recusado. ³⁶⁸

Entretanto, neste momento, a maior indignação expressa no artigo não é contra o sistema de exclusão do trabalhador negro, e sim contra a passividade dos “homens de cor”:

Lendo essa denuncia sentimo-nos justamente revoltados, e ficamos quase convictos de que na grande metrópole dos Bandeirantes, alguém de cor surgiria em campo para verberar o facto e fazer os preciosos comentários. Infelizmente, porem saibamos, até o momento presente não houve em São Paulo um preto capaz de falar ou escrever acerca de tão opportuno problema apesar dos muitos que alli existem em condições de fazel-o vantajosamente!³⁶⁹

Em um de seus textos, Benedicto Florêncio expõe sua indignação para com um fato relatado em carta a um jornal paulistano, por um trabalhador negro, que alega ser habilitado mas não conseguir emprego em razão de sua cor. Nas linhas que escreve, chega a criticar a passividade do negro paulistano e conclamar a união da etnia para a sua defesa. “Não é intuitivo que devemos lutar desesperadamente contra essa perseguição que cada vez mais se accentua num crescendo assustador?”³⁷⁰

No trecho, ele demarca mais uma vez a disposição pela luta contra o preconceito racial. Outra bandeira desfraldada pelo «*GETULINO*» foi a da conscientização de que o negro ainda não tinha a garantia de todos os seus direitos como cidadão. Ele aponta para a linha de cor que dividia os brasileiros entre os de primeira e os de segunda classe, apesar de, em alguns momentos, a história ter reservado aos “brasileiros de cor” a primazia na condução dos eventos.

³⁶⁸ Benedicto Florêncio. Os pretos em São Paulo. *Getulino*, n° 53, p. 01, col. 03, 21 set. 1924.

³⁶⁹ *Ibidem*.

³⁷⁰ *Ibidem*.

E ainda há **brasileiros** que querem separar da comunhão nacional, os negros, como que se esquecendo que o destino reservou, a 15 de novembro, a um negro – José do Patrocínio, - a glória de haver, em nome da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, proclamado, de uma das sacadas o regime da Igualdade e Fraternidade.³⁷¹

O artigo coloca mais uma vez o mito da democracia racial em cheque. Contudo, deve-se ressaltar que a Constituição de 1891 garantiu a igualdade formal entre os cidadãos brasileiros, mas não fez grandes avanços no que tange à modificação ao acesso das camadas populares aos ideais de cidadania e nacionalidade, apesar de estas existirem em maior número. Como a legislação nada previu no tocante a indenizações ou preparação do trabalhador escravo para o processo de transição para o livre mercado, o resultado foi a desagregação desta parcela de brasileiros.

Esta situação de despreparo diante da nova realidade econômica e social acabava por municiar os detratores da raça negra com números referentes à delinquência, mortalidade e dramas sociais que permitiam conclusões racistas. Os colaboradores do «*GETULINO*» respondiam assim a este pensamento:

Querer do preto, que se eleve, que se nobilite, que risque com novos hábitos a pecha de indolente e outros, que lhe impuseram o desprezo de muitos e os pré-juízos de outros, sem que ao menos o branco o deixe livre nessa conquista justa, é querer utopia.³⁷²

Mais à frente, na mesma coluna, o colaborador do «*GETULINO*» destaca que o negro é maioria no Brasil: “Notae que nosso «todos» não exclue minoria, mas refere-se a maioria real e palpitante”³⁷³. Maioria esta comprovada pelos números do Censo Demográfico de 1872, segundo o qual, pardos e pretos já somavam 58% dos habitantes presentes ou residentes no país. Em Campinas, para o mesmo ano, a percentagem somente de negros cativos, ou seja, de pretos, era de 42% da população [presente ou residente]. Se somarmos a este índice o número de pardos, tomando por base os números nacionais, chega-se um índice de ambos já somavam 72% da população residente ou presente na cidade.

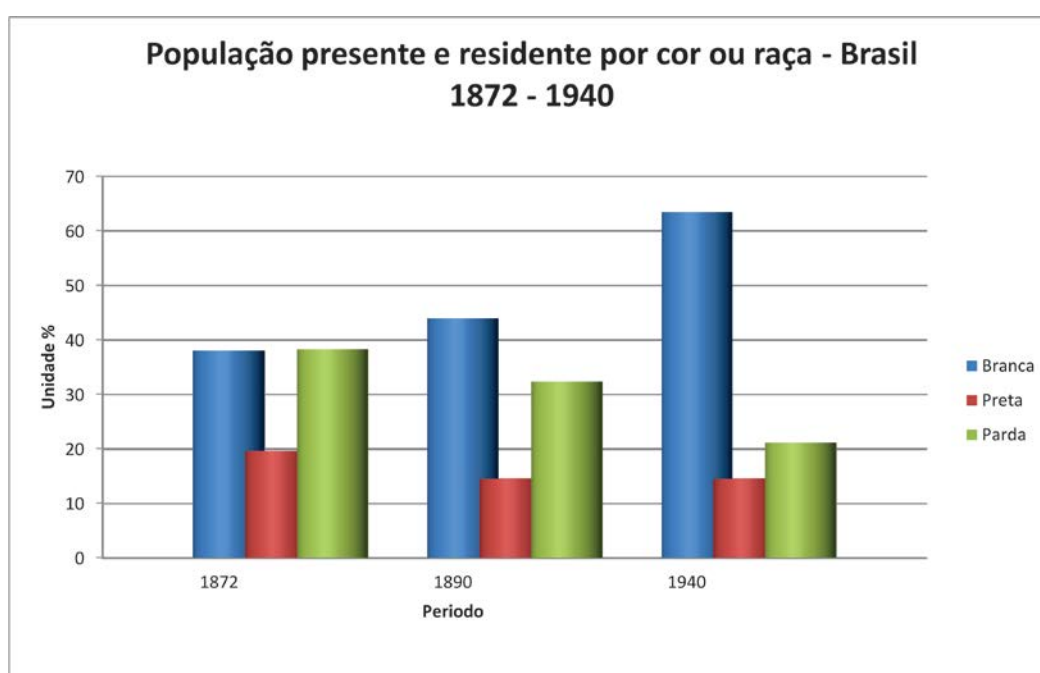
³⁷¹ Lacerda Werneck. O negro na formação da Pátria brasileira. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923. Grifo do autor.

³⁷² U.C. Fusão das raças II. *Getulino*, p. 01, col. 06, 02 mar. 1924. Grifo do autor.

³⁷³ *Ibidem*.

Os editores do «*GETULINO*» debatiam-se ainda contra o rápido processo de “branqueamento” da população brasileira, através da imigração europeia iniciada no final dos anos 1800. Pelos dados levantados pelo IBGE, temos que a relação entre negros e brancos no período compreendido entre a abolição da escravidão e o ano de 1940 sofre uma completa inversão. De um país majoritariamente negro, o Brasil passa a ser “branco” em um período muito curto de tempo em termos históricos [gráfico a seguir].

Gráfico 01 – População presente e residente por cor ou raça – Brasil 1872-1940



Fonte: dados IBGE, jan. 2012

Esta inversão na composição da população brasileira, no quesito cor, para além da mudança dos critérios de realização dos censos, tem uma das suas possíveis explicações na forte importação de mão de obra europeia para a substituição do escravo na lavoura, empreendida no final dos anos 1800 e que se estendeu até o primeiro quarto dos anos 1900.

Este fato, aliado à imagem negativa criada pela escravidão em relação ao negro, elevou sobremaneira as dificuldades dos produtores do «*GETULINO*» em criar uma memória e identificação positiva para o negro no período. Sobre esta

identificação negativa trazida pela escravidão, os editores da folha dominical assim observavam:

Apesar de há 35 annos a Princeza Isabel, ter assignado a lei 3353, declarando extinta a escravidão no Brasil, os desmandos a que vimos assistindo, levam-nos a crer que estamos livres, mas algemados á dura soberbice dos aristocratas e ferrenhos escravocratas.³⁷⁴

Desta forma, o grupo produtor do «*GETULINO*» lutava em duas frentes distintas, mas complementares: uma interna e outra externa. A primeira, no sentido de conscientizar os negros de sua importância para a formação do Brasil e da cultura nacional; a segunda, visando provar para a sociedade branca que os negros são tão brasileiros e capazes quanto qualquer outra pessoa nascida sob a proteção das leis constitucionais.

Nesse sentido, a linha editorial do «*GETULINO*» cumpria um papel duplo: conscientizar o negro de sua importância e qualificações, e reivindicar o reconhecimento destas mesmas qualificações por parte da sociedade brasileira.

³⁷⁴ U.C. Fusão das raças II. Getulino, p. 01, col. 06, 02 mar. 1924. Grifo do autor.

CAPÍTULO IV
NEGROS E CIDADÃOS BRASILEIROS:
CONTRA A SEGREGAÇÃO E O PRECONCEITO

Onde se prova a qualidade de brasileiro, senão no campo da honra, quando, em angustiosos momentos, chamam-se às armas os patrícios? Em todos os commettimentos heroicos dos feitos registrados pela história pátria, o contingente valoroso e eficaz do negro, apparece rutilantemente.³⁷⁵

Neste capítulo abordaremos as propostas do «*GETULINO*» de construção da comunidade negra campineira, e principalmente a questão da identidade nacional. Diferentemente da postura do Estado brasileiro, que desejava o apagamento da memória do cativo da História Nacional, os editores do hebdomadário traziam à discussão e reflexão dois temas: a memória da escravidão e o ativismo negro na construção do Brasil.

Desde o primeiro número da folha, os editores do «*GETULINO*» buscam enfatizar ou destacar a importância do “*negro na formação da Pátria brasileira*”, sendo este o título de um artigo, assinado por Lacerda Werneck, publicado na primeira página da edição inaugural do periódico. Nele, o único colaborador branco do jornal destaca a importância do negro no processo de constituição da nação brasileira.

Neste artigo, Werneck relaciona os principais momentos da trajetória da formação do Estado brasileiro e aponta como os negros atuaram de forma decisiva nestes eventos marcantes da história nacional. O colaborador do «*GETULINO*» discorre longamente sobre a importância da participação do negro na *Guerra do Paraguai*, destacando que, sem a incursão do braço forte do negro, o Brasil não teria vencido o conflito. Lembra, através de citações de outros autores, que o Exército Brasileiro que combateu no Paraguai era formado quase que exclusivamente por pretos, enquanto o Exército Argentino, que pouco atuou efetivamente, era composto por mercenários europeus.

A tônica do artigo está voltada para a valorização do espírito combativo e leal do negro brasileiro para com a sua pátria. A este artigo, segue-se outro no segundo número, intitulado “*Coração da raça pigmentada*”, assinado por B.H.F., no qual a índole “*não rancorosa do negro*” é destacada.

³⁷⁵ Lacerda Werneck. O negro na formação da Pátria brasileira. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 02, 29 de jul. 1923.

O autor argumenta que, mesmo tendo a oportunidade, o negro não escolheu o caminho da vingança como meio de reparação das atrocidades perpetradas pelo branco durante o período da escravidão. E que, mesmo sofrendo com o *“bacalhau nas costas”*, o negro preferia a fuga como forma de conquista da liberdade a praticar violência contra seus algozes.

Entre as diferentes raças que povoam o universo nem uma passou por provação comparável á que submeteu-se a raça pigmentada. (...) Tivessem os pretos um coração rancoroso e numerosos como eram, tendo a cosinha em suas mãos, além de outras oportunidades, e fácil, muito fácil seria a reivindicação dos seus direitos tão vilmente espohados.³⁷⁶

Este trecho cumpre três funções na estratégia adotada pelo hebdomadário: uma, de destacar a força e abnegação do negro frente às vicissitudes impostas pelo regime escravocrata “entre as diferentes raças que povoam o universo nem uma **passou por provação comparável á que submeteu-se a raça pigmentada**”; a outra, de reforçar e destacar que os negros sempre foram numericamente superiores aos brancos no Brasil: “tivessem os pretos um coração rancoroso **e numerosos como eram**”; e, uma terceira, julgo eu, a destacar a “opção” do negro pela conquista de seus direitos como cidadão brasileiro através da via legal e não da violência, seja esta de qualquer forma: “**tendo a cosinha em suas mãos**, além de outras oportunidades, e fácil, muito fácil seria a reivindicação dos seus direitos tão vilmente espohados”.

Sobre a superioridade numérica dos negros em Campinas, recorreremos ao levantamento que o historiador campineiro José Roberto do Amaral Lapa fez em sua obra *A Cidade; os cantos e os antros* para destacar a relação entre a população livre e escrava na cidade das andorinhas.

Em 1854, Campinas com 8.190 escravos já detém o primeiro lugar na província, superando nesse sentido não só a Capital, como as cidades do Vale do Paraíba que na primeira metade do século se situavam acima dela. Essa posição Campinas manterá até 1886. [...] Campinas, que em 1854 estava em 6º lugar entre as cidades mais populosas da província,

³⁷⁶ B.H.F. Coração da raça pigmentada. Getulino, nº 02, p. 03, col. 01, 05/08/1923.

para assumir, vinte anos depois (1874), o primeiro lugar, acima mesmo da Capital, com 31.397 habitantes³⁷⁷.

A superioridade numérica do negro no Brasil sempre foi motivo de temor e preocupação das elites nacionais. Se tomarmos o caso de Campinas especificamente, onde a população negra [somando-se pretos cativos e pardos], batia na casa dos 72% da população presente ou residente no ano de 1872³⁷⁸. Este temor se fazia presente no cotidiano da cidade, legitimando políticas e atitudes cada vez mais opressoras e violentas contra o negro de forma a manter a ordem social.

À noite, a partir das 21 ou 22 horas, uma vez que esse limite de horário variou ao longo do tempo, por ordem da Câmara Municipal, era dado o toque de recolher pelos sinos da cadeia e da guarda. (...) Assim, a presença do escravo ou seus movimentos numa rua seriam sempre objeto de detenção, depois do toque de recolher. Nesse caso, só poderiam circular com o bilhete de autorização de seu senhor.³⁷⁹

Como se vê, são atitudes que permanecem presentes no dia a dia da cidade, mesmo após a manumissão do trabalhador negro, levando a posturas segregacionistas e discriminatórias contra estas pessoas devido à cor de sua pele e à sua condição social. E era contra estas atitudes segregacionistas e discriminatórias que os editores do «*GETULINO*» se insurgiam, conclamando seus leitores a lembrar do passado com orgulho, pois o negro mesmo cativo e sofrendo os “horrores inacreditáveis do cativeiro essa parcela da humanidade, teve como que a pedra de toque para a exigente prova de sua índole”.³⁸⁰

De forma adversa ao pretendido pelas elites nacionais, os editores do «*GETULINO*» não estavam dispostos a esquecer seu passado e assumir uma nova identidade ou, mais precisamente, o velho papel de trabalhador servil sem identidade própria.

³⁷⁷ Lapa, José Roberto do Amaral. **A Cidade** : Os cantos e os antros: Campinas 1850 –1900. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 110.

³⁷⁸ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/default_hist.htm Acesso em jul. 2011.

³⁷⁹ LAPA, J. R. do A. **Os excluídos**: contribuição à História da pobreza no Brasil – 1850-1930. Campinas: Editora da Unicamp/Edusp, 2008. p. 191.

³⁸⁰ B.H.F. Coração da raça pigmentada. *Getulino*, nº 02, p. 03, col. 01, 05 ago. 1923.

Para o grupo produtor do semanário, a memória do cativo e as contribuições que o negro fez para a conquista e manutenção do território nacional não deveriam ser esquecidas ou menosprezadas, pois eram elas que davam consistência e base à luta pelo reconhecimento do papel preponderante do negro na formação econômica e cultural do Brasil.

Nesta linha de pensamento – a de destacar o papel do negro na formação econômica e cultural do Brasil – Evaristo de Moraes escreve na edição subsequente um extenso artigo, que ocupa as duas primeiras colunas, mais da metade da terceira coluna na primeira página, intitulado de “O papel do escravo na civilização brasileira” no qual descreve a importância do negro na formação econômica do país. Neste artigo, Moraes faz uma revisão bibliográfica sobre o tema, trazendo a exame as observações feitas, tanto por abolicionistas como por escravocratas, sobre a importância do negro na formação econômica do Brasil.

Haja vista o visconde de Itaboraí quando, como presidente do conselho ministerial, reagindo contra a vontade bem fazeja do Imperador se oppunha á emancipação. «Não queiramos aludir os fundamentos em que, há mais de três séculos, se acha assentada a associação brasileira» ³⁸¹

Seguindo em seus apontamentos, Moraes seleciona trecho de artigo escrito por Alberto Torres, no qual este defende que a escravidão negra foi fator fundamental para a definição da riqueza nacional.

São do profundo pensador Alberto Torres estas veracíssimas palavras: «Social e economicamente, a escravidão deu-nos, por largos annos, todo o esforço e toda a ordem que possuímos e fundou toda a produção material que ainda temos.» (O Problema nacional brasileiro, 1914, pag. 11). ³⁸²

Moraes busca demonstrar que a sociedade brasileira fora erigida sobre o trabalho do negro, e que dele deriva toda a riqueza e civilização existentes em Terras de Santa Cruz, valendo-se dos argumentos de personalidades “insuspeitas”.

³⁸¹ MORAES. E. O papel do escravo na civilização brasileira. Getulino, nº 03, p. 01, col. 01, 12 ago. 1923. Grifo meu.

³⁸² Ibidem.

«Os africanos civilizaram campos, enriqueceram o Brasil; cultivando os senhores, opulentaram a herança das famílias; criaram a riqueza, facilitaram a propagação da instrução, foram os obreiros reaes da prosperidade da nação, quer sob o domínio portuguez, que sob a nova forma politica.»

«Pode-se dizer que, por meios indirectos, a raça escravizada, pela transformação do seu trabalho muscular em estradas, academias, esquadra, armamentos, etc. foi quem trouxe ao Brasil o pouco de civilização que nelle existe.»

As citações de Eunapio Deiró e Tito Lívio de Castro servem ao projeto defendido pelos produtores do «*GETULINO*» de demonstrar a importância do negro na formação da riqueza do Brasil. Seis números à frente, a bravura do negro é ressaltada, não no passado, mas no presente. Em nota intitulada “Feito Glorioso”, a redação faz constar a realização do aviador Protógenes, que comandou a esquadrilha da “Aviação Naval” em um “*raid* na Bahia e a Aracaju”.

O feito glorioso do *commandante* Protogenes *veiu* evidenciar que o valor do homem preto como militar não desapareceu com o valente Henrique Dias; pois si foi grande a gloria desse militar, que então honrou a família negra em sua época, não é menos certo que o *commandante* Protogenes no *raid* que vimos de apreciar, lavrou ainda um tento para enaltecer o patriotismo da raça a que pertence, como motivo do mais justo orgulho. ³⁸³

Destacar o feito deste militar negro, cumpre o papel de evidenciar, para a “classe de homens de cor”, que o negro também é capaz de todo tipo de ação positiva e valorosa. Vejamos, também, que os redatores comparam o feito de Protógenes ao de Henrique Dias³⁸⁴, que comandou as forças brasileiras formadas por soldados negros em 1633, levando-os a vitória em todas as batalhas das quais participaram contra o exército holandês. Inteligência, bravura e honradez são as qualidades destacadas pelos redatores do «*GETULINO*» para classificar as ações e a essência da conduta do negro.

³⁸³ Da Redação. Feito glorioso. Getulino, n° 09, p. 02, col. 02, 23 set. 1923.

³⁸⁴ Em decorrência de sua bravura no campo de batalha, Henrique Dias foi agraciado com a comenda dos Moinhos de Soure, da Ordem de Cristo, por Dom João IV. Apesar de seus feitos, as recompensas financeiras em virtude de seus préstimos a Coroa Portuguesa, não foram pagas da mesma forma que os outros combatentes brancos. Henrique Dias morreu em extrema miséria em 1641. Em 1992 foi escolhido como patrono do 28º Batalhão de Infantaria Blindada, hoje 28º Batalhão de Infantaria Leve situado em Campinas-SP.

A importância desta etnia para a formação da pátria brasileira volta a ser tema de extenso artigo que ocupa três colunas inteiras da edição de número 64, de 20 de dezembro de 1924. O artigo é assinado por José de Nazareth; logo abaixo do título, “A raça brasileira”, faz constar em negrito os seguintes dizeres: **“Conservando-se sem cruzamento, o negro prova a sua superioridade. O indígena desapareceu da nossa sociedade.”**³⁸⁵

No corpo do artigo o colaborador do «*GETULINO*» contesta as ideias contidas no “racismo científico” que apregoava a inferioridade do negro, destacando a presença da etnia nos mais diversos “postos” da sociedade brasileira e ressaltando não haver na história nacional o registro de índios que tivessem alcançado a mesma projeção. Para a defesa de seu pensamento, Nazareth inicia seu artigo apresentando o que ele considera a gênese da raça brasileira:

A gênese da nossa raça, a brasileira – aliás, ainda em período de caldeamento, - repousa em trez elementos heterogêneos; o indígena, cujo amor, cujo coração, personifica-se na immortal Moema; o negro cujo estoicismo reside em Henrique Dias e o branco em cujo denodo, nenhum homem excedeu Mathias de Albuquerque³⁸⁶, no septentrião e Estácio de Sá no meio-dia.³⁸⁷

Notemos que Nazareth escolhe para caracterizar a índole do negro a Fig. de Henrique Dias, destacando o estoicismo de sua estirpe, ou seja, da indiferença à dor e a firmeza de ânimo para se opor aos males e agruras da vida.

Da mesma forma, traz Mathias de Albuquerque e Estácio de Sá como representantes do elemento branco. Vejamos que as três personalidades destacadas para representar o negro e o branco no caldeamento da raça brasileira tem em comum o seu engajamento em defesa da pátria e a busca da manutenção da integridade do território brasileiro.

³⁸⁵ José de Nazareth. A raça brasileira. Getulino, n° 64, p. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

³⁸⁶ Matias de Albuquerque, primeiro e único conde de Algrete (Olinda, c. 1580 — Lisboa, 9 de junho de 1647), foi um administrador colonial português. Lutou contra os Holandeses, organizando as defesas e suprindo as guerrilhas contra o inimigo. Teve ação de relevo nas lutas contra os holandeses pelo domínio da colônia, na década de 1620 e início da seguinte, conseguindo algumas vitórias importantes e sendo nomeado governador da Bahia. In Infopédia . Porto-PT: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-02-25]. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$matias-de-albuquerque](http://www.infopedia.pt/$matias-de-albuquerque)>. Acesso em fev. 2012.

³⁸⁷ José de Nazareth. A raça brasileira. Getulino, n° 64, p. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

Tanto Henrique Dias como Mathias de Albuquerque lutaram contra os holandeses; Estácio de Sá, por sua vez, expulsou os franceses do Rio de Janeiro. Nazareth busca demonstrar a influência do negro na cultura nacional, empregando os mesmo argumentos, numéricos e históricos, que os defensores do racismo científico na sua vertente histórica, representada por Gobineau, utilizavam.

Para corroborar a sua argumentação, o colaborador do «GETULINO» destaca que “o negro sempre ocupou papel preponderante nas estatísticas, nos recenseamentos da população”³⁸⁸, superando numericamente, a partir de 1798, o contingente de brancos em terras brasileiras. Para o colaborador do hebdomadário, seria impossível que a cultura negra não exercesse influência na construção da sociedade brasileira devido ao elevado número de africanos aqui existentes; e que da mesma forma que os franceses valorizavam seus antepassados, celtas e romanos, os brasileiros também deveriam valorizar o negro como formador da civilização nacional.

Nesse ponto, deveríamos seguir a lição dos franceses, que sabem honrar os seus antepassados, tanto os celtas e os francos, como os romanos que lhes levaram o esplendor da civilização. ³⁸⁹

Sobre a supremacia numérica dos negros no Brasil colonial, Nazareth assim escreve:

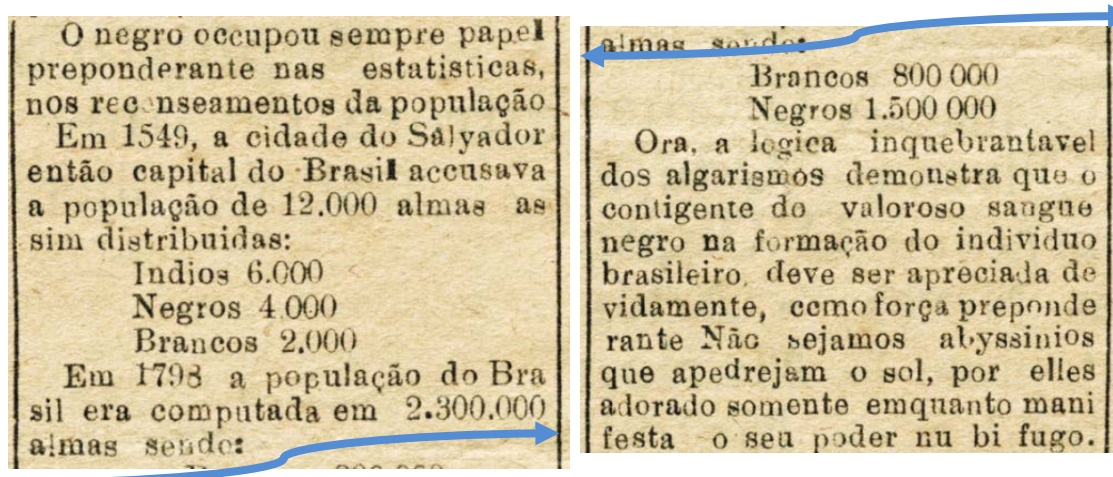


Fig. 52 - *Getulino*, nº 64, pág. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

³⁸⁸ José de Nazareth. A raça brasileira. *Getulino*, nº 64, p. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

³⁸⁹ *Ibidem*.

Além de destacar a supremacia numérica em território nacional, o colaborador do «GETULINO» relaciona outros negros que, através de seu esforço pessoal, alcançaram destaque na sociedade brasileira e, por conseguinte, um lugar na história da pátria.

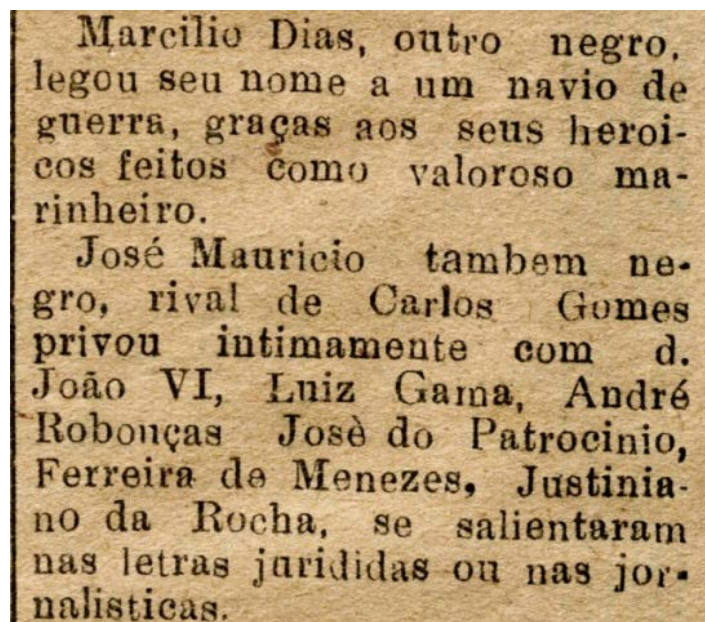


Fig. 53 - *Getulino*, nº 64, pág. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

Nazareth termina seu artigo em defesa da herança do negro na formação da “raça brasileira”, salientando que: “Mestiçado, ou não, é o negro brasileiro de índole boa, de coração nobre, de espirito altivo e digno é, portanto precioso elemento contribuinte para o caldeamento da nossa raça”.³⁹⁰

Seguindo a mesma linha de pensamento e argumentação, o prof. José Luís de Mesquita, em discurso proferido no Teatro São Carlos, em Campinas, por ocasião da comemoração de um ano da folha, destaca a biografia dos *Rebouças* (André Pinto e Antônio Pinto), dos Bias Fortes, de Monteiro Lopes, de d. Silvério Gomes Pimenta e de Cruz e Souza como exemplos a serem seguidos.

Lamentando os retrógrados *sociaes*, que não *encheram* com bons olhos o trabalho insano desta raça forte, em prol do engrandecimento nacional, concita-os a *compusgar* as paginas da História Pátria, e fala com *enthusiasmo* dos Rebouças, dos Bias Forte, de Monteiro Lopes, de d. Silvério Gomes Pimenta, de Cruz e Souza e outros. E acrescenta: -

³⁹⁰ José de Nazareth. A raça brasileira. *Getulino*, nº 64, p. 04, col. 04, 20 dez. 1924.

Verás que por este mundo em fora há uma *phalange* enorme de negros que *teem* trilhado no caminho da honra e do dever.³⁹¹

Outro colaborador do «*GETULINO*», que se identifica apenas por “Mesquita”, destaca positivamente o negro e questiona o motivo de não serem lembrados na história do Brasil.

Nesta contribuição, intitulada “Bello exemplo”³⁹², além de questionar como os fatos são selecionados para Fig.rem na História [reprodução à frente], o autor descreve a festa realizada no Palácio Imperial, em homenagem ao aniversário da Princesa Isabel, na qual José do Patrocínio fora convidado a dançar com a princesa.

Era o natal da Princesa [...] Todos dansavam. [...] E, por insistência do Conde o vulto se levanta e acceitando o braço da mais nobre das damas que alli se achavam, começou a dansar. Era José do Patrocínio, esse negro que soube honrar a sua Pátria trabalhando para lavar da sua História a mancha terrível do captiveiro.

Prosseguindo em sua argumentação, o colaborador mineiro do «*GETULINO*» passa a questionar os “almofadinhas”, termo empregado em substituição a “moços brancos”, sobre a reação destes frente a este homem negro que teve o privilégio de dançar com a última monarca do Brasil.

O que diriam hoje esses **almofadinhas**, despidos de noções de educação e civismo sobrecarregados de orgulho inqualificável se José do Patrocínio, fosse *dansar* com essas **melindrosas** que por *ahi* andam, sem nenhuma prerrogativa que as poderiam ao menos *leval-as* a serem aias da princesa Izabel?³⁹³

Termina por dizer que o que distingue uma pessoa é o seu caráter, sua honra, e não o dinheiro. O que nos traz de volta ao início do artigo de “Mesquita”, quando este questiona os motivos pelos quais os negros estão fora dos livros e jornais:

³⁹¹ Da Redação. O nosso aniversario: as festas comemorativas – brilhante concurso do Exmo. SR. Prof. José Luís de Mesquita. *Getulino*, n° 65, p. 01, col. 3, 20 jan. 1925.

³⁹² Mesquita. Bello exemplo. *Getulino*, p. 01, col. 01, 30 nov. 1923.

³⁹³ Ibidem. Grifos do autor.

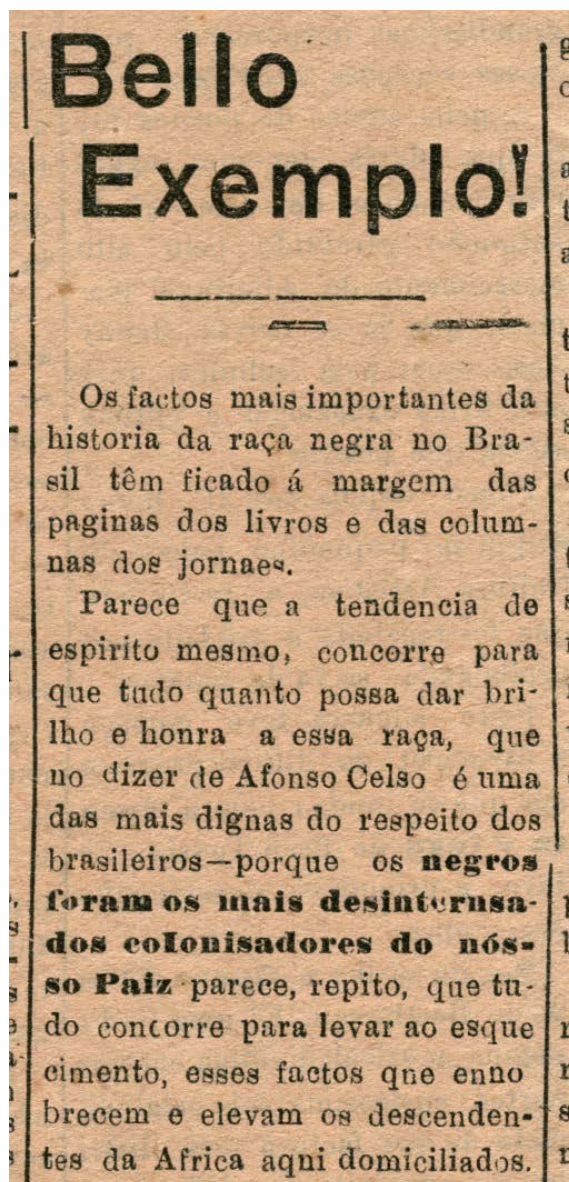


Fig. 54 - Getulino, nº 65, pág. 01, col. 3, 20 jan. 1925.

Esta postura coaduna com a levada a cabo, por toda a trajetória da folha, de buscar o reconhecimento dos feitos e valores dos negros na história nacional, de forma a combater o racismo e principalmente o sentimento de inferioridade arraigado na alma dos negros brasileiros após quatrocentos anos de escravidão.

Ao longo das suas 67 edições, os editores e colaboradores do «GETULINO» buscam destacar a qualidade do homem negro de forma a criar ambiente para a consolidação de uma identidade negra positiva. Reivindicam não só a importância do negro na composição da nacionalidade, mas também a afirmação desta memória no presente da jovem república.

A RESPOSTA AO RACISMO CIENTÍFICO

Negar atividade e intelligencia á raça negra é desconhecer os factos históricos: temon'as e em grau de sufficiencia de sua condição, assim como as duas outras tem de sentimentalidade aquillo que a atividade e a intelligencia respectivamente restringiram aos hábitos de seu modo de ser.³⁹⁴

Contra as classificações propostas pelo racismo científico e suas variantes, Christovam A. Junior assim se pronunciou em artigo intitulado “Liberdade Intelectual”, no qual contesta a proposição feita pelo sociólogo francês Blainville, que divide a humanidade em três raças, branca, amarela e negra, e atribui a elas características únicas ou “superioridades de compensação”.

Blainville tão só pela cor da pelle, pela simples apparencia exterior, pela vestimenta da carne dividiu os homens em três raças, deste modo tirando illações do interior, extravasando em divagações philosophica-sociaes estabeleceu a raça branca, a raça amarela e a raça negra, dando margem a que o Positivismo dessa divisão fizesse alarde.³⁹⁵

Blainville classifica a “branca como sendo a «mais» inteligente, a amarela a «mais» activa e a negra a «mais» sentimental”. A essa classificação o colaborador do «*GETULINO*» contra argumentou: “negar atividade e intelligencia á raça negra é desconhecer os factos históricos”, fatos estes que o grupo produtor do semanário não estava disposto a esquecer. Os colaboradores do «*GETULINO*» também respondiam assim às teorias raciais em voga no período:

Sociólogos e psychologos de meia tigela prognosticara o desaparecimento da gloriosa raça negra (O Brasil de 17 de Set. p.p. e “*Following and Facts*”, etc. de Halper) e, entretanto é cousa vã e descabida e insustentável deante da limpidez dos factos.³⁹⁶

³⁹⁴ Christovam A. Junior. Liberdade Intellectual. Getulino, nº 13, p. 03, col. 03, 21 out. 1923. Grifos do autor.

³⁹⁵ Ibidem.

³⁹⁶ Ibidem.

Os “sociólogos e psychologists de meia tigela” a que Christovam se referia eram Nina Rodrigues, Joseph Arthur de Gobineau, José Iginieros [filósofo argentino] e João Batista de Lacerda, entre outros. Para estes sociólogos, psicólogos, filósofos e escritores, a raça negra estava destinada à extinção em um século, devido à sua alegada “inferioridade racial e intelectual”.

Sobre este pensamento racial que circulava na sociedade brasileira no período, e que os editores do «*GETULINO*» procuravam denunciar e repelir, o brasilianista Thomas Skidmore registra em seu livro *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, a extensão destas as projeções sobre o destino da raça negra no Brasil.

A seu turno, Martim Francisco Riberio de Andrada – o preeminente político republicano e escritor – concordava com a previsão de João Batista de Lacerda. Em 1913, escreveu no seu diário, durante uma viagem ao exterior, que, embora o negro tivesse sido indispensável ao crescimento da agricultura brasileira, o “sangue caucásio” era “mais forte” e, em consequência, estava agora a “dominar” o etíope. [...] [o sangue do branco] Vencerá dentro de um século, e conquistará, mais tarde, o índio.³⁹⁷

Esta projeção, segundo a qual o “sangue” negro desapareceria em 100 anos do território nacional, foi fortemente atacada no período, segundo Skidmore, não pelo seu conteúdo racista, mas sim por projetar um tempo muito longo para a sua concretização: “a tese de João Batista de Lacerda foi criticada, todavia, por brasileiros, furiosos com a sua estimativa de tempo – achavam muito longo um século”³⁹⁸.

Contra este desejo de “branqueamento” do Brasil e eliminação do sangue negro na composição da sociedade nacional, ainda muito forte no período, Evaristo de Moraes publica no «*GETULINO*» extenso artigo de rebatendo as argumentações do deputado Fidelis Reis, que defende a restrição da imigração de colonos negros norte-americanos para o Brasil.

³⁹⁷ SKIDMORE. T. E. *Preto no branco; raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1976. p. 83.

³⁹⁸ *Ibidem*, p. 84.

Percebe-se, desde logo, que as ideias do illustre deputado foram orientadas no sentido das de Gobineau, Leponge e outros arautos da supremacia de um determinado ramo da raça branca.³⁹⁹

A crítica que Evaristo de Moraes faz à atitude do deputado paulista não se direciona ao objeto do projeto que visava proibir a imigração de trabalhadores negros norte-americanos, mas sim aos argumentos que o parlamentar utiliza para defender suas ideias. Afinal, quatorze edições antes, outro colaborador do «GETULINO», Benedicto Florêncio, interpunha argumentos contra a imigração de colonos negros norte-americanos para o Brasil.

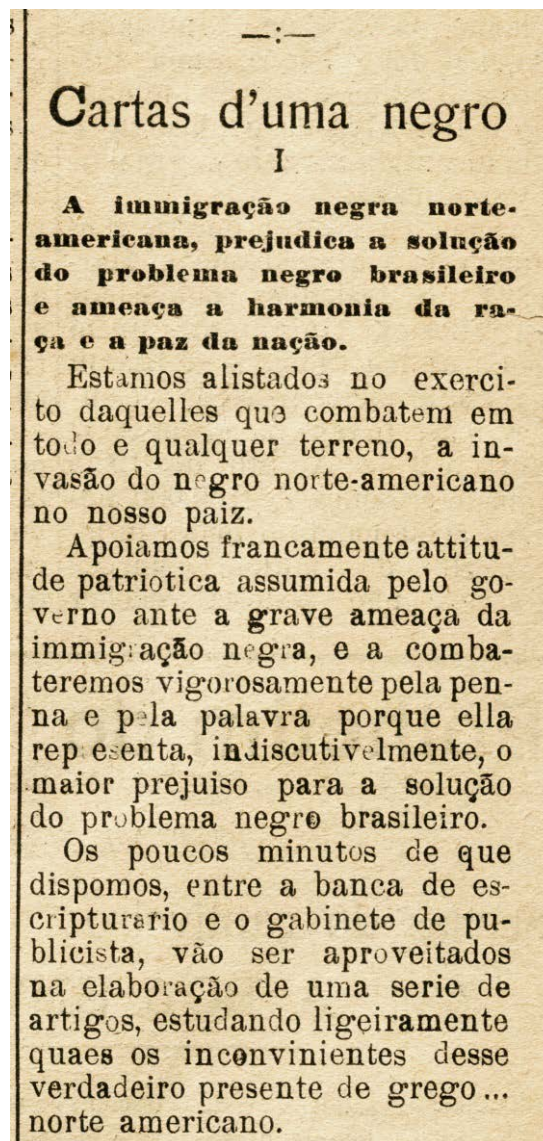


Fig. 55 – Artigo de Benedicto Florêncio - *Getulino* n° 09, 23 set. 1923.

³⁹⁹ Evaristo de Moraes. Brancos, negros e mulatos. *Getulino*, n° 23, p. 01, col. 01, 30 dez. 1923.

Neste artigo, Florêncio lista as diferenças “religiosas” e de “postura” entre o negro norte-americano e o brasileiro. Argumenta que no negro brasileiro não nutre sentimento de ódio para com o branco; já o norte-americano sim, de forma que este “sentimento” de aversão e não disposição à convivência pacífica entre os grupos prejudicaria o desenvolvimento social do negro brasileiro.

Defende, então, a ideia de que a vinda destes colonos em nada ajudaria ao negro brasileiro em sua luta pelo reconhecimento e ascensão social ou mesmo resolveria o problema do negro norte-americano, pois as necessidades e “problemas” dos dois grupos eram diferentes. .

Mas, a solução do problema negro norte-americano está colocado numa situação extremamente diferente do brasileiro, pelo que, materialmente, precisamos agir em separado, tanto quanto em conjunto, quanto tivermos que agir espiritualmente. ⁴⁰⁰

O autor aponta ainda que a vinda dos negros norte-americanos para o Brasil não seria a solução para eles – os norte americanos – e nem para o brasileiro, mantendo-se uma ponte de solidariedade “quando tivermos que agir espiritualmente”, mas não fisicamente no mesmo espaço social.

Neste artigo, chama-nos a atenção um parágrafo que parece deslocado ou, ao menos aos nossos olhos, necessitando de uma maior explicação por parte do autor, pois logo abaixo do parágrafo transcrito acima, o autor faz a seguinte observação: “a vinda dos negros norte-americanos será o golpe de morte para aquella obra mathemática, do desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil”. ⁴⁰¹

Esta afirmação vista de forma isolada poderia indicar que Benedicto Florêncio acredita ou mesmo deseja que os prognósticos feitos pelos defensores do racismo científico se concretizassem. Entretanto, encontramos no decorrer do jornal o combate veemente contra estas teorias e prognósticos, deixando-nos a dúvida sobre o sentido ou qual a ideia que o autor estava defendendo naquele momento.

⁴⁰⁰ Benedicto Florêncio. Cartas d’uma negro I. Getulino, nº 09, p. 02, col. 02, 23 set. 1923.

⁴⁰¹ Ibidem.

O parágrafo subsequente ao mencionado acima não o complementa ou o explica. Na verdade, reforça a percepção do autor de que a solução do problema do negro norte-americano está dissociada do brasileiro.

Além disso, não nos parece seja essa imigração em massa, o alívio único e salvador, capaz de resolver o grave problema social que tanto preocupa a actualidade norte-americana.⁴⁰²

Apesar de defender que, tanto os problemas e a solução destes devam ser geridos em separado, ou seja, os negros norte-americanos lá e os brasileiros aqui, Florêncio busca deixar claro que não “repele” os negros-norte americanos; que não está alheio à sua dor e luta, mas apenas não acredita nem defende a vinda destes colonos para o Brasil.

Nós, os pretos brasileiros não repelimos os nossos irmãos norte-americanos, não somos alheios a sua sorte e acompanhamos com interesse e maior carinho, todos os acontecimentos sociais do nosso povo lá dentro dessa babylonica República.⁴⁰³

A mesma postura de solidariedade e restrição à vinda dos colonos norte-americanos para o Brasil é exposta no artigo de Lacerda Werneck, na edição de número 31, de 24 de fevereiro de 1924.

Fomos sempre, intransigentemente, contrários á entrada do negros norte americanos no Brasil, isso porque não era um indutivo que buscava agasalho em nossa Pátria, mas um bando de homens que pretendia invadir a nossa terra, trazendo além da diferença de costumes, de habitos, de tradições e de lingua, o ódio indomavel à raça branca existente nos negros «yankees». ⁴⁰⁴

Lacerda Werneck procura deixar claro que é contrário apenas à entrada de colonos negros norte-americanos no Brasil, e não de negros de outras origens.

Nós, que não nutrimos os sentimentos de extermínio aos povos de outras raça; nós que acolhemos as da raça amarela, com fraternal

⁴⁰² Benedicto Florêncio. Cartas d'uma negro I. Getulino, n° 09, p. 02, col. 02, 23 set. 1923.

⁴⁰³ Ibidem.

⁴⁰⁴ Lacerda Werneck. Os negros norte-americanos. Getulino, n° 31, p. 01, col. 01, 24 fev. 1924.

carinho, não podemos negar aos homens pretos boa acolhida, quando não represente a sua vinda uma tentativa de «conquista». ⁴⁰⁵

Desta forma, temos que os o grupo produtor do «*GETULINO*» considerava que a vinda de colonos negros norte-americanos para o Brasil representaria um perigo ao projeto de ascensão social do negro brasileiro, baseado na não segregação e radicalismos. Contudo, mesmo não defendendo a inclusão deste grupo no caldeamento da “raça”⁴⁰⁶ brasileira, ainda em formação, eram veementemente contra a utilização dos preceitos do “racismo científico” para composição dos argumentos dos que defendiam a restrição da entrada de negros no Brasil.

Abordaremos tão somente alguns pontos do discurso, por mais de um motivo intensamente, com que o Dr. Fidelis fundamentou o seu projeto. (v. *Diario Officil* do dia 25 de outubro último, pag. 4025). (...) É assim que elle se mostra “propenso”, com Gobineau, a admitir a influência decisiva e incontestável do sangue aryano, ou antes, do louro dolichocephalo de Lapouge e Huxley, em todos os progressos da civilização”. Parece incrível que, no anno de 1923, e no Brasil, alguém se lembre, ainda de se apoiar em Gobineau e Lapouge, que, por completo, se revelaram alheios as condições da fusão ethnica operada entre nós, e, imbuídos de preconceitos, não puderam prever os progressos da nossa civilização. ⁴⁰⁷

Mais à frente, em seu artigo, Evaristo de Moraes complementa:

Não desconhecemos o que de mais importante se tem escrito contra os mestiços, desde Agassizati Le Bom; mas, também sabemos como é facil retrucar que não há, na actualidade, nenhum povo civilisado isento de mestiçagem; e, no caso do Brasil, que o representante da raça branca, **supposto latino**, o portuguez, resulta do caldeamento de muitos sangues diferentes. Acrescente uma circusntancia: as leis da Biologia Geral, conforme recentemente demosntrou Grasset, não se applicam, sem reservas, á Biologia Humanas, permanecendo inexplicáveis, segundo aquelleas leis, muitos phenomenos que esta ultima sciencia verifica. Destroem, por isto os cruzamentos humanos os máis agouros dos Gobinean, dos Laponge e outros fazedores de theorias tendenciosas.

⁴⁰⁵ Lacerda Werneck. Os negros norte-americanos. *Getulino*, n° 31, p. 01, col. 01, 24 fev. 1924.

⁴⁰⁶ Empregamos aqui o termo “raça” apenas no sentido de manter a mesma terminologia empregada pelos editores e colaboradores do jornal. Preferimos pensar e empregar o termo etnia para referenciarmos aos diferentes agrupamentos culturais que caracterizam a raça humana, tendo em vista que o termo raça está impregnado de sentido biológico e não cultural.

⁴⁰⁷ Evaristo de Moraes, *Getulino*, n° 23, p. 01, col. 01, 30 dez. 1923.

De forma geral, e mesmo que em meio a tensões e ambiguidades, principalmente com relação à imigração de negros norte-americanos, o grupo produtor do «*GETULINO*» busca argumentar que o “racismo científico” é uma falácia e o negro não deixará de existir e tão pouco a miscigenação é um “problema” verdadeiro para a humanidade. Afinal, como pontuam, “o português, resulta do caldeamento de muitos sangues diferentes”⁴⁰⁸, desta forma, lembrando ao lusitano aqui presente que o seu “sangue” não era tão puro quanto pensava ou desejaria que fosse.

Era contra esse pensamento que permeava toda a sociedade brasileira contra a qual o «*GETULINO*» se insurgia, buscando não só demonstrar que os negros estavam vivos na sociedade nacional, mas, principalmente, que estavam ativos intelectualmente e prontos para assumir o seu lugar de direito na sociedade. Defende que “ninguém mais do que o próprio negro deve cuidar de seus interesses em face do mundo”, buscando na educação a “segunda etapa da grande ascensão que está destinada ao negro” ⁴⁰⁹.

Para a conquista e consolidação desta nova etapa, Christovam pregava não só a união dos negros no Brasil, mas que os ideais de educação e solidariedade fossem disseminados por todos os meios possíveis.

A liberdade intellectual está em seu alvor, urge intensificá-la por todos os meios, nas sociedades, nos grêmios, nas escolas na imprensa, vehiculo primordial das ideias de collectividade.⁴¹⁰

A esta premissa, o grupo produtor do «*GETULINO*» buscava orientar suas ações, realizando discursos e proferindo palestras antes dos bailes nos clubes negros. O grupo apoiava a educação escolar como princípio para o soerguimento do negro, e incentivava os movimentos associativos, além de, é claro, produzir e publicar um jornal para a “defesa dos homens de cor”, no qual defendiam que a História dos negros no Brasil precisava ser contada e recontada até que todos percebessem a grandeza de sua existência.

⁴⁰⁸ Evaristo de Moraes, Getulino, nº 23, p. 01, col. 01, 30 dez. 1923.

⁴⁰⁹ Christovam A. Junior. Liberdade Intellectual. Getulino, nº 13, p. 03, col. 03, 21 out. 1923.

⁴¹⁰ Ibidem.

A DISPUTA PELA IGUALDADE NA CENA PÚBLICA

Porque essa separação será ordem dos poderes competentes? A nossa Carta Magna de nada disso cogita e as Leis do Município tampouco; ellas não distinguem branco nem preto, somente vê cidadãos brasileiros.⁴¹¹

A epigrafe acima, a nosso ver, é a síntese do pensamento do grupo que dá suporte ao semanário. Nela, temos a denúncia do preconceito e da segregação que o negro campineiro sofria e, ao mesmo tempo, a resposta que deve ser dada: a lei não distingue “branco nem preto”. Podemos perceber, pelo artigo escrito por Lino Guedes e intitulado de “O costume fa’s leis”, que percorre as duas primeiras colunas mais o quarto inferior das quatro colunas restantes, da edição de 8 de março de 1924, que o terreno em que os editores do «*GETULINO*» travarão sua cruzada é o da legalidade jurídica e formal.

Neste artigo, Guedes relata a conversa que teve com um grupo de negros e negras sobre a segregação espacial que viviam em Campinas, defendendo a ideia de que “nós cidadãos brasileiros gozando de todas as prerrogativas que as leis nos faculta, entrar naquele aprazível logradouro público”⁴¹². O dado indica que o ativismo do grupo se dava no dia-a-dia de suas relações pessoais, e não somente nas páginas do jornal.

Em resposta à afirmação de Lino Guedes, o grupo lhe responde: “de facto não entravam durante a retreta no Carlos Gomes para evitar barulho: - Os brancos mexem com a gente”⁴¹³. Uma senhora completa a observação dos interlocutores do redator-chefe da folha dominical, dizendo:

Quando estamos acompanhadas de nossos maridos, irmãos, ainda passa, mas pilhando-nos sós alguns moços brancos, nos perseguem,

⁴¹¹ Editorial. Sem título. *Getulino*, nº 1, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923.

⁴¹² Lino Guedes. O Costume Fa’s Leis. *Getulino*, nº 33, p. 01, col. 01, 08 mar. 1924.

⁴¹³ *Ibidem*.

dizendo: - *Dicta*, como é seu nome? Que olhares, até parecem os da Zezé Leone⁴¹⁴ - você errou o caminho, Zepha. *Dicta*, 17 que bicho é?⁴¹⁵

A conversa transcrita por Lino Guedes dá pistas para entender o processo de interdição sofrido pelos negros campineiros nos espaços públicos. Na ausência de leis que legitimem a segregação espacial dos brasileiros, uma das estratégias adotadas pelos que desejavam esta separação era a humilhação e a intimidação. Direccionavam suas ações, preferencialmente, à parcela mais frágil do processo, mulheres e jovens, pois estes, dificilmente, empregariam a força contra seus agressores. “Quando estamos acompanhadas de nossos maridos, irmãos, ainda passa”.

A delimitação do espaço pelos “moços brancos” fica clara quando dizem “você errou o caminho” e ao comparar as moças negras ao número “17” do jogo o bicho, ou seja, aos macacos⁴¹⁶. Retira-lhes, assim, o direito de circular naquele espaço por não serem iguais, rebaixando-os à categoria de não humanos, portanto passíveis de segregação.

Ao limitar a circulação do dominado no espaço público, retira-se do grupo minoritário a possibilidade de troca cultural, impondo a segregação e a interdição pela “ausência” do corpo físico na esfera pública. Saber que determinada situação ou “coisa” existe é diferente de confrontarmo-la com o olhar. A presença física do outro traz a materialidade de sua existência. Desta forma, ao se limitar e segregar as possibilidades de deslocamento do indivíduo pelo espaço social cria-se também símbolos de dominação através da não presença.

Devemos lembrar que nas cidades não há espaços vazios, destituídos do sentimento de posse; mesmo as praças e as ruas, símbolos máximos do espaço público por excelência, têm ‘donos’.

⁴¹⁴ Zezé Leone é o nome da Miss Brasil de 1922, mas também é o nome dado a locomotiva pertence à classe Pacific, fabricada pela *Alco Americana*. A Pacific é uma das locomotivas mais famosas do tempo do vapor, usada em todo o mundo para trens expressos de passageiros. Em virtude das demais referências pejorativas e ofensivas do relato, tudo indica que o comentário se refere à locomotiva que era toda pintada de preto e era destinada ao trabalho pesado, que uma comparação aos olhos da Miss Brasil que era branca.

⁴¹⁵ Lino Guedes. O costume fá's leis. *Getulino*, nº. 33, p. 01, col. 01, 08 mar. 1924.

⁴¹⁶ O número 17 no Jogo do Bicho representa o grupo do macaco.

São lugares controlados, pelos quais lutas silenciosas e veladas se travam entre as diversas populações que por ali circulam, impondo formas de convivência, de ‘ver e ser visto’, de quem pode circular e a quem não o é permitido.

A interdição do corpo físico é uma forma de controle e exclusão: “em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar, também, é a interdição”⁴¹⁷, pois, interditar é controlar. Esta proibição dá-se de fora para dentro do aparato social, impondo ao indivíduo normas de conduta e de deslocamento na esfera social. Esta interdição, no que tange o direito de circulação pelo espaço público, pode se dar de diversas formas. Uma delas é a via legal, tendo em vista que interditar é “proibição, privação judicial de alguém reger a sua pessoa e os seus bens”, é “decretar, vetar, proibir”⁴¹⁸, que o direito brasileiro não acolhe; e a outra é a intimidação social, via agentes privados.

Desde o primeiro número, o grupo que edita a folha dominical denuncia a segregação espacial do negro na cidade das Andorinhas, conclamando os homens e mulheres da etnia a exercerem o seu direito de ir e vir.

Por isso, de hoje em diante devem ir ao «Carlos Gomes», ouvir música ou passear, mas lá dentro, porque o «os costumes faz as leis», ou por outra «o isso do cachimbo deixa a boca torta»⁴¹⁹

A luta contra a segregação espacial na Praça Carlos Gomes passa a ser emblemática para os editores do «*GETULINO*», percorrendo toda a existência do jornal, seja na forma de denúncia ou, em seus últimos números, na proclamação da vitória de sua cruzada pelo fim da interdição, voluntária ou não, do negro circular neste espaço de socialização.

Um anno data, entretanto a vida deste periódico, que já conseguiu tirar certos costumes que em nada nos recomendavam, e colocavam em dúvida situação os foros de cidade educada que gosa a nossa hospitaleira campineia. Folgamos pois em dizer que graças a nossa eficaz acção em

⁴¹⁷ Michel Foucault. **A ordem do discurso**. São Paulo; Loyola, 2004. p. 21

⁴¹⁸ Cunha, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997

⁴¹⁹ Da redação. Editorial. *Getulino*, nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923. Grifos do autor.

um anno, não é mais notada aquella odiosa separação que havia na ampla plateia do Colyseu; e que está consideravelmente reduzido o número de pessoas que tinha o péssimo costume quasi obrigação de passearem na parte externa do Jardim da Praça Carlos Gomes.⁴²⁰

Mas que espaço era este que fomentava tanta disputa entre negros e brancos? Para minimamente tentarmos entender a contenda estabelecida sobre este “lugar”⁴²¹ e não outro, faz-se necessário empreendermos uma breve digressão sobre este local de luta pelo qual os produtores do «*GETULINO*» dispendem grande energia e recursos.

A Praça Carlos Gomes se situa na porção norte da cidade, na divisa entre o centro da cidade e o bairro Cambuí. A face voltada para o centro localiza-se na Avenida Irmã Serafina que, após o cruzamento com a Rua General Osório, que demarca outro limite da praça, passa a ser chamada de Avenida Anchieta.



Mapa 02 - localização da Praça Carlos Gomes. Fonte. Google Maps

⁴²⁰ Gervasio de Moraes. Antes assim. Getulino, nº 50, p. 01, col. 01, 24 ago. 1924.

⁴²¹ Empregamos o termo ‘lugar’ no sentido proposto por Marc Augé, que define o lugar como o ambiente com os quais os seres matem contato direto, gerando algum tipo de laço que o liga fortemente ao referido espaço. Que é também o local de construção de sociabilidade e memórias afetivas.

O local onde o logradouro está assentado caracteriza-se por ser um fundo de vale, recebendo as águas provenientes da região central e as do Bairro Cambuí, canalizando-as para o córrego do “Serafim”, que é ladeado pela Avenida Orosimbo Maia.

Este ponto do relevo urbano de Campinas torna-se, naturalmente, um lugar de transição ou separação entre dois polos da urbe. Inicialmente, um obstáculo natural a ser superado (brejo); e em um segundo momento, uma linha divisória [imaginária e ideológica] entre o “privado” Cambuí [local de moradia] e o “público” centro [local de comércio].

A Praça Carlos Gomes está situada do “lado” do “privado”, assim entendido pela elite campineira do momento. A região do Bairro Cambuí consolidou-se como local de moradia dos antigos Barrões do Café, que lá construíram suas moradias antes dos idos de 1900.

Nesta porção da cidade é onde estão instalados o Colégio Carlos Gomes, a Praça Imprensa Fluminense [mais conhecida hoje por Centro de Convivência], o Paço Municipal e a Praça Carlos Gomes. Do outro lado da linha divisória, entre o Centro da cidade e o local de moradia da elite campineira, situa-se o antigo *Colyseu*, “Largo das Andorinhas”⁴²² – também conhecido como “Largo do Pelourinho” – contíguo ao Largo das Andorinhas o “Beco do Xixi”.

Interessante notar que, até os idos de 1900, o *Jardim Carlos Gomes* era conhecido como o “Largo do Lixo”, pois ali se depositava o lixo das casas dos campineiros, principalmente dos moradores do Bairro Cambuí e do centro da cidade. Por volta de 1900, inicia-se o processo de ajardinamento e limpeza do local e, ao redor da praça, foram plantadas 100 mudas de palmeiras imperiais e instalado, na sua parte externa, bebedouro para animais – no mesmo local destinado à circulação dos negros.

⁴²² O Largo das Andorinhas tem esse nome por causa da Casa das Andorinhas, um mercado de hortaliças, construído em 1886, que perdeu seu uso comercial. Na época da escravidão, o Tronco ficava a aproximadamente 200 metros do Largo das Andorinhas, por esse motivo, ele já foi conhecido também como Largo do Pelourinho. Fonte: Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas S/A – Disponível em: <<http://www.emdec.com.br/eficiente/sites/portalemdec/pt-br/site.php?secao=noticiasgerais&pub=3392>> Acesso em maio 2012.

Em 1914, a praça foi totalmente nivelada e ajardinada, recebendo em seu centro um coreto que existe até hoje. Assim, transforma-se, assim, o espaço, antes desprezado, em local de lazer e de disputa por visibilidade.

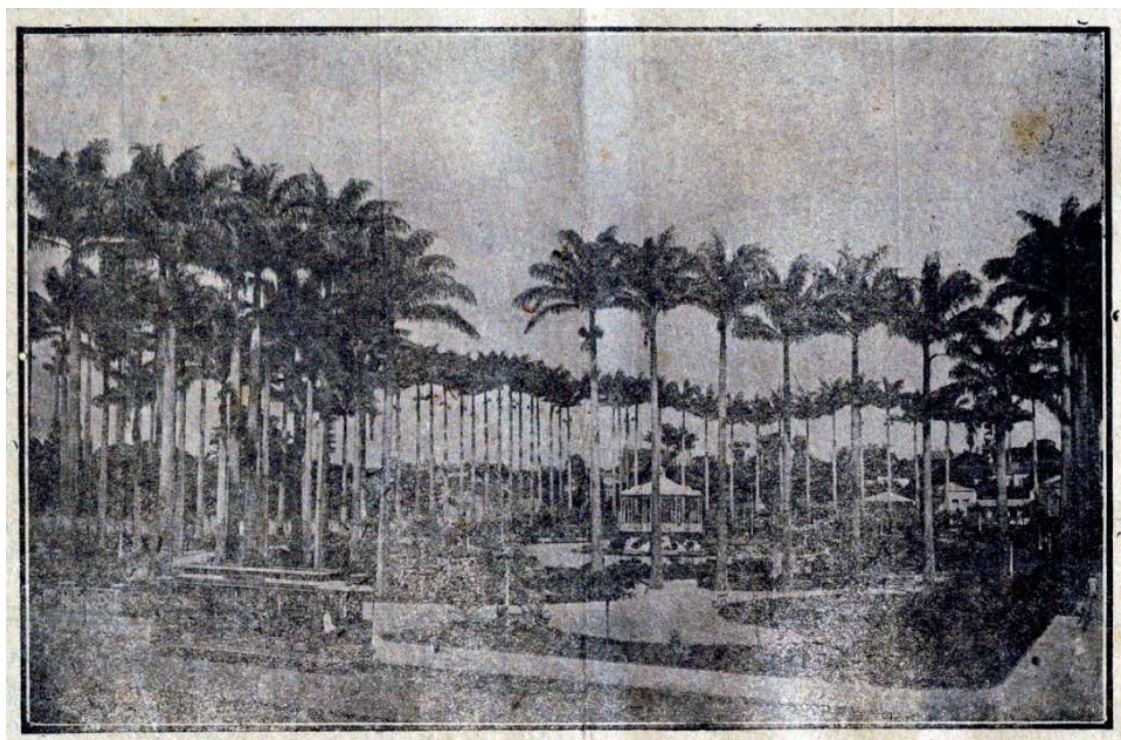


Fig. 56 – Praça Carlos Gomes – Getulino n° 15

Este processo se dá no bojo das transformações que o centro de Campinas sofre após os repetidos surtos de febre amarela, enfermidade que reduziu a população de 41.253 pessoas, em 1886, para aproximadamente 5.000 moradores no final de 1889⁴²³.

Um ano depois, a população já retornava à cidade, quando Campinas alcançou a casa dos 20.000 habitantes na virada do século, após a erradicação da febre amarela. Na época, o centro e a região do Cambuí receberam os principais investimentos no que tange ao calçamento das ruas, saneamento de córregos e ajardinamentos.

⁴²³ Sobre este assunto, recomendo a leitura do trabalho de Lycurgo de Castro Santos Filho e José Nogueira Novaes, 'A febre amarela em Campinas 1889-1900' que traz interessante levantamento sobre as consequências deste evento sanitário na paisagem urbana de Campinas e em sua população.

Os custos do saneamento e revitalização da cidade não foram pequenos, sendo transferidos para a população na forma de aumento de impostos. A respeito deste surto construtivo e de embelezamento da cidade, J. Augusto Marques, colaborador do «*GETULINO*», assim se expressa em artigo intitulado “A carestia: o povo sofre”, publicado no número 37 do periódico:

É preciso cuidar do embelezamento da cidade, não esquecendo, porém, as condições físicas e morais da sua população que se definha a olhos vistos diante do modo insustentável de vida.⁴²⁴

Neste artigo, Marques questiona os gastos promovidos pela Câmara dos Vereadores da cidade no processo de revitalização do centro e na construção de novos edifícios. Ele argumentando que a elevação dos impostos para custear as construções gerou uma escalada de aumento nos preços dos aluguéis, o que acabou por prejudicar o trabalhador pobre da cidade.

Há tempos, quando se projectou a construção de majestoso edifício, cujo orçamento o avaliava em dezenas de contos de réis, se o povo de Campinas tivesse dado braço forte ao distinto vereador sr. Álvaro Ribeiro, que em vibrantes artigos, na ocasião, demonstrou que o aumento dos impostos, para construção do mesmo, viria redundar em prejuízo da população, talvez não estivéssemos lutando hoje com essa demasiada alta dos alugueres de casas, cujos senhorios se baseiam no argumento dos impostos para a elevação do preço dos mesmos.⁴²⁵

Dois números à frente, aborda-se o descaso para com os arrabaldes da cidade. No texto, os redatores do «*GETULINO*» cobram do poder público a intervenção da “Brigada contra os mosquitos” no bairro do Frontão.

Quem se der ao luxo de ir até o Frontão, verá lá tomado toda a largura da rua Bandeirantes um grande rio, onde á tardinha as moscas, em navios de guerra, submarinos, canoas, põem em sobressalto a pacata população daquele bairro, a qual, suspira que a Brigada contra mosquitos, apareça por ali.⁴²⁶

Pelo que podemos perceber, a revitalização da cidade não se deu de forma equitativa. A região central e Cambuí receberam o grosso dos recursos; mas os arrabaldes, compostos pelos bairros de maior concentração das camadas

⁴²⁴ J. Augusto Marques. A carestia: o povo sofre. *Getulino*, n° 37, p. 01, col. 05, 06 abr. 1924.

⁴²⁵ *Ibidem*.

⁴²⁶ Da redação. Editorial. *Getulino*, n° 39, p. 01, col. 05, 19 maio 1924.

populares, não receberam o mesmo investimento. Sobre esta porção da cidade, uma importante construtora e incorporadora de Campinas até meados dos anos 1990, assim descreve a região:

Tradicionalmente, esses arrabaldes localizavam-se nas partes Sul e Oeste da cidade. As principais áreas fabris de então eram a Vila Industrial, bairro formado no prolongamento das oficinas das estradas de ferro e assim habitado, sobretudo por ferroviários, e o Bonfim, onde haviam se localizado as primeiras fundições próximas aos trilhos da Cia. Paulista. Durante os anos 20, novas áreas industriais se consolidaram no prolongamento dessas: Ponte Preta, com as tecelagens de seda, Guanabara, continuação do Bonfim, onde estavam as tecelagens e as fábricas de chapéus Cury.⁴²⁷

Contudo, esta população pagou a conta da mesma maneira, seja através dos impostos diretos ou dos aumentos de custos derivados deles. Sobre as dificuldades do trabalhador e, mais especificamente dos trabalhadores negros, de se manterem em Campinas, Augusto Marques escreve nota publicada na edição de número 36, intitulada “A’ alvorada a fome... – primeiro alarme”, na qual expõe a penúria do trabalhador no período e cobra das autoridades locais uma solução para o problema.

Por toda a parte já se começa a sentir os efeitos da carestia da vida. Lares há que já foram invadidos pela fome, sendo seus chefes impotentes para resolver a situação, e os poderes competentes cruzam os braços, inertes, divisando no turvo horizonte da infame especulação açambarcadores os primeiros prenúncios da alvorada da fome!⁴²⁸

Marques finaliza o artigo advertindo as autoridades competentes de que o povo é como um “leão adormecido”, e que será melhor não vê-lo despertar.

O povo, esse Leão poderoso, o synonymo da força dormirá sempre? ... É o que veremos. Enquanto elle dorme é preciso debellar o mal. Cuidado... não o deixem despertar!...⁴²⁹

Com a revitalização do Centro e Cambuí e o abandono da periferia, a população campineira, de todas os estratos sociais, passou a frequentar mais

⁴²⁷ **Campinas de ontem e de hoje.** Empresas Lix da Cunha. Campinas: Publicação Empresas Lix da Cunha, 1988. p. 55.

⁴²⁸ Augusto Marques. A’ alvorada a fome... – primeiro alarme. Getulino, nº 36, p. 01, col. 06, 30 mar. 1924.

⁴²⁹ Ibidem.

estas localidades centrais para fins de entretenimento, gerando pressões por espaços de socialização. Notemos, porém, que não há notícias, nem no «*GETULINO*» e tão pouco na literatura sobre o período, de disputas por espaços de circulação e convivência nas praças localizadas na porção sudoeste da cidade, ou seja, nas regiões de alocação das camadas populares.

Um destes locais de socialização das camadas populares em Campinas situava-se às margens da Avenida Orosimbo Maia. O local era acessado seguindo-se pela Avenida Anchieta, que se inicia na Praça Carlos Gomes, e termina na referida via, distante a no máximo um quilômetro de um ponto a outro.



132 — Até 1925 a avenida Orosimbo Maia apresentava este aspecto; no primeiro plano, local em que se realizavam batucadas e sambas, sob a chefia dos maiores valentões da época: os Savalas, “Pé-de-Cabra”, Euclides Vieira, “Diogo-Perna-de-Pau”, “Zé Mundão” e muitos outros.

Fig. 57- Local de realização de Sambas e Batucadas até 1925 na Avenida Orosimbo Maia. Fonte: Sesso Junior. Retalhos da Velha Campinas.

O espaço de socialização às margens do Córrego do Serafim, ocupado por “sambistas e batuqueiros”, não recebe nenhuma referência por parte dos editores do «*GETULINO*», havendo um completo apagamento deste local nas páginas do hebdomadário. Entretanto, este espaço é referenciado na literatura sobre a cidade de Campinas como sendo um dos locais onde havia grande

afluência de “pessoas de todas as classes sociais” para ali participarem de rodas de “sambas” e “batucadas”, como indicado pela legenda da fotografia reproduzida acima. Outros locais de realização de sambas e batucadas situavam-se distantes do centro da cidade.

Era comum a realização de festas no local conhecido como “Santa Cruz do Fundão”, localizado entre o “Mato Seco” (Ponte Preta) e o “Buraco do Palheiro” (Bairro Swift). Nelas realizavam-se desafios entre campineiros e paulistanos; estes chegavam em grandes caravanas formada por indivíduos arregimentados no bairro do Bexiga atualmente Bela Vista; estes elementos eram profundos conhecedores da capoeiragens e hábeis manejadores de porretes (...) Quando das suas realizações, estas eram prese por grande número de populares pertencentes a todas as camadas sociais ⁴³⁰.

Outro fator de diferenciação dos dois locais de socialização da sociedade campineira na época era a forma de acesso: a Praça Carlos Gomes era servida por linhas de bondes, inicialmente de tração animal, e posteriormente, elétrico: já a região da Av. Orosimbo Maia, não. Pelo mapa, à frente, podemos observar as ligações de bondes existentes em Campinas no período.

A Praça Carlos Gomes transformou-se no ponto de contato da elite branca, herdeira dos costumes dos antigos Barões do Café, com a massa de trabalhadores, sejam estes descendentes de escravos ou dos imigrantes pobres que passavam a chegar à cidade em grande número. A disputa por este “lugar” de socialização e de encontro de seus pares torna-se emblemática das tensões raciais no período.

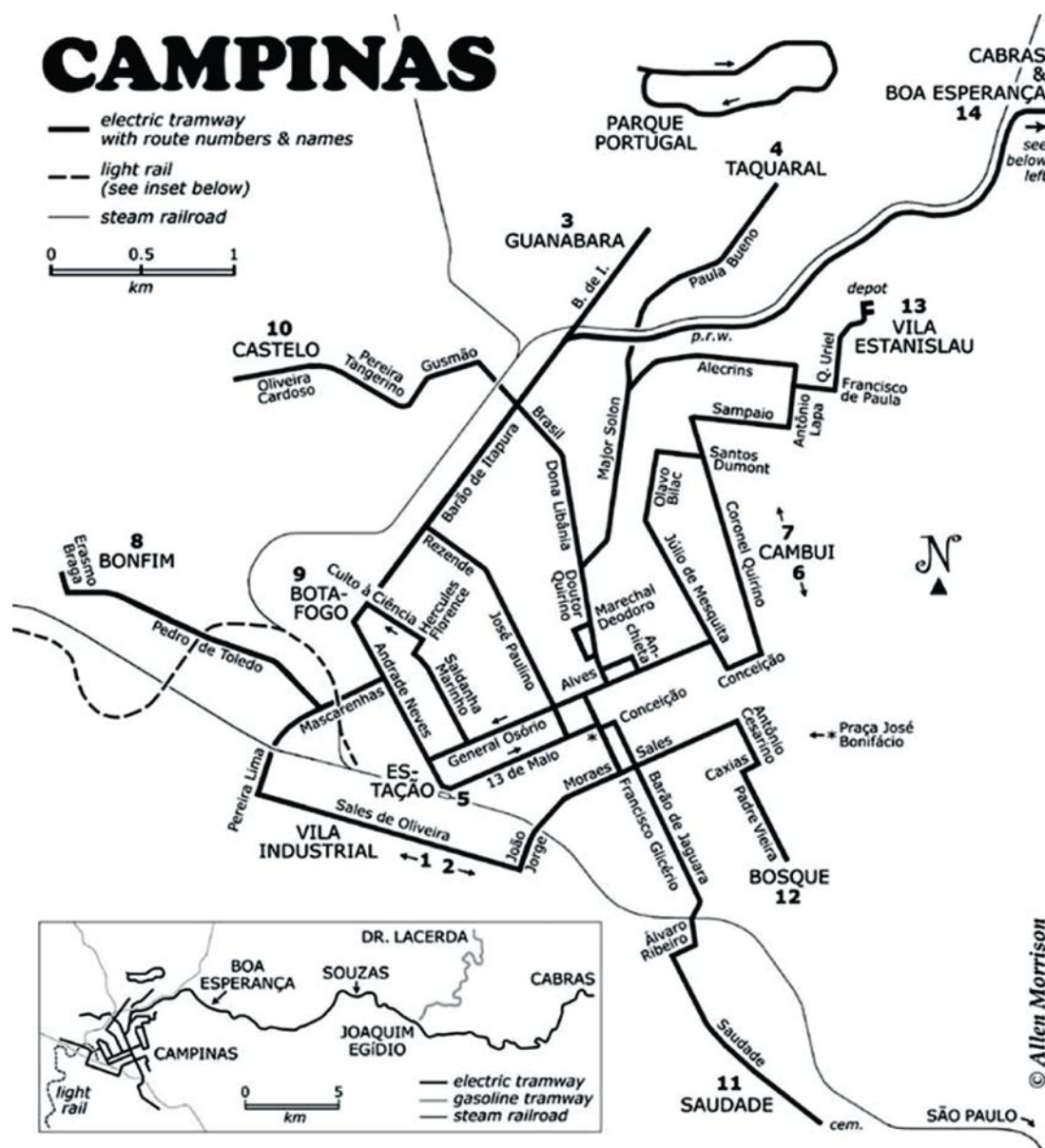
Para o grupo produtor do «*GETULINO*», estar presente neste espaço significava estar visível na cena pública e exercer o direito de ir e vir, que lhes fora negado durante o período da escravidão.

Depois da manumissão da escravatura, pensávamos nós pretos poder, como as avesitas garrulas, percorrer a imensidade dos ares, gosar da frescura agradável da campina florescida, ouvir com suave delícia a

⁴³⁰ SESSO JUNIOR, Geraldo. **Retalhos da velha Campinas**. Campinas: Empresa Gráfica Palmeiras, 1970. p. 207.

psalmodia meiga dos plumíferos enfim gosar da mesma igualdade e direito que alei nos lega. ⁴³¹

Conforme denunciavam os editores do «GETULINO», o direito estava garantido pelas leis do país, mas que competia ao cidadão negro fazer valer seus direitos, “pois a igualdade perante as leis é um dos dogmas dos povos livres”.



Mapa 03 - Linhas de bonde existentes até a década de 1940.

⁴³¹ Lupernas. Liberdade tolhida. Getulino, n° 35, p. 02, col. 04, 23/03/1924.

Estar presente em todos os espaços públicos da cidade, a qualquer momento, traduzia-se naquele contexto em reconhecimento da cidadania do negro frente à sociedade campinense. A defesa do direito de estar presente neste *lugar* é feita, não só pelos redatores do «*GETULINO*», mas também pelos seus colaboradores.

Lupernas, um dos colaboradores do jornal, em seu artigo, de duas colunas e meia, assume a defesa do direito do negro de estar em todos os *lugares* da cidade, indagando:

Porque razão não poderão os pretos de Campinas, rapazes apessoados e de comportamento invejável ou de outras quais quer localidades quando ali se achem a passeio, estacionarem no Jardim Público? Porque os senhores do «poder» lhes tolhem o passo, e dispersam-nos quando em reunião amigável naquellas immediações? ⁴³²

Frequentar a Praça Carlos Gomes significava mais que estar fisicamente lá; era afirmar a cidadania, a nacionalidade e qualidade do negro; qualidades estas que, como destaca Lupernas, eram bem vindas quando o Brasil se via em perigo.

Quando a Pátria se acha ameaçada, ou quando ella se debate em defesa dos seus sagrados direitos, maior é o número de pretos e mulatos «que se apresentam ex totó corde» para defende-la; grande é ainda o número delles que praticando actos de verdadeiro valor e heroísmo que morrem no campo da secção bendizendo o nome de sua Pátria, desde grandioso e bello Brasil, por saberem á priori que *dolce et decorum est pro pátria mori*. ⁴³³

Contudo, quando cessado o conflito, as velhas posturas de segregação e afastamento se impunham. A disputa por espaço nos logradouros públicos não se dava somente em Campinas. Lino Guedes relata, em artigo intitulado “*O costume fa’s leis*”, outra situação de segregação no espaço público, desta vez em outra “*cidade da zona da mogyana*”.

Contam que em uma progressiva cidade da zona da mogyana era costume dos pretos ficar na parte alta do Jardim Público, que dava para a rua, mas um dia, um deles entendeu de se por no meio dos brancos. Foi um levante, um espanto, queixos caíram, registraram-se faniquitos,

⁴³² Lupernas. Liberdade tolhida. Getulino, n° 35, p. 02, col. 04, 23 mar. 1924.

⁴³³ Ibidem. Grifos do autor.

e, a cousa não entrou nos eixos enquanto o pobre filho da raça proscrita não **desocupou o becco**.⁴³⁴

O relato de Guedes aponta que a situação de segregação do negro extrapolava os limites da Princesa D'Oeste e se impunha como realidade, não só no interior paulista, mas, como bem o sabemos, em todo o território nacional.

A segregação espacial é um dos elementos visíveis do preconceito, pois diferentemente das formas verbais, não registradas fisicamente nas diferentes mídias, e dos olhares e posturas, a interdição espacial do corpo é visível e explícita. O momento em que os grupos se posicionam para impedir a circulação do outro no espaço público, delimitado como pertencente aos 'meus iguais', também é o momento em que é possível ver a separação entre o "eles" e o "nós".

É nesta estratégia que "eles" são destituídos de características de igualdade, impondo-lhes valores negativos, e positivos aos que integram a categoria do "nós". Permite-se assim a negação de direitos iguais ao grupo formado por "eles", propondo-se e impondo-se uma hierarquia espacial e social e, como Angel Rama argumenta:

A palavra chave de todo este sistema é a palavra *orden*, ambígua em espanhol como um Deus Jano (o/a), ativamente desenvolvida pelas três maiores estruturas institucionalizadas (a Igreja, o Exercito, a Administração), (...) de acordo com as definições recebidas do termo: 'colocação das coisas no lugar que lhes corresponde. Conserto, boa disposição das coisas entre si. Regra ou modo que se observa para fazer as coisas'.⁴³⁵

A ordem imposta pelas regras não escritas, por leis inexistentes, encontrava guarida no poder constituído, como destaca Guedes:

Na frente de **seu dotô**, disseram que desde 13 de maio de 1888, a lei 3533 os havia nivelado aos brancos; que seus ascendentes foram a origem de grandes fortunas, hoje um tanto avariadas, e que somente a anormalia da pelle é que os diferencia daquelles que hoje os repeliam. Está muito certo, respondeu lhes a autoridade policial, (...) Mas, os senhores mesmos são culpados: o acanhamento natural fêz com que

⁴³⁴ Lino Guedes. Getulino, nº. 33, p. 1, col. 01, 08 mar. 1924. Grifo do autor.

⁴³⁵ Angel Rama. **Cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 26.

voluntariamente separassem dos brancos que não estavam acostumados a vel-os lá e então... o costume fás as leis.⁴³⁶

Mesmo que o grupo de negros que ‘ousaram’ romper com a linha imaginária de separação da praça em duas cores argumente que Lei em vigor não prevê em seu texto a segregação espacial entre os brasileiros, o representante desta mesma lei a subverte. Acaba atribuindo a um “natural acanhamento” do negro a responsabilidade por sua segregação.

O fenômeno, a rigor, só vem a reforçar preconceitos enraizados na sociedade brasileira que apregoava a inferioridade do negro. Este comportamento de negação do direito de circulação à comunidade negra, na denúncia do «*GETULINO*», se repete com mais ênfase na fala atribuída por Lino Guedes ao prefeito da cidade:

Não há diferença alguma disse-lhes o Prefeito: eu, quando pequeno, mamei uns **dezoito meis** na **Barbina**, uma preta nacioná que o finado meu avô **breganhô** com o Ananias, a qual o defunto meu **pae pissui**; e, graças a Deus, o leite não atingiu a epiderme da minha pelle... Mas voltando a vaca fria, eu achava **mior** que os eleitores do partido de baixo, não fossem mais ao jardim; o que adianta negro ouvir musica, antes de 88 passava-se muito bem sem isso; quanto aos nossos, aqueles que nos dão força nas eleições que fiquem aonde estavam, isto é; na parte de cima fica mais bonito, preto **oiando** na cabeça dos brancos. **Lé com lé, cré com cré.**⁴³⁷

Por esta passagem podemos tirar duas leituras: primeiro, que Lino Guedes reforça o ativismo da comunidade negra quando destaca que o contingente se uniu para salvar o transgressor do código não escrito ao ir a seu encontro na parte de baixo da praça, fazendo ainda uma contundente ao revelar a posição preconceituosa e escravocrata do prefeito – portanto da maior autoridade do poder público na cidade:

Dahi todos os pretos da risonha cidade, reuniram-se e foram ter na parte de baixo do jardim, que foi pequena para comportar-os, indo os mais exaltados para a polícia⁴³⁸

⁴³⁶ Lino Guedes. *Getulino*, nº 33, p. 1, col. 1, 08/03/1924. Grifo do autor

⁴³⁷ Lino Guedes. *Getulino*, nº 33, p. 1, col. 1, 08/03/1924. Grifo do autor

⁴³⁸ Idem

A ação do grupo não só demonstra conhecimento das leis vigentes, como as invoca em sua defesa. E, quando não tiveram seu pleito atendido, seguiram em frente, buscando na autoridade do prefeito respaldo para suas reivindicações. Reforça assim o ativismo do grupo e posiciona-se contra o “natural acanhamento” citado pela autoridade policial que, ao que tudo indica, era branca.

A mesma fala, em um segundo momento, relaciona a falta de cultura à manutenção do preconceito. Fica claro que, ao retratar o prefeito como uma pessoa que não domina plenamente a forma culta da língua, atribuindo ao alcaide as expressões **dezoito meis, breganhô, pae, pissuiu, mior e oiando** colocá-lo como uma caricatura de “sinhozinho escravocrata”, e não como alguém preparado para ocupar o cargo por merecimento técnico profissional.

O artigo de Lino Guedes não traz um final positivo para os negros na disputa estabelecida, finalizando com a expressão do prefeito “*Lé com lé, cré com cré*”, o que indica que na visão dos detentores do poder cada grupo deveria ficar com os seus, e não se misturar. Mantem-se o afastamento e, por conseguinte, a segregação social e espacial.

Para vergonha do regimen democrático, em pleno século XX, das grandes conquistas, e assombrosos inventos, o preconceito de cor, em cafeeira cidade paulista, é uma realidade, sendo os pretos por disposição do manda chuva do local, separados da comunhão social, como joio do trigo.⁴³⁹

O episódio contrasta com a proposta defendida por Guedes de não segregação, de não separação espacial e social entre negros e brancos.

Por isso, de hoje em diante, devem [os negros] ir ao [Largo] Carlos Gomes, ouvir musica ou passear, mas lá dentro, porque o «costume fás as leis», ou por outra, «o uso do cachimbo deixa a boca torta».⁴⁴⁰

Ele conclama seus leitores a quebrarem a norma silenciosa que impedia os cidadãos negros de Campinas a circularem na parte interna da Praça Carlos Gomes, relegando esta população à parte externa, delimitada pelas palmeiras

⁴³⁹ Lino Guedes. O costume fá's leis. Getulino, nº. 33, p. 1, col. 1, 08 mar. 1924.

⁴⁴⁰ Da redação. Editorial. Getulino, nº 01, p. 01, col. 02, 29 jul. 1923. Grifos do autor.

imperiais. Colocar os “velhos costumes” em cheque causou reações não só na classe dominante, mas também entre os próprios negros. Em editorial, no segundo número da folha, os redatores do «*GETULINO*» rebatem as críticas a seu posicionamento:

Muita gente não gostou de falarmos do velho costume de passeiarem por fora do Jardim Carlos Gomes. Mas que fazer? Infelizmente dissemos uma verdade.⁴⁴¹

Após desfraldar a primeira bandeira de luta, os produtores da folha lançam-se a outro desafio na disputa pelos “lugares” da cidade: combater a “segregação voluntária” do negro no entorno do “Colyseu”:

Não podemos compreender qual motivo, porque o lado do Colyseu, da Rua Irmã Serafina, é somente ocupado por pretos?... Será isso um privilégio de nossa classe, alguma determinação superior ou uma separação voluntária?⁴⁴²

O “Colyseu” ou “Coly”, como também é tratado nas páginas do jornal, é citado pelos redatores como local de afluência tanto de negros quanto de brancos no período. Entretanto, tanto no exterior como no interior do cinema, havia a divisão entre os grupos. Divisão esta condenada pelos editores, quando dizem:

Se for uma conquista, **oh senhor**; abram mãos della, porque já se foi o tempo de andarmos em **comboio**, si é ordem, precisamos verificar se o nosso dinheiro, isto é dos pretos; tem alguma diferença dos outros: mas o certo é haver uma terrível e condenável separação voluntária.⁴⁴³

Ao afirmar que o dinheiro do negro é igual ao dos outros, equipara-os na condição de consumidores, pois o valor que o branco pagava para entrar era o mesmo cobrado do negro. A referência ao “*tempo de andarmos em comboio*” reforça a ideia de igualdade jurídica, pois o negro era obrigado a andar enfileirado no tempo da escravidão. Os editores do «*GETULINO*» defendiam a união voluntária do negro, e não sua reunião forçada pelas forças opressivas da

⁴⁴¹ Getulino, nº. 2, p. 01, col. 2, 05 ago. 1923.

⁴⁴² Getulino, nº. 3, p. 01, col. 3, 12 ago. 1923.

⁴⁴³ Da redação. Editorial. Getulino, nº 03, p. 01, col. 03, 12 ago. 1923. Grifo do autor.

sociedade. Desta forma, a reunião “forçada”, mesmo que voluntária dos negros às portas do Colyseu, não poderia ser aceita.

Devemos destacar que o Colyseu possuía duas entradas: uma secundária, situada na Rua Irmã Serafina, que fazia frente para a Praça Carlos Gomes, localizada no outro lado da rua; e a entrada principal, na rua Cesar Bierrenbach. Pelas fotografias disponíveis no livro do memorialista campineiro Geraldo Sesso Junior, *Retalhos da Velha Campinas*, de 1970 [inseridas logo à frente], não se pode detectar grandes diferenças na fachada das duas entradas que justificasse a prevalência de uma sobre a outra.



164 — Entrada do “Colyseu”, pela rua Irmã Serafina, já em fase de condenação, pois foi demolido, para tristeza de muitos campineiros, em 1946.

Fig. 58- Entrada do “Colyseu” voltada para a Rua Irmã Serafina

Pela descrição encontrada na obra de Sesso Junior⁴⁴⁴, esta era uma entrada secundária para o Colyseu, que tinha seu acesso principal situado à Rua Cesar Bierrenbach. Segundo o autor, o Colyseu começou apresentando touradas

⁴⁴⁴ CESSO JUNIOR. Geraldo. *Retalhos da velha Campinas*. Campinas: Empresa gráfica e Editora palmeiras Ltda., 1970. p. 334. O autor indica, ainda, a existência de um bar com o mesmo nome, também demolido, contudo, pela descrição existente no jornal, tudo leva a crer que os editores do «Getulino» se referenciam a casa de espetáculos e não ao bar.

e encerrou suas atividades como cinema, tendo sido prédio demolido em 1946. Defronte ao Cine Colyseu, existiu também um bar de mesmo nome, mas não é possível afirmar qual a etnia de seus frequentadores pelas referências encontradas nos documentos disponíveis à pesquisa até o momento.



158 — Portão principal do famoso Coliseu, na rua Cesar Bierrenbach. Esta casa de espetáculos começou com apresentação de touradas e acabou por apresentar filmes mudos e sonoros. Foto de 1946.

Fig. 59 – Portão principal do “Coliseu” voltada para a Rua Cesar Bierrenbach

Notemos, então, que os “lugares” postos em disputa pelos editores do «*GETULINO*», Praça Carlos Gomes e Coliseu, são espaços limítrofes entre o considerado “público” [centro da cidade] e o “privado” [bairro Cambuí], onde diferentes estratos sociais e étnicos se encontram e se dão a ver socialmente.

Para os editores da folha dominical, estar presente nestes locais é mais que poder desfrutar dos serviços ali disponíveis; é firmar o seu direito à cidadania plena, garantindo-lhes o reconhecimento de sua nacionalidade sem

meios termos. Os editores do «GETULINO» se debatiam não só contra o preconceito dos brancos contra os negros, mas também da aceitação por parte do negro da separação imposta pela sociedade. Para eles, esta situação era inaceitável:

Cremos ser por índole ou um mal do sangue que todos os pretos se julguem inferiores a qualquer mortal que não tenha a pele da cor da sua... Assim é, que vemos aqui em Campinas, os pretos separados voluntariamente dos brancos, no Jardim Carlos Gomes, no Colyseu onde até criaram a **cultura** que é o espaço compreendido do arco da rua Irmã Serafina ao centro do Coly.⁴⁴⁵

A separação voluntária para o grupo produtor do jornal era a aceitação da segregação, da manutenção dos padrões anteriores à abolição da escravidão, quando os negros eram proibidos de andarem juntos ou de adentrar aos recintos sem permissão expressa do “dono”.

A presença de três ou mais escravos nas esquinas, mesmo que apenas conversando, era proibida, como também a aglomeração de mais de quatro escravos nas casas de negócio, pois eram considerados ajuntamentos.⁴⁴⁶

Por or foça de lei, estavam agora livres desta imposição, mas ainda faltava a mudança efetiva do padrão de comportamento, não só por parte dos antigos senhores, como dos próprios negros.

E não é isso só. Até no vernáculo, procuram uma palavra para dar vazão, á inqualificável separação voluntária. Assim é, numa reunião de pretos, em que nos achávamos, quando se falava: vae passando um **rapaz**, todas as moças corriam á janela e ao passo que tal não se dava quando eram advertidas que um **moço** passava.⁴⁴⁷

A rigor, os termos “rapaz” e “moço” são sinônimos e empregados, segundo os dicionaristas, para designar um jovem do sexo masculino. “**Moço** (ô) *adj.* 1. Novo em idade; jovem – *sm.* 2. Rapaz; e **Rapaz** *sm.* 1. Adolescente do sexo masculino. 2. Homem jovem; moço”⁴⁴⁸. No entanto, no cotidiano das

⁴⁴⁵ Da redação. Editorial. Getulino, nº 22, p. 01, col. 05, 23 dez. 1923. Grifo do autor.

⁴⁴⁶ LAPA, José. Roberto do Amaral. **Os excluídos**: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930). Campinas; Edusp/Editora da Unicamp, 2008, p. 191.

⁴⁴⁷ Lino Guedes. O costume fa's leis. Getulino, nº. 33, p. 1, col. 1, 08 mar. 1924.

⁴⁴⁸ FERREIRA. A. B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

relações raciais em Campinas, os termos diferenciavam quem era negro de quem era branco:

Essa scena, repetindo-se por inúmeras vezes, nos levou a indagar qual a diferença existente entre **moço** e **rapaz**, porque não conhecemos e nos dicionários que desfolhamos não constava... **Moço** é um **rapaz** branco e rapaz são os moços da nossa cor. ⁴⁴⁹

Esta diferenciação no emprego dos termos causou indignação dos redatores do «*GETULINO*», não naturais de Campinas, que assim se expressaram:

Depois de lamentarmos, essa obtusa designação, e de demonstrarmos que éramos eguaes em tudo ao branco, gosando perante as leis do mesmo direito e frizar que o maior inimigo do preto é o próprio preto, arrazaram com a nossa lógica com a sabedoria do vulgo; **Rapaz é filho de negro**, sempre ouvimos dizer... ⁴⁵⁰

Para o grupo, a partir do momento em que o negro aceitava e incorporava em seu cotidiano a diferenciação dos termos, também aceitava a discriminação. Afinal, para a discriminação poder existir e produzir os seus efeitos é preciso que os dois grupos aceitem a diferenciação proposta pelos termos.

Stuart Hall (2003), ao analisar a significação e representação no trabalho de Althusser, enfatiza que é na linguagem “onde as ideias surgem, onde os eventos mentais são registrados ou concretizados enquanto fenômenos sociais”, e que é igualmente “importante o lugar dos rituais e práticas de ação ou comportamento social”, sendo nestes locais que as ideologias se “imprimem ou se inscrevem” ⁴⁵¹. Destaca o autor que a “**linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia, a modalidade de seu funcionamento**”.

Desta forma, na interpretação dos editores do «*GETULINO*», aceitar e incorporar na linguagem a diferenciação entre **moço** e **rapaz** –pois “sempre ouvimos dizer” –, equivaleria a aceitar os locais e posições determinados pelo “outro” nas relações sociais.

⁴⁴⁹ Da redação. Editorial. *Getulino*, n° 22, p. 01, col. 05, 23 dez. 1923. Grifo do autor.

⁴⁵⁰ Idem. Grifos do autor.

⁴⁵¹ HALL, Stuart. ***Da diáspora***: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 163. Grifo meu.

Esta luta de convencimento, não só da sociedade, mas principalmente da comunidade negra de Campinas, de que o negro é igual a qualquer outro indivíduo no mundo, portando senhor dos seus destinos e possuidor de direitos iguais, percorre toda a existência do jornal. Traduz-se na verdadeira bandeira de luta deste grupo, que se debatia contra a segregação espacial e os comportamentos e linguagens que davam forma à ideologia racista que relegava o negro ao papel de cidadão de terceira categoria, para o qual eram reservados os serviços e papéis que não cabiam bem às pessoas da elite desempenhar.

A segregação espacial era a mais fácil de ser combatida, pois a legislação não colocava empecilhos à livre circulação do cidadão negro no território nacional. Esta posição era defendida e propagada pelos produtores do «*GETULINO*»: “ora é lícito ao povo a liberdade de reunião desde que sem tumultos e sem armas” ⁴⁵². Desta forma, o grupo defendia que o negro tomasse a atitude de não aceitar a segregação, pois este seria o principal entrave para a quebra do preconceito, levando os redatores afirmar que o “maior inimigo do preto é o próprio preto”. ⁴⁵³

Entendemos esta afirmação, de que o “maior inimigo do preto é o próprio preto”, no sentido de que a aceitação de uma pretensa inferioridade racial, que fora repetida à exaustão durante o período do cativeiro, e reforçada pelas ideias contidas nos preceitos do racismo científico que circulavam no período, seria o verdadeiro entrave para a ascensão social do negro.

Na luta contra a segregação e o preconceito, os editores do «*GETULINO*» lançam mão da comparação entre a atitude mantida pelos empresários do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, que contratam negros para os mais diferentes postos de trabalho enquanto os patrões de Campinas segregam estes trabalhadores.

Vendo no Rio, S. Paulo, Santos, e no interior S. Carlos e Piracicaba, pretos bem postos em suas fardas, manobrando bondes elétricos, enquanto que não menos brancos condutores, polidos, cobram passagens, auxiliam um inválido ou uma creança descer ou subir no

⁴⁵² Lupernas. Liberdade tolhida. *Getulino*, n° 35, p. 02, col. 04, 23 mar. 1924.

⁴⁵³ Da redação. Editorial. *Getulino*, n° 22, p. 01, col. 05, 23 dez. 1923. Grifo do autor.

veículo que conduzem; extranhámos deveras de não vermos cidadãos brasileiros, aliaz pretos, exercendo as mesmas funções em Campinas.⁴⁵⁴

O preconceito velado por parte dos patrões campineiros é assim denunciado no mesmo artigo:

Porque? Indagarão, quiçá os leitores comnosco. “Por que elles não se apresentam informaram-nos uma ocasião” Deslavada desculpa! Depois disto quantos honrados chefes de família, pretos, não tem tomado com um “não há vagas”, na lata, addimitindo-se na mesma hora, um outro mortal, (branco já se sabe) para iniciar immediatamente a aprendizagem. A “Light”, a poderosa «Light and Power», para debelar as constantes greves substituíram em S. Paulo, o seu pessoal, estrangeiro pelo preto brasileiro, “com optimos resultados”. Ainda bem. Enquanto se espera “Viva a república e chova arroz”!⁴⁵⁵

A dificuldade para a obtenção de postos de trabalho não era apenas restrita à indústria ou comércio, mas também na agricultura. Os editores do «*GETULINO*» transcrevem, em seu editorial, a carta que um colono negro envia originalmente ao jornal “A Gazeta”, editada na cidade de São Paulo. Nela, pede auxílio para resolver suas pendencias com o capataz da fazenda da qual é empregado.

Nesta carta, o colono Jacinto Miguel Silva relata seu desejo de deixar a fazenda devido às perseguições e maus-tratos que sua família sofre por parte do administrador da Fazenda Himalaya, José Campos Valladão. Na missiva, Jacinto conta que, insatisfeito com o tratamento e com as multas aplicadas pelo administrador, pediu para sair, mas foi impedido pelo administrador.

Por ser de condição humilde e de cor preta, o administrador Valadão, não sei porque tomou-se ódio contra mim, zangando-se atoa commigo e multando me no dia 17 deste, em 415\$200, uma quantia que, para reunir levo um anno inteiro a trabalhar! [...] Quis sahir da fazenda, pedindo ao meu algoz que deixasse a multa aliás, injusta, por 125\$600, que eu tenho de saldo, por meus serviços. Recusando, Valadão, esse oferecimento, exigiu a totalidade da multa vedando-me e a família a sahida da fazenda. [...] Si eu fosse italiano ou hespanhol, teria um Consul

⁴⁵⁴ Da redação. Editorial. Getulino nº 20, p. 01, col. 05, 09 dez. 1923. Grifos do autor.

⁴⁵⁵ Ibidem.

para me proteger. **Infelizmente sou preto e brasileiro.** Peço a sua proteção, etc. etc.⁴⁵⁶

O comentário que os redatores do «*GETULINO*» fazem a respeito desta nota é bastante ilustrativo de como encaravam o episódio:

Apesar de há 35 annos a Princeza Isabel, ter assignado a lei 3353, declarando extinta a escravidão no Brasil, os desmandos a que vimos assistindo, levam-nos a crer que estamos livres, mas algemados á dura soberbice dos aristocratas e ferrenhos escravocratas.⁴⁵⁷

Da mesma forma, os editores do «*GETULINO*» denunciam o fechamento de postos de trabalho para as “moças negras de Campinas”:



Fig. 60 – Editorial do *Getulino* n° 08

⁴⁵⁶ Da redação. Editorial. *Getulino*, n° 08, p. 01, col. 05, 16 set. 1923.

⁴⁵⁷ Ibidem.

Neste editorial, os redatores, além de “lembrarem” à sociedade que, para se instalar na cidade a empresa recebeu incentivos da municipalidade, portanto “devem” respeito aos cidadãos campineiros, eles apelam para o “nobre bairrismo campineiro”:

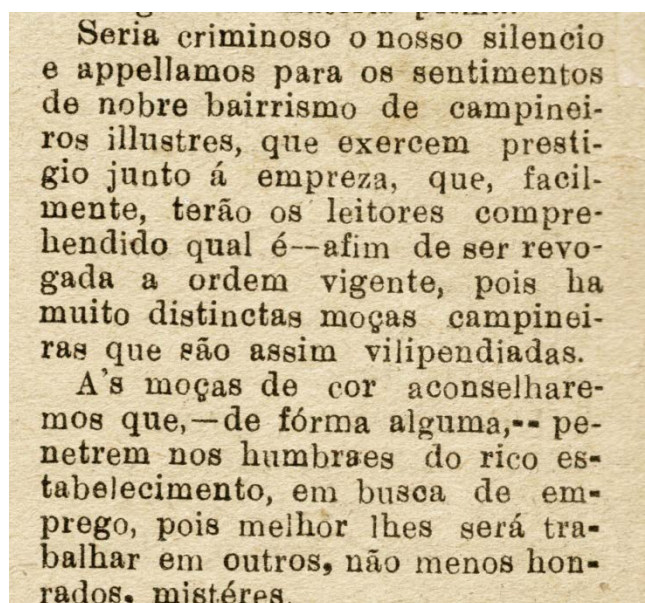


Fig. 61– Editorial do Getulino n° 08

Ao apelarem para os “campineiros ilustres que exercem prestígio junto à empresa”, e não ao poder público, os editores do «GETULINO» revelam o descaso das autoridades constituídas para com o assunto. E, na certeza da não ação por parte do poder constituído, eles tomam para si a iniciativa de propor as sanções para o ato desta empresa:

Lembre-mo-nos que si; - muito honestamente - haverá muita senhora preta que se vista de seda, injusto é proibir-se que as mãos de moças pretas sejam recusadas para os serviços da fiação ou da tecelagem da matéria prima. [...] As moças de cor aconselhamos que, - deforma alguma, - penetrem nos humbraes do rico estabelecimento, em busca de emprego, pois melhor lhes será trabalhar em outros, não menos honrados, misteres. ⁴⁵⁸

De forma velada, os editores sugerem um boicote das “senhoras pretas” ao tecido produzido por aquela indústria. E, às moças negras a não mais

⁴⁵⁸ Da redação. Editorial. Getulino, n° 08, p. 01, col. 05, 16 set. 1923

procurem emprego lá, pois como não haveria possibilidade de negociação e respeito para com estas trabalhadoras, seria melhor nem mesmo ultrapassar os umbrais da fábrica. Em outro editorial, “Prefere-se Branca”, publicado no número 16, de 11 de novembro de 1923, os redatores denunciam a arbitrariedade do poder público e a truculência da polícia no trato com as mulheres negras que moram em cortiços.

Por ordem do poder público, as forças policiais passam a realizar “batidas” nos cortiços a fim de obrigarem as mulheres negras ali residentes a procurarem serviço. A desculpa oficial é que falta mão de obra de empregada doméstica na cidade; e, que desta forma, eles estariam realizando um “serviço social” ao obrigarem estas mulheres a procurarem colocação como doméstica.

O argumento das autoridades campineiras para esta ação é o de forçar a entrada no mercado de trabalho de um número maior de mulheres negras para a realização dos serviços domésticos. Esta atitude revela o olhar que a classe dominante em Campinas tinha sobre estas pessoas. Ao que tudo indica, as mulheres negras moradoras de cortiços eram vistas como mão de obra barata e nada mais, ou pior, da mesma forma que os escravos, 35 anos antes.

Por esta visão, era “dever legítimo” do poder público forçá-las ao trabalho, pois sem esta pressão não estariam dispostas a tal. Contra este pensamento, os redatores assim se posicionavam. Por outro lado, é interessante notar que, na defesa das “nossas irmãs em cor” os redatores do «*GETULINO*» destacam as dificuldades do trabalho doméstico: “como coisa que o serviço trivial de uma casa seja nada”, revelando solidariedade e respeito para com trabalho doméstico executado pelas mulheres.

Devemos lembrar que o pensamento machista tem que os afazeres domésticos não fig.m na categoria de trabalho. Esta sutileza na defesa das mulheres negras, aliada ao fato de o jornal abrir espaço para que elas se pronunciem através de cartas e artigos de fundo, aponta para um olhar diferenciado para com as mulheres.

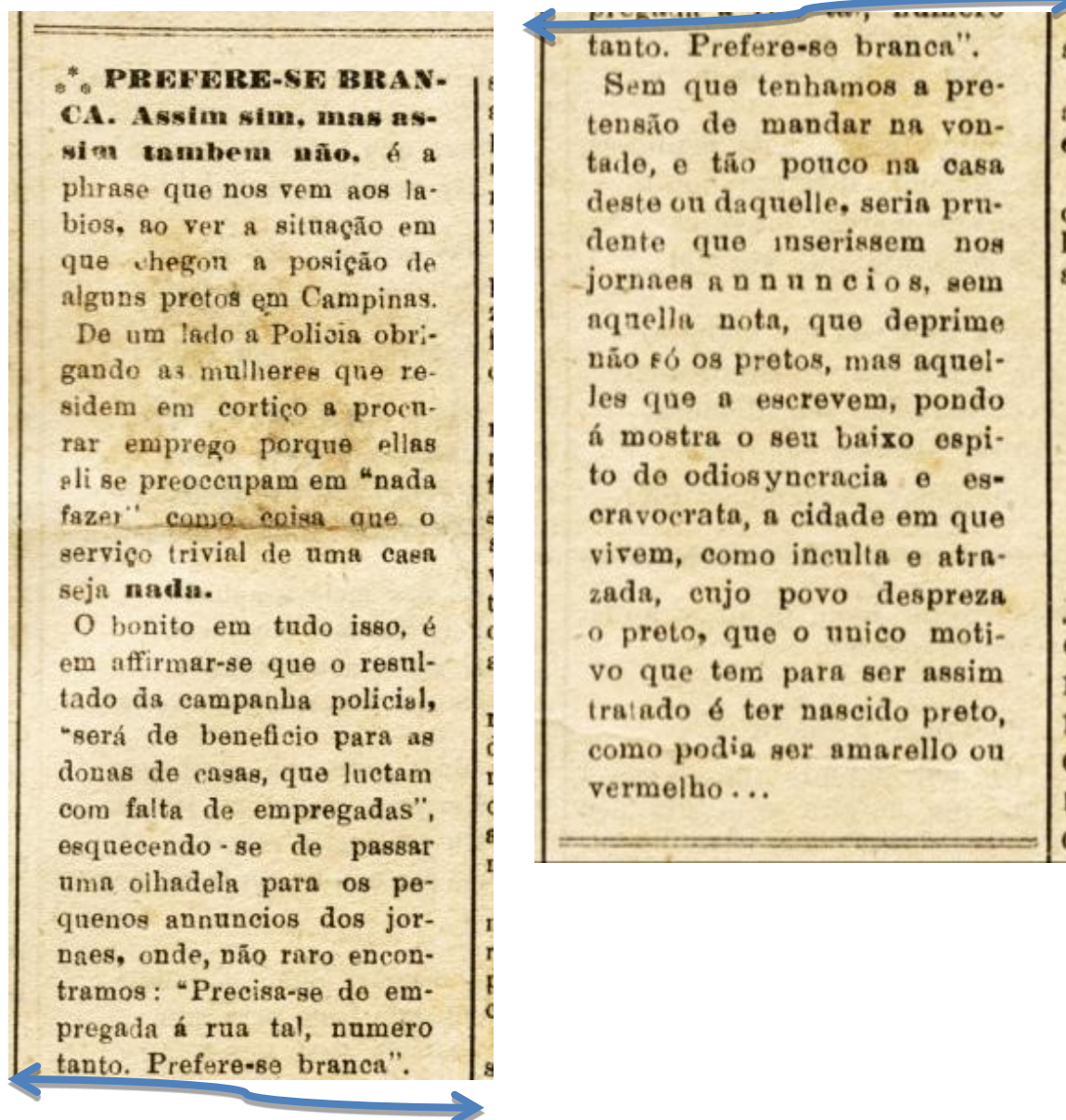


Fig. 62- Artigo Prefere-se branca – Getulino n° 16

Dois números à frente, a mulher negra volta a ser defendida:

Voltamos ainda hoje a defender as nossas irmãs em cor, injustamente acoimadas de vagabundas desocupadas, quando os taes annuncios inhibitorios dos jornaes terminados com aquella "ladainha" – Prefere-se branca – as impossibilitam de procurar serviço... ⁴⁵⁹

O redator prossegue, comparando a situação de Campinas com a da capital do Estado, onde, segundo o autor, as condições de trabalho eram

⁴⁵⁹ Da redação. Editorial. Getulino, n° 18, p. 01, col. 03, 25 nov. 1923.

melhores, pois respeitavam-se domingos e feriados. E ainda não havia a barreira de cor nos anúncios de emprego.

É grande e geral mesmo, a grita de falta de pagem, creada, copeira e cozinheira, não só em Campinas, como em todo o interior, as quaes vão para S. Paulo, onde seus afadigosos serviços são bem remunerados, gosando estas da regalia de aos domingos e feriados fazer uma só refeição tendo portanto tempo de cuidar de seus pobres, mas honestos lares.⁴⁶⁰

Com efeito, a barreira de cor nos anúncios para empregada doméstica persistiu nos jornais de Campinas até a década de 1970.

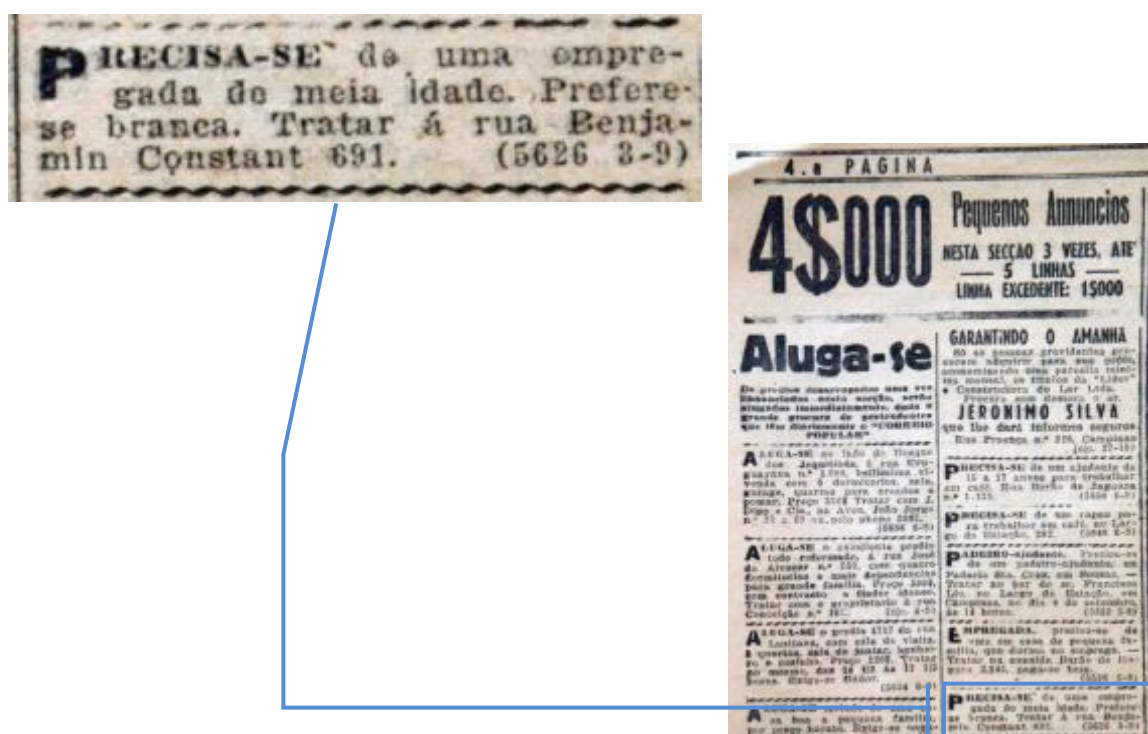


Fig. 63– Classificado publicado no jornal Correio Popular de Campinas até a década de 1970

Outro problema enfrentado pelas mulheres negras eram as humilhações pelas quais passavam nos locais de serviço. Em artigo intitulado “Que patroa!...”, publicado no número 36 de 30 de março de 1924, sem assinatura, o autor denuncia a arbitrariedade de uma patroa para com sua empregada doméstica:

⁴⁶⁰ Da redação. Editorial. Getulino, nº 18, p. 01, col. 03, 25 nov. 1923.

Numa rua onde se rende crédito à ciência, e em casa de gente cheia de muito dinheiro, é que sucedeu o triste fato. Uma menina de origem humilde, mas educada na escola severa dos bons costumes e á moda da moral antiga, empregou-se na citada casa, por que é assim que vive: trabalhando honestamente para comer e vestir-se. Num destes dias, quando ia retirar-se à noitinha, foi chamada por sua patroa, que numa sala, diante de suas filhas e filhos, tirando-lhe as vestimentas a deixou completamente nua, para ver si não levava alguma cousa roubada. ⁴⁶¹

Após descrever o fato ocorrido e de anunciar que a família da vítima procurou o delegado regional de polícia para registrar o incidente, o autor revela o seu descredito para com a ação da Justiça neste caso:

Sabemos que a polícia nada poderá fazer e que a intervenção de advogados em casos *taes*, são de resultados negativos, mas o facto precisa tornar-se público, deixando conhecida a «heroína» desse drama. ⁴⁶²

Com efeito, as autoridades policiais do período, ainda impregnadas pelo modelo jurídico pré-abolição, quando o Estado “deixava” para o senhor de escravo aplicar a penalidade que desejasse (o escravo era tido como de propriedade particular), pouco interferia nas relações trabalhistas de então. Esta realidade pode ser observada pelos relatos do colono Jacinto Miguel Silva, como se verá em reprodução à frente, e da denúncia relatada acima.

Nos dois casos, como o Estado não se pronunciava de forma a garantir os direitos do trabalhador, a imprensa assume esta função denunciando os incidentes e pedindo uma “reparação” ou ação por parte da sociedade. No caso da empregada doméstica, seria a não aceitação, por parte de outras mulheres, de trabalhar na casa de tão “odiosa” patroa.

Mesmo não citando nominalmente o a “patroa” em questão, sua identificação seria possível na época, devido aos detalhes de sua moradia: “numa rua que se rende culto a sciencia”, ou seja, na Rua Culto à Ciência, em casa de “gente cheia de dinheiro [...] que apesar de luxuosos automóveis, de exhibir pedraria e adereços, vive a despir empregadas”.

⁴⁶¹ Da Redação. Que patroa!... . Getulino, nº 36, p. 02, col. 01, 30 mar. 1924.

⁴⁶² Ibidem.

Hoje, torna-se praticamente impossível identificar a qual família os editores do «*GETULINO*» se referiam. Mas, em uma cidade que abrigava em seu núcleo urbano aproximadamente trinta mil pessoas, a identificação não seria grande problema. E, em face da facilidade de identificação, tanto da «heroína», que pertencia à comunidade negra, quanto da família da “odiosa patroa”, que residia em uma rua com apenas 750 metros de extensão, que no lado par do primeiro quarteirão, 650 mt., abriga de ponta a ponta o colégio Culto a Ciência, é que os redatores recomendavam: “nenhuma moça, preta ou branca, poderá mais ser empregada numa casa, onde se deixam as serventes nuas a título de evitar roubos!...” .⁴⁶³

Nos dois casos, vemos que a última instância do desejo de justiça era a imprensa, seja esta negra ou comercial. Em outro artigo, intitulado “Olha para as vossas filhas”, assinado por “LINOCA”, conclama-se os pais a não enviarem suas filhas para o trabalho doméstico.

Nele a “autora”⁴⁶⁴ relata o caso de uma jovem de 15 anos moradora de Santos, contado a “ela” por uma mãe envergonhada, que “além de todas as vergonhas e sofrimentos do trabalho” pelas quais sua filha teve que passar, também teve uma “filhinha” após empregar-se em casa de “família de tratamento”.

Visitando Santos, pela primeira vez, fomos cumulados de muitas gentilezas e em uma reunião em homenagem a nossa folha, uma senhora, falando a respeito de sua filha, que conhecemos, nos disse: Completando quinze annos, ella não querendo tornar-se torna-se pesada a mim, empregou-se ali na Avenida numa casa de família de tratamento. Foi dahi então que data a sua vida de oppróbios, soffrimentos, vigílias e torturas, a qual findou num hospital, legando-me, além de todas as vergonhas, uma filhinha.⁴⁶⁵

⁴⁶³ Da Redação. Que patroa!... . *Getulino*, nº 36, p. 02, col. 01, 30 mar. 1924.

⁴⁶⁴ As aspas colocadas no termo ‘autora’ é em virtude de o artigo ser assinado por LINOCA, aparentemente um nome feminino, contudo, no artigo ou autor se identifica como representante do *Getulino* ‘em uma reunião em homenagem a nossa folha’; mais a frente, se diz morador de uma pensão, ‘regressando um dia cedo para a pensão, por qualquer circunstancia pozeram os collegas’, as duas menções nos indicam uma contradição no gênero da autora. Pois, o termo nossa folha é utilizado apenas pelos redatores, editores e editores do *Getulino*, e não por suas colaboradoras de forma geral. Outro ponto é o autor utilizar o termo ‘os collegas’ no masculino e não no feminino. Desta forma, acreditamos que o autor do texto seja na verdade Lino Guedes.

⁴⁶⁵ LINOCA. Olha para vossas filhas. *Getulino*, nº 38, p. 02, col. 01, 13 abr. 1924.

Mais à frente, no mesmo artigo, a “autora” relata outro caso de desrespeito para com as trabalhadoras negras:

Enquanto se fazia uma **vaca** para custear os extraordinários, ouvimos um **zum-zum** que faltava ovos, e que a copeira, uma menina, mocinha a sorrir inocentemente para o mundo astuto, por entre as suas quatorze primaveras; iria buscal-os num certo e determinado café do centro. A estas horas observávamos, vinte minutos! O café é frequentado pela ralé e qualquer mulher que nelle entre soffre uma decepção, além das muitas que receberá nas ruas sem policiamento. Não vejo nada de anormal nisso tudo, responde-nos a esqueletica proprietária da pensão. Ella é creada, e nessas circunstancias nenhuma responsabilidade tem.⁴⁶⁶

Nos dois casos expostos, no texto assinado por “LINOCA”, a questão moral é a tônica das denúncias e alertas aos pais das moças negras que *“devem a todo custo”* preservar a “honra de suas filhas”.

Notemos, então, que, na defesa da dignidade do negro, o grupo produtor do «*GETULINO*» atua em três frentes de luta. A primeira busca o reconhecimento da participação efetiva e preponderante do negro na conquista do território nacional e na construção de sua riqueza econômica e social, quando defendem o reconhecimento por parte dos discursos oficiais das contribuições que o negro ofereceu na formação do Brasil. Opõe-se, assim, ao esquecimento da memória do cativo que, apesar de destacarem a crueldade do sistema para com o negro, o apresentam como um momento de depuração e fortalecimento da índole e caráter elevado do negro.

Em um segundo momento, opõe-se à segregação espacial e social que o negro sofria em Campinas naquele momento, destacando que, após a eliminação da escravidão, só existem brasileiros em território nacional; sendo assim, todos têm o direito de desfrutar dos aparelhos públicos. Nesse processo de reforço ao direito de ir e vir livremente na urbe e de se relacionar em condições de direito com os demais cidadãos, o grupo produtor da folha dominical fala diretamente aos seus companheiros, lembrando-os de que deve partir deles a iniciativa de ocupar seu lugar de direito na sociedade.

⁴⁶⁶ LINOCA. Olhae para vossas filhas. Getulino, n° 38, p. 02, col. 01, 13 abr. 1924. Grifos do autor.

Por último, denunciam o preconceito e a discriminação do negro nas relações de trabalho, seja para a obtenção deste ou para com as condições humilhantes que os patrões brancos impõem ao trabalhador da etnia. Para além de apenas denunciar a existência da discriminação nas relações trabalhistas, os editores do «*GETULINO*» propõem formas de intervenção na cena pública, como o boicote aos empregadores que não respeitam a dignidade do negro.

Esta postura, a nosso ver, busca criar condições para que o negro se reconheça como cidadão brasileiro, possuidor de uma historicidade e valor social. Contrapõe, desta forma, à ideia contida no racismo científico de que o negro não era capaz de ser senhor de seu próprio destino e que pouco teria contribuído para com a formação da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra passa, voa, morre; mas, o livro, o jornal, a palavra escrita são traços que ficam gravados passando de gerações em gerações.⁴⁶⁷

A observação de Benedicto Florêncio, publicada na edição inaugural do «*GETULINO*», citada em nossas considerações iniciais, nos aponta para um dos grandes desejos deste grupo de jovens negros campineiros: o reconhecimento de sua história e o não esquecimento de sua existência. Se considerarmos que viver em sociedade é mais que simplesmente existir fisicamente – é poder se expressar, atuar sobre a realidade de forma a ter sua individualidade reconhecida, respeitada e preservada ao longo do tempo –, temos que o grande desejo dos produtores do «*GETULINO*» era de sentirem-se vivos na plenitude da palavra.

⁴⁶⁷ Benedicto Florêncio. Nosso gesto. *Getulino*, n.º. 01, p. 02, col. 01, 29 jul. 1923.

Temos também, como defende outro grupo de jovens negros brasileiros, 80 anos depois da iniciativa destes jornalistas negros, que: “paz sem voz, não é paz, é medo!”⁴⁶⁸. E, ao que podemos perceber, pelas posturas registradas nas páginas daquela folha dominical, ao longo de dezenove meses, que aquele grupo de jovens negros não tinha medo de se expor socialmente para defender suas ideias sobre as formas de como gostariam de serem vistos e tratados pela sociedade.

A importância da iniciativa vai além da demonstração de sua competência editorial, fato que por si só não deve ser desprezado, já que se lançaram a desfraldar publicamente o seu projeto de nacionalidade e pertencimento. Ao fazê-lo, se indispuseram tanto com a sociedade campineira de forma ampla, quanto com setores mais conservadores da própria comunidade negra local, que não aprovaram e até mesmo se opuseram a esta forma de luta.

A quebra do modelo de atuação social, posta para o negro pela sociedade brasileira recém-saída do modelo escravocrata, que determinava papéis e posições pouco flexíveis para os grupos e indivíduos, indica, antes de tudo, um nível de consciência, organização e disposição para a luta social que só seria vista anos depois com a fundação da Frente Negra Brasileira. Dela, Gervasio de Moraes e Lino Guedes também participaram⁴⁶⁹, engrossando a luta pela valorização da história do negro nas ações empreendidas pelos frentenegrinos em defesa de seus ideais.

Na Frente Negra não tinha essa discussão de volta à África. Tínhamos correspondência com Angola, conhecíamos o movimento de Marcus Garvey, mas não concordávamos. Nós sempre nos afirmamos como brasileiros e assim nos posicionávamos, com o pensamento de que os nossos antepassados trabalharam no Brasil, se sacrificaram, lutaram desde Zumbi dos Palmares aos abolicionistas negros, então nós queríamos, nos afirmarmos, sim, como brasileiros. Não queríamos

⁴⁶⁸ YUKA, Marcelo. Minha alma (A paz que eu não quero). Álbum: O Rappa – Perfil, 2009.

⁴⁶⁹ Gervasio de Moraes foi um dos fundadores da Frente Negra, Lino Guedes foi membro e atuou como professor voluntário da escola fretenegrina. A esse respeito ver BARBOSA, Márcio. *Frente Negra Brasileira: depoimentos, entrevista e textos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

perder a nossa identidade de brasileiros. Seguimos, portanto, a linha dos nossos antepassados.⁴⁷⁰

O depoimento transcrito acima é do militante negro campineiro, Francisco Lucrécio, que aos 22 anos, em 1931, integrou-se à FNB, o que indica a ressonância do discurso do «*GETULINO*» ao menos em parte dos jovens negros campineiros. O grupo produtor do «*GETULINO*» defendia a nacionalidade do negro brasileiro como um direito a ser reconhecido para além das leis, que já lhes garantiam este status. Eles lutavam para que a sua nacionalidade fosse reconhecida na prática social, pois tinham para si, corretamente, que foi sobre os ombros dos negros que o Brasil foi construído; e que tanto eles quanto seus pais e avós nasceram em terras brasileiras, sendo portanto, brasileiros desde sempre.

Ao reivindicarem seu direito de serem tratados como cidadãos brasileiros que eram, os editores do «*GETULINO*» também tocavam na ferida aberta da questão do preconceito e discriminação racial, que tanto o Estado como sociedade civil se esmeravam em escamotear e negar.

O grupo produtor se debatia contra a discriminação social em todas as suas formas de expressão, da verbal à espacial. Defendiam a livre circulação do negro em todos os espaços da urbe, sem restrições ou a criação de guetos voluntários. A estratégia adotada era do confronto controlado, dentro da lei e em grupo, minimizando assim a possibilidade de neutralização da ação pela intimidação do indivíduo isolado.

Defendiam, até mesmo, o boicote por parte dos trabalhadores e trabalhadoras negros às ofertas de emprego em estabelecimentos, fossem comerciais ou residenciais, que não respeitassem a dignidade do negro, ao mesmo tempo em que expunham as práticas discriminatórias destes estabelecimentos ou empregadores individuais para com a comunidade de sua etnia.

⁴⁷⁰ Francisco Lucrécio nasceu em Campinas em 1909, e integrou a diretoria da FNB em 1931. Depoimento dado a Márcio Barbosa e publicado no livro: *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. Márcio Barbosa (entrevistas e textos), Quilombhoje (organizador). São Paulo: Quilombhoje, 1998. p. 46.

Este grupo de jovens negros demonstrou não só a disposição para a quebra dos paradigmas sociais, mas também o domínio dos códigos e formas de fazer literatura e imprensa, confrontando assim os que apregoavam a incapacidade de o negro se expressar através do “verdadeiro” ⁴⁷¹, ou seja, de interagir no meio social valendo-se dos códigos estabelecidos socialmente de maneira plena.

A este pensamento, de uma pretensa inferioridade do negro, o grupo produtor do «*GETULINO*» respondia com a demonstração de sua capacidade editorial e domínio das letras, provando aos que defendiam a limitação da ascensão social do negro o fazia tão somente pela cor da pele. A iniciativa do grupo produtor do «*GETULINO*» foi limitada pela sua própria rede de difusão e socialização. Entretanto, demonstrou e serviu de exemplo para o movimento negro na época, de que era possível fazer um jornal reivindicatório dentro de padrões de qualidade editorial comparável aos demais jornais de referência do período.

Ao lançarmos um olhar sobre o grupo produtor, temos o restabelecimento, em parte, da importância de cada indivíduo no projeto maior que é o «*GETULINO*», pois, via de regra, os trabalhos sobre a folha negra campineira ressaltam apenas a Fig. de Lino Guedes e, quando muito, a de Gervasio de Moraes, como sendo os mentores e quase únicos produtores desta iniciativa.

Lançam ao anonimato ou, quando muito, citam os demais autores do projeto como cumpridores de papéis secundários. O que temos, pela leitura do jornal, é que o «*GETULINO*» não existiria sem a ativa participação dos Irmãos Andrade, Benedicto Florêncio, Antenor S. Q. Prado e muitos outros negros letrados. Inclui-se o nome de Lacerda Werneck, que não sendo negro é apresentado pela folha como um “amigo dos pretos”, que, sem dúvida, incentivou a execução do projeto.

⁴⁷¹ O termo verdadeiro é aqui empregado no exposto por Michael Foucault em seu livro a Ordem do discurso, onde o autor diz que: “é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro se não obedecendo às regras de uma policia discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”(p,35)

Ao mapearmos estas relações, temos a possibilidade de vislumbrar a amplitude e alcance do projeto de atuação social do «*GETULINO*», restabelecendo as relações de grupo e a importância deste para a concretização da iniciativa. A prova maior da importância do grupo temos na iniciativa isolada de Lino Guedes e Gervasio de Moraes de relançarem o «*GETULINO*» na cidade de São Paulo, um ano depois da dissolução do grupo produtor em Campinas, sem sucesso.

Sobre os posicionamentos do grupo produtor veiculados no «*GETULINO*», no que tange ao projeto de cidadania negra e combate à discriminação e ao preconceito, faltou-nos o cotejamento das posturas assumidas por aquela folha em relação aos demais veículos de comunicação do período, de forma a entender a amplitude do projeto editorial do hebdomadário. Entretanto, consideramos que, com a divulgação deste trabalho, novas pesquisas virão para preencher as lacunas deixadas neste trabalho.

Em que pesem tais lacunas, típicas de uma história que nunca se encontrará acabada por completo, esperamos, com este trabalho, ter trazido à baila não só uma versão sobre a historicidade do «*Getulino*», mas a aplicação de uma metodologia para investigação da imprensa como fonte documental de um determinado período.

FONTES

GETULINO, Orgam para defesa dos homens pretos. Campinas – SP . Ano I, edições de 01 a 47, de 26 de junho de 1923 a 13 de julho de 1924.

_____, ano II, edições de 48 a 67, de 10 de agosto de 1924 a 01 de fevereiro de 1925.

_____, Orgam para defesa dos homens pretos do Brasil. São Paulo – SP. Segunda fase, edição única de 13 de maio de 1926.

MOTTA, Cunha. **Os rapazes da imprensa**. Um pouco da história de São Paulo. São Paulo: Editora Ateniense, 1990.

OCTAVIO, Benedicto e MELILLO, Vicente. (orgs). **Almanach histórico e estatístico de Campinas 1912**. Campinas: Impresso nas oficinas artística de Casa Mascote, 1912.

MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil** (Luiz Gama). São Paulo: Brasiliana, 1938.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ALBUQUERQUE, Livia Henrique e BERLINCK, Rosane de Andrade. **Variações em textos de caráter editorial: análise das preposições do Getulino**. São Paulo: Unesp -Campus Araraquara–Faculdade de Ciências e Letras. Disponível em: <http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_21943793808.pdf>, Acesso em: fev. 2010.

ALMEIDA, Thomaz de. **Imprensa do interior** – um estudo preliminar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Arquivo do Estado, 1983.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha**: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

BADARÓ, Ricardo. **Campinas**: O despertar da modernidade. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

BAENINGER, Rosana. **Espaço e tempo em Campinas**: migrantes e a expansão do polo industrial paulista. Campinas; CMU/Unicamp, 1996.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. In **O negro na Imprensa e na Literatura**. Seleção de textos José Marques de Melo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

BERGUER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BONFIM, João Bosco Bezerra. Ideologia no discurso da mídia – o poder das palavras e as palavras do poder. In Luiz Gonzaga Motta (org.) **Imprensa e poder**. Brasília; editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

BUCCI, Eugênio. O jornalismo ordenador. In. GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hecker Editores. Edusp, 2003. p. 9.

CASTRO, Hebe. História Social. In Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. págs. 45 a 59.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. – São Paulo: Contexto, 2006.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil** – da senzala à guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **Imprensa e ideologia em São Paulo – 1822-1848: matizes do vocabulário político e social**. Petrópolis: Vozes; Unicamp, 1979.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversa sobre história e imprensa. In **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nº. 0, 1981. São Paulo: Educ, 1981. nº 35 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta – periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: Educ; Fapesp, Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997.

CUTI, José Correia Leite (org.). **...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos/ José Correia Leite; organização e textos Cuti**. – São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo; Selo Negro, 2008.

_____. **O dândi negro**. Revista Desvendando a História, nº 19. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=999>> Acesso em jul. 2011.

_____. Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis. Frente negra brasileira (1931-37) e teatro experimental do negro (1944-68). **Projeto História**, São Paulo, nº 33, p. 131-18, dez. 2006. p. 131. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2288/1382>>. Acesso em: nov. 2011.

ERBOLATO, Mário. **Dicionário de propaganda e jornalismo: legislação, termos técnicos e definições de cargos e funções, abrangendo as atividades das agências de propaganda e do jornalismo impresso, radiofônico e de televisão**. Campinas: Papirus, 1985. p. 265.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo; Senac, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3º ed. revisada e ampliada. 11ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10º ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hecker Editores, 2000.

_____. **Poder no Jornalismo: Discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

GONÇALVES, José Roberto. **Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em campinas: o exemplo da Vila Castelo Branco**. Dissertação de Mestrado defendida no departamento de Multimeios da Universidade Estadual de Campinas em 2002.

GOULART, Edmo. **Campinas – Ruas da época imperial**. Campinas; Maranata, 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik: tradução Adelaine La Guardia Resende...(et AL). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J. **Sobre a história**. Tradução Cid Knipel Moreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora Uniesp, 2006.

JACINO, Ramatis. **O branqueamento do trabalho**. São Paulo: Nefertiti, 2008.

JAGUEDÊ. **Lino Guedes**: precursor da negritude na poesia brasileira. Disponível em: <http://jeguede.blogspot.com/2009_12_05_archive.html> Acesso em jul. 2011.

KUPER, Adan. **Cultura**: a visão dos antropólogos. São Paulo-SP: Edusc, 2002.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Os excluídos**: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. **Os cantos e os antros**: Campinas de 1850-1900. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008a.

LUCAS, Fábio. **Expressões da identidade brasileira**. São Paulo: Educ, 2002.

MACIEL, Laura Antunes. **Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores**. História & Perspectivas, Uberlândia (39): 89-135, jul. dez. 2008.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou; como o discurso jornalístico constrói memória) In **Discurso fundador** / Eni Pucinelli Orlandi (org.) Campinas, SP; Pontes, 2ª ed., 2001. p. 36.

MARIANO, Júlio. **Campinas de ontem e anteontem**. Campinas-SP: Editora Maranata, 1970.

_____. **História da imprensa em Campinas**. Campinas: Indústrias Gráficas Massaioli, 1972.

MARQUES, José Geraldo. **O Getulino e o Projeto Educativo-Discursivo de integração e ascensão do Negro na sociedade branca**. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 10, n. 1/2, p. 133 - 144, maio/nov. 2008.

_____. **Imprensa e resistência negra**: o projeto integracionista em discursos do Getulino. Campinas, São Paulo [s.n.], 2008. Orientador João Wandeley Geraldi. Tese de doutoramento – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista** – Imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MELO, José Marques de (org.) **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2005.

MELLO, Marina Pereira de Almeida. **O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulista (1915-1923)**. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil** (Luiz Gama). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística, 1952.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 4ª ed., 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PETRARCA, Fernanda Rios. **Por uma sociologia histórica do jornalismo no Brasil**. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008>> - Acesso em: out. 2011.

PINSKY, Jaime; PINSCK, Carla Bassanezi. **HISTÓRIA DA CIDADANIA**. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **As associações dos homens de cor e a imprensa negra paulista**. Movimentos negros, cultura e política no Brasil republicano (1915 a 1945). Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana, 2006.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PUPPO, C.M. **Campinas seu berço sua juventude**. Campinas. 1969

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Cidade das Letras, 1985.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas 1889-1900**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa. **Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

_____. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Retrato em branco e negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEMEGHINI, Ulysses da Silva. **Do café a indústria: uma cidade e seu tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

SESSO JUNIOR, Geraldo, **Retalhos da velha Campinas**. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Ltda., 1970.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÓLIO, Marlene Branca. Discurso gráfico como ferramenta de produção de significação na comunicação organizacional. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 367-386, jun./dez. 2006. p. 376. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/135/91>>, Acesso em: abr. 2011.

TABORDA, Marcus Aurélio .**Cinco estudos em história e historiografia da educação**. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo-** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAVASSOS, Tarcísia. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

SITES E BLOGS

DESVENDANDO A HISTÓRIA, nº 19. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=999>>. Acesso em: jul. 2011.

JEGUEDÊ. Disponível em: <http://jeguede.blogspot.com/2009_12_05_archive.html>. Acesso em: jul. 2011.

PROJETO MEMÓRIA PAULISTA. Disponível em: <<http://memoria.fundap.sp.gov.br/memoriapaulista/publicacao/abolicionismo/ressurgir-das-cinzas-negros-paulistas-no-pos-abolicao-identidade-alteridade>>. Acesso em: maio 2010.

SANTUÁRIO DA CARAÇA. Disponível em: <<http://www.santuariodocaraca.com.br/cultura/m1884.php>>